



DIOGO MARTINS ALVES

**CICLOS MITOLÓGICOS NAS *FABULAE* DE HIGINO:
TRADUÇÃO E ANÁLISE**

CAMPINAS,
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

DIOGO MARTINS ALVES

**CICLOS MITOLÓGICOS NAS *FABULAE* DE HIGINO:
TRADUÇÃO E ANÁLISE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto
de Estudos da Linguagem da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso

CAMPINAS,
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

AL87c Alves, Diogo Martins, 1983-
Ciclos mitológicos nas Fabulae de Higino : tradução e análise / Diogo Martins
Alves. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Isabella Tardin Cardoso.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Higino. Fabulae - Crítica e interpretação. 2. Fábulas latinas. 3. Tradução e
interpretação. 4. Objetividade. I. Cardoso, Isabella Tardin, 1971-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Mythological cycles in Fabulae of Hyginus : translation and analysis

Palavras-chave em inglês:

Hyginus. Fabulae - Criticism and interpretation

Fables latin

Translation and interpretation

Objectivity

Área de concentração: Linguística

Títuloção: Mestre em Linguística

Banca examinadora:

Isabella Tardin Cardoso [Orientador]

Joaquim Brasil Fontes Júnior

Matheus Trevizam

Data de defesa: 30-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Isabella Tardin Cardoso

Isabella Tardin Cardoso

Joaquim Brasil Fontes Júnior

J. Fontes

Matheus Trevizam

Matheus Trevizam

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Robson Tadeu Cesila

IEL/UNICAMP
2013

ABSTRACT

The relevance of the work *Fabulae*, assigned to a certain Hyginus, tends to be more and more recognized in the mythographical studies, although scholars mostly disagree about the value of the work itself. The text is considered either as a simple and poor translation from one single Greek compendium, today lost, or as the most important mythological manual left by the Greco-Roman Antiquity. This study, whose *corpus* is composed by the *fabulae* I to CXXV (i.e. the first 14 mythological cycles and the *fabula Odisseia*), does not have the intention to qualify the *Fabulae* in those terms. The intention is, above all, to observe the text (by focusing its language and style), as well as to investigate the importance of such aspects to the general study of the myths there presented (including those myths to which Hyginus is the only ancient source). Therefore, the text of the first mythological cycle (*Fab.* I to VI) is compared to Ovidian's narrative of the same myths (*Met.* IV. 512-542; 563-603; *Fast.* III. 853-876 e VI. 473-562). Then, *Fabula* CXXV. *Odisseia* and its relations to Homer's homonymous epic are appreciated. Finally selected aspects of the "objective" style that characterizes Hyginus's work as a mythological companion, that were identified during the translation to Brazilian Portuguese, are appreciated.

Key-words: Hyginus, *Fabulae*, Greco-Roman Mythology, translation, objectivity

RESUMO

A relevância da obra "*Fábulas*" (*Fabulae*), atribuída a um certo Higino, tende a ser cada vez mais reconhecida nos estudos mitográficos, embora estudiosos diverjam quanto ao valor da obra em si, considerada desde uma mera e medíocre tradução de um único compêndio grego, hoje perdido, até o mais importante manual de mitologia legado pela Antiguidade greco-romana. Esta pesquisa, que tem como *corpus* as fábulas I a CXXV (os quatorze primeiros ciclos mitológicos e a fábula *Odisseia*) não tem por pretensão qualificar a obra naqueles termos: o intuito é, antes, observar seu texto (com destaque a características relacionadas a sua língua, estilo e gênero), investigando, inclusive, a relevância de tais aspectos para o estudo mais geral dos mitos ali referidos (entre eles, inclusive, mitos para

os quais hoje Higino é a única fonte antiga). Para tanto, o texto do primeiro ciclo mitológico (*Fab.* I a VI) é cotejado com a narrativa que Ovídio faz dos mesmos mitos (*Met.* IV. 512-542; 563-603; *Fast.* III. 853-876 e VI. 473-562). Analisa-se, em seguida, a *fabula* CXXV. *Odisseia* e suas relações com a obra homônima de Homero. A partir da tradução do *corpus* anotada para a língua portuguesa (inédita, ao que saibamos, no Brasil), elencamos aspectos do estilo “objetivo” que caracteriza a obra *Fabulae* como um compêndio mitológico.

Palavras-chave: Higino, *Fabulae*, mitologia greco-latina, tradução, objetividade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	xix
INTRODUÇÃO	1
Texto, transmissão e edições das <i>Fabulae</i>	2
<i>Fabulae</i> ou <i>Genealogiae</i> ?	6
<i>Terminus post quem</i> e <i>terminus ante quem</i>	8
<i>Gaius Iulius Hyginus</i> ?	9
Gênero(s)	15
Genealogias	17
Catálogos	18
<i>Fabulae</i>	19
A estrutura da obra: a hipótese dos Ciclos Mitológicos	21
Estilo	24
CAPÍTULO I – LEITURA DO PRIMEIRO CICLO MITOLÓGICO	25
Ciclo I – Cadmo e as Cadmeides	27
A matéria do mito	27
Ino e seus ardis: Higino <i>versus</i> Ovídio	33
A morte de Learco e a fuga de Ino: <i>Fabulae</i> e <i>Metamorfoses</i> IV	39
A metamorfose de Ino: <i>Fabulae</i> e <i>Fastos</i> VI	45
Perspectivas	47
CAPÍTULO II – A PRESENÇA DA <i>ODISSEIA</i> DE HOMERO EM HIGINO	51
2.1 Introdução	51
A errância de Ulisses	53
O encontro com Polifemo	57
Hospitalidade em Éolo	59
De Éolo até Circe	61
O encontro com Circe	64
A <i>katábasis</i> de Ulisses em Higino	65
Ulisses e as sereias	67
Ulisses na terra da Cila e Caríbdis	69

Ulisses e Calipso	70
A hospitalidade de Alcínoo	72
Finalmente Ítaca	74
O Catálogo final	75
CAPÍTULO III – O ESTILO DAS <i>FABULAE</i> DE HIGINO: PRIMEIRAS REFLEXÕES	77
Errâncias de Higino	78
O estilo de Higino	83
<i>Repetitio</i> e <i>uariatio</i> : a configuração da escrita em Higino	85
<i>Dispositio</i> higiniana.....	88
Figura etimológica e poliptoto	89
Condensando o discurso	92
<i>Cum</i> e as circunstâncias do mito.....	95
Uma compilação de mitos	97
CONCLUSÃO	101
TEXTO LATINO	105
TRADUÇÃO	155
BIBLIOGRAFIA	249
ANEXO I - TEXTO LATINO E TRADUÇÃO DE PASSAGENS DE OVÍDIO	263

Para minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me ter propiciado as condições para que eu pudesse me dedicar à realização deste projeto; aos meus familiares, por sempre terem, mesmo que às vezes à distância, me dado apoio desde o início de minha graduação.

À professora Dra. Isabella Tardin Cardoso, pela orientação que teve início ainda em minha graduação. A empolgação com que aceitou me guiar neste projeto, aliada ao seu conhecimento, à sua paciência, às suas cuidadosas observações e dedicação constante, são exemplos de profissionalismo e determinação que levo para a vida toda. Serei eternamente grato pela confiança em mim depositada, e por sempre acreditar em meu trabalho, quando, muitas vezes, eu mesmo o questionava.

Ao professor Dr. Matheus Trevizam, pelas contribuições prestadas durante o exame de qualificação e por aceitar fazer parte da banca de defesa desta dissertação. E ao professor Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior, por também aceitar, gentilmente, integrar a banca de defesa.

Ao professor Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, exímio docente que, com sua amabilidade e imenso conhecimento em Línguas Clássicas, fez com que eu me encantasse pelos Estudos Clássicos já em meu primeiro semestre de graduação, nas aulas de Latim I. Agradeço pelas contribuições e comentários tão cuidadosos e atentos dedicados aos meus textos, nas ocasiões em que foi debatedor em minhas comunicações e defesa de monografia, como também no exame de qualificação desta dissertação.

Aos demais professores da área de Estudos Clássicos do IEL, cujas aulas foram de grande importância para minha formação acadêmica: Dr. Marcos Aurélio Pereira, coordenador do Centro de Estudos Clássicos na ocasião em que iniciei minhas atividades como Secretário; Dra. Patricia Prata, presidente da banca de minha defesa de Monografia; Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira, integrante da banca debatedora de minha defesa de Monografia; e Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira, cujas aulas me instigaram a desenvolver um capítulo do presente estudo.

Ao professor Dr. Robson Tadeu Cesila, com quem tive o privilégio de participar de um grupo de estudos de latim ainda durante minha graduação, muito obrigado por aceitar integrar, como suplente, a banca de defesa dessa dissertação.

Ao amigo infinito Alan Parma, pelas palavras sinceras, pela amizade e, sobretudo, pelo companheirismo, cada vez maior apesar da distância. Ao “doutor” Átila Vendite, ombro amigo essencial em diversos momentos em que eu realizava esta pesquisa. A Bárbara Polasti, amiga classicista que acompanha essa jornada desde o seu início. A Mariana Lima, pessoa lindíssima, pelas longas conversas e pelo exemplo de vida.

Aos amigos dos estudos da linguagem: Carina Silva, Carol Rocha, Daniel Arantes, Danielle Lima, Heloísa Fonsechi, Larissa Mazuchelli, Leonardo de Barros, Lilian Costa, Marilisa Bassini, Mônica Vicentini e Rafael Olivato. Aos amigos saraivanos: Adriano Januário, Aline Silva, Elaine Pereira e Marcela Santaniello. Às amigas: Daniela Gouveia, Lidiane Marocho, Renata Alves e Sabrina Saito (e família). Obrigado a todos pela compreensão diante das minhas ausências

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa concedido durante minha pesquisa de iniciação científica e mestrado, que foram a base para a elaboração deste trabalho.

Ao DAAD (Deutscher Akademischer Austausch Dienst), pela concessão de bolsa de estudos de curta duração na Alemanha (Winterkurs 2013), que possibilitou o aprimoramento dos meus conhecimentos da língua alemã, assim como o acesso a uma bibliografia específica sobre Higinio na Heinrich Heine Universität – Düsseldorf.

À CORI-Unicamp e à Secretaria de Graduação do IEL, por intermediarem, junto ao Banco Santander e à Unicamp, a concessão da bolsa de intercâmbio à Espanha, onde este projeto teve início.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GRIMAL	<i>Diccionario de la mitología griega y romana</i>
OLD	<i>Oxford Latin Dictionary</i>
SARAIVA	<i>Dicionário Latino-Português</i>
SMITH, 1867a	<i>Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology</i> , vol. 1
SMITH, 1867b	<i>Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology</i> , vol. 2
SMITH, 1867c	<i>Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology</i> , vol. 3
SMITH, 1932	<i>A Classical Dictionary of Greek and Roman Biography Mythology and Geography</i>
ThLL	<i>Thesaurus Linguae Latinae</i>
TORRINHA	<i>Dicionário Latino-Português</i>

Il n'y a pas de langage écrit sans affiche.
R. Barthes, *Le Degré Zéro de*
L'Écriture.

APRESENTAÇÃO

Este estudo resulta de um interesse pela obra *Fabulae* (“*Fábulas*”) de Higino que teve início em 2008, quando houve a oportunidade de assistir a um curso de *Mitografia Latina*, ministrado pela Profa. Dra. María Dolores Castro Jiménez, na Universidad Complutense de Madrid, entre outubro de 2008 e fevereiro de 2009.¹

O contato com as *Fabulae* intrigou-nos, a começar pelo fato de não encontrarmos, naquela ocasião, qualquer tradução da obra para a língua portuguesa, ou mesmo estudos sobre ela em nosso país.²

Nomeadamente, a ausência nos chamou a atenção porque na obra higiniana se encontra grande número de relatos mitológicos da Antiguidade greco-romana (alguns deles tendo ali sua única fonte), e de modo geral indicados como mitos paralelos a outras obras que os abordam, com destaque à poesia produzida à época de Augusto.

Já na Espanha, por exemplo, em um período de dois anos surgiram três traduções: em 2008, assinada por Guadalupe Morcillo Expósito, publicada pela editora Akal (juntamente com a tradução de *De Astronomia*, outra obra atribuída a Higino); em setembro de 2009, feita por Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz, publicada pela editora Gredos; e em outubro de 2009, a versão de Francisco Miguel del Rincón Sánchez, publicada pela editora Alianza.³

A partir desse contato inicial, foi elaborado o projeto para nosso primeiro estudo da obra de Higino, que consistiu na tradução anotada de nove fábulas cujos argumentos ou passagens têm sido apontados como singulares, em meio ao legado de versões mitológicas

¹ A estada na capital espanhola se deu no âmbito de intercâmbio acadêmico cujo processo seletivo foi realizado pelo Instituto de Estudos da Linguagem, e apoiado por convênio entre o Banco Santander e a Universidade Estadual de Campinas. Além de acompanhar o curso, o intercâmbio nos possibilitou, ainda, o acesso a uma bibliografia específica sobre Higino, que então não se encontrava no Brasil.

² Encontramos a tradução de uma única fábula (CCXX. *Cura*), proposta por Leonardo Boff, na obra *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, p. 6. Atualmente temos notícia de que um grupo de estudiosos da UFMG desenvolve tradução da obra *Fabulae* (a partir de uma comunicação apresentada no I Encontro de Estudos Clássicos da UFBA, “Indícios da evolução do latim na obra *Fabulae*, de *Gaius Iulius Hyginus*”, em 15 de junho de 2012) e de que o Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos (DLCV – USP) desenvolve pesquisa sobre o tema em âmbito de pesquisa com apoio do CNPQ, porém ainda não encontramos material publicado que nos permita acessar as referidas pesquisas.

³ Vale ressaltar que a primeira tradução espanhola das *Fábulas* foi publicada em 1997, pela editora Ediciones Clásicas, assinada por Santiago Rubio Fernaz.

da Antiguidade grego-romana hoje disponíveis. Dessa forma, compuseram o *corpus* da primeira pesquisa: as fábulas II. *Ino*; III. *Phrixus*; XIV. *Argonautae conuocati*; XXXV. *Iole*; LXXII. *Antigona*; CIX. *Iliona*; CXII. *Prouocantes inter se qui quo dimicarunt*; CXXI. *Chryses*; CXXII. *Aletes*. A investigação se deu em forma de Iniciação Científica, desenvolvida durante o ano de 2012, sob orientação da Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso (IEL – Unicamp), contando com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).⁴

Ainda no âmbito da Iniciação Científica, junto à tradução, procuramos desenvolver um texto introdutório que apresentasse algumas questões que se mostravam relevantes no contato com o texto e obra investigados. Entre elas, destacaram-se as concernentes ao estilo empregado em sua narrativa, que, ademais, precisou ser levado em conta durante o processo de versão para o português. O resultado dessa investigação foi apresentado também como Monografia de Conclusão de Curso, intitulada “*Fabulae Hygini*: singularidades e estilo imanente”, defendida em dezembro de 2010.⁵

Uma vez que, como acima referido, o contato com as *Fabulae*, inicialmente movido pela curiosidade quanto à singularidade do conteúdo das versões, suscitou-nos ainda outras questões, sobretudo acerca de recursos estilísticos, procuramos, na etapa seguinte, dedicarmo-nos a um *corpus* composto por um maior número de fábulas, a fim de que observássemos se as características constadas na amostra estudada seriam recorrentes ao longo da obra. Tendo em vista o prazo de dois anos previsto para a conclusão desta pesquisa de Mestrado, para o presente projeto (que é apoiado pela Fapesp)⁶ selecionamos, então, como *corpus* da pesquisa, as cento e vinte e quatro primeiras fábulas da obra em

⁴ Processo Fapesp n.º 2010/00229-0. O levantamento das *fabulae* singulares a comporem o *corpus* do estudo teve início ainda durante a estada na Espanha, em janeiro de 2009. Naquele momento, levamos em conta a notação crítica das únicas obras de que dispúnhamos, as traduções anotadas de Santiago Rubio Fernaz e Guadalupe Morcillo Expósito. No entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, descobrimos que, de um lado, há objeções quanto à singularidade atribuída a algumas das fábulas levantadas e que, de outro lado, outros mitos são apontados como relatos singulares nas *Fabulae*, por exemplo: CLXXXVIII. Teófane; CXC. Teónoe; CCXIX. Arquelaus; CCXX. Cura. Cf. Hoyo e Ruiz, 2009, *ad loc*.

⁵ A banca examinadora foi formada pelos professores. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira e Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, bem como pela Profa. Dra. Patricia Prata (que gentilmente aceitou presidi-la, representando nossa orientadora).

⁶ Processo Fapesp n.º 2010/13414-0. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

apreço, que correspondem, segundo Boriaud (1997, p. xxviii), aos catorze primeiros ciclos mitológicos da obra.⁷

Neste estudo, apresentamos a tradução anotada, portanto, das passagens (aqui apresentadas segundo os temas em comum): fábulas I a VI: Cadmo e as Cadmeides; VII a XI: Antíope e as Nióbides; XII a XXVII: Os Argonautas; XIX a XXXVI: Hércules; XXXVII a XLVIII: Teseu; XLIX a LI: Admeto; LII a LV: amores de Júpiter; LVIII a LIX: Metamorfoses; LX a LXII: Castigos infernais; LXVI a LXXVI: Édipo; LXXVII a LXXXI: Os Tindarides; LXXXVII a LXXXVIII: Os Atridas; LXXXIX a XCIV: Os Dardanidas; XCV a CXXIV: A Guerra de Tróia. Também realizamos a tradução de uma fábula que não constava em nosso projeto inicial: trata-se da fábula de número CXXV. *Odisseia*.

Mantivemos nesta etapa a metodologia previamente adotada, i.e. tomando a tradução anotada de tais textos como ponto de partida da investigação cujos resultados aqui apresentamos.

Neste trabalho, disponibilizamos, pois, a tradução anotada do *corpus* do trabalho, acompanhado de estudo. Nele, a título de Introdução, fez-se necessário retormar algumas informações acerca do estatuto filológico das *Fabulae*, com destaque ao que se tem discutido a respeito de seu título, autoria e data de composição. Ainda na Introdução, veremos outras questões evocadas no contato com a obra: a definição dos gêneros que a compõem, e, associada a essa, a de sua estrutura (incluindo a hipótese dos ciclos mitológicos). Tudo isso nos ajuda a considerar o estilo da obra (que é tratado de forma mais minuciosa em nosso Capítulo III).

A atenção ao texto de Higino propriamente dito nos conduziu a outro caminho: pareceu-nos interessante confrontar seus relatos mitológicos narrados em prosa com textos de outros autores que também tratassem dos mitos referidos nas *Fábulas*. Normalmente, tal cotejo entre fábulas higinianas e outras versões do mesmo mito já se pode notar, ainda que de forma breve, quando da análise dos textos de outros autores antigos, sobretudo em narrativas poéticas, a que, como nos referimos, a versão de Higino costuma ser apontada como paralelo. Com o cotejo que procuramos desenvolver (e numa amostra necessariamente limitada do *corpus* em apreço), nosso objetivo foi atentar às características

⁷ Uma apresentação pormenorizada sobre a hipótese dos ciclos mitológicos será dada na seção a seguir.

da versão do mito em Higino, em termos tanto de matéria quanto (o que mais interessa à atual pesquisa) de aspectos formais de seu texto.

Visando, pois, a um exercício de comparação entre textos que pudesse nos auxiliar a evidenciar de modo mais preciso a caracterização de aspectos recorrentes na obra *Fabulae*, selecionamos uma amostra de textos dentre as fábulas do *corpus*, a saber, aquelas referentes ao primeiro ciclo da obra, que envolvem o mito das personagens Atamante e Cadmo, a saber: I. *Temisto*, II. *Ino*, III. *Frixo*, IV. *Ino de Eurípides*, V. *Atamante* e VI. *Cadmo*. Como contraponto, privilegiamos, entre as obras antigas (de gêneros vários) que tratam de temas presentes nas narrativas higinianas, excertos de textos também em latim, a saber, passagens do poeta Públio Ovídio Nasão (43 a.C – 17? d.C.). Os resultados dessa análise apresentamos no primeiro Capítulo deste estudo.

No Capítulo II, apresentamos uma análise comparativa entre a fábula CXXV, de título *Odysea*, e a *Odisseia* de Homero propriamente dita. Nossa intenção aqui foi verificar recursos narrativos utilizados por Higino ao recontar, de modo bastante conciso, a obra homérica, bem como refletir sobre os efeitos revelados a partir de tais recursos. Esse estudo, que trata de uma fábula inicialmente não prevista como *corpus* da pesquisa, teve início enquanto cursávamos, no segundo semestre de 2011, uma disciplina de pós-graduação sobre a épica grega (LL 909 “Tópicos de Língua e Literatura Grega”, ministrada pelo Prof. Dr. Trajano A. Vieira). O interesse no cotejo se deu porque, na medida em que ocorria a leitura e discussão da obra de Homero no contexto das aulas, resolvemos nos dedicar à tradução da referida fábula, o que nos permitiu observar como Higino reconta os mitos concernentes às aventuras de Odisseu/Ulisses: o que privilegia, e quais são seus apagamentos. Dessa forma, lidar com tal fábula paralelamente ao estudo de Homero foi uma maneira de observar o texto latino em sua relação com sua provável “fonte” ou modelo.⁸ Ademais, esse trabalho nos pareceu pertinente à nossa consideração das *Fabulae* em geral, uma vez que o texto de Homero tem sido, inclusive, tomado no âmbito da

⁸ As leituras e discussões durante o curso foram muito proveitosas, consistindo base para apresentação da comunicação “A Odisseia em Higino”, proferida em 26 de outubro de 2011, no XI Colóquio do CPA – IFCH / II Semana de Estudos Clássicos – IEL.

filologia clássica como referência para a “correção” do texto higiniano, conforme também discutimos no Capítulo III.⁹

Nossas análises nos dois primeiros capítulos se voltaram, portanto, a fábulas específicas – as do primeiro ciclo e a fábula CXXV. No terceiro capítulo, observamos a recorrência de empregos de determinados recursos linguísticos ao longo de todo o *corpus* traduzido. Isso porque nos pareceu relevante verificar em que medida tais recursos configuram o estilo da obra em apreço. Nessa amostra mais ampla (praticamente metade da obra), foi possível averiguarmos com maior precisão acerca de sua presença e efeitos. Dentre eles, interessa-nos a construção de uma impressão de “objetividade” na narração dos mitos, que se tem a partir da leitura das *Fabulae*. Às conclusões finais do estudo aqui apresentado, segue o texto latino e a tradução anotada por nós realizada. Como anexo, que apenas visa a facilitar a apreciação de nossas análises dispostas no Capítulo I, acrescentamos as passagens dos textos ovidianos referidos (*Met.* IV. 512-542; 563-603; *Fast.* III. 853-876 e VI. 473-562), acompanhadas das respectivas traduções de Antônio Feliciano Castilho (*Fastos*) e Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (*Metamorfoses*).

Adiantamos algumas observações sobre nossa metodologia quanto à tradução e notação do texto das *Fabulae*.

Sobre o texto latino, adotamos a edição de Peter K. Marshall (2002) publicada pela biblioteca Teubneriana, não sem deixar de consultar a edição preparada por Jean-Yves Boriaud (1997), publicada pela editora *Les Belles Lettres*, a edição de Herbert J. Rose (1963), além da própria *editio princeps* (1535). Comparamos as referidas edições e informamos, com frequência (mas não exaustivamente), em notas, suas variações; tomamos esse cuidado em especial quando as mudanças se faziam significativas (gerando a alteração de sentido do texto).

Traduzir o texto das *Fábulas* se revelou uma tarefa laboriosa: embora apresente um léxico em geral simples e construções sintáticas não muito complexas, as lacunas, ambiguidades, concisão, redundância e, em alguns casos, até mesmo a simplicidade extrema tornam o texto hermético, obscuro, no processo de tradução. No texto em

⁹ Começamos a tratar desse aspecto já em nossa Iniciação Científica, e em apresentação no 7º SePeG - Seminário de Pesquisas da Graduação, sob o título “O mito de Crises na fábula 121 de Hígino: um argumento singular”, cujo texto ligeiramente modificado foi publicado posteriormente em *Língua, Literatura e Ensino*, vol. V, 2010, p. 113-122.

português, procuramos, sempre que possível, não escamotear essas características das fábulas, apontando-as quer na versão mesma, quer em notas a ela.

Dessa forma, em diversas ocasiões, o texto em português procurou não tanto produzir uma fluência, quando não a percebemos no texto latino, mas reproduzir, na medida do possível, seu estilo. Por exemplo, por vezes lançamos mão (mesmo em excesso) de uso de vírgulas a fim de se respeitar uma *dispositio* que teria efeitos na coesão ou no sentido.¹⁰ No entanto, quando essa aproximação prejudicava efetivamente a compreensão mesma do texto traduzido, procuramos intervir, seja pela substituição de nomes por pronomes, pela repetição ou até inserção de termos, visando, sempre que possível, não destoar consideravelmente do texto latino respectivo.

Na tradução dos nomes de personagens míticas, topônimos e antropônimos em língua latina, seguimos as obras *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa* (1940) (VACL), e, sobretudo, a obra de referência *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos* (1995). No entanto, vale a ressalva de que, por serem lusitanos ambos os índices, em diversos momentos adaptamos os nomes ao português brasileiro (como, por exemplo, atentando às sílabas tônicas e marcando-as com acento circunflexo).

Além das notas quanto à edição crítica e quanto a estratégias de tradução do estilo higiniano acima referidas, procuramos anotar os seguintes aspectos: i) questões de mitologia e cultura greco-romana em geral evidenciadas nos textos, indicando demais textos antigos que se refiram aos mitos das fábulas (portanto, às demais obras que o leitor moderno possa tomar como fontes para esses mitos), atentando às particularidades da versão do mito em Higino, e ii) aspectos linguísticos (nomeadamente relativos à língua latina e a recursos retóricos), com destaque às passagens alegadamente consideradas como erros.

Em nossa tradução, valêmo-nos, sobretudo, do dicionário *Oxford Latin Dictionary* (OLD). Mas, fez-se uso também de três dicionários mitológicos: *Diccionario de la mitología griega y romana* (2008), de Pierre Grimal; *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology* (1867)¹¹ e *A Classical Dictionary of Greek and Roman*

¹⁰ Utilizamo-nos desse recurso principalmente nas fábulas cujo gênero predominante era o catálogo, como na fábula XIV. *Argonautae conuocati*.

¹¹ Edição digitalizada disponível em: <http://www.ancientlibrary.com/smith-bio/index.html>.

Biography Mythology and Geography (1932) de William Smith. Nas notas, as entradas dos verbetes que indicam a referência se encontram em itálico, logo após a indicação do ano, por exemplo: Grimal (2008, *Cadmo*) ou Smith (1867a, *Cadmus*). Em geral, as abreviações de autores e obras gregos e latinos mencionados nas notas ao texto traduzido seguem o padrão indicado, respectivamente, pelos dicionários *A Greek-English Lexicon* (Liddell&Scott) e *Oxford Latin Dictionary*.

Com nossa tradução e estudo do *corpus* selecionado, nossa dissertação visa contribuir (evidentemente de forma modesta) para uma reflexão acerca da importância das *Fábulas* no âmbito dos estudos dos textos clássicos, com destaque ao da literatura latina, com que temos um pouco mais familiaridade. Para isso, em determinados momentos será necessário ainda lançar mão da citação de outras fábulas que possam contribuir para nossa argumentação.

Passemos, então, ao texto introdutório.

INTRODUÇÃO

Mythology, then, was an open-ended system. As has been pointed out recently, it is precisely this improvisatory character of myth that guarantees its centrality in Greek religion.

Jan Bremmer, *What is a Greek Myth?* (p. 3-4).

Ao levantarmos informações sobre as *Fabulae*, deparamo-nos com não poucas peculiaridades.

Fez-se notar, por exemplo, certa divergência no que concerne à apreciação geral da obra. Por um lado, um de seus mais renomados editores, Herbert J. Rose (1933, estudo reeditado em 1963), afirma serem as *Fábulas* uma tradução medíocre de um único manual grego. Outros problemas são apontados por Pierre Grimal, que, em introdução ao seu *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* (publicado originalmente em 1951, em francês), assevera que a obra apresenta as versões mais aberrantes das lendas clássicas, sendo uma compilação defeituosa, em que estão presentes nomes próprios mutilados, muitas contradições e absurdos.¹² Robin Hard (1997, p. vii), em *The Library of Greek Mythology*, aponta mais defeitos, ponderando que a obra “is disorganized and sadly unreliable, and has to be approached with caution”.

Por outro lado, encontramos também estudiosos que consideram as *Fábulas* um dos manuais mitográficos mais importantes. Em seu manual de mitologia, *Mitología Clásica*, Antonio Ruiz de Elvira (1975, p. 27) define a obra higiniana como “fuente purísima para el conocimiento de los mitos”. Para Guadalupe Expósito (2003, p. 268), uma das tradutoras do texto para o espanhol, as *Fábulas* seriam tanto quanto (ou mais relevantes que) a *Biblioteca* de Apolodoro (I d.C.), por oferecer mais informações que esta. E recentes tradutores, Javier Del Hoyo e José Miguel García Ruiz (2009, p. 18-19), consideram a obra, ao lado da *Biblioteca* de Apolodoro, a principal enciclopédia mitológica da Antiguidade, e, juntamente com as *Metamorfoses* de Ovídio, uma das principais fontes latinas para o estudo

¹² Citamos da versão espanhola, por nós consultada, a afirmação de Grimal (2008, p. xxiii) de que as *Fabulae* “contienen, clasificadas por categorías, las versiones más aberrantes de las leyendas clásicas. El principal interés de esta compilación – que, por otra parte, es muy defectuosa y pone en descubierto ignorancias extrañas de su autor – consiste en haber conservado los argumentos de obras hoy perdidas. (...) Por desgracia, en el texto de Higino hay lagunas, los nombres propios aparecen mutilados, y no faltan contradicciones e incluso absurdos”.

da mitologia clássica. No entanto, os últimos afirmam que a obra não é “de gran valor desde el punto de vista literario”.

Vemos, pois, que, quanto à sua importância no estudo da mitografia, a obra tem sido posicionada em extremos opostos, ora como um texto ordinário, ora como capital. Mas, de toda forma, quer se a valorize como fonte de informação mitológica, quer se a despreze nesse sentido (como medíocre, absurda, contraditória ou desorganizada), não é por seu caráter literário, por um valor artístico, que as *Fábulas* higinianas são valorizadas.

Nosso trabalho não pretende pleitear tal estatuto literário para a obra em apreço. Interessante é notar que, devido ao estatuto filológico da obra, o julgamento (sumário, em nosso entender) de seu texto influi não só sobre vários aspectos de sua recepção, como também sobre a própria questão da identificação de seu autor, quando se procura definir a autoria das *Fabulae*, atribuindo-a ou não, por exemplo, ao bibliotecário da Palatina Gaio Júlio Higino.

Texto, transmissão e edições das *Fabulae*

Na obra atribuída a Higino se encontrariam 277 relatos mitológicos greco-latinos narrados em prosa, informação a que temos acesso a partir de seu índice. Contudo, no texto que hoje se dispõe, muitas fábulas cujos títulos ali são indicados estão ausentes,¹³ e várias outras se encontram bastante incompletas. Portanto, considerando também essas, no total, transmitem-se 243 *fabulae* higinianas.

O estatuto filológico da obra, por sua vez, merece especial atenção: por não ter sido legado após o Renascimento nenhum manuscrito completo (somente poucos fragmentos), o acesso atual ao texto latino se dá já por meio de uma edição renascentista, a *editio princeps*¹⁴ de Jacobus Micellus¹⁵, datada de 1535.¹⁶ Essa edição seria baseada, segundo

¹³ Das fábulas indicadas no índice, as ausentes do texto disponível são: de 207 a 218, 222, de 226 a 237, de 262 a 269 e a 272. Cf. Boriaud (1997, p. xix-xx); Expósito (2008, p. 22).

¹⁴ A referência é: *Fabulae Hygini Augusti liberti*, ed. Jacopus Micellus. Bâle, 1535. Cf. Boriaud (1997, p. xvi, nota 16) sobre a edição de Micellus: “Elle jouera donc le rôle, ici, d’*editio princeps*”. A edição foi fotocopiada e reimpressa em 1976 pela editora Garland Publishing, inc. New York/London, com introdução de Stephen Orgel. Cf. Marshall (2002, p. v).

¹⁵ Tradução latina para o nome do filólogo alemão Jacob Möltzer ou Molsheim (1503-1558), professor de filologia grega na Universidade de Heidelberg. Cf. Drüll (2002, p. 389-390); Marshall (2002, p. v). Dentre os estudos de Micellus se encontram edições de Ovídio (43 a.C. – 17? d.C.), Marcial (c. 38-c. 104), Lucano (39-65 d.C) e da *Genealogia deorum* de Bocaccio (1313-1375). Cf. Fernaz (1997, p. 1).

indicações presentes em seu prólogo, em um códice já em estado precário,¹⁷ datado do século IX ou X,¹⁸ que ele teria encontrado na catedral de Freising (região da Baviera) e hoje perdido.

Atualmente, além da edição de Micyllus há apenas dois ou três conjuntos de fragmentos das *Fabulae*:¹⁹ dois desses conjuntos se encontram em Munique (o *Codex Monacensis* 6437; e bifólios na Biblioteca Arquiepiscopal da cidade), e outro é um palimpsesto que se encontra na Biblioteca do Vaticano.

O *Codex Monacensis* 6437 (antes denominado *Frisingensis* 237)²⁰ consiste em cinco fólios de um manuscrito escrito em minúscula beneventana²¹, o que leva a se aferir sua datação como próxima do ano 900.²² Contendo ao todo uma centena de linhas,²³ foi descoberto por Ziengler dentro de um livro – em 1864, na cidade alemã de Ratisbona (Regensburg) - e hoje se encontra na Staatsbibliothek de Munique.²⁴

Além disso, em 1942, conforme nos informa o editor da Teubner (Marshall, 2002, p. vi-vii), dois bifólios foram encontrados por B. Bischoff²⁵ e hoje estão guardados na Biblioteca Arquiepiscopal de Munique sob o número 8000. Visto que ambos os bifólios

¹⁶ Juntamente com as *Fábulas* estão publicadas, na *editio princeps*, uma edição ilustrada de *Astronomica*, obra também atribuída a Higino. Cf. Boriaud (1997, p. xvi). Nela constam, ainda, conforme pudemos observar, os seguintes textos: *Mitologia* de Fulgêncio (V-VI d.C.); *Fenômenos* (*Phaenomena*), de Arato (IV-III a.C.) (junto a uma tradução para o latim realizada por Germânico); *Sobre narrativas de Histórias Inacreditáveis* (*De non credendis fabulosis narrationibus*), de Paléfato; *Esfera* (*Sphaera*), de Proclo (I d.C.) (com a tradução latina realizada por um certo Linacro). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 36-37).

¹⁷ Cf. Boriaud (1997, p. xvi).

¹⁸ Cf. Reeve (1993, p. 189).

¹⁹ Boriaud reconhece apenas dois (1997, p. xiii). Cf. ainda Fernaz (1997, p. 2); Hoyo e Ruiz (2009, p. 36). Marshall (2002, p. viii), seguido por Sánchez (2009, p. 11), incluem os fragmentos descobertos em 1942.

²⁰ Cf. Boriaud (1997, p. xiii), que remete a “New Readings from the Freising fragment of the Fables of Hyginus”, *American Journal of Philology*, 1899, p. 406-411.

²¹ Cf. Boriaud (1997, p. xiv); Marshall (2002, p. vii). A escrita beneventana teria surgido durante o Ducado de Benevento (por isso seu nome), na Itália Meridional, tendo-se difundido na região da Dalmácia, tendo derivado da “minúscula cursiva”. Cf. V. Binder, “Beneventana”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*, 2012) e Jean-José Marcos, *Fuentes paleógrafas latinas*, p. 8. Disponível em: <http://clasicas.usal.es/soft/Manual_paleog.pdf>. Acessado em: 05 nov. 2010.

²² Cf. Marshall (2002, p. vii).

²³ Cf. Boriaud (1997, p. xiii).

²⁴ Nesse códice, segundo nos informa Boriaud (1997, p. xiii-xiv), estão contidas (ainda que parcialmente) as seguintes fábulas: XXIV. *Iason: Peliades* (*Jasão: as Plêiades*), XXV. *Medea* (*Medeia*), XXVI. *Medea exul* (*Medeia exilada*), XXVII. *Medus* (*Medo*), XXVIII. *Otos et Ephialtes* (*Oto e Efilates*), XXIX. *Alcumena* (*Alcmena*), XXX. *Herculis athla duodecim ab Eurystheo imperata* (*Os doze trabalhos de Hércules ordenados por Euristeu*), XXXVII. *Aethra* (*Etra*) e XXXVIII. *Thesei labori* (*Os trabalhos de Teseu*). Cf. ainda Marshall (2002, p. vii).

²⁵ *Altera fragmentorum series annis recentioribus a uiro sagassicimo B. Bischoff in lucem protracta est, hodieque Monaci in Biblioteca Archiepiscopali (Erzbischöflisches Ordinariatsarchiv) numero 800 signata inuenitur*. Cf. Marshall (2002, p. viii).

estão escritos também em letra beneventana, acredita-se que pertencem também à família do *Codex Monacensis 6437*.²⁶

O palimpsesto arquivado na Biblioteca do Vaticano (*Pal. Lat. 24*, frag. 3, fls. 38 e 45) tem 34 linhas em escrita uncial²⁷ e sua data é estimada como sendo do séc. V ou VI de nossa era, tendo sido descoberto em meados do século XIX.²⁸

O caráter problemático da transmissão das *Fabulae* não passou despercebido aos estudiosos.²⁹ Por exemplo, Ruiz de Elvira, em seu manual *Mitología Clásica*, aponta que, dentre toda a literatura greco-latina, além das *Fábulas*, apenas mais outras três obras carecem de manuscritos (a saber: *De litteris, de syllabis, de matris* de Terenciano Mauro - final do II séc. d.C. - e outras duas obras de um certo Rusticiano Helvídio).³⁰

Para nosso estudo e tradução, a partir do panorama da transmissão das *Fabulae* de Higino, fica claro que estamos lidando com um texto que, pela escassez de possibilidades de cotejo entre manuscritos, não permite aos estudiosos decidir com segurança mínima no que concerne à interferência em seu estabelecimento após a Antiguidade – ainda que a *editio princeps* de Micyllus dê sinais de um trabalho cauteloso, como descreve Boriaud (1997, p. xvi).³¹

Dessa forma, ao nos depararmos com considerações quanto à edição do texto, normalmente motivadas por algum estranhamento por parte dos estudiosos, nosso cuidado foi cotejar o texto latino com as edições consultadas, a saber:

²⁶ Das publicações das *Fabulae* consultadas, além de Marshall apenas Sánchez (2009) reconhece esses fragmentos mais recentemente encontrados. A introdução de Boriaud (1997), por exemplo, não os leva em conta.

²⁷ Sobre a escrita uncial latina, cf. P. Eleuteri, “Uncials”, *Der Neue Pauly* (acessado via Brill Online, 2012).

²⁸ Nesse palimpsesto estão presentes, segundo Boriaud (1997, p. xiv), fragmentos de passagens das fábulas LXVII. *Oedipus* (Édipo), LXVIII. *Polynices* (Polinices), LXIX. *Adrastus* (Adrasto), LXX. *Regem septem Thebas profecti* (Os sete reis que marcharam contra Tebas) e LXXI. *Septem Epigoni id est filii* (Os sete epígonos, isto é os filhos). Para informações sobre o palimpsesto, o estudioso remete ao artigo da paleógrafa Jeannine Fohlen “Recherches sur le manuscrit palimpseste Vatican, Pal. lat. 24”, *Scrittura e Civiltà*, nº 3, 1979, p. 213.

²⁹ O caráter problemático da transmissão de Higino atinge outros textos atribuídos ao autor. Reeve (1983, p. 187), acerca de *Astronomia*, questiona: “Has any classical text been so ill served by recent scholarship as this?”. Cf. M. D. Reeve, “Hyginus” in Reynolds (ed.), *Texts and transmission: a survey of the Latin classics*. Oxford: Clarendon Pr., 1983, p. 187-190.

³⁰ Cf. Ruiz de Elvira (1982, p. 27-28).

³¹ “J. Micyllus a travaillé très consciencieusement. Il signale en effet systématiquement les passages corrompus ou incertains (principalement les listes, les catalogues). Il ne corrige directement qu’à coup sûr, et lorsque il ne comprend pas tel ou tel passage, il indique en marge d’être contenté de reproduire ce qu’il lisait.” Cf. Boriaud (1997, p. xvi). Sobre a dificuldade em diferenciar conjectura de leitura filológica em Higino, cf. Boriaud (1997, p. xv); quanto à edição de Caspar von Barth (que apresenta correções à edição de Micyllus), e sobre a *lectio* de um dos fragmentos, cf. Marshall (2002, p. vii).

- a *editio princeps*, de Jacob Micyllus, de 1535 (e suas respectivas reedições nos anos de 1549, 1570, 1578 e 1609); a que temos acesso à edição do ano de 1535, em arquivo em pdf;

- Herbert J. Rose, de 1933 - a edição considerada de grande importância, tendo sido reeditada em 1963 por Kenneth J. Dover, e reimpressa em 1967;

- Jean-Yves Boriaud, de 1997, publicada pela editora *Les Belles Lettres* (edição bilíngue francês-latim), cujo acurado estudo introdutório apresentou-nos questões essenciais sobre a obra de Higino;

- P. K. Marshall, de 2002, reeditada da edição de 1993, publicada pela biblioteca Teubneriana, cujo texto latino nos serviu de base para as traduções. Além disso, seu texto introdutório apresenta discussões imprescindíveis levantadas a partir da leitura dos fragmentos dos poucos manuscritos que nos foram legados da obra.

Tivemos acesso, ainda, a quatro traduções espanholas recentemente publicadas, que foram de grande valia para nossa pesquisa:

- Javier Del Hoyo e José Miguel García Ruiz, de 2009, muito útil por apresentar além de um expressivo comentário, como também a indicação de uma bibliografia secundária com as mais recentes discussões que remetem à obra;

- Guadalupe Morcillo Expósito, de 2009, juntamente com a tradução de *De Astronomia*, outra obra atribuída a Higino;

- Francisco Miguel del Rincón Sánchez, de 2009;

- Santiago Rubio Fernaz, de 1997.

Vale citar, ainda, outros estudos de que tivemos notícia (mas não consultados por nós): a edição de Hieronymus Commelius, de 1599 (corrigidas e analisadas por Ioannes Scheffer e Thomas Muncker, nos anos de 1674 e 1681, respectivamente); a edição de 1742, de Augustinus van Staveren; a de Bernhard Bunte, de 1856; de Maurice Schmidt, em 1872; a versão inglesa das *Fábulas*, datada de 1960, de Mary Grant (juntamente com o segundo livro da *Astronomia*); a de F. Serra, de 1976; a tradução para o alemão de algumas fábulas, de Franz-Peter Waiblinger, de 1996 (edição bilíngue); a de Giulio Guidorizzi, do ano de 2000, traduzida para o italiano; a tradução da maioria das fábulas presente na antologia americana de Stephen M. Trzaskoma *et alii*, de 2004 (em 2007, Stephen M. Trzaskoma e R.

Scott Smith, autores da antologia, publicam *Apollodorus' Library and Hyginus' Fabulae: two handbooks of Greek mythology*, com a tradução das duas obras para o inglês).

A seguir, faremos algumas observações sobre o título da obra, sua possível datação e as discussões acerca de sua autoria.

***Fabulae* ou *Genealogiae*?**

Uma das discussões que envolve dados básicos da obra em apreço diz respeito a seu título. Em todas as edições consultadas, aceita-se *Fabulae*. Segue-se, com isso, a *editio princeps* de Micyllus, na qual lemos *C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum Liber* (“Fábulas de Higino, liberto de Augusto”, grifo nosso). Segundo Micyllus, nos códices que utilizou para sua edição, havia o nome de Higino inscrito (*atque idem argumentum ab Hygino (sic enim inscriptus liber is erat) tractabatur*).

No entanto, alguns estudiosos acreditam que mais apropriado seria *Genealogias* (*Genealogiae*),³² uma vez que, em *Astronomia* (*De Astronomia*), obra também atribuída a Higino,³³ o próprio autor faz referência a tal título:³⁴

*Sed ut ait Aeschylus, tragoediarum scriptor in Phorcisi, Graeae fuerunt Gorgonum custodes; de quo in primo libro Genealogiarum scripsimus.*³⁵
Astr. II. 12. 2

Mas, como diz Ésquilo, autor de tragédias gregas: em *Fórcide*,³⁶ as Greias foram guardiãs das Górgonas; sobre isso escrevemos no primeiro livro das *Genealogias*.

Um segundo aspecto, mais ligado à transmissão da obra, poderia corroborar com a hipótese do título *Genealogiae*: ocorre que algumas fábulas foram traduzidas do latim para

³² Cf. Reeve (1983, p. 190) “Not surprisingly an aid to understanding the poets, the work has come down not in its original form, which probably bore the title *Genealogiae*, but chopped about.” No mesmo sentido, ainda que o título do volume editado por Boriaud seja *Fables*, em sua introdução o estudioso constantemente pondera, entre parênteses “ou *Genealogiae*” (cf. Boriaud, 1997, p. vii-xxxi).

³³ Cf. Boriaud (1997, p. ix), que remete à discussão em A. Martin, *Hyginus, auteur des Fables et de l'Astronomie et C. Julius Hyginus, préfet de la bibliothèque palatine*, Mémoire de l'Université libre de Bruxelles, 1948.

³⁴ Cf. Boriaud (1997, p. ix); Hoyo e Ruiz (2009, p. 10); Expósito (2008, p. 19); Fernaz (1997, p. 2); e Sánchez (2009, p. 9).

³⁵ Texto latino editado por Le Bœuffe (1983), publicado pela *Les Belles Lettres*.

³⁶ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 12, nota 22), trata-se de uma tragédia perdida de Ésquilo, da qual nos foram legados poucos fragmentos. Cf. compilação de Augustus Nauck, *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, 1889, p. 84, frag. 262.

o grego, figurando como apêndice da obra denominada *Hermeneumata Leidensia* (um manual grecolatino, de data incerta,³⁷ atribuído a pseudo-Dosíteo³⁸). Nessa obra se encontra a expressão “Genealogia de Higino” (“Υγίνου γενεαλογία”), conforme grifamos no texto a seguir:³⁹

Μαξίμωι καὶ Ἄπρωι ὑπάτοις
πρὸ γ' ἰδῶν Σεπτεμβρίων,
Ἵγίνου Γενεαλογία πᾶσιν
γνωστὴν μετέγραψα, ἐν ᾗ
ἔσονται πλείονες ἱστορίαι
διερμηνευμέναι ἐν τούτῳ τῷ
βιβλίῳ. θεῶν γὰρ καὶ θεάων
ὀνόματα ἐν δευτέρῳ
ἐξεπλέξαμεν. Ἀλλὰ ἐπὶ τούτῳ
ἔσονται τούτων ἐξηγήσεις, εἰ
καὶ μὴ πᾶσαι, τούτων μέντοιγε,
ὧν ἐν τοσοῦτῳ δύναμαι.⁴⁰

*Maximo et Apro consulibus
tertio Id. Septembres
Hygini genealogiam
omnibus notam descripsi,
in qua erunt plures
historiae interpretatae in
hoc libro. deorum enim et
dearum nomina in secundo
explicuimus, sed in hoc
erunt eorum enarrationes,
licet non omnes, eorum
tamen, quorum interim
possum.*

Sendo Máximo e Apro
cônsules, no terceiro dia dos
idos de setembro, transcrevi a
Genealogia de Higino,
conhecida por todos, via pela
qual muitas histórias serão
interpretadas neste livro. Isso
porque expusemos os nomes
dos deuses e deusas no segundo
livro, mas neste haverá as
exposições sobre eles; é certo
que não todas, mas sim dos que
posso apresentar neste ínterim.

No entanto, também a pertinência do texto para a atribuição do título da obra que estudamos tem sido questionada. Em primeiro lugar, por não haver, nas *Fábulas* (ou ao menos em seu texto remanescente), referência alguma às Greias mencionadas em *De Astronomia*. Em segundo, porque a obra que Micyllus edita como *Fabulae* tampouco se encontra dividida em livros.⁴¹

O questionamento vem sendo rebatido: estudiosos também fazem a ressalva de que o conteúdo presente no códice utilizado por Micyllus, tão fragmentado e interpolado, está incompleto e distante do que realmente seria a obra – o que relativiza a primeira objeção.

³⁷ Um dos textos da *Hermeneumata* apresenta um prefácio latino de 207 d.C. Cf. Reeve (1983, p. 190), que discute a importância da obra como evidência para a edição de Higino.

³⁸ Sobre Dosíteo (*Dositheus*), gramático latino que viveu provavelmente no final do século IV de nossa era, cf. P. Gatti, “Dositheus”, *Der Neue Pauly* (acessado via Brill Online, 2012).

³⁹ Nossa tradução se faz a partir do texto latino. Cf. Ruiz de Elvira (1982, p. 27). Cf. referências ao assunto em Boriaud (1997, p. x); Expósito (2008, p. 18; 2003, p. 269-270); e Fernaz (1997, p. 5).

⁴⁰ Textos extraídos de Alan Cameron, “The greek sources of Hyginus and Narrator”, *Greek Mythography in the Roman World*, 2004, p. 35. Algumas partes da obra, hoje fragmentada, estão incluídas no *Corpus Glossariorum Latinorum*, 1892, III, Lipsiae, organizado por G. Goetz, cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 10 nota 11), Expósito (2008, p. 18 nota 24), Sánchez (2009, p. 20 nota 8). Tivemos acesso à edição de 1889, em que, porém, não está presente a parte de Ps. Dosíteo. Boriaud (1997, p. xv nota 15) traz a mesma informação e insere o texto como apêndice de sua edição, no qual também constam os textos grego e latino na forma de um manual. Cf. Boriaud (1997, p. 181-193).

⁴¹ Para discussão, cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 13) e Sánchez (2009, p. 9).

Uma outra hipótese quanto à origem do título da obra parte da constatação de que o *Praefatio* das *Fábulas* é uma genealogia, o que poderia justificar o título (atribuído pelo autor ou, talvez, na recepção posterior do texto), dada à notória atenção especial normalmente conferida à primeira parte de uma obra na tradição antiga.⁴²

Dessa forma, o quadro acima ilustra o caráter inconclusivo da questão do título original da obra que apreciamos como *Fabulae*.

Terminus post quem e terminus ante quem

A data de composição das *Fábulas* é inconclusiva: as conjecturas abrangem uma margem de erro de três mais de séculos (do século I a.C. ao início do século III d.C.). Apresentamos abaixo os elementos mais significativos da discussão.

Alguns estudiosos, como Hoyo e Ruiz (2009, p. 35) e Sánchez (2009, p. 10) por exemplo, concordam que o *terminus ante quem* (a data mais avançada possível) seja o ano de 207 d.C., a mencionada data do prefácio de um dos textos do *Hermeneumata*.

Como *terminus post quem* (a data mais remota possível), Rose (1963, p.vii-viii) sugere o ano de 50 d.C. Isso porque, segundo o estudioso, na redação das *Fábulas* foram usados certos escólios (da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, autor do séc. III a.C. que chega a ser citado na fábula XIV) – os quais remontariam à época de Tibério (que reinou entre 14-37 d.C.).⁴³ Rose, ainda, inclui o autor das fábulas na mesma época dos Antoninos (que compreende os anos de 138 a 181 d.C.).⁴⁴

No entanto, um testemunho arqueológico poderia aproximar a edição da obra ao período augustano: segundo Le Bœuffle, há um vaso, da época de Augusto, no qual estariam representadas as fábulas CXX e CXXI.⁴⁵ Também associando as *Fabulae* ao período augustano, Expósito (2008, p. 19) sugere que a composição poderia compreender

⁴² Seguimos aqui uma observação do Prof. Dr. Paulo de Vasconcellos, na ocasião de nossa apresentação do trabalho “Os ‘Poetas Novos’ em Catulo: primeiras reflexões” no 6º SePeG – *Seminário de Pesquisas de Graduação* do Instituto de Estudos da Linguagem.

⁴³ Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 15); Boriaud (1997, p. x-xi).

⁴⁴ Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 10). Boriaud (1997, p. xi) indica que a observação de Rose parte de discussão apresentada pelo filólogo Johannes Scheffer em *Dissertatio de aetate et stylo Hygini*, Hambourg, 1674, p. 20.

⁴⁵ Cf. Expósito (2008, p. 17); Hoyo e Ruiz (2008, p. 14-15, nota 32). Os estudiosos rementem à discussão em Le Bœuffle, “Recherches sur Hygin” (1965), artigo a que não tivemos acesso.

os anos de 11 e 3 a.C. - data em que possivelmente a obra *Astronomia* (*De Astronomia*), também atribuída a Higino, teria sido publicada.⁴⁶

A questão da autoria merecerá, contudo, uma atenção mais pormenorizada.

Gaius Iulius Hyginus?

Como vimos, a indicação de Micyllus em sua *editio princeps* (*C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum Liber*) remete a um liberto do imperador Augusto. Mas já se pensou, como lembra Boriaud (1997, p. vii), em muitos Higinos como o autor das *Fabulae*.

A tendência de aceitar que o autor fosse o liberto de Augusto, Gaio Júlio Higino, se nota em diversos estudiosos. Dentre eles, estão André Le Bœuffe (1983) - um dos editores da obra *Astronomia* -, além de editores mais recentes, como Boriaud (1997), Expósito (2009), G. Guidorizzi (2000) e P. K. Marshall (2002).⁴⁷

Trata-se do Higino que é retratado por Suetônio (70?-140? d.C.) em *Sobre gramáticos e retores* (*De grammaticis et rhetoribus*, XX):

*C. Iulius Hyginus, Augusti libertus, natione Hispanus, (etsi nonnulli Alexandrinum putant et a Caesare puerum Romam aduectum Alexandria capta) studiose et audiit et imitatus est Cornelium Alexandrum, grammaticum Graecum quem propter antiquitatis notitiam Polyhistorem multi, quidam Historiam uocabant. Praefuit Palatinae bibliothecae, nec eo secius plurimos docuit. Fuitque familiarissimus Ouidio poetae et Clodio Licino consulari historico; qui eum admodum pauperem decessisse tradit et liberalitate sua, quoad uixerit, sustentatum. Huius libertus fuit Iulius Modestus, in studiis atque doctrina patroni uestigia secutus.*⁴⁸

(Suet. *Gram. et Rhet.* XX)

Caio Júlio Higino, liberto de Augusto, nativo da Hispânia⁴⁹ (embora não poucos suponham que era de Alexandria e que, quando capturada a

⁴⁶ Expósito (2008, p. 19) considera ainda que por motivos de língua e estilo empregados nas *Fábulas* (sem especificar quais seriam), seu autor deveria ter vivido entre os primeiros anos de nossa era.

⁴⁷ Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 14 notas 28-31) e Fernaz (1997, p. 5), que remetem às discussões dos estudiosos J. R. Bacon (1925) *Voyage of the Argonautas*; F. Cramer (1954), *Astrology in Roman Law and politics*, L. Laurand (1955-1962) *Manuel d'études grecques et latines*; J. Carcopino (1963) *Rencontres de l'histoire et de littérature romaines*.

⁴⁸ Texto latino editado por Vacher (1993), publicado pela editora *Les Belles Lettres*.

⁴⁹ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 8 nota 4), J. Lasso de la Vega defende a origem hispânica de Higino em seu artigo "Cayo Julio Hygino, primer bibliotecario español". *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, LXXVII, 2, 1974.

cidade, César o trouxera, ainda menino, para Roma). Com diligência, tanto ouviu quanto imitou Cornélio Alexandre⁵⁰, gramático grego a quem, por conta de seu conhecimento sobre a Antiguidade, muitos chamavam de “Polyhistor”⁵¹, e alguns de a própria “História”⁵². Dirigiu a Biblioteca Palatina, e, nem então, deixou de ensinar, de modo diligente, a muitos. Foi um dos amigos mais próximos do poeta Ovídio e de Clódio Licínio, historiador consular, que relatou ter Higino morrido em extrema pobreza, tendo sido sustentado por sua generosidade pelo tempo em que viveu. Higino teve como liberto Júlio Modesto⁵³, que seguiu os passos de seu patrono nos estudos e na doutrina.

Já se sugeriu que o poema *Tristia* III.14 de Ovídio seja endereçado a esse Higino, com a seguinte dedicatória:⁵⁴ “Ó cultor e augusto guardião dos homens doutos” (*Cultor et antistes doctorum sancte uirorum*)⁵⁵.

O caráter erudito do Higino citado por Suetônio é notável na quantidade e ecletismo dos títulos de outras obras a ele atribuídas, das quais temos notícias apenas por meio de testemunhos indiretos como Aulo Gélcio (123-c.165 d.C), Sérvio (IV-V d.C), Columela (I d.C), Plínio o Velho (c. 23-70 d.C) e Macróbio (IV d.C).⁵⁶ Para ilustrar a variedade da erudição do referido Higino, apresentamos alguns de tais testemunhos a seguir, precedidos dos títulos das obras a ele atribuídas:

Da obra *Exempla* (*Exemplos*), fala Aulo Gélcio em suas *Noites Áticas*:

Exstat nunc quoque Theodecti tragoedia, quae inscribitur Mausolus; in qua eum magis quam in prosa placuisse Hyginus in Exemplis refert.

⁵⁰ *Cornelium Alexandrum*: estudioso e polígrafo do século I a.C. Tendo sido trazido por Sula (138-78 a.C.), durante sua campanha no leste, lecionava em Roma. Cf. Conte (1999, p. 777).

⁵¹ *Polyhistor*: “Widely learned (a title given to Greek historian, Alexander Cornelius, a contemporary of Sulla)”, segundo o *OLD*. Traduções propostas em dicionários de língua portuguesa são “O Erudito” (Torrinha), ou “que sabe muito” (Saraiva).

⁵² *Historiam uocabant*: Cornélio seria, pois, uma verdadeira personificação da História. A passagem é citada no verbete “*Historia*” (sentido 3) do *OLD*: “the recorded knowledge of past events, history”.

⁵³ *Iulius Modestus*: Renomado gramático do reinado de Tibério. Escreveu *De diis penatibus* e *De proprietatibus deorum*. Cf. Vacher (1993, p. 161).

⁵⁴ Cf. Schmidt, “Hyginus, C. Iulius”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*, 2009); André (1987, p. 95, nota 1), Lechi (1993, p. 266, nota 1), Montero (2002, p. 108, nota 46), Prata (2007, p. 291, nota 305) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 9). A dedicatória ovidiana a Higino é, como nos informa André (1987) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 9), discutida no estudo “Un ami d’Ovide, C. Iulius Hyginus” de P. van de Woestyne (1929).

⁵⁵ Tradução de P. Prata (2007, p. 291). Há ainda a hipótese, apresentada como improvável por Hoyo e Ruiz (2009, p. 9), de Nicolas E. Lemaire, que, em 1824, considera Higino como o “enemigo irreconciliável contra el que desata Ovidio sus iras em el poema *Ibis*”.

⁵⁶ As referências estariam presentes, respectivamente, nas obras *Noctes Atticae*, in *Vergilium Commentarius*, *De Re Rustica*, *Naturalis Historia* e *Saturnalia*. Cf. Boriaud (1997, p. viii-ix); Bunte (2009, p. 21-61); Hoyo e Ruiz (2009, p. 11-12); Expósito (2008, p. 14).

(Gel. X. 18. 7)⁵⁷

A tragédia de Teodecte, registrada como *Mausolo*; na qual ele teria agradado mais que em prosa, conta Higino em *Exemplos*.

Sobre *Vrbes Italicae* (*As cidades itálicas*) ou *De situ urbium italicarum* (*Da situação das cidades itálicas*), vejamos os seguintes trechos de Macróbio, e a seguir de Sêrvio:⁵⁸

Regionem istam, quae nunc vocatur Italia, regno Janus obtinuit, ut Hyginus, Protarchum Trallianum secutus, tradit.
(Macr. I. 7)⁵⁹

Esta região, que agora é chamada Itália, foi governada por Janus, como transmite Higino, que seguiu o traliano Protarco.

in quo oppidum fuit a Locris conditum, quod secundum Hyginum, qui scripsit de situ urbium Italicarum.
(Serv. A. III. 553)⁶⁰

No qual estava a cidade fundada por Locro, de acordo com Higino, que escreveu *Da situação das cidades itálicas*.

de Italicis etiam urbibus Hyginus plenissime scripsit.
(Serv. A. VII. 678)

Ainda sobre as cidades da Itália, Higino escreveu da maneira mais completa.

Sobre *De familiis troianis* (*Das famílias troianas*), veja-se o comentário de Sêrvio:

sane sciendum, hunc secundum Hyginum, qui de familiis Troianis scripsit, unum Troianorum fuisse, de quo Vergilius mutat historiam. (Serv. A. V. 389)

⁵⁷ Texto latino editado por P. K. Marshall (1991), publicado pela editora Oxford University.

⁵⁸ Sobre *Vrbes Italicae*, cf. ainda Serv. A. I. 277, I. 530; VIII. 597.

⁵⁹ Texto latino editado por Henri Bornecque (1937), publicado pela editora Garnier.

⁶⁰ Texto latino editado por Georgius Thilo e Hermannus Hagen (1881), publicado pela editora Teubner.

certamente deve-se saber, de acordo com Higino, que escreveu sobre as famílias troianas, que ele foi o único dos troianos, cuja história Virgílio muda.

Higino também tratou de temas ligados ao conhecimento da natureza, como *De apibus* (*Sobre as abelhas*), conforme Columela:

*atque, ea quae Hyginus fabulose tradita de originibus apum non intermisit.*⁶¹

(Col. XIX. 2. 2)

e a tradição sobre a origem fabulosa das abelhas que Higino não transmitiu.

Hyginus quidem in eo libro quem de apibus scripsit.

(Col. XIX. 13. 8)

o próprio Higino, no livro que ele escreveu acerca das abelhas.

Ou ainda *Da agricultura* (*De agri cultura* ou *De Re Rustica*), como citado por Columela:

Rapae semina Hyginus putat post trituram iacentibus adhuc in area paleis inspargi debere.

(Col. XI. 3. 62)

Higino pensa que a semente de rábano, após a esfrega, ainda deve ser espalhada em uma área de palha.⁶²

Assuntos históricos são tratados pelo Higino da época de Augusto em *De uita rebusque illustrium uirorum* (*Da vida e feitos dos homens ilustres*), como refere Aulo Gélcio:

Iulius Hyginus in libro De Vita Rebusque Illustrium Virorum sexto legatos dicit.

(Gel. I. 14)

Júlio Higino diz, em seu sexto livro de *Da vida e feitos dos homens ilustres*.

⁶¹ Texto latino editado por E. S. Foster and Edward H. Heffner (1954), publicado pela editora Harvard University Press & W. Heinemann.

⁶² Sobre *De agri cultura*, cf. ainda Plin. *Nat.* XVI. 230.

Sobre os deuses, segundo Macróbio, Higino teria falado nas seguintes obras:

Hyginus enim de proprietatibus deorum, ubi de astris stellis loqueretur, ait...

(Macr. II. 8)

Pois, em *das propriedades dos deuses*, quando ao falar sobre os astros e estrelas, Higino diz...

Addidit Hyginus in libro quem de dis Penatibus scripsit.

(Macr. III. 4)

Higino acrescentou, no livro que escreveu *sobre os deuses domésticos*...

Foi, pois, tendo em vista a erudição do Higino referido por Suetônio, que diversos estudiosos, num primeiro momento, julgaram plausível aceitar os dizeres constantes no título de Micyllus (*C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum Liber*) e incluir as *Fábulas* entre as obras de sua lavra, ainda que não se registre um testemunho antigo especificando tal atribuição.

Contudo, outros estudiosos das *Fábulas* (em sua maioria, da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX)⁶³ não aceitam a associação entre o Higino acima biografado e o autor da obra em questão. Entre eles, há nomes de peso, como o editor Herbert J. Rose (1933) e G. B. Conte (1994).⁶⁴ Entre os argumentos elencados contra aquela associação, está o de que um escritor da época de Augusto, e muito menos sendo bibliotecário do *princeps*, não escreveria em um estilo considerado tão pedestre e com tantos alegados erros, quer linguísticos (gramaticais), quer quanto ao conteúdo mitológico apresentado. Rose (1963, p. xii) chega a atribuir a autoria das *Fabulae* a um semidouto. Nas palavras do estudioso: *Hyginum adulescentem imperitum fuisse dico, semidoctum dico, stultum dico* “Afirmo que Higino foi um jovem ignorante, que foi semidouto, que foi estúpido”.

⁶³ B. Bunte (1856), C. Bursian (1866), M. Tschiasny (1888), E. Maas (1898), K. Robert (1934). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 14).

⁶⁴ Conte (1994, p. 386), em seu manual *Latin Literature: a history*, ao discorrer sobre o Higino bibliotecário da Palatina, comenta: “this Hyginus should not be confused with the somewhat later mythographer, author of a collection of *Fabulae*”.

Entretanto, como nos informa Fernaz (1997, p. 5-6), há quem, como Le Bœuffle (1983), denuncie pressupostos normativos e classicistas da língua latina nesse tipo de julgamento, bem como uma tendência à idealização de um modelo grego nele presente.

Quanto ao primeiro ponto, Le Bœuffle ressalta que, desde o século I a.C., se concedia maior liberdade e flexibilidade à prosa dos escritores, citando, entre seus exemplos, Cornélio Nepos (99-24 a.C.) e Vitruvius (séc. I a.C.). Quanto ao segundo, o estudioso sugere que os supostos “desvios” poderiam já constar dos modelos utilizados por Higino. O estudioso lembra, ainda, a preferência que havia na época augustana, sob influência helenística, por variantes raras dos mitos e pela exuberância de informação mitológica.

Mediante a escassez de dados e testemunhos diretos, a questão da efetiva autoria das *Fabulae* está, como se vê, longe de poder ser resolvida. No entanto, parece-nos interessante observar, primeiramente, premissas empregadas na sua discussão: a erudição do autor (apontada por um testemunho tardio), passa a ser contrastada com a aferição (baseada em critérios estilísticos e linguísticos específicos) de uma falta de conhecimento (linguístico, mitológico) por parte do autor; nega-se a pertinência de determinada autoria (o bibliotecário da Palatina), mediante a condenação do estilo do texto transmitido.

Ora, sabemos que M. Foucault (1992, p. 52), baseado em Jerônimo, já problematizou o modo como a crítica literária então tendia a definir a noção de autor e os critérios de valor empregados para determinar a autenticidade da autoria de uma obra.⁶⁵ Um dos critérios apontados por Foucault não se aplicaria efetivamente à obra em apreço: o que é baseado na comparação entre as obras de um mesmo autor – a qual, no caso das *Fabulae*, dependeria tão somente de testemunhos indiretos, visto que as demais obras desse Higino, bibliotecário da Palatina, não foram legadas. Observamos, de toda forma, que, a partir de testemunhos antigos, criou-se uma ideia de um Higino (o liberto de Augusto) cuja função de autor, embora pareça não caber à função de autor das *Fábulas*, veio, contudo, a influir na

⁶⁵ “São Jerônimo apresenta quatro critérios: se entre vários livros atribuídos a um autor, houver um inferior aos restantes, deve-se então retirá-lo da lista de suas obras (o autor é então definido como um certo nível constante de valor); do mesmo modo, se alguns textos estão em contradição de doutrina com as outras obras de um autor (o autor é então definido como um certo campo de coerência conceptual ou teórica); deve-se igualmente excluir as obras que estão escritas num estilo diferente, com palavras e maneiras que não se encontram habitualmente nas obras de um escritor (trata-se aqui do autor como unidade estilística); finalmente, devem ser considerados como interpolados os textos que se referem a acontecimentos ou que citam personagens posteriores à morte do autor (aqui o autor é encarado como momento histórico definido e ponto de encontro de um certo número de acontecimentos).” Cf. Foucault (1992, p. 52).

apreciação da obra, por reforçar parâmetros comparativos que resultaram numa leitura negativa das *Fábulas*.

De qualquer forma, o estado da questão – quanto a título, data, manuscritos e autoria - recomenda, a nosso ver, evitar abordagens biografistas, que correm especialmente nesse caso (em que não se sabe quem é o autor) o risco de se serem demasiadamente especulativas.⁶⁶ Parece-nos que essa tendência é responsável também por leituras tão implacáveis com a obra, como a de Rose, acima citada. Tais leituras, que fazem equivaler divergência a erro, e exigem um nível de linguagem talvez distante das condições de produção e leitura da obra em estudo, em parte podem, segundo supomos, resultar de uma falta de atenção com o gênero de texto em que as *Fabulae* se inserem.

Gênero(s)

A partir dos possíveis títulos atribuíveis à obra, somos conduzidos a uma questão evocada pelas *Fabulae*: a da definição de seu gênero. De início, é preciso adiantar que tomamos como ponto de partida que a obra é, em linhas gerais, um compêndio didático de mitologia. Dito isso, o intuito de nosso estudo não é discutir sobre o gênero da obra em si, e sim apresentar elementos que compõem o quadro geral da discussão sobre o tema.

Costuma-se sugerir⁶⁷ que a obra é constituída de três partes, a saber: i) o prefácio (*praefatio*), que, por sua estrutura e conteúdo (formada por uma sequência de nomes próprios no ablativo e nominativo, indicando os genitores e os filhos, respectivamente), seria uma genealogia; ii) as fábulas, propriamente ditas, que apresentam as narrativas mitológicas (são as *Fabulae* de número I a CCXX, correspondendo à maior parte da obra); e iii) os catálogos, em que são apresentadas predominantemente inúmeras listas de nomes próprios (*Fabulae* de número CCXXI a CCLVII e CCLXIV a CCLXXVII), com temáticas diversas, como, para citar apenas alguns exemplos: as mães que assassinaram seus filhos

⁶⁶ Para uma reflexão atual sobre as questões da abordagem biografista a textos clássicos, cf. (sobre o gênero elegíaco) Vasconcellos (2011).

⁶⁷ Cf. Boriaud (1997, p. xxvii); Hoyo e Ruiz (2009, p. 15-16); Expósito (2008, p. 21-22).

(CCXXXIX), quem foram os efebos mais belos (CCLXXI) ou então quem foram os inventores e o que foi inventado (CCLXXIV).⁶⁸

Uma vez que a identificação de cada uma dessas partes, enquanto gênero, não está clara em nenhum dos estudos consultados, faz-se necessário esclarecer em que sentido entendemos o termo “gênero”. Ainda que a genealogia, a fábula e o catálogo não constem das categorias de gêneros textuais definidos como tais (referidas em grego como *eîdos* ou *γένος/génos*; em latim como *genus*) por autores antigos, ou daquelas mais tradicionalmente associadas à Antiguidade (como é o caso dos gêneros poéticos épico, dramático, lírico; ou os gêneros retóricos jurídico, legislativo, etc.), acreditamos poder tratar desses tipos de texto como gênero, se o termo é compreendido num sentido lato: a saber, como um tipo de texto com convenções próprias, que seriam não apenas respeitadas, mas, ainda, esperadas por parte de seus leitores na época em que teria sido composto.

A relação entre conteúdo e forma das convenções que caracterizam um gênero é afirmada por Conte:⁶⁹

In my view, at least one function gives meaning to the critical concept of genre and makes its study productive: the function of associating elements of the content and form, putting them into relation and correspondence with each other. Only if the category of genre succeeds in the establishing a nonarbitrary and nonimpressionistic connection between these two levels does it seem to me useful and also, if I may say so, sensible. A category of genre based exclusively upon formal features is clearly unacceptable.

A observação de Conte sugere um outro aspecto que pressupomos em nossa adoção do termo gênero: o possível aporte de levarmos em conta, na tradução e discussão do texto em estudo, as convenções que caracterizam fábulas, genealogias e catálogos.

Ora, é sabido que tanto quanto as fábulas, também o catálogo⁷⁰ e a genealogia⁷¹ eram tipos de texto com convenções próprias, segundo as quais eram, inclusive,

⁶⁸ Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 16); Sánchez (2009, p. 12). No entanto, os estudiosos também identificam alguns outros catálogos ao longo da obra, como nas *fabulae* XI, XLVIII, LXXVI, LXXXI, XCVII, CXXIV, CXXVII, CLV-CLXIII, etc.

⁶⁹ Cf. Conte, G. “Genre between Empiricism and Theory”, 1991, p. 106-107.

⁷⁰ Na base de dados *Brills on-line*, versão em inglês da enciclopédia *Der Neue Pauly*, verbete “Catalogue”, esse tipo de texto é assim definido por C. Reitz: “A catalogue is a listing of similar terms in an homogenous context, which in its form is clearly delineated. Each of its components is an ‘element of a continuous

avaliados.⁷² Como os textos selecionados para a presente tradução e investigação se enquadram na parte apontada por estudiosos como fábulas, abaixo descreveremos brevemente características gerais das genealogias e catálogos, para depois nos concentrar um pouco mais particularmente no gênero dos textos traduzidos.

Genealogias

Como indica a etimologia do termo grego (*genealogeîn*, ‘falar sobre a origem [de alguém]’), os textos chamados de genealogias são predominantemente a apresentação de uma estrutura familiar (no que tange à ascendência), e têm uma função de oferecer um “pedigree”, ao legitimar a memória (pseudo-histórica) de determinadas famílias.⁷³

Renger oferece um breve quadro histórico dos textos genealógicos: no período arcaico grego, a genealogia refletia certo *status*, lembremo-nos de quando os heróis enaltecem suas descendências nas batalhas em Homero (por exemplo, *Ilíada* VI. 145-211) ou *Teogonia* e no *Catálogo das mulheres* de Hesíodo.

Já no período clássico da Grécia antiga (séc. V a.C.), destaca-se a ênfase que os aristocratas davam as suas descendências, remontando-as a heróis e até mesmo deuses,⁷⁴ também dando indícios de certa notoriedade social a partir da genealogia. No entanto, essas características de *status*, segundo o estudioso, dariam lugar a uma espécie de genealogia literária (“literary form of genealogy”) na prosa antiga, na qual passou-se a empregar certo

development’ [4. 64]. There is no coherent ancient definition.” C. Reitz, “Catalogue”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*).

⁷¹ Sobre a genealogia e suas convenções gerais ou especificamente egípcias, gregas ou romanas, cf. verbete J. Renger, K. Meister, J. Rüpke “Genealogy”, no *Brills New Pauly*.

⁷² Quanto ao catálogo, por exemplo: “one characteristic feature is numbering (cf. Hom. *Od.* 16,235), which also played an important part in the differentiated aesthetical evaluation by the ancient Homer philologists (cf. schol. on Hom. *Il.* 2,494ff. and frequent other examples). Aristotle sees the catalogue as an instrument for the creation of order (Aristot. *Poet.* 1459a 35). In the use of catalogues as creative elements, there is a strong cross-influence between literary genres.” C. Reitz “Catalogue”. *Brill's New Pauly*.

⁷³ Sobre a função da genealogia, Renger (2010) a descreve como “often used as a means of legitimation and (pseudo-historical) memory, which was always also directed at publicity”.

⁷⁴ Para exemplos de genealogia que se referem a atenienses em obras de diversos tipos, remetemos a Renger (2010): “The Philaids, to whom Miltiades and Cimon belonged, traced their descent back to Ajax (...) (*Pherecydes*, FGrH 3 F 2; Marcellinus, *Thuc.* 3); the orator Andocides (...) claimed to have descended through Odysseus from Hermes (*Hellanicus*, FGrH 323 a F 24), Alcibiades (...) through Eurysaces from Zeus (Plut. *Alcibiades* 1); Plato's family was linked with Solon and Codrus (Plut. *Solon* 1,2)”.

racionalismo a fim de se desfazer as contradições e apresentar uma genealogia mais completa frente à fragmentária que se tinha até então.⁷⁵

Entre os vários fatores que Rüpke⁷⁶ apresenta como típicos da genealogia em Roma está seu caráter patrilinear (*agnates*), e a possibilidade de se herdar também o *cognome*. A primeira característica foi observada em várias das fábulas traduzidas: por exemplo, além de se apresentar os pais dos personagens, as referências às mães dos personagens são constantemente acompanhadas pelo nome dos pais delas.

Nas *Fábulas*, a genealogia está presente em diversas histórias, mas a mais evidente está no *Praefatio* da obra, no qual se encontra uma longa sequência de nomes próprios no ablativo (indicando os genitores) e nominativos (quando indica os filhos, descendentes), como, por exemplo, no trecho: *Ex Caligine Chaos. Ex Chao et Caligine, Nox, Dies, Erebus, Aether* “De Caligem, Caos. De Caos e Caligem, Noite, Dia, Érebo, Éter”.

Estudiosos indicam que as genealogias em Higino são de inspiração hesiódica.⁷⁷ Que efeito a genealogia traria, então, ao leitor do texto latino? Hoyo e Ruiz (2009, p. 14) interpretam a concisão do texto genealógico como uma narração fria, em que Higino “nos oferece una obertura, que resulta ser una espécie de *dramatis personae* o títulos de crédito de la obra que va a comenzar pocas páginas más adelante”. Até que ponto tal interpretação, que nos parece bastante associada a gosto e experiência particular, pouco afeita a enumerações, seria a dos leitores a quem Higino teria escrito sua obra é algo que escapa ao âmbito do presente estudo.

Catálogos

Nas *Fabulae*, a ocorrência desse gênero está, sobretudo, na parte final.⁷⁸ Mas, tal como ocorre com as genealogias, em diversas passagens da obra nos deparamos com catálogos, como nas fábulas XIV. *Argonautae conuocati* (*Argonautas convocados*) e CXII

⁷⁵ Renger (2010): “the authors of genealogies often employed a rather fierce rationalism to force the fragmentary or contradictory tradition into a system and a pseudo-historical whole, in order to generate a complete pedigree.”

⁷⁶ Cf. J. Rüpke, “Genealogy”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*, 2010).

⁷⁷ Cf. Boriaud (1997, p. xxvii); Hoyo e Ruiz (2009, p. 15); Fernaz (1997, p. 209, nota 4); Sánchez (2009, p. 12).

⁷⁸ Hoyo e Ruiz (2009, p. 16); Expósito (2008, p. 23).

Prouocantes inter se qui quo dimicarunt (Aqueles que se desafiaram e contra quem combateram).

Segundo Reitz (2009), o catálogo é uma lista de termos similares em um contexto homogêneo (“a listing of similar terms in an homogenous contexto”).⁷⁹ Na fábula CXII podemos de fato observar trechos em que tal homogeneidade se apresentaria:

Menelaus cum Alexandro, Alexandrum Venus eripuit. Diomedes cum Aenea, Aeneam seruauit Venus.
(Hyg. *Fab.* CXII.1)

Menelau contra Alexandre, Vênus arrebatou Alexandre. Diomedes contra Enéias, Venus salvou Enéias.

Ou, ainda:

Achilles cum Asteropaeo, Asteropaeus occiditur. Idem cum Hectore, Hector occiditur. Idem cum Aenea, Aeneas fugatur (*Fab.* CXII. 3)

Aquiles contra Asteropeu, Asteropeu é morto. O mesmo contra Heitor, Heitor é morto. O mesmo contra Enéias, Enéias foi posto em fuga.

Essa impressão de homogeneidade temática, que, como vemos, é derivada da reiteração de estruturas linguísticas, mostra-se uma presença constante na obra, uma vez que muitas das narrativas na parte central são iniciadas por um catálogo de nomes. Talvez isso tenha contribuído para J. Schwartz cogitar que somente o prólogo e essas anotações catalográficas seriam genuínas à obra datada da Antiguidade, e que as demais informações seriam interpolações posteriores.⁸⁰

Sem entrarmos no mérito da autenticidade ou nebuloso processo de transmissão da obra, pode-se notar que a hipótese de Schwartz enfatiza o estranhamento da forma com que certas fábulas são introduzidas na obra em estudo.

Fabulae

O conceito do termo moderno de “fábula” propriamente dito costuma ser relacionado a uma história curta, com uma moral inerente, em que os personagens são

⁷⁹ Cf. Reitz, “Catalogue”, *Der Neue Pauly* (acessado via Brill Online, 2009)

⁸⁰ J. Schwartz, *Pseudo-Hesiodeia*, Leyde, 1960. Cf. Expósito (2008, p. 22).

animais personificados.⁸¹ Não é esse o gênero de fábula que temos na obra *Fabulae* atribuída a Higino, que trata, não de animais falantes, e sim de personagens mitológicos.

Contudo, em latim a palavra *fabula* (da mesma família do antigo verbo *fari*, “falar”, e de *fama*, como nos indica o *OLD*) tem usos e sentidos mais extensos do que a conotação moderna acima referida. Dentre eles, inclui-se “a story told for entertainment, instruction, etc. a tale” (sentido 4, que de fato abarca fábulas com animais de Esopo ou Fedro, cf. Aulo Gélcio II. 29. 2), ou uma “lenda, um mito” (sentido 5), que nos parece mais apropriado à obra em estudo.⁸²

Ao discorrer sobre o conceito de narração, o autor da *Retórica a Herênio* I. 8. 13 sugere esse sentido mais amplo ao termo *fabula*⁸³, caracterizando-a como um entre outros tipos de narrativa (*negotiorum expositio*, lit. “exposição de um negócio, de uma ação, trama”):

Id quod in negotiorum expositione positum est, tres habet partes: fabulam, historiam, argumentum. Fabula est quae neque ueras neque ueri similes continet res, ut eae sunt quae tragoediis traditae sunt.
([Cic.] *Rhet. Her.* I. 18. 13)

O que se baseia na exposição das ações (*negotiorum*) pode ser de três espécies: fábula, história, argumento. As fábulas contêm situações que não são nem verdadeiras, nem verossímeis, como as relatadas na tragédia.⁸⁴

Tal definição é compatível com as fábulas da obra que estudamos, relacionadas com a narração dos mitos gregos e romanos propriamente ditos, ou seja, com assuntos que não pleiteiam necessariamente um estatuto de verdade histórica. Portanto, consideramos que o

⁸¹ Cf. Böck (2009), no verbete “fable” do *Brills on-line*: “The fable is a short, fictitious story with an inherent moral, the characters of which are personified animals”. Como lembra Expósito (2008, p. 19), essa concepção de fábula, em que os personagens são animais personificados, procede de La Fontaine, a partir do século XVII, sendo as “colecciones de fábulas en la antigüidad, además de las animalísticas, contenían relatos de dioses y hombres, mitos o anécdotas, cuentos, novelas, etcétera.”

⁸² No dicionário de *OLD*, o sentido concernente a *fabula* em Higino é indicado por extensão: “a legend, myth” (*OLD* – sentido 5). O dicionário Houaiss contempla tanto o significado modernamente difundido (“curta narrativa, em prosa ou verso, que tem entre as personagens animais que agem como seres humanos, e que ilustra um preceito moral”) quanto o que nos interessa (“história narrada das ações dos deuses e heróis greco-romanos; mitologia”) (Houaiss – sentido 1 e 3, respectivamente).

⁸³ A passagem é de fato elencada no sentido 5 do verbete *fabula* no *OLD*.

⁸⁴ *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução de Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria. São Paulo: Hedra, 2005, p. 64-65. Agradecemos a indicação do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos pela indicação bibliográfica na ocasião de nossa apresentação durante o 7º SePeG – *Seminário de Pesquisas da Graduação* no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp).

título *Fabulae* remete a histórias com as seguintes características dentre as previstas ao termo latino *fabula*: exposição de narrativas que não pleiteiam a verdade, visam a instrução (analogamente às fábulas de Fedro e Esopo),⁸⁵ e que são curtas, ou, ao menos, usam de uma forma catalográfica e genealógica que tem, entre seus efeitos, encurtar ao máximo a narração.

A estrutura da obra: a hipótese dos Ciclos Mitológicos

Como vimos anteriormente, tendo como critério o tipo de texto (ou convenções genéricas, no sentido mais lato acima proposto) predominante, a estrutura das *Fábulas* é comumente dividida em três partes. Porém, outro modo de classificar a estrutura da obra leva em conta o tema e a disposição de seus relatos ao longo dela: Expósito (2003), por exemplo, identifica na obra “sagas mitológicas” agrupadas de acordo com as grandes estirpes que governaram as principais cidades gregas antigas (como os ciclos Troiano e Tebano). E, conforme a estudiosa, inseridas em cada ciclo, as fábulas se dispõem, então, em uma determinada ordem cronológica: por exemplo, de acordo com as gerações a que pertencem os respectivos personagens.⁸⁶

Em Trzaskoma *et alii* (2004), também se propõe semelhante divisão das *Fabulae*, segundo a qual é possível identificar na obra grupos centrados em mitos heroicos (“we can identify groups centered around heroic myths”).⁸⁷ Uma abordagem mais precisa sobre tal aspecto da composição da obra em apreço é feita por Boriaud (1997), em introdução à edição crítica publicada pela editora *Les Belles Lettres*. De acordo com o estudioso, é possível distinguir os ciclos mitológicos mais expressivos daqueles de “menor importância quantitativa”.⁸⁸

⁸⁵ Agradecemos ao professor Dr. Matheus Trevizam pela observação sobre o sentido didático que é ponto em comum com as fábulas de nosso estudo.

⁸⁶ Cf. Expósito (2003, p. 272), que afirma, ainda, basear-se nas considerações da estudiosa espanhola Purificación Nieto Hernández. Segundo Hernández, as disposições dos mitos em uma obra “siguen, unos con respecto a otros, una cronología relativa, fundada en el principio de la genealogía: los personajes míticos se relacionan por parentesco unos con otros y se distribuyen en distintas generaciones”. Cf. Hernández, Purificación Nieto. “Algunas reflexiones sobre mitología griega”, *Estudios Clásicos*, nº 114, 1998, p. 12.

⁸⁷ Trzaskoma *et alii* (2004, p. 216) divide a obra nos seguintes grupos: 1-11: Tebas arcaica; 12-27: Jasão e os Argonautas, Medeia; 29-36: Hércules; 37-48: Atenas e Creta, (“loosely organized”); 66-76: Tebas, desde Laio até Epígonos; 77-127: Guerra de Tróia. A partir da fábula 127, os estudiosos consideram difícil identificar conexões temáticas (“thematic connections”).

⁸⁸ Cf. Boriaud (1997, p. xxviii-xxix).

Os conjuntos de mito mais expressivos, segundo Boriaud, são: fábulas I a VI: Cadmo e as Cadmeides; VII a XI: Antíope e as Niobides; XII a XXVII: Os Argonautas; XXIX a XXXVI: Hércules; XXXVII a XLVIII: Teseu; LXVI a LXXVI: Édipo; LXXVII a LXXXI: Os Tindarides; LXXXVII a LXXXVIII: Os Atridas; LXXXIX a XCIV: Os Dardanidas; XCV a CXXIV: A Guerra de Tróia; CXXV a CXXVIII: A Odisseia; CXXIX a CXXXIV: Baco; CXXXVIII a CLIV: Cosmogonia; CLXVIII a CLXX: Dânao e as Danaides; CLXXI a CLXXV: Meléagro; CLXXVI a CLXXII: Calisto; CLXXVIII: Europa seguida de CLXXIX a CLXXXIV: Sêmele e as Cadmeides; CLXXXVI a CLXXXVIII: amores de Neptuno; CXCI a CCIII: Metamorfoses (incluindo CC a CCIII: amores de Apolo); CCIV a CCVII: amores incestuosos; e CCIX: Arquelaus.

Os mitos menos importantes (em termos quantitativos) seriam, conforme o estudioso: fábulas XLIX a LI: Admeto; LII a LV: amores de Júpiter; LVIII a LIX: Metamorfoses; LX a LXII: Castigos infernais.

Foi a partir da prática disposição de Boriaud que selecionamos o *corpus* de nossa pesquisa, concentrada nos catorze primeiros ciclos. Vale dizer, ainda, que a obra de Higino não é inteiramente classificada pelo estudioso. Contudo, as fábulas que não foram incluídas em sua análise constituem a parte da obra de mais difícil leitura, visto que muitas se perderam ou se encontram incompletas. Já Hoyo e Ruiz (2009, p. 16-18) propõem uma divisão, que, embora semelhante à de Boriaud, pareceu-nos mais detalhada e precisa, a qual tomamos a liberdade de aqui reproduzir:

- I) Ciclo tebano I (I a XI). Cadmo e seus descendentes.
I a VI: Mito de Atamante. Cadmo.
VII a XI: Antíope e as Niobides.
- II) Ciclo de Jasão e os Argonautas (XII a XXVII).
XII e XIII: Antecedentes da viagem dos Argonautas.
XIV a XXIV: Tripulantes da nau Argo e a aventura da viagem dos Argonautas.
XXV a XXVII: Medeia.
- III) Ciclo de Hércules (XXIX a XXXVI).
- IV) Ciclo de Teseu (XXXVII a XLIV).

- XXXVII e XXXVIII: Ciclo inicial dos trabalhos de Teseu.
- XXXI e XLIV: Ciclo cretense do Minotauro. Minos. Cocalo.
- V) Mitos relacionados com Atenas, seus reis e descendentes (XLV a XLVIII).
- VI) Ciclo tebano II (LXVI a LXXVI).
- LXVI e LXVII: Édipo.
- LXVIII a LXXVI: Sete contra Tebas, Antígona, Epígonos.
- VII) Ciclo de Esparta. Os Tindarides (LXXVII a LXXXI).
- VIII) Ciclo de Micenas. Os Atridas (LXXXII a LXXXVIII).
- IX) Os Dardanidas (LXXXIX a XCIV).
- X) Guerra de Tróia (XCV a CXXVIII).
- XI) A Odisséia (CXXV a CXXVIII).
- XII) Ciclo tebano III. Mitos relacionados com Pai Líber (CXXIX a CXXXIV).
- XIII) Ciclo ateniense (CLXIV a CLXVI).
- XIV) Dânao e as Danaides (CLXVIII a CLXX).
- XV) Ciclo de mitos de Etólia. Meleagro e o javali de Cálidon (CLXXI a CLXXV).
- XVI) Calisto (CLXXVI e CLXXVII).
- XVII) Ciclo tebano IV. As origens. Descendentes de Cadmo (CLXXVIII a CLXXXIV).
- XVIII) Amores de Neptuno (CLXXXVI a CLXXXVIII).
- XIX) Metamorfoses e mitos relacionados com Apolo (CXCI a CCIII).
- XX) Amores incestuosos (CCIV a CCVII).
- XXI) Amores de efebos e jovens belíssimos (CCXII a CCXVIII) (fábulas perdidas).
- XXII) Arquelau (CCXIX).
- XXIII) Cura (CCXX).

As fábulas que não se encontram na listagem acima são, segundo proposto por Hoyo e Ruiz, isoladas e “sin conexión con ningún gran ciclo temático de la mitología”, a saber: Oto e Efialtes (XXVIII), Admeto e Alceste (XLIX a LI), os amores de Júpiter (LII a LV), metamorfoses diversas (LVIII e LIX), castigos infernais (LX a LXII), mitos sem relação entre si (CXXXV a CXLVIII) e Líber (CLXVII).

Devemos ressaltar, no entanto, que por se tratar de uma obra que nos chegou fragmentada, certamente interpolada, e, como acima referimos, da qual se tem a falta mesma de manuscritos, não se pode assegurar (e os estudiosos consultados também o consideram) que essa sequência seria a que estivesse realmente presente na obra latina, na ordem pretendia pelo seu autor. Assim pensando, seria de se esperar que estudiosos avertissem uma reestruturação. Foi o que fez, por exemplo, de acordo com o que Hoyos e Ruiz (2009, p. 18) informam, M. Schmidt, editor da obra em 1872, que propôs uma reordenação das fábulas.

Estilo

Ao nos propormos a observar o “estilo” de Higino, pretendemos mais precisamente atentar para algumas características recorrentes no texto das *Fabulae*. O estilo é, portanto, pensado aqui como certa maneira de escrever que se utiliza de estratégias e mecanismos de composição, que se mostra consistente e provoca, com isso, determinados efeitos no leitor.

Nessa perspectiva, levando em conta o critério da adequação do estilo (lat. *stilus* “haste pontiaguda” - usada para escrever -, em sentido primeiro, e, em retórica, “exercício de composição”, sinônimo de *scriptio*, *scriptura*),⁸⁹ comumente empregado em exercícios e estudos retóricos da Antiguidade (variando entre *stilus grauis*, *mediocris* ou *humilis*),⁹⁰ procuramos observar até que ponto aspectos da escrita de Higino seriam pertinentes, por exemplo, aos gêneros em que escreve e, sobretudo, à função didática de seu texto.

Embora nossa reflexão sobre estilo seja ainda incipiente, podemos afirmar, no entanto, que nossa abordagem tende a não considerar a perspectiva organicista, expressiva no século XIX, em que a relação entre a palavra e o texto tinha por referência um viés biográfico.⁹¹ Esse ponto de vista, como vimos, já foi adotado por alguns estudiosos das *Fabulae*, e contribuiu, por exemplo, com a recepção depreciativa da obra.

⁸⁹ Cf. OLD (entrada para verbete *Stilus*, sentido 1a e 4b); Ernout e Meillet (entrada para verbete *stilus*).

⁹⁰ Cf. Metzler (2004, entrada para o verbete *Stil*).

⁹¹ Segundo Middleton Murry: “style organic – not the clothes a man wears, but the flesh and bone of his body” (citado por Preminger e Brogan, 1993, entrada para o verbete *Style*). Para perspectiva histórica do conceito, cf. também verbetes, *Stil* no dicionário Metzler, 2004; e Plath, *Style* em *Der Neue Pauly* (via Brill Online, 2012).

CAPÍTULO I – LEITURA DO PRIMEIRO CICLO MITOLÓGICO

It would be better to admit what seems patently obvious, that our constructions of antiquity are affected by modern stories: and therefore that traces of those theories will be left in ancient texts as we read them, and will alter our readings.

Don Fowler, *On the Shoulders of Giants* (p. 122).

O texto de Higino tem servido de paralelo em estudos sobre outras narrativas mitológicas da Antiguidade. Levando em conta narrativas produzidas no período augustano, referências às *Fabulae* se fazem notar no índice de edições de poemas de um Virgílio e de um Ovídio, por exemplo, para citar apenas alguns dos autores que tratam mais extensa ou centralmente de mitologia.⁹² Com mais precisão podemos afirmar que no século XII Higino servia como fonte de notação e estudo de obras da Antiguidade greco-latina. Por exemplo, tanto as *Fábulas* como *Astronomia* (obra também atribuída a Higino) foram utilizados por Arnulfo Rufo (séc. XII), professor de línguas clássicas em Orleans, em seu estudo dos *Fastos* de Ovídio.⁹³

Invariavelmente, a referência a Higino tende a ser tomada como mera corroboração ou contraponto em termos de matéria do episódio mitológico que os poetas latinos desenvolvem de maneira mais elaborada. Eventualmente, a forma do texto higiniano é evocada para precisamente realçar o estilo do texto poético do autor a que serve de paralelo.

Acreditamos, no entanto, que tal cotejo, mas no sentido inverso, pode-nos ser útil para ressaltar, no texto que apreciamos, características que se mostrem próprias a ele. Desse modo, este capítulo é dedicado à apreciação do que consideramos o primeiro ciclo das *Fabulae*, a fim de aguçar o olhar sobre seu texto. Aqui procederemos também a uma breve comparação do texto em apreço com outros que tratam dos mitos ali referidos. Para tanto, dentre as obras antigas remanescentes, preferimos tratar mais diretamente de um texto escrito na mesma língua que a das *Fabulae* e, desse modo, elegemos poemas de Públio Ovídio Nasão, nomeadamente, excertos das *Metamorfoses* e dos *Fastos*.

⁹² Por exemplo, cf. nota de Murgatroyd ao verso 489 do livro sexto dos *Fastos* de Ovídio: “‘through madness, Athamas killed his son with arrows while hinting’ (Hyginus, *Fabulae* 5), so perhaps the furies made him see Learchus as a deer”. Cf. Murgatroyd (2005, p. 146).

⁹³ Contudo, tal obra não viria a ser publicada, restando apenas alguns fragmentos presentes em F. Ghsalberti, “Arnolfo d’Orléans: un cultore di Ovidio nel secolo XII”. Cf. Expósito (2008, p. 24).

A escolha desse poeta latino teve várias motivações. Uma delas é sem dúvida o papel que a obra de Ovídio tem na transmissão da mitologia greco-romana, ainda que hoje esse papel não seja tão proeminente quanto até o século XVIII.⁹⁴

Um segundo motivo leva em conta o estado da questão: trata-se da disponibilidade de estudos sobre o estilo de Ovídio, notoriamente revalorizado a partir de meados de século XX. Consideramos que tais pesquisas, ao evidenciarem determinadas características ovidianas, podem nos apontar elementos a serem observados quando da apreciação do texto do próprio Higino.

Outro motivo, e talvez o mais relevante para a pesquisa, é o fato de que uma comparação entre Ovídio e Higino simplesmente já se faz notar, ainda que subrepticamente, por exemplo, quando da evocação dos referidos paralelos às obras ovidianas. Acreditamos que, em parte dos estudiosos, tais paralelos possam mesmo ter o pressuposto de que Higino fosse o liberto de Augusto, i.e. alguém que teria relações pessoais ou poéticas com Ovídio (quer o amigo a quem se dedica o poema dos *Tristia*, quer a *persona* do inimigo contra quem Ovídio tenha escrito seu *Ibis*). Mas, devido a tantos fatores duvidosos – sobretudo quanto à autoria e data – expostos na introdução a este estudo, não teremos aqui a coetaneidade de Higino e Ovídio como um pressuposto.

Mais concretamente: ao comparar o texto de Higino como o de Ovídio, não temos como premissa que nem sequer um deles conhecesse o texto do outro – no entanto, na fábula CLXXXIII (não constante de nosso *corpus*), indica-se que Higino conhece poemas de Ovídio: CLXXXIII.3 *Equorum solis et horarum nomina* (*Os nomes dos cavalos de Sol e das Horas*): *item quos Homerus tradit [...]. Item quos Ovidius* “[...] do mesmo modo, os [nomes] que transmite Homero [...] e os de Ovídio”. De toda forma, na falta de uma datação precisa nossa intenção não é provar necessariamente que haja marcas alusivas do texto das *Fabulae* remetendo aos poemas ovidianos ou vice-versa, mas é precisamente *verificar o que pode ser observado* a partir do cotejo e, eventualmente, deduzido de um diálogo (possivelmente anacrônico) entre os textos, um diálogo que é possibilitado pelo olhar de um leitor que conheça a ambos. Nesse sentido – ao centrar-se na perspectiva do leitor e ao admitir possíveis anacronismos na comparação – é que nossa abordagem, um

⁹⁴ Sobre as *Metamorfoses* como a referência determinante no que concerne ao conhecimento sobre mitologia grega e romana até o século XVIII, e, inclusive, em relação à definição de mito adotada até então, cf. Graf (2002, p. 108).

exercício de leitura, se vale de um espaço aberto pelas teorias intertextuais, como a que, há tantos anos, expõe Don Fowler em seu brilhante artigo da revista *Materiali e Discussioni* (1997).⁹⁵

Ciclo I – Cadmo e as Cadmeides

A matéria do mito

As seis primeiras fábulas da obra de Higino em apreço constituem o que chamamos, na esteira de Boriaud (1997, p. xxviii), de o primeiro ciclo da obra.⁹⁶ Trata-se das seguintes fábulas: I. *Temisto*, II. *Ino*, III. *Frixa*, IV. *Ino de Eurípides*, V. *Atamante* e VI. *Cadmo*. Como se pode perceber pelos títulos mencionados, o primeiro ciclo envolve os mitos do rei Atamante e de Cadmo, um de seus sogros.

Quanto a este ciclo, diversos aspectos mitológicos apresentados nas breves narrativas da obra higiniana são referidos em diversos autores gregos e romanos.⁹⁷ Dentre os gregos, destaca-se, entre outros, Apolodoro (sobretudo no primeiro e terceiro livros da *Biblioteca*)⁹⁸.⁹⁹ Dos latinos, prevalecem os *Fastos* e as *Metamorfoses*¹⁰⁰ de Ovídio.¹⁰¹

A seguir, veremos mais de perto semelhanças e variações em termos de matéria narrativa no relato dos mitos.

⁹⁵ Sobre tais aspectos relacionados à epistemologia da intertextualidade, bem como seus limites, cf. ainda Cardoso (2009); Vasconcellos (2011). Sobre teoria da recepção em filologia clássica, cf. P. J. Schwindt, verbete “Classical Philology”, *Der Neue Pauly* (via *Brill Online*).

⁹⁶ Como comentamos na Introdução, para Hoyo e Ruiz (2009, p. 16-18) as primeiras seis fábulas também constituem uma subunidade na obra (o mito de Atamante e de Cadmo), mas fazem parte de um ciclo mais amplo: “o ciclo tebano”, que trata de Cadmo e seus descendentes (compreendendo as onze primeiras fábulas).

⁹⁷ Na identificação de fontes antigas para os mitos, valemo-nos das edições comentadas consultadas, bem como de dicionários de mitologia, com destaque a Grimal (2008) e a versão eletrônica de Smith (1867).

⁹⁸ O mito de Atamante é narrado, sobretudo, no livro I. 9 da *Biblioteca*; a história de Cadmo, por sua vez, é narrada no livro III. 4.

⁹⁹ Para o mito de Atamante, Grimal (2008, *Atamante*) indica, além de Apolodoro, os seguintes textos gregos: algumas tragédias perdidas, como a de Ésquilo, *Atamante*; de Eurípides, *Frixa* e *Ino*; de Sófocles, *Atamante*; os textos de Diodoro Sículo; Pausânias; e Estrabão; além de escólios à *Ilíada* e a Apolônio de Rodas, *Arg.* III.

¹⁰⁰ Os livros em que se narra a história de Atamante são *Fast.* III e VI. Já nas *Metamorfoses*, o mito de Cadmo é narrado mais detalhadamente no livro IV, como veremos adiante. Grimal (2008, *Atamante*) se refere ainda a outros livros das *Metamorfoses* (*Met.* IV, 481-542; XI, 195 *et sq.*) e a *Fastos* II, 628 *et sq.* e III, 853 *et sq.*

¹⁰¹ Dentre os textos latinos, Grimal cita ainda comentário de Sérvio a *Geórgicas* I, 219.

A primeira fábula de Higino apresenta Temisto como a primeira esposa de Atamante e que elabora um ardil para matar os filhos que ele tivera com Ino (ali tomada como a segunda esposa dele):

*Athamas Aeoli filius habuit ex Nebula uxore filium Phrixum et filiam Hellen, et ex Themisto Hypsei filia filios duos, Sphincium et Orchomenum, et ex Ino Cadmi filia filios duos, Learchum et Melicerten. 2. **Themisto, quod se Ino coniugio priuasset, filios eius interficere uoluit; itaque in regia latuit clam et occasione nacta, cum putaret se inimicae natos interfecisse, suos imprudens occidit, a nutrice decepta quod eis uestem perperam iniecerat. Themisto cognita re ipsa se interfecit.***
(Hyg. *Fab.* I, grifo nosso)

Atamante, filho de Éolo, teve com sua esposa Nébulas o filho Fríxo e a filha Hele; e de Temisto, filha de Hipseu, dois filhos: Esfíquio e Orcômeno; e de Ino, filha de Cadmo, dois filhos: Learco e Melicerta. 2. **Temisto, uma vez que Ino havia impedido seu casamento, tentou assassinar os filhos dela;** assim, escondeu-se no palácio e, tendo encontrado a oportunidade, quando pensava ter assassinado os filhos da inimiga, matou os seus sem o saber, enganada por uma nutriz que tinha lançado a veste errada sobre eles. Revelada a situação, Temisto se matou.¹⁰²

Estudiosos como Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009) sugerem que o mito provenha de uma tragédia de Eurípedes, *Ino* – à qual hoje se tem acesso somente por fragmentos (*Tragicorum Graecorum Fragmenta*, Nauck, 1889, pp. 482 ss.).¹⁰³ Mas não se sabe se a fonte da referida fábula e da tragédia seria a mesma. Isso porque o relato da primeira fábula difere da versão que Higino apresenta como sendo embasada na peça perdida de Eurípedes, a fábula IV higiniana, cujo título é precisamente *Ino de Eurípedes* (*Ino Euripidis*).

Em relação à fábula I, a de número quatro apresenta, a nosso ver, duas diferenças: nesta, Ino é claramente a primeira esposa de Atamante; e, além disso, Temisto a tomará como cúmplice, acreditando tratar-se de uma escrava (ao passo que na fábula I Temisto, como vimos, se vale da ajuda de uma nutriz). Vejamos esses aspectos no texto da fábula IV:

¹⁰² Salvo outra indicação, as traduções do texto das *Fábulas* de Higino são de nossa autoria.

¹⁰³ Cf. Boriaud (1997, p. 12 nota I.1) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 75 nota 67). O estudioso francês comenta, em nota: “Dans sa tragédie perdue, *Phrixos*, Euripide évoquait le mariage d’Athamas et de Néphélée (*Nebula* chez Hygin) mais c’est d’une autre de ses pièces, *Ino*, que la fable I suit la trame”.

*Athamas in Thessalia rex cum Inonem uxorem, ex qua duos filios <susceperat>, perisse putaret, duxit nymphae filiam Themistonem uxorem; ex ea geminos filios procreavit. 2. postea rescit Inonem in Parnaso esse, quam bacchationis causa eo peruenisse; misit qui eam adducerent; quam adductam celauit. 3. rescit Themisto eam inuentam esse, sed quae esset nesciebat. coepit uelle filios eius necare; **rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit**, et ei dixit ut filios suos candidis uestimentis operiret, Inonis filios nigris. 4. Ino suos candidis, Themistonis pullis operuit; tunc Themisto decepta suos filios occidit; id ubi rescit, ipsa se necauit. 5. Athamas autem in uenatione per insaniam Learchum maiorem filium suum interfecit; at Ino cum minore filio Melicerte in mare se deiecit et dea est facta. (Fab. IV, grifo nosso)*

Atamante, rei na Tessália, **pensando que sua esposa Ino, de quem <tivera> dois filhos, tinha morrido, desposou Temisto, filha de uma ninfa**; e dela teve dois filhos. 2. Depois disso, soube que Ino estava em Parnaso, e que ali tinha chegado tendo em vista as festas báquicas; enviou alguns homens para que a trouxessem a si; e, uma vez trazida, escondeu-a. 3. Temisto soube que uma moça havia sido encontrada, mas não sabia quem era. Passou a intencionar matar os filhos dela; **tomou a própria Ino, que ela acreditava ser uma escrava, como cúmplice em seu intento**, e disse a ela que cobrisse seus filhos com roupas brancas, e os filhos de Ino, com negras. 4. Ino cobriu os seus com as roupas brancas, e os de Temisto com as escuras; então Temisto, enganada, matou seus próprios filhos; quando soube disso, tirou a própria vida. 5. Atamante, porém, tomado de loucura, assassinou seu filho mais velho, Learco, em uma caçada; mas Ino se lançou ao mar, junto com seu filho mais novo, Melicerte, e foi transformada em uma deusa.

Alguns estudiosos, como Expósito (2008, p. 45 nota 50) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 75 nota 68), consideram a nutriz citada no texto higiniano como sendo a própria Ino. No entanto, para tal interpretação da fábula I, Hoyo e Ruiz se baseiam no conteúdo da fábula IV: “Se trata de la propia Ino, camuflada bajo la apariencia de una esclava, tal como lo cuenta Higino em *fab. IV*”. Em nosso entender, tal correspondência (que tem como pressuposto uma necessária complementaridade entre as fábulas) não está tão claramente afirmada no texto latino. Pode-se pensar, por exemplo, que Higino se valeria de versões diferentes, disponíveis na tradição, em suas diferentes fábulas.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Como ocorre, por exemplo, em relação às fábulas CXII.4 *Prouocantes inter se qui quo dimicarunt* (Aqueles que desafiaram entre si e com quem combateram), em que lemos *Antilochus cum Memnone, Antilochus occiditur* “Antíloco contra Mêmnon, Antíloco foi morto” e CXIII. *Nobilem quem quis occidit* (Quem matou qual nobre), em que lemos *Hector Protesilaum, idem Antilochum* “Heitor [matou] Protesilau, e

Nos manuais de mitologia consultados, não há referências a autores latinos que tenham tratado do mito de Temisto mais diretamente.¹⁰⁵ Grimal (2008) indica como as fontes a que temos acesso sobre a personagem os escólios às *Píticas* de Píndaro (*Pit.* IX, 31); o *Comentário a Lícófron*, do gramático de Constantinopla Johannes Tzetzes (*Com. a Lic.* 22)¹⁰⁶ e Apolodoro (*Biblioteca* I. 9. 2).¹⁰⁷

Dos autores latinos que vimos consultando com o fim de comparar seus textos com os de Higino,¹⁰⁸ em nenhuma obra se narra o mito que envolve Temisto e Ino. Das obras gregas, tivemos acesso ao texto de Apolodoro que privilegia outros aspectos do mito que envolve as personagens. Esse texto apenas se refere ao matrimônio entre Temisto e Atamante: expulso da Beócia após assassinar Learco, Atamante se instala em um território que ele mesmo passou a denominar “Atamantia”, onde se casa com Temisto e tem com ela quatro filhos – Leucón, Erítio, Esqueneu e Ptoó.

Da obra de Eurípedes, como dissemos anteriormente, foram legados apenas alguns fragmentos. Segundo Hoyo e Ruiz (2009), dois editores das *Fabulae* (Conrad Bursian – 1866; e Mauricius Schmidt – 1872) acreditam que a inclusão dessa fábula seja posterior à composição original das *Fabulae*, ao passo que para Rose (1933) ela seria autêntica, mas não em todo o seu conteúdo.¹⁰⁹

Em sua segunda edição das *Fabulae*, Rose (1963) chega a sugerir que as fábulas I e II poderiam ser uma única, sobretudo se retiradas as referências a Temisto:

Não sei se não é possível depreender destes capítulos indícios de uma narrativa contínua, ainda não desmembrada em capítulos. Pois, em I, caso se retirem todas as referências a Temisto, as demais não se unem entre si iniquamente; uma vez que o autor teria narrado, seguidamente, toda a fábula desde o casamento de Néfele até a fuga de Ino. Isso me leva a crer

também Antíloco”. Tais fábulas claramente apresentam versões distintas sobre uma mesma personagem, indicando diferentes fontes de Higino. Cf. ainda a seguir no capítulo III.

¹⁰⁵ Isso não significa necessariamente que autores latinos não tenham tratado do mito. Haja vista, por exemplo, que Grimal não cita o próprio Higino dentre as fontes para o mito de Temisto (verbetes *Temisto*). Consultamos o verbete *Themisto* em Smith (1867c), e buscamos o termo na base on-line da Biblioteca Teubneriana. O *ThLL* ainda não alcançou a letra “t”. Já no *OLD*, não há a entrada para o verbete nas edições a que tivemos acesso, mas está presente na versão ampliada e corrigida de 2000, mencionando Higino como fonte para o mito (agradecemos novamente ao Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos pela observação durante nosso exame de qualificação). Procuramos também consultar a base de dados *Phi*, que nos indicou apenas Higino como fonte para o mito que envolve a personagem.

¹⁰⁶ Sobre Johannes Tzetzes, cf. Eleuteri, “Tzetzes”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*, 2012).

¹⁰⁷ Cf. Grimal (2008, *Temisto*).

¹⁰⁸ Como, por exemplo, Virgílio e Ovídio.

¹⁰⁹ Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 79 nota 85).

que ele não contou de modo diferente da maneira narrada encontrada entre outros autores; pois, segundo Eurípides, Ino foi a primeira esposa de Atamante, e Temisto a segunda.¹¹⁰

Passamos, então, à leitura da fábula II de Higino, que trata mais especificamente de Ino. Nessa segunda fábula, é ela quem elabora um ardil para matar os filhos de outra esposa de Atamante, Nébula:

Ino Cadmi et Harmoniae filia, cum Phrixum et Hellen ex Nebula natos interficere uoluisset, init consilium cum totius generis matronis et coniuravit ut fruges in sementem quas darent, torrerent, ne nascerentur; ita ut, cum sterilitas et penuria frugum esset, ciuitas tota partim fame, partim morbo interiret. 2. De ea re Delphos mittit Athamas satellitem, cui Ino praecepit ut falsum responsum ita referret: si Phrixum immolasset Ioui, pestilentiae fore finem. Quod cum Athamas se facturum abnuisset, Phrixus ultro ac libens pollicetur se unum ciuitatem aerumna liberaturum. 3. Itaque cum ad aram cum infulis esset adductus et pater Iouem comprecari uellet, satellites misericordia adulescentis Inus Athamanti consilium patefecit. Rex facinore cognito, uxorem suam Ino et filium eius Melicerten Phrixo dedit necandos. 4. Quos cum ad supplicium duceret, Liber pater ei caliginem iniecit, et Ino suam nutricem eripuit. Athamas postea, ab Iunone insania obiecta, Learchum filium interfecit. 5. At Ino cum Melicerte filio suo in mare se praecipitauit; quam Liber Leucotheam uoluit appellari, nos Matrem Matutam dicimus, Melicerten autem deum Palaemonem, quem nos Portunum dicimus. Huic quinto quoque anno ludi gymnici fiunt, qui appellantur Ἰσθμια. (Hyg. Fab. II).

Ino, filha de Cadmo e de Harmônia, como desejava matar Frixo e Hele, filhos de Nébula, deu início a um plano junto com matronas de todo tipo e conspirou no sentido de que elas torrassem os grãos que dessem para a semeadura, a fim de que não nascessem. Dessa forma, quando os grãos estivessem estéreis e escassos, toda a cidade pereceria em parte pela fome, em parte por doença. 2. Por esse motivo, Atamante enviou a Delfos um guarda, a quem Ino, antes, instruiu que trouxesse de volta uma falsa resposta, nos seguintes termos: se Atamante sacrificasse Frixo a Júpiter, a pestilência haveria de chegar ao fim. Como ele se negou a realizar o sacrifício, Frixo, de livre e espontânea vontade se compromete a, sozinho, livrar a cidade do sofrimento. 3. Assim, com ele sendo conduzido com ínfulas ao altar, e seu pai se dispondo a fazer súplicas a Júpiter, o guarda, por misericórdia ao jovem, revelou a Atamante o plano de Ino. Conhecido o crime, o rei entregou a Frixo sua esposa Ino e Melicerta, o

¹¹⁰ *Nescio an his capitibus uestigia deprehendere liceat narrationis perpetuae necdum in capita dissectae. Nam si in I omnia quae ad Themisto spectant amoueris, cetera non male inter se cohaerent; scriptor enim totam fabulam a Nepheles nuptiis ad fugam Inus uno tenore narrauerit. Tum dixisse eum haud inuitus crediderim rem se inuenisse aliter apud alios auctores narratam; nam secundum Euripidem priorem Athamantis uxorem fuisse Ino, alteram Themisto. Cf. Rose (1963, p. 5-6 nota I).*

filho dela, para serem mortos. 4. Quando os conduzia ao sacrifício, o pai Líber lançou uma caligem sobre ele e libertou sua nutriz Ino. Em seguida, Atamante, devido à loucura lançada por Juno, matou o filho Learco. 5. Ino, por sua vez, atirou-se ao mar junto com seu filho Melicerta. Líber quis nomeá-la “Leucótea”, ao passo que nós dizemos “Mãe Manhã”, e a Melicerta, ele chamou deus “Palémon”, e nós “Portuno”. Em homenagem a ele, a cada quinto ano celebram-se jogos ginásticos, que são chamados Ístmicos.

Em narrativa um pouco mais extensa do que a das fábulas que acabávamos de ler, Higino condensa diversas informações acerca do episódio mitológico relatado. Trata-se de três iniciativas tomadas por Ino (que reúne as demais esposas, conjura para que torrem as sementes, suborna o mensageiro para que ele deturpe o oráculo); da reação do rei Atamante (recusando-se a cumpri-lo); da disposição de Frixo em se sacrificar pela cidade; da confissão do mensageiro e reação do rei contra Ino; da intervenção divina de Líber a favor dela; a fuga de Ino; mais uma intervenção divina: desta vez Juno contra Atamante e o filho deste, Learco; a fuga de Ino e seu filho. Vemos ainda, ao final dessa fábula de Higino, uma preocupação com a nomenclatura (grega e romana) dos deuses e com a etiologia dos jogos Ístmicos (apresentada como homenagem ao filho de Ino).

Como nas fábulas anteriores, temos o seguinte núcleo narrativo: um ardil feminino, com intuito assassino dirigido aos filhos do marido (*interficere*, *Fab. II*; cf. *interficere*, *interfecisse*, *occidit*, *interfecit*, *Fab. I*; *occidit*, *interfecit*, *Fab. IV*), cuja descoberta se dá a certo momento (*facinore cognito*, *Fab. II*, cf. *cognita re*, *Fab. I*; ; *id ubi rescit*, *Fab. IV*), gerando reações adversas (a quem elaborava trama e/ou aos demais).

Trata-se na fábula II, segundo Fernaz (1997),¹¹¹ de um argumento singular, no sentido de que Higino seria a única fonte antiga remanescente que enfoca este aspecto do mito. No entanto, o episódio, de modo geral, é abordado também pelo poeta Ovídio em alguns excertos que a seguir leremos: o terceiro e sexto livro dos *Fastos* (III. 851-876; *Fastos VI*. 473-562), e no quarto livro das *Metamorfoses* (VI. 512-542; 563-603).¹¹²

¹¹¹ Cf. Fernaz (1997, p. 215 nota 25). Rose (1963, p. 7 nota II) sugere que o argumento da fábula estaria baseada em alguma tragédia hoje perdida: *equidem libenter crediderim hanc fabulae formam tragoedorum alicui deberi; certe tragoediae optimam materiam praebet* “de fato, tendo a acreditar que nesta fábula está contida o argumento de alguma tragédia; certamente oferece uma ótima matéria para uma tragédia”.

¹¹² Como indicado na apresentação, a fim de facilitar a apreciação de nossa leitura, reproduzimos no Anexo 1 os versos corridos do texto latino dos *Fastos* e das *Metamorfoses*, acompanhados das traduções de, respectivamente, António Feliciano de Castilho (1960) e Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (2010,

Ino e seus ardis: Higino *versus* Ovídio

No poema d'*Os Fastos*, o ardil de Ino contra Nébulas é contado no livro que fala das festas do mês de março, dedicado ao deus da guerra. Ali, como em Higino, Ino torra os grãos para que as sementes não nasçam e corrompe o mensageiro que foi enviado a Delfos, para que ele anunciasse a Atamante que Hele e Frixo deveriam ser sacrificados em prol do fim da escassez. Observemos como se dá a narrativa:

*seminibus tostis sceleratae fraude novercae
sustulerat nullas, ut solet, herba comas.
mittitur ad tripodas, certa qui sorte reportet, 855
quam sterili terrae Delphicus edat opem.
hic quoque corruptus cum semine nuntiat Helles
et iuvenis Phrixi funera sorte peti;
utque recusantem cives et tempus et Ino
compulerunt regem iussa nefanda pati. 860
(Ov. *Fast.* III. 853-860)*

Com as sementes tostadas devido ao logro da madrasta criminosa, da planta não brotara nenhuma folhagem costumeira. É enviado às trípodas uma pessoa que traga o recurso que, por meio de um oráculo seguro, o délfico prescrevesse contra a terra estéril. Ele, corrompido junto com as sementes, anuncia, como oráculo, a morte de Hele e do jovem Frixo. Como o rei se recusava a cumpri-lo, o povo, a situação e Ino o constringem a acatar nefasta ordem.
(Tradução nossa)

Observemos, no entanto, algumas diferenças entre os textos de Higino e Ovídio, primeiramente no que diz respeito à matéria mitológica e, em seguida, ao modo como ela é apresentada.

Nas *Fabulae*, o falso oráculo apenas pede pela morte de Frixo, ao passo que na narrativa ovidiana ambos os filhos de Nébulas são requisitados. Tal aspecto será mesmo ressaltado na narrativa dos *Fastos*:

Et soror et Phrixus, uelati tempora uittis, 861
Stant simul ante aras iunctaque fata gemunt.
Aspiciit hos, ut forte pependerit aethere, mater
Et ferit attonita pectora nuda manu
 (Ov. *Fast.* III. 861- 864, grifo nosso)

Não somente [et] a irmã, como também [et] Frixo, com as têmporas veladas por fitas, prostram-se de pé, **juntos** [simul], ante as aras e gemem sua sorte **conjunta** [iuncta]. Vê-**los** [hos], quando por acaso pairava no ar, a mãe, e fere, atônita, com a mão, o peito nu.
 (Tradução nossa)

Já na narrativa de Higino, o caráter solitário contribui para caracterizar a iniciativa de Frixo como heroica:

Quod cum Athamas se facturum abnuisset, Phrixus ultro ac libens pollicetur se unum ciuitatem aerumna liberaturum
 (Hyg. *Fab.* II. 2, grifo nosso)

Frixo, **de livre e espontânea vontade**, compromete-se a, **sozinho**, livrar a cidade do sofrimento.

Esse aspecto é mais um contraste entre a fábula II e o texto que vimos de Ovídio: o poema, ao enfatizar a perspectiva e emoção da mãe das iminentes vítimas, certamente favorece o efeito patético, e não tão heroico, das vítimas de Ino.

Isso porque, nos *Fastos*, Atamante é constrangido – pelo povo, pela situação e por Ino – a realizar o sacrifício (*cives et tempus et Ino/ compulerunt regem iussa nefanda pati*, *Fast.* III. 859-860); já em Higino, o fato de que o rei se negava a realizá-lo é que abre espaço para o jovem Frixo se oferecer como voluntário para livrar a cidade do sofrimento (*quod cum Athamas se facturum abnuisset, Phrixus ultro ac libens pollicetur se unum ciuitatem aerumna liberaturum*, *Fab.* II. 2).

O efeito patético na passagem dos *Fastos* é ressaltado por Paul Murgatroyd (2005), que atenta para o modo como o poema ovidiano tende a suscitar no leitor reações de simpatia ou antipatia por determinados personagens.¹¹³ Os versos 859 a 861 despertariam a

¹¹³ “A standard technique is the use of aperture to influence the reader’s attitude and colour his/her reactions. Ovid often indicates to us at the outset that his story is worth reading (intimating that it is interesting, amusing etc. and concerns important persons and events) and brings out clearly for us its emotional impact (pathos, horror and so on) to prepare us for what follows. His openings frequently encourage in the reader a particular interpretation of people’s motivation, actions and roles (whether in the initial lines themselves or in subsequent ones). Ovid is particularly fond of manipulating us by building sympathy or antipathy towards

compaixão tanto por Atamante quanto por Frixo e Hele, ao passo que uma formulação como a do verso 853 (*sceleratae... novercae*) incitaria o ódio à personagem Ino.¹¹⁴

Atentar para a esse ponto da versão ovidiana nos faz notar que, na fábula II de Higino, prefere-se a identificação do nome da personagem (seis vezes ao longo dessa fábula; e, na primeira vez, acompanhada da informação sobre sua ascendência). No texto higiniano, é o leitor quem deduzirá a qualificação da personagem, ao se confrontar com o elenco dos atos por ela engendrados.¹¹⁵

Quanto à atuação de Ino propriamente dita, duas das informações explícitas no texto de Higino aparecem veladas no texto ovidiano: o fato de Ino ter torrado os grãos e o modo como ela o fez. No poema, não é evidenciado se ela torrara os grãos sozinha, ou se conspirara junto às demais matronas. Já em Higino, conforme vimos, explicita-se, por meio de uma sequência de verbos conjugados e concatenados, o modo como age a personagem Ino. Observemos mais de perto a forma como o texto dessa fábula é construído:

Ino Cadmi et Harmoniae filia, cum Phrixum et Hellen ex Nebula natos interficere uoluisset, init consilium cum totius generis matronis et coniuravit ut fruges in sementem quas darent, torrerent, ne nascerentur. (Hyg. *Fab.* II.1, grifo nosso)

Ino, filha de Cadmo e de Harmônia, como **desejava** matar Frixo e Hele, filhos de Nébulas, **deu início** a um plano junto com matronas de todo tipo e **conspirou** no sentido de que elas **torrassem** os grãos que **dessem** para a semeadura, **a fim de que não nascessem**.

É notável a preferência por forma verbal, conjugada, de *torrere* (*fruges in sementem quas darent, torrent*, *Fab.* II. 1) no texto de Higino. Já em Ovídio, a referência às sementes tostadas se faz através do ablativo absoluto (composto de substantivo e de um particípio,

characters, so that we get involved with them, want to see them succeed or lose and are really affected by their fortunes and the tale's happy or unhappy ending." Cf. Murgatroyd (2005, p. 219). Agradecemos a Raquel Faustino pela indicação bibliográfica.

¹¹⁴ "So at 3.853ff. we are incited to hate Ino, who is even prepared to bring about a famine and be guilty of impiety to get at her stepchildren: she causes the crops to fail, sends a messenger to Delphi to get an oracle about the problem, bribes the messenger to say that the deaths of her stepchildren were demanded by the oracle and joins the citizens in forcing her husband (the king) to kill his own children. At the same time one is meant to feel sorry for the reluctant (859) father under so much pressure and especially for the innocent youngsters, about to die together and groaning over their shared fate (861f)." Cf. Murgatroyd (2005, p. 222).

¹¹⁵ Sobre esse aparente apagamento das características psicológicas dos personagens no texto das *Fabulae*, trataremos no capítulo II "A presença da *Odisseia* de Homero em Higino".

seminibus tostis, *Fast.* III. 853), construção sintética que, ao omitir o agente, dá maior realce às **consequências** da ação da Ino.

Na narrativa higiana, há uma abrupta sequência de verbos no modo subordinado (em orações adverbiais finais). Tal série de verbos (*ut... quas darent, torrerent, ne nascerentur*), tem como efeito também destacar a intenção de Ino, e, ao mesmo tempo, evidenciar sua ação.

No cotejo ainda entre a fábula II e o episódio do terceiro livro dos *Fastos*, chama atenção a diferença quanto aos desfechos respectivos. Lembremos que, em Higino, em pleno ritual de sacrifício, o mensageiro se arrepende, por misericórdia pelo jovem, denunciando o crime e a mandante (*Itaque cum ad aram cum infulis esset adductus et pater louem comprecari uellet, satellites misericordia adulescentis Inus Athamanti consilium patefeciti*, *Fab.* II. 3, grifo nosso). Mas nos *Fastos*, não há a misericórdia do mensageiro: é a mãe quem desce subitamente à cena, e tenta salvar seus filhos:

Inque draconigenam nimbis comitantibus urbem 865
Desilit, et natos eripit inde suos.
Vtque fugam capiant, aries nitidissimus auro
Traditur; ille uehit per freta longa duos.
(Ov. *Fast.* III. 865-868)

A tradução de António Feliciano de Castilho acentua o elevado caráter emocional da intervenção materna:

A mãe, que neste lance anda pairando
Lá nos altos do ar, os vê, delira;
Fere o peito; de chofre, envolta em nuvens,
Descende à draconígena cidade,
Rouba-lhe os filhos seus; para que fujam
Lhes entrega aurifúlgido carneiro;
Leva-os ele através das vastas ondas.

Em Higino, vimos também duas intervenções de deuses *ex machina*: a primeira se dá quando, mediante à confissão do mensageiro, o rei entrega a Frixo (que novamente se destaca), Ino e Melicerta para serem sacrificados. O ato é interrompido, dessa vez pelo deus Líber. A segunda intervenção divina, a loucura que Juno lança sobre Atamante, causa o assassinio de outro filho deste, Learco.

A narrativa de fuga em Ovídio é mais fluente (pois a mesma personagem vem e providencia os meios para o escape)¹¹⁶ e, em certos momentos, mais descritiva: o leitor pode ver o chifre (*cornu*), bem como o movimento da mão esquerda (*sinistra*) de Hele segurando e deixando-o escapar. Às vezes o texto privilegia a forma elíptica, quando não menciona a queda, nem a morte, mas alude ao antropônimo (Helesponto)¹¹⁷ como resultado de ambos: *Dicitur infirma cornu tenuisse sinistra/ Femina, cum de se nomina fecit aquae*, literalmente: “Diz-se que a mulher segurou com mão não firme, quando fez, de si, o nome para a água.” (tradução nossa e grifo nossos). Aqui Castilho é menos alusivo que Ovídio:

De Heles a esquerda mão mal firme às pontas
Desfalece, despega-se; precipite
Cai a mísera, afunda-se no pego,
Desde então Helesponto apelidado.
(Trad. de António Feliciano de Castilho, grifo nosso)

Ovídio enfatiza o perigo, ao apontar a eminência do segundo desastre, bem como o desconhecimento humano quanto aos desígnios divinos:

*Paene simul periit, dum uolt succurrere lapsae,
Frater et extentas porrigit usque manus.
Flebat, ut amissa gemini consorte pericli,
Caeruleo iunctam nescius esse deo.
Litoribus tactis aries fit sidus; at huius
Peruenit in Colchas aurea lana domos.* 875
(Ov. *Fast.* III. 871-876)

O irmão, que inda lidou para acudir-lhe,
Ia tendo igual sorte. As mãos estende,
Chora, crendo afogada a companheira
Dos infortúnios seus; inda não sabe

¹¹⁶ Sobre a gradação na narrativa da passagem ovidiana, Murgatroyd (2005, p. 10-11) comenta: “The story of Phrixus and Helle at 3.853ff. contains a diminuendo close itself: after all the hatred aroused for their stepmother (Ino, the wicked queen who tries to kill them) and pity for them and their father, there is relief when the children finally escape (thanks to the intervention of their divine mother, who gives them a golden ram to transport them to Colchis), Helle after falling off the animal into the sea does not drown but enters on a union with a sea god, and Phrixus makes it safely to olchis. That diminuendo within the narrative is picked up and continued by the low-key and somewhat pedestrian 877ff.”

¹¹⁷ *Hellespontum*: hoje corresponde a Dardanelos, ao noroeste da Turquia, estreito que liga o mar Egeu e o mar da Mármara. Cf. Smith (1932, *Hellespontus*); Hoyo e Ruiz (2009, p. 78 nota 80). A etimologia do nome do Helesponto é citada por vários poetas, como Ov. *Ep.* XVIII. 141-142 e *Fast.* III. 869.870, Prop. II. 5-8 e Apol. *Bibl.* I. 9. 1. Cf. Smith (1867b, *Helle*); Grimal (2008, *Hele*).

Que o deus do campo azul a quis por sua.
Já na praia aportou. Sobre às estrelas
O carneiro, astro novo; mas o velo
Grenha de ouro, é mandado à régia Colchos.
(Trad. de António Feliciano de Castilho)

Na fábula II de Higino, a menção de uma dupla intervenção parece quebrar, de certo modo, o fluxo da narrativa da fuga. Quem foge, de todo modo, não são os filhos de Atamante e sim a própria ardilosa Ino (nutriz de Líber) e seu filho. Ambos se atiram ao mar e, subitamente, Higino nos traz de volta ao mundo das notas e dos nomes, à comparação entre o modo como (segundo Líber) se deveriam chamar ambos os personagens mitológicos, em grego (Ino/Leucótea; Melicerta/Palémon) e em latim (*Mater Matuta; Portuno*). Higino nos traz, ainda, a etimologia – outro interesse em comum com o poema ovidiano sobre os feriados – mas não do Helesponto, e sim dos jogos Ístmicos, festejados a cada cinco anos (*huic quinto quoque anno ludi gymnici fiunt, qui appellantur Ἴσθμια*).

A referência à etimologia do Helesponto vai ser desenvolvida por Higino, mas ainda em uma outra versão da história, na fábula III de nome “Frixo”, nomeadamente na seguinte parte:

Phrixus et Helle insania a Libero obiecta cum in silua errarent, Nebula mater eo dicitur uenisse et arietem inauratum adduxisse, Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos ascendere iussit et Colchos ad regem Aetam Solis filium transire, ibique arietem Marti immolare. 2. Ita dicitur esse factum; quo cum ascendissent, et aries eos in pelagus detulisset, Helle de ariete decidit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum Phrixum autem Colchos detulit (...).
(Hyg. *Fab.* III. 1-2, grifo nosso)

Quando Frixo e Hele, devido à loucura lançada por Líber, erravam por um bosque, dizem que lá chegou sua mãe, Nébula, trazendo o carneiro dourado, filho de Netuno e Teófane, e ordenou a seus filhos que o montassem e atravessassem até a Cólquida, para junto do rei Eeta, filho do Sol, e que ali sacrificassem o carneiro para Marte. 2. **Dizem que assim foi feito. Tendo ambos montados, quando o carneiro os conduzia pelo alto mar, Hele caiu do carneiro, e, por isso, o mar, na região em que caiu, foi nomeado Helesponto;**¹¹⁸ a Frixo, entretanto, o carneiro conduziu até a Cólquida.

¹¹⁸ Sobre a queda, em *Fast.* III. 874 Ovídio sugere que Hele se teria unido à Netuno. Contudo, interessante é notar que em outra obra de Higino (*Astr.* II. 20. 2) narra-se que Hele, após cair ao mar, é seduzida por Netuno e, inclusive, concebe um filho dele (de nome Péon ou Déon). Na mesma passagem é narrado outro motivo para a ida de Frixo e Hele à Cólquida: a esposa de Creteu (irmão de Atamante, e, portanto, tio de Frixo), apaixonou-se pelo jovem; visto que não era correspondida, acusou Frixo de tentar possuí-la contra sua vontade.

A morte de Learco e a fuga de Ino: *Fabulae* e *Metamorfoses* IV

Como acima observado, não se encontra na passagem analisada do terceiro livro dos *Fastos* de Ovídio uma menção à morte de Learco.

Na fábula II do texto higiniano, a referência ao assassinato do filho mais velho de Atamante e de Ino é breve, e mesmo truncada – uma vez que ela dá a impressão de interromper a narrativa da fuga de Ino: *Athamas postea, ab Iunone insania obiecta, Learchum filium interfecit* (*Fab.* II. 4, grifo nosso).

Interessante é notar que a referência à morte de Learco é reiterada (dessa vez sem nomeá-lo), destacando-se a causa da intervenção de Juno, numa fábula extremamente breve, a de número V:

Semele quod cum Ioue concubuerat, ob id Iuno toto generi eius fuit infesta; itaque Athamas Aeoli filius per insaniam in uenatione filium suum interfecit sagittis.
(Hyg. *Fab.* V)

Uma vez que Sêmele se deitou com Júpiter, Juno foi, por esse motivo, hostil a toda sua descendência. Assim, Atamante, filho de Éolo, tomado de loucura assassinou seu filho a flechadas durante uma caçada.

O assassinato de Learco pelo pai será novamente referido na fábula IV, sem a menção à intervenção divina; e sem referência ao episódio das sementes ou oráculo: pois que, como vimos, nessa versão de origem em Eurípedes, o ardil de Ino consistiu em trocar as vestes dos filhos e fora uma reação ao de Temisto. Na versão da quarta fábula, a fuga de Ino se dá também após o assassinato do filho mais velho:

Athamas autem in uenatione per insaniam Learchum maiorem filium suum interfecit; at Ino cum minore filio Melicerte in mare se deiecit et dea est facta.
(Hyg. *Fab.* IV.5)

Creteu, por sua vez, solicita a Atamante que castigue o jovem. Diante da situação, a mãe dos jovens os resgata entregando-lhes o carneiro dourado.

Grifamos abaixo a repetição da estrutura das narrativas da morte de Learco, nas quais podemos observar leves variações:

Athamas postea, ab Iunone insania obiecta, Learchum filium interfecit
(Hyg. Fab. II. 4)

Athamas autem in uenatione per insaniam Learchum maiorem filium suum interfecit
(Hyg. Fab. IV.5)

itaque Athamas Aeoli filius per insaniam in uenatione filium suum interfecit sagittis.
(Hyg. Fab. V)

Em todas as fábulas desse ciclo referentes ao assassinato de Learco, o agente é apresentado como sujeito (*Athamas*) do mesmo verbo, conjugado no mesmo tempo e modo (*interfecit*) e tendo como objeto o substantivo *filius*. A cada passagem se nota referência à insânia como causa (com uso de ablativo absoluto, ou de locução com a partícula *per*). Mas cada relato privilegia certas informações: na primeira menção (*Fab. II*), menciona-se a interferência de Juno; na segunda, aponta-se o contexto (*in uenationem* “durante uma caçada”) e ressalta-se que a vítima é o primogênito do próprio assassino (*maiores... suum*); na terceira a referência à caçada e o pronome reflexivo (*suum*) se mantém, acrescentando-se o instrumento, flechas (*sagittis*), bem como a menção à ascendência de Atamante (*Aeoli filius* “filho de Éolo”). Cada um dos relatos higinanos se liga de forma diferente à narrativa em que se insere (cf. *postea, Fab. II*; *autem Fab. IV*; *itaque Fab. V*). Vemos que as informações (apesar de não divergirem quanto à morte de Learco em si), pertencentes a fábulas da mesma obra de Higino, não são entre si totalmente compatíveis. Portanto, seria inadequado ter como premissa que, em casos ambíguos, uma fábula necessariamente explique a outra, i.e. determine o seu sentido, como propuseram Hoyo e Ruiz ao associar o termo nutriz da fábula II à Ino. Passemos ao que nos conta Ovídio sobre o assunto.

Apesar de não constar do relato sobre Ino no livro três dos *Fastos*, o episódio da morte de Learco não foi ignorado por Ovídio. Ele é narrado no livro sexto da mesma obra,

bem como no livro quarto das *Metamorfoses* (IV. 512-519), em que Atamante, tomado de fúria, também é designado pelo patronímico *Aeolides* “Eólida” (lit. “filho de Éolo”):

*Protinus Aeolides media furibundus in aula
clamat: <<io, comites, his retia tendite siluis!
hic modo cum gemina uisa est mihi prole leaena>>
utque ferae sequitur uestigia coniugis amens 515
deque sinu matris ridentem et parua Learchum
bracchia tendentem rapit et bis terque per auras
more rotat fundae rigidoque infantia saxo
discutit ora ferox.
(Ov. Met. IV. 512-519)*

De pronto, no meio do pátio do palácio, o furioso Eólida grita: “Oh! Companheiros, estendam as redes nestes bosques! Aqui, há pouco, avistei uma leoa com dois filhotes”. E, fora de si, persegue os rastros de sua esposa como os de um animal selvagem, e arrebatada do colo da mãe o risonho Learco, que lhe estende os pequenos braços, gira-o duas e três vezes no ar como uma funda e, feroz, esmaga em uma rija pedra a cabeça da criança.
(Tradução nossa)

A referência ao patronímico Eólidas, em sua remissão ao deus dos ventos, pai de Atamante (cf. *Fab.* I), tem chamado atenção de estudiosos da passagem ovidiana: contribuiria para a economia da passagem, uma vez que evocaria precisamente a interferência da vingativa Juno, não mencionada.¹¹⁹ Embora sem os recursos poéticos presentes em Ovídio, uma referência alusiva a tal causa é perceptível na remissão a Éolo na brevíssima quinta fábula.

O momento em que Ino se lança ao mar com seu filho Melicerte é narrado por Higino, em duas das fábulas até agora vistas, em ambas de modo conciso. Grifamos desta vez as diferenças na expressão:

At Ino cum Melicerte filio suo in mare se praecipitauit
(Hyg. *Fab.* II. 5)

¹¹⁹ Barchiesi e Rosati (2009, p. 310) apontam ainda outros efeitos de uma estratégica menção ao patronímico: “*Aeolides*: il patronimico richiama a la volontà di Giunone (cf. vv. 466-7) di accomunare Atamante alla punizione subita dal fratello Sisifo, mentre l’assonanza con *aula* (suggerita da Virgilio, *Aen.* I 140-1 *illa se iactet in aula* / *Aeolus*, in riferimento peraltro a Eolo re dei venti; cfr. anche Ovidi, *Her.* II, 65 *media sedet Aeolus aula*) insiste sullo spazio fisico-simbolico, la sala del palazzo reale di Eolo (cfr. V. 468 *regia diues*), in cui si realizza (...)”.

At Ino cum minore filio Melicerte in mare se deiecit
(Hyg. Fab. IV.5)

Mais uma vez, chama atenção a retomada do léxico e disposição dos termos, com leve variação: como vemos, na fábula IV, acrescenta-se que Melicerta é filho mais novo (*minore*), inverte-se a ordem na expressão *Melicerte filio/filio Melicerte* e se usam verbos sinônimos.

Note-se como o episódio é apresentado detalhadamente também no livro IV das *Metamorfoses*:

*tum denique concita mater,
seu dolor hoc fecit seu sparsum causa uenenum, 520
exululat passisque fugit male sana capillis
teque ferens paruum nudis, Melicerta, lacertis
<<euho Bacche!>> sonat; Bacchi sub nomine Iuno
risit et <<hos usus praestet tibi>> dixit <<alumnus>>.
imminet aequoribus scopulus: pars ima cauatur 525
fluctibus et tectas defendit ab imbribus undas,
summa riget frontemque in apertum porrigit aequor.
occupat hunc (uires insania fecerat) Ino
seque super pontum nullo tardata timore
mittit onusque suum; percussa recanduit unda. 530
(Ov. Met. 4. 519-530)*

E então a mãe, por fim abalada, seja pelo que a dor causou seja devido ao veneno disseminado, vocifera, insana, com os cabelos desgrenhados, e, carregando a ti, pequeno Melicerta, nos braços nus: “evoé, Baco!”, invoca; ao nome de Baco, Juno riu e disse: “que seu pupilo preste a você tal auxílio”. Um rochedo se projeta sobre as águas: a parte mais profunda é escavada pelas ondas e protege das chuvas as ondas cobertas, a parte superior enrijece sua frente e se estende em direção ao mar aberto. Ino alcança (a loucura lhe dera forças) no ponto mais alto e, sem nenhuma hesitação por temor, lança a si mesma e a sua carga; a onda se embranqueceu ao ser tocada.
(Tradução nossa)

No que concerne tanto à morte de Learco, quanto à fuga de Ino, podemos perceber que as diferenças entre os textos da fábula II (seguindo a edição de Marshall) e do livro IV das *Metamorfoses* de Ovídio não chegam a caracterizar versões excludentes: pode-se inferir, pois, que apenas privilegiam (quer omitindo, quer resumindo ou amplificando) aspectos pertinentes a uma mesma história. Portanto, as variações entre as versões de

Ovídio e de Higino não chegam a sugerir que os autores tenham se valido de fontes distintas, ou negar a possibilidade de que um tenha sido fonte para o outro.¹²⁰

De todo modo, nosso interesse não é provar tal genealogia literária e sim observar o efeito de sentido que cada texto privilegia ou cala.

Nas passagens das *Metamorfoses* aqui transcritas, percebe-se claramente a notória preferência ovidiana por amplificar episódios de potencial mais patético ou emocional. Nelas, observamos que Ovídio apresenta as informações de modo a compor uma cena, dando destaque à questão do movimento e do som. No primeiro caso, notemos sobretudo a escolha lexical que destaca o movimento das personagens na cena, nas passagens a seguir: quando Atamante persegue os rastros de Ino (*sequitur uestigia coniugis*, *Met.* IV. 515), gira Learco no ar (*bis terque per auras / more rotat*, *Met.* IV. 517-518), e esmaga a cabeça do filho (*infantia... discutit ora*, *Met.* IV. 519). Ou, ainda, na imagem do rochedo que se projeta sobre as águas (*imminet aequoribus scopulus*, *Met.* IV. 525) e quando Ino lança a si mesma e a sua carga ao mar (*Ino / seque... / mittit onusque suum*, *Met.* IV. 528-530).

Barchiesi e Rosati (2009, p. 311-313) destacam que nessas passagens ovidianas há episódios de gestos patéticos, como a demonstração de afeto familiar, quando o risonho Learco estende seus pequenos braços ao pai (*ridentem et parua Learchum/ bracchia tendentem*, *Met.* IV. 516-517). Também o retrato do braço desnudo de Ino, que carrega Melicerta durante a fuga (*nudis... lacertis*, *Met.* IV. 522), é visto pelos estudiosos como uma imagem distintamente patética.¹²¹

Antes, no entanto, observemos que, além das imagens de gestos patéticos e de movimento, também podemos notar que no poema de Ovídio determinadas passagens parecem sugerir certo efeito sonoro, recurso que também é ausente do texto das *Fabulae*. Chama atenção a um desses efeitos a referência ao grito de caça¹²² de Atamante ao entrar no recinto (*Protinus Aeolides media furibundus in aula/ clamat*, *Met.* IV. 512-513, grifo nosso), ou então na invocação de Ino e o riso de Juno ao ouvi-la (<<euhoe Bacche!>>

¹²⁰ Outras fontes para a história de Learco são: Apol. *Bibl.* I. 9. 1, Pausânias I. 44. 7 e IX. 34. 7 e Estácio, *Teb.* I. 12.

¹²¹ “La nudità dei *lacerti*, propriamente la parte fra spalla e gomito, sembra tratto spiccatamente patetico”. Cf. Barchiesi e Rosati (2009, p. 312).

¹²² Assim o definem Barchiesi e Rosati (2009, p. 311).

sonat, *Met.* IV. 523; *risit et... dixit*, *Met.* IV. 524, respectivamente, grifos nossos).¹²³ Sobre a fuga de Ino (vociferando e com os cabelos desgrenhados corre com Melicerta nos braços), Barchiesi e Rosati (2009)¹²⁴ atentam para o fato de que na cena há uma manifestação típica de menadismo (*exululat passisque fugit male sana capillis*, *Met.* IV. 521).¹²⁵ Segundo os estudiosos, Ovídio ainda cria uma cena dramática ao fundo, na qual o sentido agressivo contido no verbo *imminet* contrasta com *defendit*, que representaria uma resistência ao ataque das águas.¹²⁶

Diante desse relato mitológico, a ausência de tão variados recursos no texto higiniano se faz notar e destaca o caráter repetitivo acima analisado. A repetição parece mesmo contribuir para dar uma impressão de imparcialidade por parte do autor das *Fabulae*, que se limitaria a “registrar” dados de uma história já previamente narrada (não necessariamente por Ovídio). A repetitividade dá, pois, ao texto o caráter de lembrete: quem (*Athamas*) matou (*interfecit*) quem (*maiores filium suum*, *Learchum*), onde (*in uenatione*), por que causa (*insania / per insânia Iuno*), por que meios (*sagittis*); ou ainda: quem (*Ino*) acompanhado de quem (*cum Melicerte filio/filio Melicerte suo*) fez o quê (*se praecipitavit / se deiecit*) onde (*in mare*) e isso gerou que nomes de deuses ou festividades.

Ainda outro aspecto linguístico presente nas duas passagens aqui analisadas é digno de nota: o discurso direto, outro recurso muito pouco frequente no texto de Higino selecionado como *corpus* para nosso estudo. Mais precisamente, passagens com discurso direto são encontradas apenas em três fábulas do *corpus* que selecionamos para tradução e estudo: *Fab.* XXIX. *Alcmena*, *Fab.* XCV. *Vlixes* e *Fab.* CI. *Telephus*. Ora, vimos que, em Ovídio, o discurso direto contribui para atribuir motivações psicológicas ou dramáticas aos personagens. Mais uma vez, vemos em Higino opções por técnicas narrativas que tendem a

¹²³ Os estudiosos comentam, ainda, que alguns segmentos anagramáticos sugerem produzir efeitos sonoros, como no verso 520 *Melicerta... lacertis*, e também no verso 530 *recanduit unda*. Cf. Barchiesi e Rosati (2009, p. 314).

¹²⁴ Barchiesi e Rosati (2009, p. 312).

¹²⁵ “Ino fugge in preda a un'eccitazione di tipo bacchico, ululando e con i capelli sciolti (manifestazioni tipiche del menadismo)”. Cf. Barchiesi e Rosati (2009, p. 312). Na base de dados *Brills on-line*, versão em inglês da enciclopédia *Der Neue Pauly*, verbete “Maenads”, ao explicar sobre a etimologia do termo “Mênade” T. Heinze (2012) comenta sobre o ritual: “The term ‘to be mad’ (*mainás, mainomai, manía*) refers to the characteristic running, jumping and rocking of the head back and forth during the dance as well as falling as the climax of the ecstasy, which was understood to be a trance or a condition of pleasant exhaustion (cf. Eur. *Bacch.* 66f.)”. Cf. Heinze, Theodor, “Maenads”, *Der Neue Pauly* (acessado via *Brill Online*, 2012).

¹²⁶ “In Ovidio creano lo sfondo a una scena drammatica: in *imminet* è insito un che di aggressivo (...), che affiora anche dall’idea della resistenza (*defendit*) contro l’attacco delle acque”. Cf. Barchiesi e Rosati (2009, p. 313).

restringir o relato a informações que, por meio de uma estrutura repetitiva e concisa, caracteriza-as como “dados” mitológicos, objetivos.¹²⁷

A metamorfose de Ino: *Fabulae* e *Fastos* VI

Não obstante as diferenças entre os textos que vimos demonstrando, é interessante observar que também é perceptível determinada semelhança entre a narrativa apresentada por Higino nas fábulas do primeiro ciclo e outro momento da obra dos *Fastos* (VI. 475-547), dedicado mais especificamente à celebração das festas em homenagem à Ino/Leucótea/Mãe Manhã (*mater Matuta*).

Na passagem dos *Fastos* como um todo, são apresentados vários elementos dos episódios mitológicos referidos no primeiro ciclo das *Fábulas* de Higino. São contados em ordem cronológica: a referência à criação de Dioniso (Baco/Líber) por sua tia Ino, a pedido da mãe dele, e a ira de Hera/Juno (*Fast.* VI. 485-488); a insânia que Juno inflige sobre Atamante, matando ele Learco (*Fast.* VI. 489-490); o rapto de Melicerta por Ino que, conturbada, lança-se no mar (*Fast.* VI. 491-498). Mas, neste ponto, o texto de Ovídio deixa claro que Ino e o filho, salvos pelas Nereidas (*Fast.* VI. 491-498), chegam pelo mar à foz do Tibre. Interessante é que o narrador dos *Fastos* antecipa a questão da mudança dos nomes dos personagens:

*Nondum Leucothea, nondum puer ille Palaemon
Verticibus densi Thybridis ora tenent.*
(Ov. *Fast.* VI. 501-502)

Aquele não era ainda Leocotea, e o menino que ainda não era Palémon alcançam o litoral pela a foz do denso rio Tibre.
(Tradução nossa)

Uma série de outros acontecimentos (envolvendo as nativas, Hércules, e artifícios de Ino) se acrescentam a essa narrativa ovidiana nos *Fastos* (VI. 501-530). Dentre elas, há o

¹²⁷ *Mutatis mutandis*, note-se a observação quanto ao apagamento de características psicológicas ao se eliminar o discurso direto ovidiano em adaptação de texto das *Metamorfoses* no renascimento: “Porém, é notável que as passagens de discurso direto na história de Tisbe contada por Ovídio passam sempre a discurso indireto em *De Claris*... Além de tirar das personagens o poder da palavra, Boccaccio elimina precisamente as passagens metamórficas das *Metamorfoses* de Ovídio!”. Cf. Juliani (2011, p. 90).

encontro com uma profetisa, que narra em “flash-back” o episódio das sementes, colocando em dúvida a culpa de Ino (*Fast.* VI. 555-58). É notável que, nesse contexto, o tema da mudança de nome e divinização de Ino volta a se expressar na boca de uma profetisa, que lhe declara:

*Leucothea Graeis, Matuta vocabere nostris;
in portus nato ius erit omne tuo,
quem nos Portunum, sua lingua Palaemonia dicet.*¹²⁸
(Ov. *Fast.* VI. 545-547)

Serás chamada “Leucótea” pelos Gregos e, “Manhã”, por nós. Nos portos toda regulação será dada por teu filho, que nós nomearemos “Portuno”, e sua língua, “Palémon”.
(Tradução nossa)

Esses passos ovidianos, que tratam do nome dos personagens Ino e Melicerta, podem ser comparados com o seguinte trecho de Higino:

*Quam Liber Leucotheam uoluit appellari, nos Matrem Matutam dicimus,
Melicerten autem deum Palaemonem, quem nos Portunum dicimus.*
(Hyg. *Fab.* II.4)

Líber quis que se chamasse Leucótea (ao passo que nós a nomeamos “Mãe Manhã”) e a Melicerta, deus Palémon (que nós nomeamos “Portuno”).

Nessa fábula, chama-nos a atenção a presença do nome romano Líber (originalmente divindade itálica assimilada ao deus grego Dioniso, cf. Grimal, 2008, *Dioniso*) para indicar quem teria sido responsável pelo nome grego que a personagem recebe ao se tornar divina; o contraste é maior quando lembramos que Ovídio menciona que os gregos falariam assim.

Nesse trecho do poema ovidiano, vemos uma maior variedade nas formas dos verbos, os quais se conjugam no futuro (passivo em uma ocorrência). No texto higiniano, os verbos costumam se mostrar no presente, e normalmente, em uma *dispositio* usual em latim (sujeito – objeto – verbo).

¹²⁸ “Thou shalt be called Leucothea by the Greeks and Matuta by our people: thy son will have all authority over harbours; he whom we name Portunus will be named Palaemon in his own tongue”. Ovid. *Fasti*. With an English translation by Sir James George Frazer. 2nd ed., revised by G. P. Goold. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: W. Heinemann, 1996, p. 360-361.

Apesar das sutis diferenças acima comentadas, uma curiosa semelhança é o emprego de uma mesma expressão nas duas passagens: *quem nos Portunum* (*Fab. IV; Fast. VI. 547*).¹²⁹

As passagens encontram correspondência, em termos gerais, também em diálogo filosófico de Cícero (106-43 a.C.): *Quid? Ino Cadmi filia nonne Λευκοθέα nominata a graecis Matuta habetur a nostris?* “O quê? Acaso Ino, filha de Cadmo, não é chamada ‘Leucótea’ pelos gregos e ‘Manhã’ por nós?” (Cic. *Tusc. I. 12. 28*). Interessante é que a referida expressão não reaparece em Cícero, visto que o autor é citado na fábula XIV. 33 *Argonautae conuocati*, pode ser assumido como fonte higiniana para ao menos alguma das fábulas.

Não se pode dizer que Ovídio seria a fonte para as fábulas do ciclo em questão, como sabemos. Mas coincidências como as que vimos nas passagens acima analisadas aproximam a obra dos autores, de modo que, ao leitor conhecedor de ambas, parece possível pensar que os textos dialogam.

Perspectivas

As fábulas do primeiro ciclo indicam que o interesse em etiologias e etimologias é algo que a obra de Higino em apreço compartilha com Ovídio. Esse interesse foi visto também na terceira fábula do ciclo mitológico aqui analisado, a qual tem como tema principal a fuga de Frixo e Hele em direção à Cólquida. Vejamos agora a terceira fábula, a fim de observarmos outros de seus aspectos:

Phrixus et Helle insania a Libero obiecta cum in silua errarent, Nebula mater eo dicitur uenisse et arietem inauratum adduxisse, Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos ascendere iussit et Colchos ad regem Aeetam Solis filium transire, ibique arietem Marti immolare. 2. Ita dicitur esse factum; quo cum ascendissent, et aries eos in pelagus detulisset, Helle de ariete decidit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum, Phrixum autem Colchos detulit; ibi matris praeceptis arietem immolauit, pellemque eius inauratam in templo Martis posuit. Quam seruante dracone Iason Aesonis et Alcimedis filius dicitur petisse. 3. Phrixum autem Aeeta libens recepit filiamque Chalciope dedit ei uxorem; quae postea liberos ex eo procreauit. Sed ueritus est Aeeta ne se

¹²⁹ Uma pesquisa na base de dados *Phi* nos indicou que a expressão está presente apenas nas duas obras aqui analisadas.

regno eiicerent, quod ei responsum fuit ex prodigiis ab aduena Aeoli filio mortem caueret; itaque Phrixum interfecit. 4. At filii eius, Argus, Phrontis, Melas, Cylindrus, in ratem conscenderunt, ut ad auum Athamantem transirent: hos Iason cum pellem peteret, naufragos ex insula Dia sustulit et ad Chalciopen matrem reportauit. Cuius beneficio ad sororem Medeam est commendatus. (Fab. III)

Quando Frixo e Hele, devido à loucura lançada por Líber, erravam por um bosque, dizem que lá chegou sua mãe, Nébulas, trazendo o carneiro dourado, filho de Netuno e Teófane, e ordenou a seus filhos que o montassem e atravessassem até a Cólquida, para junto do rei Eeta, filho do Sol, e que ali sacrificassem o carneiro para Marte. 2. Dizem que assim foi feito. Tendo ambos montados, quando o carneiro os conduzia pelo alto mar, Hele caiu do carneiro, e, por isso, o mar, na região em que caiu, foi nomeado Helesponto; a Frixo, entretanto, o carneiro conduziu até a Cólquida. Ali, seguindo as ordens da mãe, Frixo sacrificou o carneiro e depositou no templo de Marte o velo dourado. Este, que era protegido por uma serpente, dizem que Jasão, filho de Éson e Alcímede, tinha vindo buscar. 3. E Eeta, com prazer, acolheu Frixo e concedeu-lhe, como esposa, sua filha Calcíope. Esta, mais tarde, concebeu filhos do marido. Mas Eeta temeu que o banissem do reino, pois havia um presságio para ele, vindo expresso em forma de prodígios, recomendando-lhe que se precavesse de ser morto por um estrangeiro, descendente de Éolo. Dessa forma, ele assassinou Frixo. 4. Mas os filhos deste, Argo, Frôntis, Melane e Cilindro embarcaram em uma jangada, em direção ao avô Atamante. Náufragos, Jasão, em sua busca pelo velo, resgatou-os da ilha de Dia e os levou à mãe Calcíope. Por tal préstimo, ele ganhou o crédito de Medeia, irmã desta.

Alguns estudiosos, como Expósito (2008) e Sánchez (2009) comentam sobre a singularidade dessa narrativa, que seria a única, dentre as obras legadas que narra a morte de Frixo.¹³⁰

A explicação etiológica se dá ao se detalhar o momento em que Frixo e Hele atravessavam o mar montados sobre o carneiro dourado. Hele teria caído em uma determinada região, que a partir de seu nome passou a ser denominada Helesponto (*Helle de ariete decedit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum*). Como referido, também encontramos nos *Fastos* de Ovídio (III. 859-869) recurso semelhante, embora o poeta não explicita o nome da região:

¹³⁰ A singularidade não impediu que fosse aventado, com base na fábula XII. *Pélias* (na qual o presságio acerca da morte que seria causada por um estrangeiro) diz respeito a Jasão e Pélias, não a Frixo e Eeta, uma interpretação errônea por parte de Higino em sua composição da fábula III. Sobre esse assunto, cf. o Capítulo III do presente estudo.

***dicitur** infirma cornu tenuisse sinistra,
femina, cum de se nomina fecit aquae.
(Ov. Fast. III. 859-869)*

Observamos que o verbo *dicitur* “diz-se” também está presente no poema ovidiano. Ao empregá-lo, o narrador se distancia, remetendo a fonte do episódio a uma tradição. Na fábula III. *Frixo*, encontramos o mesmo recurso: por duas vezes, usa-se o termo *dicitur* (lit. “diz-se”, i.e. “é dito”, “dizem”) (*Nebula mater eo **dicitur** uenisse et arietem inauratum adduxisse* e em *Ita **dicitur** esse factum*, grifo nosso).

Mas se pode perceber também que o conteúdo mitológico se distingue nas passagens aqui apresentadas, a saber, no que se refere ao motivo do salvamento de Frixo e Hele. No texto de Higino, Nébulas salva seus filhos em um bosque, quando eles erravam devido à loucura lançada por Líber:

*Phrixus et Helle insania a Libero obiecta cum in silua errarent, Nebula mater eo dicitur uenisse et arietem inauratum adduxisse, Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos ascendere iussit et Colchos ad regem Aeetam Solis filium transire.
(Hyg. Fab. III.1)*

Já no poema dos *Fastos*, Néfele (Nébulas em Higino) resgata seus filhos, que estavam prestes a serem sacrificados a Júpiter (devido a um ardil da madrasta Ino):

*aspicit hos, ut forte pependerat aethere, mater
et ferit attonita pectora nuda manu,
inque draconigenam nimbis comitantibus urbem
desilit, et natos eripit inde suos* 865

No poema de Ovídio, como já apontado, deparamo-nos com expressões de alto teor emotivo, ao se privilegiar o ponto de vista das personagens. Nesse sentido, Murgatroyd (2005, p. 16), inspirando-se em técnicas do cinema moderno, chama a atenção para outro aspecto que revela o *pathos* em Ovídio: na cena em que Néfele observa seus filhos, o verbo *aspicit* convida os leitores a adotarem um olhar, a perspectiva do personagem, a partir da sua posição (que se encontra no céu). Com isso, Ovídio convida o leitor a se identificar com

ela e a acompanhá-la durante o resgate de seus filhos.¹³¹ Tais manobras ovidianas a princípio parecem não ocorrer no primeiro ciclo das *Fábulas*, que não favorecem tal alteração de planos, privilegiando-se um ritmo constante e monótono.

¹³¹ “The verb *aspicit* ‘she catches sight’ [of the children] in particular encourages us to look down from her (godlike) position in the sky, so that we can identify with her and plunge down exhilaratingly and soar away triumphantly with her”. Cf. Murgatroyd (2005, p. 16).

CAPÍTULO II – A PRESENÇA DA *ODISSEIA* DE HOMERO EM HIGINO

2.1 Introdução

Tú, que eres uno y eres muchos hombres.

Borges, Proteo (2004).

Um breve passar de olhos pelo índice de edições modernas das *Fabulae* de Higino deixa claro que, como era de se esperar, diversos mitos abordados nas *Fabulae* (inclusive os que têm forma de catálogo e genealogia) já aparecem em Homero. Com a leitura dos textos e notas dos comentadores, evidencia-se que a presença de mitos registrados em Homero é ainda mais ampla na obra higiniana; mas, algumas fábulas presentes no *corpus* de nossa pesquisa deixam mais evidente já em seu título a relação com o ciclo troiano¹³²: XCV. *Ulisses*; XCVI. *Aquiles* e XCVII. *Quem foi a Tróia para atacá-la e em quais naus*¹³³.

Mais do que isso, a obra homérica, inclusive, tem sido tomada no âmbito da filologia clássica como referência para a correção do texto higiniano. Um exemplo de tal parâmetro se dá na fábula CXXI. *Chryses*, nomeadamente numa nota à margem da *editio princeps*, em que lemos: *uidetur deesse partim peste* “vê-se que falta <dizer> ‘em parte pela peste’”. A glosa parece fazer referência à *Ilíada* I. 10, na qual lemos “a peste então lavrou o exército: ruína cai sobre o povo”¹³⁴. Tal nota foi adotada como *emendatio* por todos os editores das *Fabulae* por nós consultados, mesmo se tratando de uma fábula cujo argumento (talvez referente a uma tragédia de Sófocles, hoje perdida)¹³⁵ tem sido considerado como singular.¹³⁶

¹³² Dentre as fábulas que contêm informações presentes nas obras homéricas e que não fazem parte do *corpus* desta pesquisa, estão, por exemplo, as *Fab.* CXXVI. *O reconhecimento de Ulisses*, CXXVII. *Telégonos* e CXXVIII. *Augures*. Esse conjunto de textos que compreende as fábulas CXXV a CXXVII forma, segundo Boriaud (1997, p. xxviii) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 17), um ciclo mitológico denominado “A Odisseia”.

¹³³ As informações sobre os personagens dessa fábula estão presentes também na *Ilíada* (II. 484-759). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 181 nota 422).

¹³⁴ Tradução de Haroldo de Campos, 2004.

¹³⁵ Cf. Boriaud (1997, p. 92).

¹³⁶ A prática filológica de se empregar o texto de Homero como parâmetro para verificar a correção de referência a mitos se dá em outros autores que não Higino. Por exemplo, podemos lembrar que Housman (*in* Diggle; Goodyear, 1972, p. 104-105) propõe emendar o *Epodo* 13 de Horácio, uma vez que em seu texto se qualifica como “pequeno” o rio Escamandro (*parui... Scamandri*, *Ep.* XIII, v. 13), que Homero caracterizara como grande (“*megas*”). Davis (1991, p. 250 nota 4) assevera: “The sole ground for emendation is the blatant clash with the Homeric epithet, *megas*”. O estudioso vai, precisamente, negar a necessidade de emenda, nos seguintes termos: “Housman’s literary judgment failed, in this particular case, to apprehend that the contradiction of Homer - the deliberate inversion of scale from “great” to “small” - is precisely what the anomalous ‘citation’ of Cheiron seeks to accomplish. Homer’s *mega potamos* is a victim of generic

Para observar com mais detalhe não apenas a presença de Homero em Higino, como também nas pesquisas sobre Higino (ou seja, como parâmetro para a leitura do texto de nosso autor), optamos por incluir no *corpus* desta pesquisa a fábula CXXV, de título *Odisseia*, na qual a presença homérica é declaradamente central. Para a análise, utilizamos de algumas edições comentadas da obra *Odisseia*, como as de Alfred Heubeck e Arie Hoekstra (1989)¹³⁷, Joseph Russo, Manuel Fernandez-Galiano e Alfred Heubeck (1992)¹³⁸ e, sobretudo, os estudos narratológicos publicados por Irene de Jong (2001 e 2004)¹³⁹. Entre as traduções, valemo-nos das realizadas por Trajano Vieira (2011)¹⁴⁰, Carlos Alberto Nunes (2000)¹⁴¹ e Manuel Odorico Mendes (2000)¹⁴². Nas referências à *Odisseia*, vai-se indicar o número de versos segundo a edição em grego editado por A. T. Murray (1998). Na citação do texto homérico, vai-se empregar a tradução em português, normalmente (i.e. salvo indicação em contrário), a de Vieira (2011) – que também segue o texto em grego editado por Murray.

Sobre essa fábula, desde o início se percebe que a matéria é homérica: o texto contempla, majoritariamente, os cantos de IX a XII da *Odisseia*.¹⁴³ Como sabemos, nela tais versos são cantados por Odisseu (*Vlixes*, “Ulisses”, segundo a forma latina), que assume a posição de aedo e se torna voz do próprio poema e personagem do próprio canto, relatando a Alcínoo seus episódios.

Mais especificamente, os episódios tratados na fábula são: o desvio da nau até Ísmaro (CXXV.1, correspondente a *Od.* IX, 39-42); o encontro com os lotófagos (CXXV.2,

assimilation (...).” Cf. Davis (1991, p. 14-15). Note-se que Davis não nega que Homero seja um parâmetro para Horácio naquela passagem, mas sim afirma que o texto de Horácio contaria com tal parâmetro para que se notasse sua alteração. No caso de Higino, isso não se pode afirmar de modo generalizado (seria necessário rever a questão caso a caso), mas deve-se lembrar, ainda, que nosso autor com frequência lida também com outras versões, além das de Homero, envolvendo os episódios mitológicos.

¹³⁷ Heubeck, A.; Hoekstra A. *A commentary on Homer's Odyssey*, vol. II: Books IX–XVI. Oxford: Claredon, 1989.

¹³⁸ Russo, J.; Fernandez-Galiano, M.; Heubeck, A. *A commentary on Homer's Odyssey*, vol. III: Books XVII–XXIV. Oxford: Claredon, 1992.

¹³⁹ De Jong, I. *A Narratological Commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001; e *idem*, “Homer”. In: *A. Narrators, Narratees, and Narratives in Ancient Greek Literature*. De Jong, I.; Nünlist, R.; Bowie. Leiden-Boston: Brill, 2004.

¹⁴⁰ Homero. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Ítalo Calvino. 1ª Ed. (bilíngue). São Paulo: Editora 34, 2011

¹⁴¹ *Odisseia / Homero*. Tradução: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

¹⁴² Homero. *A Odisseia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes; edição de Antonio Medina Rodrigues; ilustrações de Enio Squeff. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

¹⁴³ Entretanto, no texto higiniano há também breves referências a passagens dos cantos VI, XVII, XIX e XXII, como veremos adiante.

correspondente a *Od.* IX.); com o ciclope Polifemo (CXXV.3-5, correspondente a *Od.* IX. 105-535); com Éolo (CXXV.6, correspondente a *Od.* X. 1-27); com os lestrigões (CXXV.7, correspondente a *Od.* X. 106, 119, 199); com Circe (CXXV.8-11, correspondente a *Od.* X. 241-474); o encontro com as almas do mundo dos mortos, o Hades (CXXV.11-12, correspondente a *Od.* XI. 21-640); o encontro com as sereias (CXXV.13, correspondente a *Od.* XII. 198); com Cila (CXXV.14-15, correspondente a *Od.* XII. 73-445); o episódio com o rebanho de Sol, na ilha de Sicília (CXXV.14-15, correspondente a *Od.* XII. 343); o encontro com Caríbdis (CXXV.15, correspondente a *Od.* XII. 231); com Calipso (CXXV.16-17, correspondente a *Od.* IX. 29-30); com Nausícaa e Alcínoo (CXXV.18-19, correspondente a *Od.* VI. 457-462); e, por fim, sua chegada a Ítaca (CXXV.19-20): a vinda de Odisseu a seu palácio (*Od.* XVII. 16-25), seu reconhecimento pela nutriz Euricleia (*Od.* XIX. 386-394) e o momento em que mata os pretendentes (*Od.* XXII). Quando nos damos conta de que os últimos três cantos referidos são relatados nas cinco últimas frases do texto latino, fica evidente o caráter extremamente sucinto do texto higiniano, bem como o fato de que nosso autor teve que ser extremamente seletivo.

Veremos, a seguir, o modo como Higino narra as aventuras de Ulisses, no que se refere às aproximações e distanciamentos da matéria do texto homérico respectivo. Nosso maior interesse neste cotejo é atentar às escolhas temáticas e ao modo de expressão do autor romano.

A errância de Ulisses

Vlixes cum ab Illo in patriam Ithacam rediret, tempestate ad Ciconas est delatus, quorum oppidum Ismarum expugnauit praedamque sociis distribuit.

(Hyg. *Fab.* CXXV.1)

Ulisses, quando voltava de Ílio para sua pátria, Ítaca, foi desviado por uma tempestade até os cícones, cuja cidade, Ísmaro, atacou e distribuiu os despojos aos companheiros.

Como se pode ver da primeira seção do texto, a fábula CXXV parece ser baseada na narrativa de Homero. Certamente, como acredita Rose (1963, p. 89), para escrevê-la Higino

também se valeu da leitura de alguns escólios à obra homérica:¹⁴⁴ “este capítulo dificilmente deriva de Homero; sem dúvida ele mantém vários aspectos de algum escoliasta”, afirma o estudioso (*hoc caput uix ab Homero discedit; sane unum et alterum a scholiasta aliquo habet*).

Um primeiro indício da filiação homérica é, além do título, a introdução ao tema da fábula, já nas primeiras linhas. Vemos que, da mesma forma que em Homero, o conteúdo narrado na *Odisseia* de Higino se insere na tópica poética do *nostos*¹⁴⁵, i.e. a volta de Odisseu a sua pátria, após a vitória na guerra dos gregos contra os troianos.

Tal como em Homero, a volta de Ulisses não ocorre de forma direta, mas dará ensejo a se contarem as aventuras do protagonista por diversas paragens. Assim como ocorre em Homero, ao deixar Ítaca, quando o herói é desviado por uma tempestade (*Od.* IX. 39-42), o destino da nave é a terra dos cícones, na cidade de Ísmaro. No poema épico, a destruição de Ísmaro é contada da seguinte forma:

De Ílion, o vento me soprou até Ismaro
dos cíconos: saqueei, matei somente os homens, 40
tratei de ser equânime na divisão
entre nós de mulheres e butins de monta.
(*Od.* IX. 39-42; trad. de Vieira, 2011; *Od.* IX. 39-44, Murray, 1998)

¹⁴⁴ Trata-se, ao que parece, de prática frequente entre autores romanos, ao menos do período augustano. Sobre o uso dos escólios homéricos por parte de Virgílio, cf. e.g. J. C. Jolivet “Le monde des cyclopes, figure d’un monde archaïque. Exégèse homérique et *retractatio* de la Cyclopie dans l’*Énéide*”, in Schwindt, J. P. (ed.). *La représentation du temps dans la poésie augustéenne / Zur Poetik der Zeit in augusteischer Dichtung*. Heidelberg: Universitätsverlag, 2005, p. 43-70; e *idem*, “*Nec quicquam antiquum Pico nisi nomina restat. Picus, ses statues et ses temples dans l’Énéide et les Métamorphoses*”, dans *Aere perennius. Hommage à Hubert Zehnacker*, Paris 2006, p. 489-502. O estudioso trata do modo como os escólios homéricos foram lidos também por outros autores romanos, cf. e.g. Jolivet, J. C. “Penelope polutropos? La philologie homérique et la première Héroïde”, dans H. Casanova-Robin (éd.). *Amor Scribendi. Lectures des Héroïdes d’Ovide*, Grenoble, 2007, p. 121-139; *idem*, “Questions d’onomastique homérique dans la poésie augustéenne”. Dans Fr. Biville et D. Vallat (éd.), *Onomastique et intertextualité dans la littérature latine. Actes de la journée d’étude tenue à la Maison de l’Orient et de la Méditerranée – Jean Pouilloux le 14 mars 2005, Collection de la Maison de l’Orient et de la Méditerranée 41. Série linguistique et philologique 5*, Lyon, 2009, p. 79-93; *idem*, “Quand les poètes latins se faisaient philologues”, LHT, *Poétiques de la philologie*. Publié le 01 octobre 2008. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/5/index.php?id=76>. Acessado em: 01 jul. 2013.

¹⁴⁵ Cf. Vieira (2011, p. 781). Sobre esse *topos*, o estudioso indica o estudo de G. L. Huxley, *Greek Epic Poetry, from Eumelos to Panyasis*, Londres, Faber & Faber, 1969, p. 162-173. Um esquema detalhado sobre o *nostos* dos personagens Odisseu, Nestor e Menelau, narrados na *Odisseia*, é apresentado por De Jong (2001, 591-593).

Fica claro que em Higino a narrativa, nesses primeiros versos, é bem resumida, e como isso apaga vários aspectos do texto homérico, em termos formais e de matéria. Sobre algumas dessas omissões, discorreremos em tópicos mais adiante. No momento, se nos concentrarmos no texto de Higino, podemos notar como já de início é obtida uma impressão de concisão, de concentração naquilo que é tomado como essencial. A ausência de adjetivos nesta primeira frase do texto latino (ao passo que no texto grego o personagem se apresenta em primeira pessoa como “equânime”) destaca as ações do protagonista, elencadas numa sequência direta: Ulisses voltava (*redirect*), foi desviado (*est delatus*), destruiu a cidade (*oppidum expugnauit*), distribuiu os despojos (*praedam distribuit*).

Em Higino, a próxima parte da viagem é introduzida pelo conectivo temporal *inde* “a partir daí”, “dali”. O conectivo é acompanhado da expressão *ad* [+ patronímico], a qual indica “para [tal lugar]”, uma expressão que se repete várias vezes ao longo da fábula. No texto higiniano da fábula CXXV, tal expressão se dá normalmente sem o uso explícito de algum verbo de movimento, como *ire* (“ir”) ou *profisci* (“partir”), ou mesmo uma indicação de que houve novo desvio (algo como o verbo *delatus est*, expresso na primeira frase da fábula). Visando à legibilidade do texto em português, foi-nos necessário acrescentar o verbo ir (“foi”), e.g. *inde ad Lotophagos* (“Dali **foi** em direção aos lotófagos”, *Fab. CXXV.2*). Tentamos, sempre que possível, manter a repetição da expressão, a fim de recuperar na versão em português, se não a concisão, ao menos o caráter formular da expressão, sobre o qual falaremos mais adiante. Este é um dos exemplos de quanto o caráter sucinto, e mesmo lacunar, do texto latino é maior do que na tradução.

Vejamos a próxima aventura, em que Higino remonta ao episódio descrito no canto IX da *Odisseia*:

2. *inde ad Lotophagos, homines minime malos, qui loton ex foliis florem procreatum edebant, idque cibi genus tantam suauitatem praestabat ut qui gustabant obliuionem caperent domum reditionis. ad eos socii duo missi ab Vlysse cum gustarent herbas ab eis datas, ad naues obliti sunt reuerti, quos uinctos ipse reduxit.*
(Hyg. *Fab. CXXV.2*)

2. Dali foi em direção aos lotófagos, homens em nada maliciosos, que comiam lótus, uma flor que nascia das folhas; e este tipo de alimento proporcionava tanta doçura que os que o provavam eram tomados por um esquecimento quanto à sua volta para casa. Enviados por Ulisses até os

lotófagos, dois companheiros, ao provarem das ervas a eles oferecidas, esqueceram-se de retornar às naus, e ele próprio os reconduziu, atados.

Nesse ponto da fábula, tem-se em mente a narrativa homérica respectiva à aventura de Ulisses com os lotófagos (*Od.* IX. 82-104). O poema assim apresenta o início do episódio:

O vendaval funesto pelo mar piscoso
por nove dias nos levou. Entre os Lotófagos,
que comem flor, chegamos na manhã seguinte.
Para fazer aguada, então desembarcamos, 85
ultimando os manjares rente às naus agílimas.
Saciados de comer e de beber, mandei
que os companheiros indagassem quem seriam
os homens que, no país, comiam pão, dois caros
marujos designando, e um terceiro: o arauto. 90
Entre os Lotófagos, logo se misturaram.
(*Od.* IX. 82-91; trad. de Vieira, 2011; *Od.* IX. 82-90, Murray, 1998)

Como o texto de Homero sobre os lotófagos não faz uma descrição da referida flor, alguns estudiosos (cf. Hoyo e Ruiz, 2009, p. 211 nota 525; que remetem a Rose, 1963, p. 89) apontam que a descrição da flor na fábula em apreço (“uma flor que nascia das folhas” *ex foliis florem procreatum edebant*) resultaria de uma “confusão” por parte de Higino entre a lótus imaginária de Homero e uma outra flor (modernamente chamada de *nymphaea stellata*), comum no Egito, descrita também dessa forma na Antiguidade¹⁴⁶. Note-se como na *Odisseia* homérica a flor de lótus é referida:

Em lugar de matar, Lotófagos ofertam
lótus como repasto aos nossos sócios. Quem
provara o puro mel da fruta-lótus, não
queria mais voltar ou informar-nos de algo, 95
optando por permanecer entre os Lotófagos,
comendo lótus, esquecidos do retorno.
Tive que usar de força para conduzi-los
às naus, chorosos, e amarrá-los sob as pontes
do cavo barco, aos outros sócios exigindo 100
a rápida partida nos baixéis agílimos:
que mais ninguém, comendo lótus, olvidasse
a volta! A bordo, sentam-se junto às cavilhas,
em fila, os remos já pulsando o salso gris

¹⁴⁶ Rose *ad loc.* remete a Theophr. *H.P.* IV, 8, 9-11.

Embora não se desenvolva tanto como o texto homérico, podemos constatar que Higino sobre esse ponto não se restringe tão somente a enumerar ações. Ele dá espaço para uma qualificação dos habitantes da terra exótica (“em nada maus” *minime malos*) – certamente uma interpretação do verso 92 (“Em lugar de matar...” – e denomina o efeito alucinógeno da flor sobre os companheiros de Ulisses como *suauitatem*, lit. “doçura”¹⁴⁷ (cf. “o puro mel da fruta-lótus”, verso 94 na tradução acima).

Embora não use de primeira pessoa ou de outros tantos elementos que conferem impressão de subjetividade ao texto como no poema homérico (e.g. “O coração doía enquanto navegávamos”, verso 105) há também na fábula referência ao engajamento pessoal do herói: *ipse reduxit uinctos* “ele próprio os reconduziu, atados”. Em Homero, também foram atados os companheiros, mas o destaque é que voltaram “chorosos” (“Tive que usar de força para conduzi-los/ às naus, chorosos, e amarrá-los sob as pontes”, *Od.* IX. 98-99).

Num texto predominantemente mais sucinto como é o texto higiniano, entende-se que a descrição da flor tenha chamado a atenção dos estudiosos das *Fábulas* que privilegiam, como parâmetro para o mito, o texto de Homero. Apesar disso, fica claro que não se justifica considerar mera “confusão” aquilo que aparece a mais na versão latina.

O encontro com Polifemo

A próxima etapa da viagem marca o encontro de Ulisses com o ciclope Polifemo, que na *Odisseia* homérica é, tal como o episódio anterior, narrado no canto IX. No texto higiniano, recorre a fórmula já vista (*inde ad* + patronímico), e que será reiterada na introdução de várias das etapas em que a paragem corresponde a uma nova aventura. Tal repetição reforça a impressão de que a narrativa vai se concentrar em aspectos básicos do episódio.

¹⁴⁷ Cf. o adjetivo *suavis* “agreeable to the taste; (spec. free from saltiness, bitterness, acidity)” (*OLD* 1).

Mas, em lugar de apenas se referir resumidamente ao encontro com o ciclope, o relato higiniano será aqui um pouco mais extenso do que os demais episódios referidos na mesma fábula, ocupando as seções 3 a 5:

3. inde ad Cyclopem Polyphemum Neptuni filium. huic responsum erat ab augure Telemo Eurymi filio ut caueret ne ab Vlysse excaecaretur. hic media fronte unum oculum habebat et carnem humanam epulabatur. qui postquam pecus in speluncam redegerat, molem saxeam ingentem ad ianuam opponebat. 4. qui Vlysem cum sociis inclusit sociosque eius consumere coepit. Vlysses cum uideret eius immanitati atque feritati resistere se non posse, uino quod a Marone acceperat eum inebriauit, seque Vtin uocari dixit. 5. itaque cum oculum eius trunco ardenti exureret, ille clamore suo ceteros Cyclopas conuocauit, eisque spelunca praeclusa dixit, "Vtis me excaecat". illi credentes eum deridendi gratia dicere neglexerunt. at Vlysses socios suos ad pecora alligauit et ipse se ad arietem, et ita exierunt 6. ad Aeolum Hellenis filium (...)

(Hyg. *Fab.* CXXV. 3-5)

3. Dali foi em direção ao ciclope Polifemo, filho de Netuno. Para este, havia um presságio do augúrio Têlemo, filho de Êurimo: que cuidasse para não ser cegado por Ulisses. O ciclope tinha apenas um olho no meio da testa e se alimentava de carne humana. Após reconduzir o rebanho para a caverna, ele colocava diante da entrada uma imensa rocha. 4. Ele confinou Ulisses com seus companheiros, e começou a devorar os companheiros dele. Ulisses, vendo que não era possível deter a crueldade e ferocidade do ciclope, embriagou-o com o vinho que recebera de Máron, e disse que se chamava "Ninguém". Assim, enquanto ele queimava com um tronco ardente o olho do outro, este chamou os demais ciclopes aos gritos, e lhes disse, da gruta obstruída: "Ninguém me cegou". Aqueles, acreditando que ele dizia aquilo por zombaria, ignoraram-no. Ulisses, então, prendeu seus companheiros a ovelhas, e a si próprio a um carneiro, e desse modo escaparam 6. em direção a Éolo, filho de Helen (...)

Em primeiro lugar, é interessante notar como Higino dá espaço à estratégia empregada pelo herói contra o ciclope, tão emblemática para a caracterização da astúcia (*métis*) de Ulisses em Homero.¹⁴⁸

¹⁴⁸ O episódio é evocado por outros autores da literatura latina como, por exemplo, por Plauto, cf. Costa, "O discurso de Sócia: uma contribuição para o estudo dos gêneros na "tragicomédia" *Anfitrião* de Plauto", in *Língua, Literatura e Ensino*, vol. II, 2007, p. 81-88; *idem*, *Mesclas genéricas na tragicomédia Anfitrião de Plauto*, Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010, p. 39. Sabemos que diversas são as imagens de Odisseus/Ulisses na literatura romana. Por exemplo, para Ulisses em Cícero, cf. e.g. Perutelli, A. *Ulisse in Cicerone*, Firenze: Le Monnier, 2005; Ulisses em Sêneca, cf. Setaioli, A. *Seneca e i greci: citazioni e traduzioni nelle opere filosofiche*, 1. ed., Bologna: Pàtron, 1988; aspectos da presença de Ulisses em Horácio são apontados por Piccolo (2009).

Várias vezes, Higino se vale de explicação etimológica, revelando o sentido de alguma palavra grega mencionada em suas fábulas. Aqui é curioso notar que não se traduz (por *nemo*, *nullus homo*, por exemplo), nem se explica o sentido de “*Vtis*” (“ninguém”), termo grego transliterado em latim que é chave para a ambiguidade que gera o ludíbrio do ciclope.

Quanto ao estilo desse excerto higiniano, chama atenção ainda certa repetitividade no uso dos termos ou recursos linguísticos. Por exemplo:

qui postquam pecus in speluncam redegerat, molem saxeam ingentem ad ianuam opponebat. 4. qui Vlysem cum sociis inclusit sociosque eius consumere coepit.

Após reconduzir o rebanho para a caverna, **ele** colocava diante da entrada uma imensa rocha. 4. **Ele** confinou Ulisses com seus **companheiros**, e começou a devorar os **companheiros** dele.

Observa-se, aqui, não apenas o recurso repetido do pronome *qui* (em referência ao mesmo personagem, o ciclope) em função de relativo de ligação, como também do termo *socius*, numa mesma frase (em lugar de se usar um pronome, quando da segunda ocorrência, por exemplo).

É evidente que essa correlação dos períodos dá uma impressão bem diversa da construção equilibrada que se tende a esperar de um Cícero, por exemplo. Mas, gostos à parte, tal recurso anafórico tem sua função na expressão das ações consecutivas e, a sua maneira, confere ao texto um caráter formular. Por isso, procuramos alcançar um efeito parecido com o da retomada de *qui*, na primeira posição, em nossa tradução: “ele... ele...”. Da mesma forma, a repetição de *socius*, e seu efeito enfático, foi mantida: “Ele confinou Ulisses com seus **companheiros**, e começou a devorar os **companheiros** deste.”

Hospitalidade em Éolo

Na próxima paragem de Ulisses, Higino passa do que foi narrado no canto IX da *Odisseia* homérica, para o episódio em que o herói encontra Éolo, apresentado no canto X do poema épico. O texto higiniano conta a história do seguinte modo:

6. *ad Aeolum Hellenis filium, cui ab Ioue uentorum potestas fuit tradita; is Vlysem hospitio libere accepit, follesque uentorum ei plenos muneri dedit. socii uero aurum argentumque credentes cum accepissent et secum partiri uellent, folles clam soluerunt uentique euolauerunt.* (Hyg. *Fab.* CXXV. 6)

6. em direção a Éolo, filho de Helen, a quem foi dado, por Júpiter, o poder sobre os ventos. Ele recebeu Ulisses em generosa hospitalidade, e deu-lhe de presente foles cheios de ventos. Porém, os companheiros, quando aceitaram os foles, acreditando que continham ouro e prata, e os querendo repartir entre si, desataram-nos secretamente, e os ventos rapidamente escaparam.

Uma pequena divergência entre o que narram Higino e Homero sobre o episódio é destacada pelos estudiosos Hoyo e Ruiz (2009, p. 212 nota 529). Diferentemente da narrativa homérica, em que se menciona apenas um odre (“o couro do odre que me deu era de um boi/ novigenário”, *Od.* X. 19 -20, tradução de Vieira, 2011, p. 285), o texto de Higino apresenta o termo no plural (cf. *follesque*). Mas, para nossas considerações, mais importa apreciar o modo como Higino trata de um conceito importante para a épica homérica, o de hospitalidade.

Sabe-se que a cena típica de visitação está presente em diversas passagens da *Odisseia*.¹⁴⁹ De acordo com Wagner-Hasel (2013), esse tipo de visita pode apresentar ou sublinhar diferentes tipos de dados importantes para o enredo, como, para citar apenas alguns exemplos: a) o cumprimento de deveres de hospitalidade com Zeus; b) manutenção de interesses econ  micos de reputação política; c) manutenção da paz e aliança política.¹⁵⁰ Sobre o ritual da hospitalidade, De Jong (2001, p. 17) divide-o em algumas cenas típicas, a saber: i) a partida do visitante; ii) chegada ao destino; iii) encontro com a pessoa que procura; iv) recepção por seu anfitrião; v) refeição servida; vi) conversa com seu anfitrião; vii) visitante    banhado; viii)    oferecida a ele uma cama ix) são oferecidos presentes.

Tais observações nos ajudam a analisar melhor o retrato da hospitalidade apresentado nessa passagem de Higino. Há, de fato, uma referência ao débito de   olo com Zeus – item do estudo de Wagner-Hasel que referimos como (a) – uma vez que aquele

¹⁴⁹ Por exemplo, nos cantos III. 4-469; IV. 1-624; V. 49-148; VII. ao XIII; s IX. 195-542; X. 1-69; XIV. 1-533; XVI. 1-155; e XXIV. 205-412, cf. De Jong (2001, p. 17).

¹⁵⁰ Cf. Wagner-Hasel, B. “Hospitality.” *Brill’s New Pauly*. Brill Online, 2013.

recebera desse deus o poder dos ventos (*ab Ioue uentorum potestas fuit tradita*). Embora não se explicitem os interesses políticos (c), há referência ainda à expectativa de vantagens econômicas (b) associadas à hospitalidade, já que os próprios companheiros de Ulisses, recebido nessas condições, supuseram que ele ganhara dinheiro como presente (*socii uero aurum argentumque credentes cum accepissent*).

Em termos de cenas de hospitalidade propriamente ditas, Higino condensa a referência à chegada ao destino (ii) com a recepção com seu anfitrião (iii): *ad Aeolum Hellenis filium, cui ab Ioue uentorum potestas fuit tradita; is Vlysem hospitio libere accepit*. Nesse episódio, não se mencionam a refeição servida (v), nem conversas (vi), banhos (vii), alojamento (viii), mas sim os presentes (ix), e o problema com eles gerado (*folles clam soluerunt uentique euolauerunt*).

É importante observarmos como um tema de grande relevância para a poesia grega é abordado no texto de Higino: na passagem que acabamos de ler, essas poucas referências às cenas típicas, acrescidas da expressão (*hospitio libere*), resume toda essa questão ao passo que na *Odisseia*, por exemplo, há toda uma descrição do ritual de hospitalidade tal como oferecida por Éolo nessa ocasião (*Od. X. 1-27*).

Desse modo, fica claro como o texto de Higino apresenta de modo conciso, objetivo, não apenas o que poderíamos chamar de informações quanto ao enredo mitológico, sem deixar de considerar tópicos importantes para a compreensão da épica de Homero. Por outro lado, ter em conta as tópicos e estratégias narrativas épicas nos faz rever o sentido de referências higinianas, como observamos na menção a Zeus: não apenas indicação da proveniência da habilidade de Éolo, mas também antecipa a ação, causando uma expectativa de hospitalidade. É interessante observarmos que na sequência das ações, quando Ulisses é reconduzido até Éolo, há o rompimento das regras de hospitalidade, e Ulisses é expulso da ilha. Essa informação, presente na *Odisseia*, também é transmitida por Higino, como veremos no excerto a seguir.

De Éolo até Circe

rursum ad Aeolum est delatus, a quo eiectus est, quod uidebatur Vlysses numen deorum infestum habere, 7. ad Laestrygonas, quorum rex fuit Antiphates <...> deuorauit nauesque eius undecim confregit, excepta

naue qua sociis eius consumptis euasit 8. *in insulam Aenariam ad Circen Solis filiam, quae potione data homines in feras bestias commutabat.*
(Hyg. *Fab.* CXXIV, 6-7, grifo nosso)

novamente conduzido até Éolo, por quem foi expulso, pois parecia que Ulisses tinha contra si a vontade dos deuses. 7. Foi até os lestrigões, cujo rei era Antífates <...>, devorou e destruiu onze de seus navios, exceto aquele com o qual escapou, tendo seus sócios sido devorados. 8. Chegou à ilha de Enária, até Circe, filha de Sol, a qual costumava transformar homens em animais selvagens dando-lhes uma poção.

Segundo o texto latino editado na edição de Marshall (2002), articulam-se numa mesma frase do texto latino os próximos destinos de Ulisses. Num só fôlego Higino nos conta que o herói é levado (o verbo é expresso: *delatus est*) para terra de Éolo (*ad Aeolum*), da qual é expulso (como no canto X da *Odisseia*) e à terra dos lestrigões (*ad Laestrygonas*) (canto X da *Odisseia*), e à de Circe (*ad Circen Solis filiam*) (canto X da *Odisseia*). Note-se, no texto acima, que há apenas uma referência a *Vlysses* como sujeito (grifado acima).

Tal economia é mais um recurso que traz concisão (e, caso não se esteja acostumado com o estilo de Higino, certa obscuridade). No mesmo sentido, nesse passo do texto latino, Micyllus indica uma lacuna. Quanto a isso, Boriaud (1997, p. 95 nota 2) comenta *ad loc.* que haveria uma diferença importante em relação ao texto homérico: “Ont disparu ici les circonstances dans lesquelles Antiphatès, roi des Lestrygons, dévore un des deux marins qu’Ulysse a envoyés en éclaireurs (*Od.* X, 100-120)”. A passagem homérica a que os estudiosos se referem é a seguinte:

Mandei que os companheiros perguntassem quem morava na região, se comedor de pão, dois homens designando e um terceiro: o arauto. Em terra firme, vão por onde os carros levam dos píncaros a lenha até a cidadela.	100
No arrabalde encontraram, indo à fonte, a jovem filha de Antífates, o Lestrigão. Altiua, ela descia até a Artácia, fonte belifluente de onde portam água até a urbe. A seu lado, perguntam como se chamava o basileu que ali reinava sobre as gentes. E ela indicou a residência de seu pai. No interno do palácio, deram com a cõnjuge do rei, tão alta quanto um cume. Se apavoram. A dama chama o insigne Antífates, da ágora, que decidiu que lhes cabia o fim lustruoso:	105
	110
	115

prepara a ceia, tendo em mãos um dos meus sócios;
os outros dois, à nau, sem fôlego, chegaram.
Bradou na cidadela e os Lestrigões fortíssimos
espocam ao chamado de todos os lados,
numerosíssimos, gigantes, inumanos. 120
(*Od.* X. 100-120; trad. de Vieira, 2011; *Od.* X. 100-120, Murray, 1998)

Tal episódio, se estivesse presente ou fosse necessariamente subentendido por um leitor conhecedor de Homero, certamente contribuiria para motivar de modo mais positivo a ação de Ulisses. Contudo, como se pode perceber, o texto latino respectivo naquele ponto não é mais obscuro que em outras partes dessa ou de outras *Fábulas*. Além disso, e, como vimos, Higino, até o momento da fábula, omite tantos outros aspectos da narrativa homérica em sua fábula CXXV, que não se pode assumir, em nosso entender, que o texto de Higino seria originalmente (i.e. antes de chegar à forma transmitida) mais completo. No entanto, infere-se, sim, que a indicação da lacuna é, como em outras passagens, derivada do pressuposto filológico moderno de que seria necessária a adequação do texto de Higino ao de Homero, e que leva a considerar como erro do autor latino, ou derivado de interpolação, qualquer divergência.

Outro aspecto que se tende a considerar erro em Higino diz respeito ao percurso geográfico do personagem mitológico. A identificação da ilha de Circe, segundo Higino, diverge da versão de Homero, uma vez que no texto do autor romano Circe seria de Enária (*in insulam Aenariam ad Circen Solis filiam*), ao passo que na obra grega – e em outra fábula higiniana (CXXVII.2 *Telêgono*)¹⁵¹ – se narra que Circe vivia em Eeia (“Fomos dar na ilha Eeia, lar de Circe”, *Od.* X. 135, tradução de Vieira, 2011, p. 293).

Adiante, em CXXV.16, o texto de Higino indica que em Eeia vivia Calipso (*in insulam Aeaeam; <hic> Calypso Atlantis filia nympha*), ao passo que na narrativa homérica ela habitaria Ogígia: “os eternos me levaram à Ogígia,/ à ilha de Calipso” (*Od.* XII. 447-448, tradução de Vieira, 2011, p. 383).

Confusão ou não, o fato é que, com a nova referência e sequência geográfica, a narrativa de Higino acaba por constituir uma outra versão da narrativa mitológica; a questão está, mais uma vez, no reconhecimento de sua autoria e autoridade.

¹⁵¹ Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 212 nota 531).

O encontro com Circe

Em seguida, tal como fizera com o episódio do ciclope Polifemo, ao tratar do encontro de Ulisses com Circe, Higino oferece ao seu leitor um enfoque mais aproximado (um “zoom”, se quisermos usar, na esteira de Murgatroyd (2005), de linguagem cinematográfica atual). Um pouco antes do excerto seguinte, Circe acabava de ser mencionada:

ad quam Eurylochum cum uiginti duobus sociis misit, quos illa ab humana specie immutauit. Eurylochus timens, qui non intrauerat, inde fugit et Vlyssi nuntiauit, qui solus ad eam se contulit; sed in itinere Mercurius ei remedium dedit, monstrauique quomodo Circen deciperet. 9. qui postquam ad Circen uenit et poculum ab ea accepit, remedium Mercurii monitu coniecit, enseque strinxit, minatus nisi socios sibi restitueret, se eam interfecturum. 10. tunc Circe intellexit non sine uoluntate deorum id esse factum; itaque fide data se nihil tale commissuram, socios eius ad pristinam formam restituit, ipsa cum eodem concubuit, ex quo filios duos procreauit, Nausithoum et Telegonum.
(Hyg. *Fab.* CXXIV. 8-11)

Enviou até ela Euríloco, na companhia de vinte e dois companheiros, cuja aparência humana ela modificou. Euríloco, que, temendo, não havia entrado, fugiu de lá e o comunicou a Ulisses, que sozinho se dirigiu até ela. Mas, no caminho, Mercúrio deu-lhe um antídoto e mostrou de que modo enganar Circe. 9. Depois de chegar à presença de Circe e aceitar dela um copo, ministrou o antídoto seguindo a instrução de Mercúrio, empunhou a espada e ameaçou matá-la caso ela não restituísse a si seus companheiros. 10. Circe, então, percebeu que não fora sem a vontade dos deuses que isso havia acontecido. Desse modo, dada a sua palavra de que nunca mais cometeria tal ato, restituiu a forma anterior dos companheiros dele, deitou-se ela própria com ele, de quem teve dois filhos, Nausítoo e Telégono

O texto de Higino menciona vagamente a metamorfose dos companheiros de Ulisses (*uiginti duobus sociis misit, quos illa ab humana specie immutauit*); ao passo que a versão homérica (*Od.* X. 237-238) explicita que os companheiros de Ulisses são transformados em porcos: “Depois de lhes servir e eles beberem, súbito/ tocou-os com a vara que os faz suínos” (tradução de Vieira, 2011, p. 299). O antídoto, referido mais sumariamente por Higino, é descrito na narrativa homérica:

E o Argicida, assim falando, deu-me o fármaco,
 que puxou do terreno, indigitando a forma:
 negra a raiz, a flor tão branca quanto o leite.
 Eternos a nomeiam *moly*, um homem só 305
 não consegue arrancá-la, só um deus, que tudo
 pode.
 (Od. X. 302-307; trad. de Vieira, 2011; Od. X. 305-307, Murray, 1998)

Mas, destaca-se no texto de Higino o mesmo motivo pelo qual, segundo Homero, Euríloco não teria entrado na casa de Circe: o medo. “Então convida-os/ a entrar, e todos seguem-na sem ponderar,/ exceto um, Euríloco, **temendo** o ardil” (Od. X. 230-232, tradução de Vieira, p. 297, cf. “Euríloco, que, **temendo**, não havia entrado” (*Eurylochus timens, qui non intrauerat* CXXV. 8, grifos nossos). E aqui vale lembrar que, embora o texto de Higino tenda a apagar alguns elementos que indiquem sentimentos dos personagens ou confirmem emoção (*pathos*) às cenas,¹⁵² o verbo *timere* (“temer”), em especial no particípio presente (*timens*), é reiterado em algumas fábulas.¹⁵³

A *katábasis* de Ulisses em Higino

Na sequência das ações de Ulisses, ao narrar sobre seu encontro com as almas do Hades (a célebre *Nekya* do canto XI do poema grego)¹⁵⁴, o texto de Higino novamente nos apresenta construções concisas que destacam as ações do personagem:

11. *inde proficiscitur ad lacum Auernum, ad inferos descendit, ibique inuenit Elpenorem socium suum, quem ad Circen reliquerat, interrogauitque eum quomodo eo peruenisset; cui Elpenor respondit se ebrium per scalam cecidisse et ceruices fregisse, et deprecatus est eum*

¹⁵² Cf. nossa análise no capítulo I do presente estudo.

¹⁵³ A saber: XXXIII. 4; XXXIII. 5; LXIII. 1; LXXIV. 2; LXXXIV. 3; LXXXVIII. 3; XCIX. 3; CXXXIV. 3; CLXXXVI. 4; CLXXXIX. 9. Cf. Chiabò et Roberti (2001, p. 174).

¹⁵⁴ Diferentemente da *Odisseia* de Higino (*Fab.* CXXV.11, *descendit*), na de Homero, a visita do herói ao mundo dos mortos (Od. XI) não se dá na forma de uma *katábasis* (lit. “descida às profundezas”). De todo modo, a passagem homérica constitui um modelo para outras narrativas em que há efetivamente a descida, como no livro VI da *Eneida* de Virgílio: “Narrative prototype in the Graeco-Roman world is Odysseus’ account of his voyage into the other world in the Odyssey (bk. 11, the so-called *Nekyía*). This account is based on a widespread narrative tradition from the Near Orient (Gilgamesh, Ištar/Inanna). Virgil’s account of Aeneas’ *katabasis* follows this tradition (Verg. Aen. 6). The Homeric *Nekyía*, however, is independent in this tradition insofar as Odysseus remains in the outskirts of the Underworld without ever penetrating it”. Cf. F. Gratz, “Katabasis”, *Brills on line*, 2013.

cum ad superos redisset sepulturae traderet et sibi in tumulo gubernaculum poneret. 12. ibi et cum matre Anticlia est locutus de fine errationis suae. deinde ad superos reuersus Elpenorem sepeliuit et gubernaculum, ita ut rogauerat, in tumulo ei fixit.
(Hyg. *Fab.* CXXIV. 11-12)

Dali ele partiu ao lago Averno, desceu às regiões inferiores, onde encontrou seu companheiro Elpenor, que ele havia deixado junto a Circe, e interrogou-o acerca do modo como ele havia chegado até ali. Elpenor lhe respondeu que, bêbado, havia caído de uma escada e quebrado o pescoço, e suplicou a ele que, quando voltasse às regiões superiores, sepultasse-o e colocasse em seu túmulo um timão. 12. Nesse lugar, Ulisses falou com sua mãe Anticleia acerca do fim de sua errância. Em seguida, tendo retornado às regiões superiores, deu sepultura a Elpenor, e, assim como este havia pedido, fincou em seu túmulo um timão.

No canto XI do poema homérico são apresentados, em dois momentos, dois diferentes catálogos: no primeiro, entre os versos 225 e 330, Odisseu se depara com o catálogo em que se elencam catorze heroínas; e, nos versos 568 a 635, que consta de seis heróis.¹⁵⁵ Nenhum dos catálogos é transmitido na fábula *Odisseia* de Higino, como vimos acima. Essa exclusão em especial nos causa estranhamento, visto que, como mencionamos na introdução a este estudo, um grande número de fábulas é mesmo composto por catálogos.¹⁵⁶

Um outro aspecto que também nos chama a atenção na passagem higiniana é a diminuição de elementos que se refiram aos sentimentos dos personagens. Sobre a cena do encontro com a mãe, Anticleia, o texto de Higino apenas relata que Ulisses falou (*est locutus*) com ela. Na narrativa homérica, por sua vez, termos destacam a emoção do personagem que “chora”, “padece” e cujo coração “se entenece” (grifos nossos):

A psique de Anticleia, minha mãe defunta,
filha de Autólico magnânimo, achegou-se:
deixara-a com vida em meu embarque a Tróia.

85

¹⁵⁵ Cf. De Jong (2001, p. 272). Ainda segundo De Jong (2001, p. 281), esses catálogos têm uma estrutura determinada: no caso do catálogo de heroínas, por exemplo, nos deparamos com “an introduction (225–34), a series of nine entries (235–327), and a breaking-off formula (328–30)”, partes que são conectadas pelo que a estudiosa define como “refrain-composition: ‘first I saw X’ (235), ‘after her I saw X’ (260, 266, 305), ‘and X (and Y) I saw’ (271, 281, 298, 321, 326).”

¹⁵⁶ Sobre o gênero catálogo nas *Fabulae* de Higino, cf. estudo introdutório. Como exemplo de catálogo de heróis e heroínas relacionado à épica homérica, temos a fábula XCVII. *Qui ad Troiam et quot nauibus ierunt* (“Quem partiu a Tróia, e com quantas naus”).

Chorei: meu coração **se enterneceu** ao vê-la,
mas não podia deixá-la se acercar do sangue
antes de interrogar Tirésias. **Padeci.**
(*Od.* XI. 84-95; trad. de Vieira, 2011, grifos nossos; *Od.* XI. 84-96,
Murray, 1998)

Na continuação da cena homérica, o encontro é marcado por emoção¹⁵⁷. Um efeito patético é obtido especialmente quando Odisseu por três vezes¹⁵⁸, e em vão, tenta abraçar sua mãe (*Od.* XI. 204-209):

Falou-me assim e, coração inquieto, quis
abraçar a psique de minha mãe sem vida.
Três vezes me lancei, feito sombra ou sonho, se evolou
de minhas mãos. A dor recrudescia dentro
em mim.
(*Od.* XI. 204-209; trad. de Vieira, 2011; *Od.* XI. 204-209, Murray, 1998)

Nessa passagem de Higino, novamente, a opção por uma predominante omissão de informações mais subjetivas (quanto à composição psicológica ou emoções dos personagens) parece contribuir para conferir um caráter “objetivo” à obra higiniana, que selecionaria, em seu relato, as ações de Ulisses.

Ulisses e as sereias

Após o encontro com as almas do Hades, Ulisses segue em direção às sereias. Nesta passagem (que equivale ao canto XII da *Odisseia*), é interessante observarmos que Higino, ainda que brevemente, descreve as sereias:

13. *tum ad Sirenas Melpomenes Musae et Acheloi filias uenit, quae partem superiorem muliebrem habebant, inferiorem autem gallinaceam.*

¹⁵⁷ De acordo com Heubeck e Hoekstra (1989, p. 89), a cena contém “elements of heroic epic combined with an intensely human drama”,

¹⁵⁸ De Jong (2001, p. 281) comenta que o *pathos* do gesto é aumentado com a presença do tema “três vezes... três vezes...”. Sobre esse tema, comenta ainda: “The ‘three times X ... three times Y...’ motif, which is based on atypical number, is an emphatic means of indicating a large quantity or a concerted (but usually unsuccessful) action”. Cf. De Jong (2001, p. 243). Esse recurso, ausente da *katábasis* higiniana, será empregado quando da descrição de Caribdis, na mesma fábula (CXXV.15), conforme discutimos mais adiante, neste Capítulo.

harum fatum fuit tam diu uiuere quam diu earum cantum mortalis audiens nemo praeteruectus esset. Vlysses monitus a Circe Solis filia sociis cera aures obturauit seque ad arborem malum constringi iussit et sic praeteruectus est.

(Hyg. *Fab.* CXXV. 13)

13. Então chegou até as Sereias, filhas de Aquelô e da Musa Melpômene, as quais tinham a parte superior em forma de mulher, porém a inferior em forma de ave. Seu destino era viver por tanto tempo quanto nenhum mortal, ao ouvir seus cantos, passasse por elas. Ulisses, instruído por Circe (filha do Sol), tapou com cera os ouvidos dos companheiros e ordenou que eles o amarrassem ao mastro e, desse modo, passou por elas.

O artifício utilizado por Ulisses (sob orientação de Circe) para que pudesse passar pelas sereias também está presente na obra homérica (*Od.* XII. 47-52). No entanto, não há no poema a descrição das sereias que vemos em Higino.¹⁵⁹

Tal descrição das sereias, tão distante da bela visão das mulheres-peixe divulgada modernamente, é coerente com a representação que posteriormente as aventuras narradas por Odisseu receberam nas artes plásticas ainda na Grécia antiga.¹⁶⁰ Mas vemos que nosso autor se resume a designar as partes dos monstros (“a parte superior em forma de mulher, porém a inferior em forma de ave”), sem se prolongar na caracterização. Na passagem seguinte, semelhante procedimento na descrição do monstro Cila será empregado (*superiorem corporis <partem> muliebrem, inferiorem ab inguine piscis*, CXXV.14; “<parte> superior do corpo era em forma de mulher, e a inferior (desde o ventre), em forma de peixe”).

A impressão é que, por meio desse recurso, o texto das *Fábulas* se apresenta como informativo, ao buscar oferecer dados, i.e. caracterização visível, potencialmente

¹⁵⁹ “Early sources comment either not at all or only vaguely on their appearance (chimeras of birds and humans first in pictorial representations (..) later Apoll. Rhod. 4,898 f.)” R. Nünlist, “Sirens”, *Brills on line*, 2013.

¹⁶⁰ Sobre o modo como Higino descreve as sereias: “Sirens are depicted as a chimera of birds and humans, in the earliest - from the second quarter of the 7th century onwards - sometimes male, even bearded (esp. in Corinthian objects d'art [4; 5. 1103; 6; 7]). (...). After the middle of the 6th century the bird body disappeared, and female breasts and arms appear, holding instruments, fans, and pomegranates. (...) Depictions of Odysseus' adventures with the Sirens start appearing on vases some hundred years after the composition of the epic (...) and are also popular on Roman sarcophagi (*Sarcophagus*) (...).” Cf. B. Bäbler, “Sirens II. Iconography”, *Brills on line*. Cf. ainda a dissertação de Mestrado: M. H. Marotta, *O Estatuto da Arte Etrusca: Um estudo das representações do 'Ulisses e as Sereias' nas urnas cinerárias etruscas do período helenístico no contexto da antiga Etrúria Setentrional*, Mestrado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2003.

verificável (e portanto perceptível como objetiva) sobre as personagens mitológicas mais fantásticas.

Ulisses na terra da Cila e Caríbdis

Ao passar pelas sereias, Ulisses então chega até Cila e, após ter alguns companheiros devorados por ela, atinge a ilha da Sicília, onde profana o gado do Sol. Após ser punido devido à ira do deus, é conduzido até Caríbdis. Tais ações são equivalentes ao canto XII da obra homérica. No entanto, mais uma vez a sequência das paragens é distinta em relação ao poema grego. De acordo com Homero, o herói primeiro passa pelos perigosos acidentes geográficos de Cila e Caríbdis, animados como monstros na narrativa de Homero (*Od.* XII. 101-114), e só então parte para a ilha Sicília (*Od.* XII. 127).¹⁶¹ Observemos a passagem correspondente em Higino:

14. *inde ad Scyllam Typhonis filiam uenit, quae superiorem corporis <partem> muliebrem, inferiorem ab inguine piscis, et sex canes ex se natos habebat; eaque sex socios Vlyxis naue abreptos consumpsit.* 15. *in insulam Siciliam ad Solis pecus sacrum uenerat, quod socii eius cum coquerent in aeneo mugiebat; monitus id ne attingeret ab Tiresia et a Circe monitus Vlysses; itaque multos socios ob eam causam ibi amisit, ad Charybdinque perlatus, <quae> ter die obsorbebat, terque eructabat, eam monitu Tiresiae praeteruectus est. sed ira Solis, quod pecus eius erat uiolatum (cum in insulam eius uenisset et monitu Tiresiae uetuerit uiolari, cum Vlysses condormiret, socii inuolarunt pecus; itaque cum coquerent, carnes ex aeno dabant balatus), ob id Iouis nauem eius fulmine incendit.* (Hyg. *Fab.* CXXV. 14-15, grifos nossos)

14. Dali chegou até **Cila**, filha de Tífon, cuja <parte> superior do corpo era em forma de mulher, e a inferior (desde o ventre), em forma de peixe. Ela mantinha seis cães, dela nascidos, e devorou seis companheiros de Ulisses, arrancados da nau. 15. Ele tinha chegado à ilha da **Sicília**, onde estava o gado sagrado do Sol. Quando os companheiros cozinhavam em um caldeirão de bronze o gado, este começou a mugir, tendo sido Ulisses instruído por Tirésias e instruído por Circe a não o tocar. Assim, por esse motivo perdeu nesse lugar muitos companheiros e foi conduzido até **Caríbdis**, <que> por três vezes ao dia sorvia água, e três vezes a vomitava; por instrução de Tirésias, passou por ela. Mas, devido à ira do Sol, pois o gado dele havia sido profanado (tendo chegado à ilha, por instrução de Tirésias Ulisses proibiu seus companheiros de violar o gado; apesar disso, quando dormiu profundamente, eles o roubaram; assim,

¹⁶¹ Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 214 nota 537).

enquanto cozinham, as carnes dentro do caldeirão de bronze davam berros), Júpiter incendiou a nau dele com um raio.

À parte as diferenças de percurso, na referência a Caríbdis o texto de Higino se mostra de modo surpreendentemente próximo do poema épico, por dois aspectos. O primeiro é que, com a expressão Χάρυβδις ἀναρρυβδῆι (que transliteramos *Kharybdis anarryssdei*, lit. “Caríbdis sugava”), usava-se um verbo bastante parecido com o nome próprio, criando-se um jogo de palavras que sugere uma etimologia (a rigor, imprecisa) de *Charybdis*.¹⁶²

Ao mencionar que, como no poema épico, Caríbdis “por três vezes ao dia sorvia água” (*ter die absorbebat*), a fábula recupera a locução bem marcada em Homero, embora se perca em latim o jogo etimológico.¹⁶³ Quanto a esse aspecto, observamos que Higino mantém, enquanto informação, o que em Homero teria claramente também um efeito poético.

No entanto, também a contraparte do movimento, referida em Homero (“Vomita-a três vezes e três vezes/ a absorve, horrível”, *Od.* XII. 105, trad. Vieira, p. 363)¹⁶⁴, é enunciada também na fábula: <*quae*> *ter die absorbebat, terque eructabat* (“por três vezes ao dia sorvia água, e três vezes a vomitava” CXXV.15), mantendo-se a anáfora “três vezes..., três vezes...” que, conforme já se mencionou, é, na épica, indicadora, ao mesmo tempo, de quantidade, vanidade, e emoção.¹⁶⁵

Ulisses e Calipso

¹⁶² Cf. Heubeck e Hoekstra (1989, p. 129) quanto aos versos: “the verb which follows immediately after is intended to explain the derivation of the name – hence the less well attested reading ἀναρρυβδῆι ‘she swallows’ should be preferred, as Blass saw. Charybdis is ‘the swallower’.” Sobre a brincadeira etimológica (“etymological pun”) na passagem homérica, cf. P. Dräger “Charybdis”. *Brill’s New Pauly*. 2013.

¹⁶³ A questão do uso do grego e de o quanto as *Fabulae* contariam com o conhecimento de grego por parte dos seus leitores para o reconhecimento ou lembrança de jogos de palavras como este (e como, na mesma fábula, no emprego do termo grego *Vtis*, “Ninguém”, no episódio de Polifemo) mereceria uma atenção mais aprofundada, que escapa ao âmbito deste trabalho.

¹⁶⁴ Cf. sobre a locução “três vezes... três vezes” no passo homérico, cf. De Jong (2001, p. 304): “Odysseus’ description of Charybdis is longer than Circe’s (cf. 101–7), the length corresponding to his fascination for the terrifying spectacle. Circe’s δεινόν is mirrored in 236 and 242 and her ‘three times a day she vomits the water up, three times she sucks it down’ recurs in Odysseus’ use of iteratives (...) and iterative optatives (...)”.

¹⁶⁵ Cf. De Jong (2001, p. 243), e nota supra ao episódio da *katábasis*.

Após escapar de Cila e Caríbdis, Ulisses, náufrago e errante, chega a nado até a ilha de Calipso (Eeia, no texto de Higino):

16. *ex his locis errans naufragio facto sociis amissis enatauit in insulam Aeaeam; <hic> Calypso Atlantis filia nympa, quae specie Vlyssis capta anno toto eum retinuit neque a se dimittere uoluit donec Mercurius Iouis iussu denuntiauit nympae ut eum dimitteret.* 17. *et ibi facta rate Calypso omnibus rebus ornatum eum dimisit, eamque ratim Neptunus fluctibus disiecit, quod Cyclopem filium eius lumine priuauerat. ibi cum fluctibus iactaretur, Leucothoe, quam nos Matrem Matutam dicimus, quae in mari exigit aeuum, balteum ei dedit quo sibi pectus suum uinciret, ne pessum abiret. quod cum fecisset, enatauit.*
(Hyg. *Fab.* CXXV. 16-17)

16. Partindo desse lugar, perdidos seus companheiros devido ao naufrágio, errante, nadou até a ilha Eeia. <Ali> a ninfa Calipso, filha de Atlante, tomada pela aparência de Ulisses, reteve-o por um ano inteiro e não quis libertá-lo até que Mercúrio, sob ordem de Júpiter, advertiu a ninfa que o libertasse. 17. E ali, tendo construído uma embarcação, Calipso o libertou, equipado com diversos tipos de provisões. Netuno destruiu com suas ondas tal embarcação, pois aquele havia privado da visão o ciclope, seu filho. Ali, sendo ele arrojado pelas ondas, Leucótea, a quem nós chamamos “Mãe Manhã”, que vive no mar, deu-lhe um cinturão para que ele prendesse a seu peito, a fim de que não afundasse. Tendo feito isso, salvou-se a nado.

Nessa passagem, chama-nos a atenção a referência feita à divindade Leucótea: a expressão aqui empregada (*Quam nos Matrem Matutam dicimus*) é a mesma presente na fábula II (intitulada *Ino*). A expressão encontra correspondência nas *Tusculanas* de Cícero e nos *Fastos* de Ovídio, como discorremos em nosso capítulo anterior. Tanto a forma verbal em primeira pessoa do plural (*dicimus*, “dizemos”), quanto uma possível alusão a passos de autores latinos, sublinham a dicção latina desta passagem da *Odisseia* de Higino.

Observamos também que o texto de Higino apresenta a marcação temporal (*anno toto*, “por um ano inteiro”). No entanto, tal referência é distinta daquela que encontramos no poema homérico, que se refere a sete anos: “Por um setênio ali fiquei” (*Od.* VII. 259, tradução de Vieira, 2011, p. 209). Na *Odisseia* há uma menção ao período de um ano, feita no canto X. 467, mas ela se refere à estada de Odisseu junto a Circe (“Permanecemos na ínsula de Circe um ano”, tradução de Vieira, 2011, p. 311).

Antes de rotular essa diferença como erro ou confusão de Higino, parece-nos plausível pensar que o autor romano tenha utilizado como fonte outra obra antiga. De todo modo, independentemente de onde tenha vindo a referência temporal empregada no texto, ela integra e constitui uma nova versão do mito.

A hospitalidade de Alcínoo

A cena que a seguir é narrada nas *Fábulas*, refere-se à chegada de Ulisses à ilha dos feácios, onde o herói encontra Nausícaa, filha do rei Alcínoo. Dessa forma, após se referir a um episódio do canto VII de Homero, o texto de Higino trata de outro que no poema épico se dá no canto VI.

Também observamos, nessa passagem, mais uma referência ao tema da hospitalidade, sobre o qual discorreremos acima:

18. *inde in insulam Phaeacum uenit, nudusque ex arborum foliis se obruit, qua Nausicaa Alcinoi regis filia uestem ad flumen lauandam tulit. ille erepsit e foliis et ab ea petit ut sibi opem ferret. illa misericordia mota pallio eum operuit et ad patrem suum eum adduxit.* 19. *Alcinous hospitio liberaliter acceptum donisque decoratum in patriam Ithacam dimisit. ira Mercurii iterum naufragium fecit.*
(Hyg. *Fab.* CXXV. 18-19)

18. Dali chegou à ilha dos feácios e, nu, cobriu-se com folhas das árvores, no local em que Nausícaa, filha do rei Alcínoo, levava uma veste para ser lavada no rio. Ele arrastou-se por entre as folhagens e pediu a ela que lhe prestasse auxílio. Ela, movida pela piedade, cobriu-o com um manto e o conduziu até seu pai. 19. Alcínoo o recebeu com generosa hospitalidade e o enviou, tendo recebido presentes e tendo-se ornamentado, à pátria Ítaca. A ira de Mercúrio provocou, novamente, um naufrágio.

A expressão *hospitio liberaliter* (“com generosa hospitalidade”, *Fab.* CXXV.19) lembra a cena em que, na mesma fábula, já se mencionou a hospitalidade de Éolo (*hospitio libere*, *Fab.* CXXV.6). Mas, se compararmos as cenas, vemos que há variações na apresentação da tópica. Observemos quais dentre os elementos das cenas de hospitalidade – referidos por De Jong (2001, p. 17), e por nós enumerados ao discutir CXXV.7 – temos aqui.

Tal como na visita a Éolo, a referência à chegada ao destino (ii) é clara (*inde in insulam Phaeacum uenit*). Mas aqui o encontro com uma pessoa oportuna, Nausícaa (iii) e a recepção por parte do anfitrião (iv), Alcínoo, são narrados separadamente. Tal como no episódio de Éolo, subentende-se na expressão *libere/liberaliter* que teria havido conversa, refeição e acomodação (itens v, vi e viii referentes a esse tipo de cena), e da mesma forma se enfatiza ter havido presentes (ix) (*acceptum donisque*). Nesse episódio, em que o herói está mais próximo do termo *decoratum* (“ornamentado”), explicita os cuidados prestados pelos anfitriões com a aparência do viajante (vii).

Não há tão explicitamente a referência a Zeus vista no episódio de Éolo (CXXV.6), a qual, segundo nossa interpretação, remeteria à tópica dos deveres de hospitalidade (conforme destacados por Wagner-Hasel no verbete do *Brills on-line*). Na verdade, o deus evocado, Mercúrio, se mostra contrário a Odisseu (*ira Mercurii iterum naufragium fecit*, CXXV.19).

No texto de Higino, assim como na *Odisseia*, Ulisses desperta nu (*nudus*) e cobre-se com folhas das árvores (*ex arborum foliis se obruit*). Mais ainda: ele também se arrasta por entre as folhagens (*ille erepsit e foliis*) a fim de pedir auxílio. No poema grego, essa imagem, que é construída por meio de um símile que compara o herói a um leão¹⁶⁶, tem como efeito contribuir com a emoção (o *pathos*) despertada na cena. Observemos o excerto homérico:

Tendo dito, Odisseu emerge dos arbustos; sua mão robusta rompe um galho vicejante da selva espessa. Urgia velar a genitália.	
Leão montês, confiado com vigor, investe contra o aguaceiro e o vendaval, pupilas flâneas, atrás de pécoras e bois, ariscos cervos galhudos, e no espaço estreito o ventre o preme a entrar para assediar, mortífero, a rês, assim o herói decide que, entre as moças belas- tranças, avançaria, embora nu. Premia-o a privação. Desponta sujo de salsugem, horrível. Fogem beira-rio acima e abaixo.	130 135
(Od. VI. 127-138, trad. de Vieira, 2011; Od. VI. 127-140, Murray, 1998)	

¹⁶⁶ Cf. De Jong (2001, p. 158).

Ali, essa emoção caracterizaria tanto o *ethos* do herói (a sua relutância em se aproximar das moças), quanto à reação das moças ao verem um homem tal qual um animal selvagem.¹⁶⁷ Por sua vez, Higino mantém a imagem da nudez de Ulisses, mas despe a cena do símile animal, da consequente força emotiva e da caracterização mais psicológica das personagens envolvidas. Porém, com a nudez do personagem, mantém-se a motivação passional que vai levar Nausícaa (*illa misericordia mota, Fab. CXXV.18*) à ação de conduzir o estrangeiro até seu pai. Assim, embora de modo não tão veemente, um pouco de *pathos* compõe esta cena de hospitalidade em Higino.

Finalmente Ítaca

Por fim, os últimos trechos da fábula CXXV narram a chegada de Ulisses à Ítaca. O conteúdo das passagens é equivalente a três cantos da *Odisseia*: a chegada de Odisseu ao seu palácio (*Od. XVII. 16-25*), seu reconhecimento pela nutriz Euricleia (*Od. XIX. 386-394*) e o momento em que o herói mata os pretendentes de sua esposa Penélope (*Od. XXII*):

post uicesimum annum sociis amissis solus in patriam redit, et cum ab hominibus ignoraretur domumque suam attigisset, procos qui Penelopen in coniugium petebant obsidentes uidit regiam seque hospitem simulauit. 20. et Euryclyia nutrix ipsius dum pedes ei lauat ex cicatrice Vlysem esse cognouit. postea procos Minerua adiutrice cum Telemacho filio et duobus seruis interfecit sagittis.
(Hyg. *Fab. CXXV. 19-20*)

Após o vigésimo ano, tendo perdido os companheiros, retorna sozinho à pátria, e, não tendo sido reconhecido pelos homens, ao chegar a sua casa viu os pretendentes que, assentados em seu palácio, solicitavam Penélope em casamento e fingiu ser um estrangeiro. 20. E sua própria nutriz, Euricleia, enquanto lava-lhe os pés percebe, por meio de uma cicatriz, tratar-se de Ulisses. Depois disso, mediante a ajuda de Minerva, com seu filho Telêmaco e dois servos matou os pretendentes a flechadas.

¹⁶⁷ Cf. ad *Od. VI. 130-7*. De Jong (2001) analisa a função do símile de leão, a que a caracterização de Odisseu como nu, em Homero, é associada: “This is the second ‘lion’ simile devoted to Odysseus in the *Odyssey* (...) Its primary function is to make clear Odysseus’ reluctance: just as a lion only approaches cattle which are grazing near human habitation (instead of in the mountains with a solitary herdsman) when driven to by hunger, it is need (for clothes and guidance, cf. 178-9) that forces the naked Odysseus to mix with the girls; the narrator adds to the pathos of the situation by using character-language (...). The secondary function of this simile is to give expression to the way in which the girls focalize Odysseus: in their eyes, Odysseus is as frightening as a lion, not only because he is a man and might harm them (cf. 199-200) but especially because, like that animal, he is disfigured through exposure to the elements (the lion is ‘rained on and blown by the wind’, Odysseus is ‘befouled through brine’)”.

O *topos* épico do reconhecimento (*anagnórisis*), importante para a poesia grega clássica é expresso na passagem com auxílio dos verbos que indicam, primeiro, a não identificação do herói por parte dos que habitavam sua terra (*ignoraretur*), sua simulação proposital (*seque hospitem simulauit*) e finalmente a revelação de sua identidade (*Euryclia nutrix ipsius dum pedes ei lauaret ex cicatrice Vlysem esse cognouit*).¹⁶⁸

Mas será apenas na fábula seguinte (CXXVI) que Higino narrará sobre esse reconhecimento de modo mais detalhado, assim como sobre a chegada de Ulisses em Ítaca, e a chacina dos pretendentes.¹⁶⁹

Nesse sumaríssimo relato do final da fábula em apreço, não houve espaço para qualquer referência ao que teria sentido Ulisses mediante o tão postergado regresso, a visão da terra pátria, lar, esposa (não mencionada) e respectivos pretendentes. Em seu lugar, segue-se um texto transmitido, à guisa de revisão de “fatos” mitológicos, de forma catalográfica.

O Catálogo final

Ao discorrermos sobre o episódio da *katábasis* higiniana, mencionamos a ausência do catálogo homérico de heróis e heroínas que Odisseu encontraria em seu encontro com seres do Hades. No entanto, a fábula CXXV se encerra com um catálogo, que expõe uma genealogia. De acordo com Micyllus (1535), responsável pelo texto considerado como *editio princeps*, tal catálogo se encontrava anotado à margem dos manuscritos utilizados por ele (*haec in ueteri exemplari in margine annotata erant*)¹⁷⁰; mas, modernamente, o texto é por alguns editores incorporado ao *corpus* da fábula:

[Deioneus genuit Cephalum, Cephalus Arcesium, Arcesius Laertem,
Laertes Vlysem, Vlysses ex Circe Telegonum, ex Penelope Telemachum;

¹⁶⁸ Sobre a *anagnórisis* na literatura grega em geral, cf. Duarte, A. S. *Cenas de reconhecimento na poesia grega*. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

¹⁶⁹ Sobre o modo como Higino seleciona as informações a serem apresentadas nas fábulas (por exemplo, ligadas a casamento, a morte e a violação sexual), discorreremos em nosso capítulo III.

¹⁷⁰ Cf. Ainda Marshall (2002, p. 112); Boriaud (1999, p. 98); Hoyo e Ruiz (2009, p. 216 nota 542); Sánchez (2009, p. 164 nota 324).

Telegonus ex Penelope Vlyssis coniuge Italum, qui Italiam ex suo nomine appellauit; e Telemacho Latinus, qui Latinam linguam ex suo nomine cognominauit.]

[Dejoneu gerou a Céfaló; Céfaló, a Arcésio; Arcésio, a Laertes; Laertes, a Ulisses; Ulisses (de Circe), a Telêgono; (de Penélope), a Telêmaco; Telêgono (de Penélope, esposa de Ulisses), a Ítalo, que designou a Itália a partir de seu nome; de Telêmaco nasceu Latino, que a partir de seu nome denominou a língua latina].

É muito curioso constatar que o texto apresenta, além da genealogia de Odisseu, e sua descendência, uma explicação etimológica sobre o surgimento da Itália e da língua latina.

É relevante notar que tal informação se inclui em um excerto em forma de catálogo, i.e. um texto pertencente a um gênero que é pertinente à obra de Higino. Além disso, em algumas fábulas, Higino demonstra interesse nesse tipo de associação etimológica.¹⁷¹ Portanto, sua pertinência ao contexto das *Fabulae* é bastante verossímil. Quem quer que tenha incluído a referência metalinguística, é significativo que, ao final de tudo, se destaque a língua por meio da qual a fábula higiniana se insere na tradição mitográfica greco-romana.

¹⁷¹ Cf., por exemplo, notas às fábulas LXVII e CXXII e discussão no capítulo III.

CAPÍTULO III – O ESTILO DAS *FABULAE* DE HIGINO: PRIMEIRAS REFLEXÕES¹⁷²

Le style c'est l'homme même.

Buffon, *Discours sur le Style* (1735).

Após examinarmos excertos da narrativa higiniana nos capítulos anteriores, comparando-a com a observável em textos de outros autores antigos (Ovídio e Homero, respectivamente), neste capítulo pretendemos apreciar de modo mais sistemático alguns dos recursos linguísticos que caracterizam a prosa na obra *Fabulae* de modo geral.

Durante a tradução das primeiras cento e vinte cinco fábulas, pudemos constatar no texto latino certos recursos recorrentes, em termos de escolhas lexicais e de formas gramaticais, além de padrões quanto à ordem das palavras (*dispositio*) e modos de citação.

Ora, como já vimos comentando, um aspecto que contribui para a frequente recepção negativa da obra *Fabulae* é o fato de seu texto ser notoriamente considerado como descuidado, sem qualquer preocupação estética. De fato, a proximidade com o texto latino que a prática da tradução proporciona nos leva a perceber diversas construções (no uso dos casos, dos tempos verbais, dos pronomes) diferentes das que se costuma ensinar e aprender como mais comuns na considerada a época clássica da língua latina. Várias dessas estranhezas, em geral observadas por editores e demais estudiosos, foram normalmente indicadas em notas à tradução¹⁷³ apresentada nesta dissertação, sobretudo quando nos geravam dúvidas quanto ao sentido do texto, exigindo maior esforço interpretativo. Abaixo discutiremos algumas delas. Entretanto, antes de iniciarmos nossa observação, parece-nos relevante atentar para uma característica que tem recebido a atenção dos estudiosos de Higinio: trata-se dos alegados erros (quer quanto à matéria, quer quanto à forma de seu texto). Essa revisão nos parece importante sobretudo porque os supostos “desvios” no texto

¹⁷² Versões anteriores deste capítulo foram apresentadas (sob o título “Estilo e narrativa mitológica nas *Fabulae* de Higinio) no Colóquio Internacional *Revisitar o Mito / Recycling Myths*, promovido pela Faculdade de Letras de Lisboa (Portugal), em maio de 2011; em Colóquio do Centro de Estudos Clássicos (*XXXV Colóquio de Estudos Clássicos*) e no *XVIII Seminário de Teses em Andamento*, promovidos pelo Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas. Agradecemos ao Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira, e aos debatedores Profa. Dra. Érika Werner e Prof. Dr. José Carlos Baracat Júnior pelas discussões nas ocasiões.

¹⁷³ Por exemplo, cf. notas à fábula XIV. *Argonautae conuocati*.

têm contribuído para a qualificação do texto das *Fabulae*, a qual normalmente o apresenta, conforme dissemos anteriormente, como sendo um texto descuidado, pedestre.

Errâncias de Higino

Nas edições com que trabalhamos, comumente nos deparamos com a afirmação de que as *Fábulas* apresentam erros (gramaticais e quanto ao conteúdo), bem como confusões e contradições internas. Em algumas ocasiões, como a da fábula *Crises*, parece-nos, de fato, que a forma como certos dados se apresentam resulta em uma confusão para o leitor. Entretanto, em outros momentos, parece-nos que um olhar mais atento para o texto pode revelar efeitos interessantes.

Tratemos primeiro dos alegados erros gramaticais. Em termos de uso da língua latina, podem-se constatar realmente desvios do padrão considerado clássico. Isso se dá, por exemplo, na construção “*ex* + nome de cidade” que aparece diversas vezes ao longo de toda a fábula XIV (e.g. *Ex Oechalia, ex Argis*). Se considerarmos que a prosa clássica não admitia o uso desse tipo de preposição diante do nome de cidade,¹⁷⁴ poderíamos perguntar, especulativamente, até que ponto esses supostos erros não são vestígios do latim falado na época de Higino, qualquer que fosse ela. Na falta de maiores evidências, esse tipo de construção acaba dando impressão de se tratar de uma escrita com menos cuidado com a linguagem formal, pedestre, como muitos estudiosos têm considerado o texto de Higino.

Algumas vezes, apontam-se erros quanto à matéria do mito em Higino, normalmente qualificados como confusões. Por exemplo, Higino confundiria nomes de personagens homônimos, note-se a fábula XIV.1 *Argonautae conuocati*:

Asterion Pyremi filius, matre Antigona Pheretis filia, ex urbe Pellene, alii aiunt <Hyperasii> filium, urbe Piresia...
(Hyg. *Fab.* XIV.1)

Astérion, filho de Piremo, sua mãe era Antígona, filha de Feres, da cidade de Pelene; outros dizem filho de <Hiperaso>, da cidade de Piresia...

¹⁷⁴ Cf. Grimal (*et alii*), *Gramática latina*, 1986, p. 110: §189 III. Os nomes de cidade, quando marcando origem, ficam no ablativo sem preposição (apenas *ad/ab* para indicar vizinhança). No texto de Higino, temos as variações entre as construções “*urbe* + cidade”, “*ex urbe* + cidade” e “*ex* + nome de cidade”. Esta última, portanto, poderia ser considerada um desvio do que se espera em um texto clássico.

Alguns estudiosos¹⁷⁵ da obra sugerem se tratar aqui de uma confusão “de Higino”: ele teria misturado dados sobre dois personagens de nome Astérion, uma vez que a tradição clássica narra que havia um Astérion filho de Cometo (Paus. V. 17. 9; Apol. *Bibl.* I. 9. 16), proveniente de uma cidade da Tessália chamada Piresia (a confusão, segundo Hoyo e Ruiz, seria supostamente devido à similaridade dos termos correspondentes a Piremo e Piresia). Já o outro personagem Astérion seria filho de Hiperaso, também aqui incluído por Higino, mas que certa tradição narra ser de Pelene, não Piresia (Apol. Rod. *Arg.* I. 176; *Argonáuticas Órficas* 216). Sem entrar no mérito quanto a esse mito especificamente, é interessante assinalar que, ao caracterizar como “erro” a versão de Higino, privilegia-se na verdade não “o mito verdadeiro” (expressão que, em última análise, seria um oxímoro), mas sim outras versões, tomadas como “clássicas”.

Em outra passagem da mesma fábula, o equívoco estaria relacionado com os personagens Quíron e Endeis: XIV.8 *Peleus et Telamon Aeaci et Endeidos Chironis filiae filii ab Aegina insula* “Peleu e Télamon, filhos de Éaco e de Endeis, filha de Quíron, da região da ilha de Egina”. Nesse caso, Hoyo e Ruiz (2009, p 92 nota 128) procuram explicar a “confusão” de Higino: os estudiosos lembram que Endeis costuma ser apresentada, em outras versões mitológicas, como filha de Cariclo e Esquíron (Apol. *Bibl.* III. 12. 6; Plutarco *Teseu* 10). Contudo, haveria uma outra personagem de nome Cariclo, a esposa do centauro Quíron (Píndaro *Pit.* IV. 181 ss.; Ov. *Met.* II. 636). A partir de tais informações, os estudiosos acreditam que o equívoco com o nome do pai da personagem Endeis teria ocorrido a partir das mães homônimas, que, por sua vez, não estão nomeadas na fábula.

Na mesma fábula de número XIV temos, ainda, semelhante ocorrência quando se menciona os personagens Butes e Zeuxipe (XIV.9), Ergino (XIV.16), Cerinto (XIV.28), e os filhos de Frixo (XIV.30). Já em outra fábula, a de número CXII.1 *Prouocantes inter se qui cum quo dimicarunt* (*Aqueles que se desafiaram e contra quem combateram*), o equívoco estaria relacionado ao se mencionar o personagem Glauco.¹⁷⁶

Por outro lado, em algumas passagens, que têm sido consideradas categoricamente por alguns estudiosos como erros, percebemos que talvez se trate de uma avaliação um tanto quanto apressada, como ocorre também na fábula XIV:

¹⁷⁵ Cf. Expósito (2008, p. 53 nota 84), que apenas indica a passagem como erro; Hoyo e Ruiz (2009, p. 89 nota 114), por sua vez, como veremos adiante, procuram-se interpretar o porquê do possível erro.

¹⁷⁶ Sobre todas essas passagens preferimos comentar em notas, para que o texto aqui não ficasse fastidioso.

Eurytus et Echion Mercurii et Antianirae Meneti filiae filii, ex urbe Alope, quae nunc uocatur Ephesus.
(Hyg. *Fab.* XIV. 3)

Êurito e Equíon, filhos de Mercúrio e de Antianira, filha de Meneto, da cidade de Álope, que agora é chamada Éfeso.

Sobre essa passagem, Hoyo e Ruiz (2009, p. 90 nota 118) a consideram um erro de Higino, afirmando que Álope seria uma cidade costeira de Ftiótida (região da Grécia Central), e que nunca teria se chamado Éfeso. Fernaz (1997, p. 219 nota 53), por sua vez, corrobora a informação e comenta, ainda, que Rose insinua que poderia ser uma brincadeira de Higino: “Rose insinúa incluso que pudiera tratarse de una broma del autor”. Entretanto, como nos informa Smith (1932, *Ephesus*), há algumas variações sobre a origem da cidade de Éfeso, dentre elas, como narra Plínio – o Velho (c.23-70 d.C.), a de que foi fundada pelas Amazonas, e que teria recebido diversos nomes, dentre eles, o de Álope:

in ora autem Matium, Ephesus, Amazonum opus, multis antea expetita nominibus, Alopes, cum pugnatum apud Troiam est...
(Plin. *Nat.* V. 31.115)

porém, na costa fica Mácio, e Éfeso, obra das Amazonas, e denominada anteriormente por muitos nomes: Álope, durante a Guerra de Tróia...
(Tradução nossa)

Nesse caso, parece-nos plausível pensar que talvez algum autor pudesse ter sido fonte comum para ambos, ou mesmo Plínio ter sido fonte para Higino (ou, ainda, vice-versa).

Por outro lado, em uma determinada passagem, que faz referência ao personagem Eurídamas, temos uma interessante observação de Hoyo e Ruiz (2009, p. 91 nota 124). Em XIV.5, lemos :

Eurydamas Iri et Demonassae filius, alii aiunt Ctimeni filium, qui iuxta lacum Xynium Dolopeidem urbem inhabitabat.
(Hyg. *Fab.* XIV.5)

Eurídamas, filho de Iro e de Demonassa (outros o dizem filho de Ctímeno), que habitava a cidade dolopeide, muito próxima ao lago Xínio.

Sobre esse trecho, os estudiosos lembram que na expressão *dolopeidem urbem inhabitabat*, dolopeide deve ser compreendido como um adjetivo, uma vez que o personagem Eurídamas era de Ctímene, cidade da região de Dolópia (Apol. Rod. Arg. I. 68). Dessa forma, acreditam que não haveria motivo para considerar a passagem como erro, o que fazem Fernaz e Urbán Fernández.¹⁷⁷

Uma passagem na fábula III.3 *Frixo* também tem sido considerada, praticamente por todos os estudiosos consultados¹⁷⁸, como erro: trata-se do presságio que havia para Eeta:

Sed ueritus est Aeeta ne se regno eiicerent, quod ei responsum fuit ex prodigiis ab aduena Aeoli filio mortem caueret. Itaque Phrixum interfecit.
(Hyg. Fab. III. 3)

Mas Eeta temeu que o banissem do reino, pois havia um presságio para ele, vindo expresso em forma de prodígios, recomendando-lhe que se precavesse de ser morto por um estrangeiro, descendente de Éolo.

Costuma-se sugerir uma interpretação errônea por parte de Higino, uma vez que o referido presságio acerca da morte por um estrangeiro, de acordo com outros testemunhos antigos, faria alusão a Jasão e Pélias (assim como é narrado na fábula XII. *Pélias*), não a Frixo e Eeta. Outra consideração a corroborar essa afirmação é a de Sánchez (2009, p. 38 nota 46) e Ruiz de Elvira (1982, p. 299), de que Eeta era um imortal (sem, no entanto, apresentar a fonte antiga em que se basearam).

Entretanto, vale lembrar que o tal presságio faz sentido na história que narra (apenas) Higino. É devido a ele, por exemplo, que Frixo é assassinado. Em lugar de pensar que se trate de um erro, que Higino teria confundido as histórias, pode-se cogitar que esse aspecto do enredo mitológico em questão esteja presente apenas no texto de Higino venha a sugerir, inclusive, que a informação já estivesse presente em alguma fonte utilizada pelo autor, e que não nos foi legada.

E, ainda, há outra objeção à versão higiniana: Fernaz atenta para o fato de que Frixo era neto de Éolo, não filho.¹⁷⁹ Entretanto, assim como ocorre na fábula CXXI. *Crises*, o

¹⁷⁷ Fernaz (1997, p. 22 nota 85) traduz a passagem como: “Euridamente, hijo de Iro y de Demonasa, otros dicen que hijo de Ctímeno; vivía en la ciudad Dolopeide, junto al lago Xinio”. E, em nota, comenta: “no existía ninguna ciudad llamada Dolopeide”. Urbán Fernández (2003, p. 161), por sua vez, define a passagem como “un error de tipo geográfico”.

¹⁷⁸ Cf. Hoyo e Ruiz (2009:79 nota 82); Fernaz (1997, p. 215 nota 29).

termo *filius* pode aqui ser compreendido como descendente, como nos informa o *OLD* (sentido 2) na entrada para o termo: “daughters and other descendants”.

Por fim, outra passagem que não tem sido abordada necessariamente como erro, mas tampouco tem sido considerada na relação com outras obras antigas, está presente na passagem XIV.1, na qual, lemos: *Iason Aesonis filius et Alcimedes Clymeni filiae* “Jasão, filho de Éson e de Alcímede, filha de Clímeno”. Estranha-nos a presença de um Clímeno como pai de Alcímede, visto que a maioria das fontes sobre o assunto¹⁸⁰ narra que o rei de Orcómeno, Mínias, teve uma filha chamada Clímene, que, casada com Fílaco, deu à luz Alcímede. Enquanto Boriaud (1997, p. 175 nota 2) e Expósito (2008, p. 53 nota 82) indicam que tal afirmação não é atestada em nenhum outro lugar,¹⁸¹ Hoyo e Ruiz (2009, p. 88 nota 112) sugerem que seria de se esperar o termo *Clymenes* (assim como em Apol. Rod. Arg. I. 233-234), fazendo referência à mãe da personagem, expressão presente em XIV.24: *Iasonis mater Clymenes [et] Minyae <filiae> filia erat* “a mãe de Jasão era filha de Clímene, <filha> de Mínias”.

Se observarmos o texto de Apolônio de Rodes Arg. I. 233, veremos que de fato nos parece mais verossímil que o texto esteja corrupto, e que talvez a referência deva ser à *Clymenes*, e não à *Clymini*: ὧς δὲ καὶ αὐτὸν Ἰήσωνα γείνατο μήτηρ/ Ἀλκιμέδη, Κλυμένης Μινυΐδος ἐκγεγαυῖα “thus Jason himself was the son of Alcimede who was born of Clymene the daughter of Minyas” (tradução de R. C. Seaton, 1912). Essa passagem, inclusive, parece-nos sugerir uma relação de proximidade (que mereceria ser explorada numa análise intertextual)¹⁸² entre o texto de Higino e o de Apolônio de Rodes (III. a.C.).¹⁸³

Como procuramos demonstrar, diversas passagens da obra *Fábulas* têm sido consideradas como erro ou confusão de Higino. A fim de evitar uma listagem exaustiva, procuramos atender a tais aspectos em notas à tradução.¹⁸⁴

¹⁷⁹ “Frixo no era hijo de Éolo, sino nieto. Este error de Higino puede deberse fácilmente a um mal entendimiento de sus fuentes griegas”. Cf. Fernaz (1997, p. 215 nota 29).

¹⁸⁰ Cf. Apol. Rod. Arg. I. 45; Apol. Bibl. I. 3. 9; Smith (1867a, *Alcimede*).

¹⁸¹ Esta, inclusive, indica Apol. Rod. Arg. I. 45, em que se narra Fílaco como pai de Alcímede.

¹⁸² Conforme Vasconcellos (2001, p. 33-4), intertextualidade consiste na “presença num texto de outro(s) texto(s) por ele evocado(s) e integrado(s) produzindo significação”.

¹⁸³ Cf. nota à tradução da passagem.

¹⁸⁴ Para apresentarmos apenas alguns exemplos, cf. notas à fábula LII (em que o Rose atribui a Higino o suposto erro sobre a Titã Astéria, e não a um copista: *uocem Graecam male intellexit Higynus, librarius in culpa non est* “Higino compreendeu mal o texto grego, não se trata de um erro de copista”); fábula LXIX, acerca de um erro cronológico sobre a morte do personagem Menalipo; fábula LXXIV, sobre os personagens Ofites e Licurgo; fábula LXXVI, cuja ordem dos nomes dos reis tebanos não estariam cronologicamente

O estilo de Higino

No entanto, vale lembrar que, várias vezes, o estranhamento quanto ao texto higiniano surge de uma quebra de expectativa não tanto quanto às matérias, mas quanto à escrita. Não nos referimos apenas às já mencionadas questões gramaticais, e sim quanto a uma questão que poderíamos chamar de estilística. Ou seja, há uma insatisfação para com o *modo de escrever* com o qual leitores modernos se deparam no texto higiniano. Nosso interesse em rever a expectativa quanto ao texto de Higino não é, de forma alguma, argumentar em termos de juízo estético (no sentido de defender a beleza do texto, por exemplo). A ideia é indicar que há nas *Fabulae* um modo de escrita predominante, um estilo, e que esse estilo tem seus efeitos na leitura das narrativas e na percepção do papel que essa obra de mitologia exerce como um todo.

Assim, ao pretendermos observar de perto a escrita de Higino, e delinear aspectos importantes de seu texto, a noção de “estilo” aqui tematizada não diz respeito nem a uma visão romântica do estilo como expressão do homem, do indivíduo (tal qual a presente em expressões como a que serve à nossa epígrafe), nem concerne propriamente a um conceito normativo de estilo, como é o *stilus* relacionável a teorias dos gêneros da Antiguidade.¹⁸⁵ Investigar o último tema de modo aprofundado certamente seria muito profícuo à compreensão da obra antiga: mas, um tal olhar ultrapassa o escopo do presente trabalho.

Em um primeiro momento, procuramos utilizar como instrumental teórico para a discussão acerca do estilo de Higino os textos de Roland Barthes *O grau zero da escrita* (2000)¹⁸⁶ e “O efeito do real” (2004)¹⁸⁷. Nossa busca partiu da constatação de que o

corretas; fábula LXXVIII, cujas informações sobre as personagens Helena e Clitemnestra (aqui filhas de Leda), são ligeiramente distintas da presente na fábula anterior e que, por esse motivo, a passagem tem sido considerada como contraditória (em lugar de uma possível versão distinta); e fábula CXXV, em diversos momentos, como sobre a filiação de Nausítoo, sobre a descrição da flor de lótus, ou sobre a localização das ilhas de Circe e de Calipso.

¹⁸⁵ Para breve apanhado de conceitos de “estilo”, cf. W. G. Müller, “Stil” in Metzler, *Lexikon Literatur- und Kulturtheorie*, 2004.

¹⁸⁶ Agradecemos ao Prof. Dr. Alessandro Rolim (UFPR) pela indicação bibliográfica na ocasião do minicurso “Épica latina (com ênfase na fase pós-*virgiliana*)”, no *XI Colóquio do CPA – IFCH / II Semana de Estudos Clássicos – IEL*, ocorrido no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp). Esse texto nos pareceu interessante porque, embora Barthes não empregue necessariamente o conceito de “estilo” no sentido com que empregamos (ele prefere usar o de “escrita”), o autor tematiza o modo como a repetição lexical e de

estudioso francês teoriza, de maneira bastante inspiradora, o conceito de “escrita” de um autor, a saber: de modo a valorizar características em textos que não se pretendem necessárias ou convencionalmente literárias. No entanto, com o aprofundamento dos estudos, percebemos essa teoria de Barthes não é compatível com o nosso modo de tratar o texto que temos como objeto, por vários motivos. Um deles, por exemplo, é que tal abordagem envolveria concepções históricas que não se podem associar a um autor como o “Higino” a que se atribui a obra *Fabulae*.¹⁸⁸

Sobre o estilo, aqui nos limitamos a considerá-lo num sentido estético mais amplo, um modo de escrita predominante em uma obra, tal qual acima referido.

É com base nesse parâmetro que as divergências mitológicas, discutidas nesse capítulo (ou ainda, como vimos no capítulo anterior – o acréscimo da descrição de uma flor (CXXV.1); a mudança do nome de ilhas e diferenças no percurso geográfico (CXXV.14-16); alteração no número de presentes (CXXV.6); alterações quanto a duração da estada de um herói (CXXV.16), (leia-se: na apreciação moderna de um herói mitológico, frente a versões mais canônicas do mito respectivo) tendem a ser vistas como erro (quanto à reprodução de versões anteriores), não como variação em versão de uma narrativa.¹⁸⁹

A questão que nos move é: em que medida a recorrência que pudemos constatar sugere-nos a existência de um estilo nas *Fabulae*, com impacto sobre essa leitura dos mitos ali narrados? Nossa hipótese é de que tais características têm ao menos um efeito em comum, que é precisamente o de conferir ao texto higiniano uma impressão de objetividade¹⁹⁰. Dessa forma, a sensação de se tratar de uma *mera* compilação pode ser

expressões gramaticais são efetivamente elementos marcantes mesmo em textos que se pretendam caracterizar como mais técnicos ou objetivos.

¹⁸⁷ Sobre o até hoje influente conceito, cunhado por Barthes, de “efeito do real”, cf. E. Reckwitz, “Realismus-Effekt” in Metzler, *Lexikon Literatur- und Kulturtheorie*. Nesse clássico ensaio, Barthes enfatiza o quanto o “realismo” ou objetividade de um texto é efetivamente um efeito, i.e. fruto de uma construção, elaborada por meio de seleção (inclusão ou omissão) de recursos linguísticos, retóricos, poéticos.

¹⁸⁸ Quanto às implicações de se empregar a teoria de Barthes e a noção de autoria a ela vinculada, agradecemos ao professor Dr. Joaquim Brasil Fontes pelas observações na ocasião de nossa defesa de dissertação de Mestrado.

¹⁸⁹ Sobre a visão da variação como sendo um “erro” na filologia clássica em geral (cf. M. L. West, *Crítica Textual e Técnica Editorial*, Lisboa: Fundação Calouste, 2002) e a revisão dessa postura em estudos do século XX (cf., por exemplo, B. Cerquiglini, *Éloge de la variante*, Paris: Minuit, 1989, na crítica genética em geral), discutimos em curso de pós-graduação ministrado no segundo semestre de 2011 (IEL/Unicamp) pela orientadora desta dissertação.

¹⁹⁰ Quanto à noção de “objetividade” que propomos como efeito do texto de Higino, temos em mente vários dos sentidos previstos em língua portuguesa elencados no dicionário Houaiss, nomeadamente: a “qualidade

percebida como *resultante* de um modo de escrita. Ora, não se pode garantir que aspectos singulares de muitos mitos apresentados nas fábulas seja de fato *transmitido* de fontes perdidas: mas, apesar disso, o modo de escrita higiniano nos faz acreditar que sim.

É com esse olhar que procuraremos, nas próximas seções, apresentar algumas características que se mostraram recorrentes no *corpus* estudado.

Repetitio e uariatio: a configuração da escrita em Higino

Como nos referimos acima, ao lidar com o texto latino das *fabulae* higinianas, saltam aos olhos dois aspectos como características importantes para a configuração da escrita de um texto (à qual também chamamos de estilo, no sentido acima apresentado): as escolhas lexicais e a recorrência de formas gramaticais.

Uma vistosa repetição de termos e expressões, bem como de certas construções sintáticas marca, pois, nas *Fabulae*, certas preferências em termos de estilo. É de se perguntar, portanto: como se dá e que efeitos traria tal repetição? Tratar-se-ia, como a exemplo da literatura científica mais atual, de um vocabulário técnico?

Para observar mais de perto a questão da reiteração lexical, tomaremos como exemplo inicial as fábulas I (*Themisto*) e IV (*Ino de Eurípedes*), sob o seguinte aspecto: em cada uma delas, notamos a repetição do termo *interficere* e uma alternância entre o emprego desse verbo com o uso de *occidere* – ambos pertencentes ao campo semântico relativo à ação de matar, assassinar, tirar a vida de alguém.

Vejamos como isso se dá em um excerto da primeira *fabula*:

*Themisto, quod se Ino coniugio priuasset, filios eius **interficere** uoluit; itaque in regia latuit clam et occasione nacta, cum putaret se inimicae natos **interfecisse**, suos imprudens **occidit**, a nutrice decepta quod eis uestem perperam iniecerat. Themisto cognita re ipsa se **interfecit**.*
(Hyg. *Fab.* I. 2, grifos nossos)

Themisto, uma vez que Ino havia atrapalhado seu casamento, intentou **assassinar** (*interficere*) os filhos dela; assim, escondeu-se no palácio e, tendo encontrado a oportunidade, pensando **ter assassinado** (*interfecisse*) os filhos da inimiga, **matou** (*occidit*) os seus sem o saber,

do que dá, ou pretende dar, uma representação fiel de um objeto, ex.: a o. da ciência” (sentido 2) e “a qualidade do que é imparcial, ex.: a o. de uma notícia” (sentido 3).

enganada por uma nutriz que tinha lançado a veste errada sobre eles. Revelada a situação, Temisto se **matou** (*interfecit*).

Notamos que, aqui, o verbo *interficere* aparece três vezes (duas em referência à pretensão de Temisto de matar os filhos da rival Ino; uma em referência ao seu suicídio, ou seja, em casos em que havia intenção de matar). Já o verbo *occidere* ocorre apenas uma vez, designando a morte não proposital dos seus próprios filhos. Parece-nos interessante questionar em que medida também em outras fábulas a alternância equivaleria a uma distinção mais específica de sentidos, diferenciando os dois tipos de ação de matar aqui referidos.

Como vimos no primeiro capítulo, as mesmas personagens da primeira fábula (embora com ligeiras, mas significativas diferenças na situação) aparecem na fábula IV. Nela também se apresentam os verbos *interficere* e *occidere*; contudo, aqui os vocábulos são empregados de maneira um pouco distinta do que observamos na primeira. No texto abaixo, podemos notar que nesta fábula aparecerá *necare*, mais um verbo do mesmo campo semântico daqueles:

*resciit Themisto eam inuentam esse, sed quae esset nesciebat. coepit uelle filios eius **necare**; rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit, et ei dixit ut filios suos candidis uestimentis operiret, Inonis filios nigris. 4. Ino suos candidis, Themistonis pullis operuit; tunc Themisto decepta suos filios **occidit**; id ubi resciit, ipsa **se necauit**. 5. Athamas autem in uenatione per insaniam Learchum maiorem filium suum **interfecit**. (Hyg. Fab. IV. 3-5, grifos nossos)*

Temisto soube que uma moça havia sido encontrada, mas não sabia quem era. Passou a intencionar **matar** (*necare*) dos filhos dela; tomou a própria Ino, que ela acreditava ser uma escrava, como cúmplice em seu intento, e disse a ela que cobrisse seus filhos com roupas brancas, e os filhos de Ino, com negras. 4. Ino cobriu os seus com as roupas brancas, e os de Temisto com as escuras; então Temisto, enganada, **matou** (*occidit*) seus próprios filhos; quando soube disso, **tirou a própria vida** (*se necauit*). 5. Atamante, porém, tomado de loucura, **assassinou** (*interfecit*) seu filho mais velho, Learco, em uma caçada.

Vemos que o termo *necare* está presente em duas passagens: quando Temisto intenta assassinar os filhos de Ino e quando se suicida. Nesse contexto é, pois, esse verbo (e não *interficere*) que indica a intenção de matar. É notável também que os verbos *occidere* e

interficere são empregados nessa fábula em dois momentos: quando Temisto assassina os próprios filhos e quando Cadmo assassina Learco, ambos sem saber que o faziam.

Desse breve cotejo, podem-se inferir algumas constatações. Vemos, pois, primeiro, que há em Higino termos recorrentes na designação da mesma ação (matar): *interficere*, *occidere* (nas fábulas I e IV) e *necare* (mais de uma vez na fábula IV).

Em segundo lugar, percebe-se que, apesar da repetição, obtém-se certa variação (*uariatio*), como efeito do uso de termos de mesmo campo semântico. Tal *uariatio* não impede que os termos sejam empregados com leves distinções de sentido, válidas para as fábulas específicas.

O que queremos destacar é que, já na pequena amostra analisada de fábulas pertencentes a um mesmo ciclo mitológico, tal distinção semântica não é rigorosa, no sentido de que **não vale** nem sequer para duas fábulas. Consequentemente, não há de se esperar que as acepções de sentido de um termo - como *interficere* - sejam exatamente as mesmas ao longo de todas as fábulas.

Outros exemplos de *uariatio* na obra higiniana podem ser observados ao longo da obra, no emprego de termos para designar “filho”, como, por exemplo: *filius*, *filia* e *filio* (*Fab.* I); *filia* e *natos* (*Fab.* II); *filium*, *filius*, *filii* e *liberos* (*Fab.* IV); *filios*, *filia*, *filius* e *liberos masculos* (*Fab.* X).¹⁹¹

Tal *uariatio* também fica mais evidente quando, em uma mesma fábula, nos deparamos com diferentes termos que fazem referência a um mesmo elemento, “espada”, que é designada ora como *ensem*, ora como *gladium* (na fábula XXXVII. *Etra*); ou “caminho”, que é *uia* e *obuia* (em LXVII.3 *Édipo*); “estátua” é *simulacrum* (duas vezes), *effigies* e *signum* (em CIV. *Laodamia*). Nem sempre foi possível mantermos a alternância em nossa tradução.

Se tomarmos como parâmetro textos científicos modernos, a repetição lexical que vemos em Higino **não corresponde** a esse padrão técnico de vocabulário.¹⁹² Mas é importante lembrar que a mesma frustração foi apontada por estudiosos que estudam autores técnicos antigos. Em sua revisão da bibliografia sobre a “enciclopédia” de Plínio o

¹⁹¹ Agradecemos ao Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos pela indicação, durante nosso exame de qualificação.

¹⁹² G. Serbat, *Plinie l'Ancien. État présent des études sur sa vie, son œuvre et son influence*, ANRW II.32.4 1986, 2069-2200, esp. 2083. Cf. discussão em I. T. Cardoso (2011).

Velho, G. Serbat aponta e coloca em cheque pesquisas que se desapontaram com a polissemia presente no autor antigo, e a criticaram como falta de precisão científica, precisão relativa a ciências contemporâneas – ressaltamos.

Ora, a semelhança com essa característica da escrita pliniana nos leva a pensar que, *mutatis mutandis*, a repetição lexical higiniana chama atenção para a *uariatio*, sublinhando certos campos semânticos. Ao longo da obra, é a enfática recorrência dos campos semânticos que produz um certo efeito de tecnicidade, no seguinte sentido: dá ao leitor a impressão de que há elementos básicos, constantes, denominadores comuns entre os episódios narrados.

Mais especificamente: ao todo, a repetição (marcada quer lexicalmente, quer semanticamente) acaba por indicar que um conjunto de aspectos deve, segundo as *Fabulae*, ser observado ou privilegiado quando se estuda um mito, ou quando se transmitem informações sobre ele. Voltaremos a falar mais adiante sobre quais aspectos são privilegiados por Higino; mas, desde esta pequena amostra podemos apontar que entre eles se encontram os assassinatos (*interficere, occidere, necare*); as armas (*ensis, gladius*) a descendência (*filius...*), etc.

Dispositio higiniana

Nas *Fabulae* de Higino por nós analisadas, outro recurso que corrobora para sublinhar certos tipos de informação é, além da repetição, a disposição do léxico. Note-se como, no seguinte excerto da fábula XIV (*Argonautas Convocados*), a palavra *filius* é usada consecutivamente, em frases distintas, como referência ao primeiro termo de cada frase, e sempre após um substantivo flexionado na forma feminina:

Eurytion Iri et Demonassae filius. Ixition ab oppido Cerintho. Oileus Hodoedoci et Agrianomes Perseonis filiae filius, ex urbe Narycea.
(Hyg. *Fab.* XIV.7, grifos nossos)

Euritião, **filho** de Iro e de Demonassa. Ixítion, da região da cidade de Cerinto. Oileu, **filho** de Hodédoco e de Agriânome, filha de Perseu, da cidade de Nárico.

Em resumo, nessa passagem, notamos em relação ao termo *filius*, seu distanciamento do nome próprio a que se refere (*Eurytion*, *Oileus*) e sua proximidade de um substantivo feminino (*Agrianomes*; *filiae*). A repetição do arranjo tende a conferir ao texto um caráter formular: a construção *filiae filius* (ou, às vezes, *filiae filii*) é reiterada vinte e uma vezes ao longo da mesma fábula.¹⁹³ E, ao longo de nosso *corpus*, tal locução aparece em sete fábulas.¹⁹⁴

Ora, a repetição na poesia latina tem sido revalorizada enquanto recurso portador de efeitos de sentido. Em seu estudo sobre tal recurso na poesia augustana, Wills (1996) sugere que nela um dos efeitos das repetições seria o de dar ênfase, intensificar o termo repetido, produzindo certo encanto, beleza.¹⁹⁵

Em Higino, não nos parece que a repetição traga necessariamente deleite ao leitor, mas ela não é anódina ao texto. Aqui se vê com mais clareza referido efeito de tecnicismo dela decorrente, contribuindo para apresentar como dados concretos, como fatos, se não os episódios mitológicos em si (e aqui nos esquivamos de entrar em questões quanto à credibilidade conferível ao mito na época de composição das *Fabulae*), ao menos o conhecimento sobre eles.

Figura etimológica e poliptoto

Por vezes, evidencia-se que há em Higino um uso especialmente estratégico da repetição. Por exemplo, um aspecto que a crítica não costuma apontar é que nas *Fabulae* certas repetições acabam por constituir determinadas figuras de linguagem. Um exemplo são as figuras etimológicas, como se pode ver claramente na passagem a seguir:

*Orestes autem Neoptolemo interfecto Hermionen Menelai et Helenae
filiam **adductam** coniugem **duxit**; Pylades autem Electram
Agamemnonis et Clytaemnestrae filiam **duxit**.*
(Hyg. *Fab.* CXXII.4, grifos nossos)

No entanto, tendo sido morto Neoptólemo, Orestes **tomou por esposa**
(*adductam... duxit*) Hermíone, filha de Menelau e de Helena; Pílates,

¹⁹³ Encontramos essa construção em XIV.3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22 e 23.

¹⁹⁴ A saber: *Fab.* I.1, 2; XXVIII.1; LXXIII.1; LXXIX.1; LXXXIII.1; LXXXIV.1; XCIX.1.

¹⁹⁵ No entanto, haveria o risco de se perder tais recursos caso a repetição fosse mal usada – como, por exemplo, quando é empregada em excesso. Cf. Wills (1996, p. 2; 12): “If used only sparingly, they add spice to the style; on the other hand by excessive use they lose their charm. (...) The effect is usually simple emphasis or intensification.”

por sua vez, **casou-se com** (*duxit*) Electra, filha de Agamêmnon e de Clitemnestra.

Pode-se dizer que uma brincadeira com a etimologia do verbo *interficere* (de *facere*, “fazer”, “tornar”) é perceptível também na mesma fábula (*interfecit... interficere... fecit*):

Cognitione itaque facta, Mycenae uenerunt et Aleten Aegisthi filium Orestes interfecit et Erigonam ex Clytaemnestra et Aegistho natam uoluit interficere, sed Diana eam rapuit et in terram Atticam sacerdotem fecit.

(Hyg. *Fab.* CXXII. 3, grifos nossos)

E assim, conhecidos os fatos, chegaram a Micenas, e Orestes **matou** (*interfecit*) Aletes, filho de Egisto, e quis **matar** (*interficere*) Erígone, filha de Clitemnestra e Egisto; mas Diana a raptou e a **fez** (*fecit*) sacerdotisa em terras Áticas.

Jogos de palavras semelhantes se repetem em diversas fábulas. Limitamo-nos a dar apenas mais um exemplo, com os verbos *facere* (“realizar”) e *effecit* (“fazer”) na fábula XIII. *Juno*:¹⁹⁶

ea autem irata Peliae quod sibi sacrum intermiserat facere, effecit ut Iason unam crepidam in limo relinqueret.

(Hyg. *Fab.* XIII, grifos nossos)

Ela, porém, irritada com Pélias por ele ter deixado de realizar (*facere*) um sacrifício em sua homenagem, fez (*effecit*) com que Jasão perdesse uma sandália na lama.

Às vezes, as repetições seguidas vêm em forma de poliptoto.¹⁹⁷ Na fábula CXXI, por exemplo, observamos que o termo *Chryses* é reiterado quatro vezes em um espaço curto (grifos nossos):¹⁹⁸

¹⁹⁶ Em diversos outros momentos nos deparamos com construções semelhantes, que indicamos aqui a fim de se evitar uma listagem exaustiva: *Fab.* IV. *Ino* de Eurípedes: *misit qui eam adducerent; quam adductam celauit*; *Fab.* XXV. *Medeia*: *Medeia cum uidit se erga Iasonem bene merentem tanta contumelia esse affectam, coronam ex uenenis fecit auream eamque muneri filios suos iussit nouercae dare*; *Fab.* XCV. *Ulisses*: *Agamemnon et Menelaus Atrei filii cum ad Troiam oppugnandam coniuratos duces ducerent*.

¹⁹⁷ Entendemos poliptoto como o emprego sequencial de diferentes termos de mesma raiz, ou de um termo nas diversas formas e flexões que pode assumir sem, contudo, alterar sua carga semântica. Cf. Massaud, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.

¹⁹⁸ Sobre esse aspecto, tratamos em nossa Iniciação Científica, e em apresentação no 7º SePeG - Seminário de Pesquisas da Graduação, sob o título “O mito de Crises na fábula 121 de Higino: um argumento singular”,

Postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse; qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse. (Hyg. Fab. CXXI)

Em seguida, quando **Crises** quis devolvê-los a Toante, o velho **Crises** ouviu que Ifigênia e Orestes eram filhos de Agamêmnon, e †ele revelou a verdade para o seu filho **Crises**: que eram eles irmãos e, **Crises**, filho de Agamêmnon.

Estranha-se mais ainda a recorrência quando se nota que os nomes, ao serem repetidos, não fazem referência todos ao mesmo personagem, e sim a dois distintos: ao avô Crises, sacerdote de Apolo e pai de Criseida (que havia sido tomada como butim por Agamêmnon), e ao neto Crises, filho de Criseida.

Alguns tradutores preferem simplificar o texto, tornando-o “mais didático” ao leitor moderno. Desse modo, temos, por exemplo, a seguinte tradução:

“Más tarde, cuando Crises quería devolver a Ifigenia y Orestes a Toante, Crises padre oyó que eran hijos de Agamenón y él descubrió a su nieto la verdad, que eran hermanos y que Crises era hijo de Agamenón”¹⁹⁹

Nesse caso, além da omissão de dois termos Crises, substituídos por “él” e “nieto”, Fernaz também substituiu o pronome *eos* pelos nomes a que se refere, “Ifigenia y Orestes”, indicados no texto latino apenas na sequência.²⁰⁰

Outra ocorrência de poliptoto que se refere a nomes próprios, encontramos na fábula LXXXIX. *Laomedonte*. Nessa passagem, mais uma vez, prefere-se (em lugar de empregar pronomes, por exemplo) em diversos momentos repetir os nomes *Thesprotus*, *Atreus* e *Aegisthus* em diferentes flexões. A título de amostra indicamos apenas a primeira parte, destacando o nome de Tesproto (remetemos a nossa tradução completa, para uma observação em escala mais ampla desse fenômeno linguístico):

cujo texto ligeiramente modificado foi publicado posteriormente em *Língua, Literatura e Ensino*, vol. V, 2010, p. 113-122.

¹⁹⁹ Cf. Fernaz (1997, p. 112). Tradução semelhante é proposta por Sánchez (2009, p. 156), alterando-se apenas os termos “padre” por “El viejo” e “él” por “éste”.

²⁰⁰ Ainda nesse excerto de *Crises* também encontramos uma notável repetição do verbo *sum* (em formas bastante similares, a infinitiva *esse* e o imperfeito do subjuntivo *esset*): [...] *et Orestem filios esse; qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse.*

5. *interim sterilitas Mycenis frugum ac penuria oritur ob Atrei scelus. ibi responsum est ut Thyestem in regnum reduceret.* 6. *qui cum ad **Thesprotum** regem isset, aestimans Thyestem ibi morari, Pelopiam aspexit et rogat **Thesprotum** ut sibi Pelopiam in coniugium daret, quod putaret eam **Thesproti** esse filiam. **Thesprotus**, ne qua suspicio esset, dat ei Pelopiam, quae iam conceptum ex patre Thyeste habebat Aegisthum.* (Hyg. *Fab.* LXXXIX. 5-6, grifos nossos)

5. Nesse ínterim, inicia-se em Micenas uma escassez de alimentos e penúria devido ao crime de Atreu. Ali houve um presságio instruindo que se reconduzisse Tiestes ao reino. 6. Tendo-se dirigido ao rei **Tesproto**, pensando que ali se detinha Tiestes, voltou os olhos para Pelópia e solicitou a **Tesproto** que a desse em casamento para si, pois pensava que ela era filha de **Tesproto**. **Tesproto**, a fim de não provocar suspeitas, dá-lhe Pelópia, que, da relação com o próprio pai, já estava grávida de Egisto.

Não apenas em relação a nomes próprios²⁰¹, mas outros termos (substantivos comuns, ou mesmo verbos, por exemplo)²⁰² também aparecem em forma de poliptoto ao longo da obra de Higino, como na fábula LXXXII. *Tântalo*:

*ob id dicitur ad inferos in **aqua** media fine corporis stare semperque sitire, et cum haustum **aquae** uult sumere **aquam** recedere.* (Hyg. *Fab.* LXXXII. 2, grifos nossos)

Diz-se que por esse motivo, permanece nas regiões inferiores, com o corpo imerso em **água** até a linha da cintura, sempre sedento, e que, quando deseja beber **água**, a **água** retrocede.

Condensando o discurso

Outra característica que se destaca no texto higiniano é a repetição das construções sintáticas.

Como um primeiro exemplo desse tipo de recorrência, destacamos, nas *Fabulae* de Higino, a expressão *responsum fuit* ou *responsum erat* (“houve/havia um presságio”)

²⁰¹ Entre outros exemplos de poliptoto com substantivos próprios estão: com o nome de Atreus, na fáb. LXXXVI. *Os Pelópidas*; e na fáb. LXII. *Íxion*, o nome de Juno.

²⁰² Alguns exemplos de verbos que se reiteram formando poliptoto estão presentes nas fábulas: *Fab.* XIX.3 *demonstraret... demonstraturum*; *Fab.* XL.1 *amabat alia amaret*; *Fab.* LXXII.3. *uenisset, ...uenit*; *Fab.* LXXX.1 *cum essent et esset*; *Fab.* CXXII.2 *dixerat, dixit*.

associada a um substantivo (ou pronome com tal função) no dativo. Mais precisamente, tal expressão é encontrada em catorze fábulas dentre as cento e vinte e quatro analisadas.²⁰³

A seguir, observemos essa construção em alguns excertos, começando pela fábula de Frixo:

*Sed ueritus est Aeeta ne se regno eicerent, quod ei **responsum fuit** ex prodigiis ab aduena Aeoli filio morte caueret; itaque Phrixum interfecit.*

(Hyg. *Fab.* III. 3, grifos nossos)

Mas Eeta temeu que o banissem do reino, pois **havia um presságio para ele**, vindo expresso em forma de prodígios, recomendando-lhe que se precavesse de ser morto por um estrangeiro, descendente de Éolo. Dessa forma, ele assassinou Frixo.

Nem sempre nossa tradução pode manter a mesma fórmula ao longo das fábulas. Note-se, por exemplo, nas de Pélias (*Fab.* XII) e de Eeta (*Fab.* XXII):

*Peliae Crethei et Tyrus filio **responsum erat** ut Neptuno sacrum faceret, et si quis monocrepis, id est uno pede calciatus superuenisset, tum mortem eius appropinquare.*

(Hyg. *Fab.* XII.1, grifos nossos)

Pélias, filho de Creteu e de Tiro, **foi instruído** por um oráculo a fazer um sacrifício a Netuno; e, caso um indivíduo *monocrepis*, isto é com apenas um pé calçado aparecesse inesperadamente, então sua morte se estaria aproximando.

*Aetae Solis filio **erat responsum** tam diu eum regnum habiturum quamdiu ea pellis quam Phrixus consecrauerat in fano Martis esset.*

(Hyg. *Fab.* XXII.1, grifos nossos)

Um oráculo **havia previsto** que Eeta, filho do Sol, ocuparia o trono por tanto tempo quanto o velo que Frixo havia consagrado permanecesse no templo de Marte.

Outra expressão reiterada algumas vezes na obra em apreço é *re cognita* (ou *cognita re*), i.e. “revelada a situação”. A cada texto em que ocorre, a locução em ablativo absoluto retoma, de forma condensada, o que acabou de ser narrado. É notável que tal expressão tem

²⁰³ As fábulas em que encontramos tais construções são: III.3, XII.1, XXII.1, XXVII.1, LX.1, LXVI.1, LXIX.1, LXXIV.1, LXXXIV.1, LXXXVII.1, XCV.1, CI.3, CIII.1, CIX.5; LXXXVIII.5; CI.1; CII.3; CIX.4; CXX.1.

uma dupla função: de um lado, retomar o que acabou de ser contado (*res*, “a situação”)²⁰⁴; de outro, dar continuidade à narrativa, corroborando para o caráter sucinto dos textos que encontramos nas *Fabulae*. Tal expressão aparece desde a primeira delas:

*Athamas Aeoli filius habuit ex Nebula uxore filium Phrixum et filiam Hellen, et ex Themisto Hypsei filia filios duos, Sphincium et Orchomenum, et ex Ino Cadmi filia filios duos, Learchum et Melicerten. 2. Themisto, quod se Ino coniugio priuasset, filios eius interficere uoluit; itaque in regia latuit clam et occasione nacta, cum putaret se inimicae natos interfecisse, suos imprudens occidit, a nutrice decepta quod eis uestem perperam iniecerat. Themisto **cognita re ipsa se interfecit***
(Hyg. *Fab.* I. 1-2, grifos nossos)

Atamante, filho de Éolo, teve com sua esposa Nébulas o filho Frixo e a filha Hele; e de Temisto, filha de Hipseu, dois filhos: Esfíquio e Orcômeno; e de Ino, filha de Cadmo, dois filhos: Learco e Melicerta. 2. Temisto, uma vez que Ino havia atrapalhado seu casamento, tentou assassinar os filhos dela; assim, escondeu-se no palácio e, tendo encontrado a oportunidade, pensando ter assassinado os filhos da inimiga, matou os seus sem o saber, enganada por uma nutriz que tinha lançado a veste errada sobre eles. **Revelada a situação**, Temisto se matou.

Note-se o quanto *cognita re* resume toda a narrativa até então desenvolvida no item 2 (que Ino estava no palácio, armou um plano para que Temisto assassinasse os filhos desta, etc.). Apenas para ilustrar a recorrência desse recurso, citamos mais dois exemplos. Um deles está na fábula de Pasífae:

*Minos **re cognita** Daedalus in custodiam coniecit, at Pasiphae eum uinculis liberauit; itaque Daedalus pennas sibi et Icaro filio suo fecit et accommodauit, et inde auolarunt.*
(Hyg. *Fab.* XL. 4, grifos nossos)

Revelada a situação, Minos lançou Dédalo na prisão, mas Pasífae o libertou das correntes. Assim, Dédalo fabricou asas para si e para seu filho, Ícaro, e acoplou-as, e saíram voando dali.

E na história de Crises:

²⁰⁴ Sobre o efeito do ablativo absoluto, Lipparini (1962, p. 176) comenta: “algumas vezes, por exceção, os clássicos usam o ablativo absoluto em vez de participio conjunto, quando querem dar maior realce ao conceito expresso na oração principal.” Cf. ainda Ernout et Thomas (1972, p. 103-105).

*Postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse; † qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse. Tum Chryses **re cognita** cum Oreste fratre Thoantem interfecit et inde Mycenae cum signo Dianae incolumes peruenerunt.* (Hyg. *Fab.* CXXI. 3, grifos nossos)

Em seguida, quando Crises quis devolvê-los a Toante, o velho Crises ouviu que Ifigênia e Orestes eram filhos de Agamêmnon, e †ele revelou a verdade para o seu filho Crises: que eram eles irmãos e, Crises, filho de Agamêmnon. **Revelada a situação**, Crises, então, junto a seu irmão Orestes matou Toante e, com a estátua de Diana, salvos, chegaram a Micenas.

Por meio das expressões *responsum erat* e *re cognita*, ressalta-se ao leitor das *Fabulae* que, assim como os assassinatos, também os oráculos e a revelação de acontecimentos ou tramas secretas são aspectos da narrativa mitológica que Higino privilegia sobre o mito nos textos de seu *compendium*. O fato de que a reiteração implica o privilégio de certos tipos de informação salta aos olhos quando se leva em conta que as *fabulae* são marcadas, de maneira geral, pela brevidade.²⁰⁵

Cum e as circunstâncias do mito

Dentre as características sintáticas que nos chamaram a atenção na obra em apreço, destaca-se também a presença constante da conjunção subordinativa *cum* em orações subjuntivas, como se pode notar em uma passagem da já mencionada primeira fábula:

*Itaque in regia latuit clam et occasione nacta, **cum putaret** se inimicae natos interfecisse, suos imprudens occidit.* (*Fab.* I. 2, grifos nossos)

Assim, escondeu-se no palácio e, tendo encontrado a oportunidade, **pensando** ter assassinado os filhos da inimiga, matou os seus sem o saber.

²⁰⁵ Há outra expressão em ablativo bastante presente ao longo do texto das fábulas que fazem parte de nosso *corpus*: trata-se do termo *monitu* “por conselho de”, que encontramos em XX; XXII.4; XLII; CI.2; CVIII.1; CXVIII.1; CXXV.9; CXXV.15. Tal expressão indica também a frequência, na obra *Fabulae*, de uma tópica comum na mitologia, a da cumplicidade de um admoestador.

Não raro, alterna-se a preposição *cum* com a conjunção *cum*²⁰⁶, chegando as partículas a ocorrerem diversas vezes em uma mesma passagem:

Ino Cadmi et Harmoniae filia, cum Phrixum et Hellen ex Nebula natos interficere uoluisset, init consilium cum totius generis matronis et coniuravit ut fruges in sementem quas darent torrerent, ne nascerentur; ita ut, cum sterilitas et penuria frugum esset, ciuitas tota partim fame, partim morbo interiret.
(Hyg. *Fab.* II. 1, grifos nossos)

Ino, filha de Cadmo e Harmônia, **como** desejava matar Frixo e Hele, filhos de Nébulas, deu início a um plano **junto com** matronas de todo tipo e conspirou no sentido de que elas torrassem os grãos que dessem para a semeadura, a fim de que não nascessem. Dessa forma, **quando** os grãos estivessem estéreis e escassos, toda a cidade pereceria em parte pela fome, em parte por doença.

A reincidência de tal construção é notável: dentre as cinquenta e uma primeiras fábulas, a locução *cum* + subjuntivo está presente em quarenta e uma delas, o que revela uma preferência do autor por orações circunstanciais.

Como nossa tradução procura ilustrar, o sentido de *cum* + subjuntivo nem sempre é estável ou claro. De modo análogo ao que ocorre com nossas orações reduzidas (de particípio, gerúndio, infinitivo) em português, o texto latino pode privilegiar uma relação é de causa (“**como** desejava matar...”), de tempo (“**quando** os grãos estivessem estéreis e escassos...”), ou, em outros casos, de concessão.

Assim, precisamente por não determinarem necessariamente a relação que expressam, com tais orações circunstanciais formadas por *cum* + subjuntivo, muitas vezes o texto higiniano deixa ao leitor a tarefa de fazê-lo. Com isso, transfere-se para ele a interpretação, a subjetividade, e se confere ao texto um efeito de imparcialidade, ou “objetividade”.²⁰⁷

²⁰⁶ Como se sabe, homônimas a partir do período chamado período clássico da língua. Cf. Ernout et Meillet (1974, p. 561). Segundo o *OLD*, entrada para o verbete *cum*: “*quom* apparently usual before the Ciceronian period and thereafter in archaizing writers.”

²⁰⁷ Esse efeito da escolha por orações de *cum* seguido do modo subjuntivo foi discutido em estudo recente sobre passagem da *Historia Naturalis* de Plínio o Velho publicado por I. T. Cardoso (2011, p. 49-50).

Uma compilação de mitos²⁰⁸

Em seu artigo “Caius Iulius Hyginus, mitógrafo”, Expósito (2003, p. 271-272) sugere que o texto de Higino trata de forma resumida os argumentos de mitos gregos de acordo com os manuais gregos.²⁰⁹ Aqui, estamos observando recursos das *Fabulae* que reforçam a impressão de que há nessa obra a transferência da autoria para outrem que não o autor do texto.

Evidentemente esse caráter de coleta de informações é mais explícito quando a referência a determinada fonte é apresentada. Isso pode se dar no título da fábula (como em *Fab. IV. Ino Euripidis (Ino de Eurípedes)* acima referida; e na fábula VIII. *Eadem Euripidis quam scribit <Pacuius>* (A mesma, de Eurípedes, assim como escreveu <Pacúvio>).

A referência ao “autor” pode se dar ainda em meio à narrativa, como na fábula XIV.8 [...] *quam Apollonius Rhodius Atthida uocat* “[...] que Apolônio de Rodas chama Ática”.²¹⁰ Ademais, vale lembrar que, ainda na fábula XIV.33, há a transcrição quase que literal de dez versos do poema *Phaenomena*²¹¹, de Cícero. A citação é acompanhada de uma indicação precisa: *cuius specimen ac formam Cicero in Phaenomenis exponit in his uersibus* (...), “cuja aparência e forma Cícero expõe em *Fenômenos*, nestes versos (...)”.

Contudo, além da citação explícita das fontes há também procedimentos empregados na indeterminação de versões prévias do texto, quer alternativas, quer corroboradoras do que a fábula aponta. Isso se dá, por exemplo, por meio do uso de expressões como *alii aiunt* e *alii dicunt* (“outros dizem”), além de *quidam putant* (“alguns pensam”), *dicitur*, *dicuntur* (“diz-se”, “são ditos”).

A título de exemplo, há um total de dezesseis ocorrências de *alii aiunt* e *alii dicunt* na fábula de número XIV. Num caso como esse, parecem-nos muito significativas tais

²⁰⁸ Uma versão anterior da discussão que se segue foi apresentada em nossa monografia de final de curso, defendida em dezembro de 2010, sob orientação da orientadora deste projeto.

²⁰⁹ Para tal informação, a estudiosa faz referência à obra de H. I. Marrou, *Historia de la educación en la Antigüedad*, París: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1948, p. 205, 211 e 344.

²¹⁰ Há outras fábulas com as quais nos deparamos com formulações semelhantes, mas que, todavia, não foram nosso objeto de estudo no momento: *Fab. CLIV. Phaethon Hesiodi* (“Fáeton, de Hesíodo”). Ou, então, na fábula CLXXXIII. 3, em que lemos: *item quos Homerus tradit* [...] *Item quos Ovidius* “[...] do mesmo modo, os [nomes] que transmite Homero [...] e os de Ovídio”.

²¹¹ Correspondentes aos versos 126-138 da edição de J. Soubiran, *Carmina Aratea*. Cf. Boriaud (1997, p. 25 nota 9).

reiteraões, uma vez que oferecem ao leitor a possibilidade de cotejar numa mesma fábula as diferentes versões mitológicas.²¹²

Algumas características, no entanto, de fato conferem às *Fabulae* determinada carga didática em relação a elementos linguísticos, como o aposto.²¹³ Por exemplo, por meio da expressão explicativa *id est*, como na fábula XII. *Pélias*:

Peliae Crethei et Tyrus filio responsum erat ut Neptuno sacrum faceret, et si quis monocrepis, id est uno pede calciatus superuenisset, tum mortem eius appropinquare.
(Hyg. *Fab.* XII, grifo nosso)

Pélias, filho de Creteu e de Tiro, foi instruído por um oráculo a fazer um sacrifício a Netuno; e, caso um indivíduo *monocrepis*, isto é com apenas um pé calçado aparecesse inesperadamente, então sua morte se estaria aproximando.

Essa expressão é repetida no texto das fábulas²¹⁴, e nos parece ainda mais clara quando tal construção tem por objetivo explicar uma expressão que o texto higiniano apresenta em grego, como na fábula VII. *Antíope*:

quos pastores pro suis educarunt et appellarunt Zeton, ἀπὸ τοῦ ζητεῖν τόπον, alterum uero Amphionem, ὅτι ἐν διόδῳ ἢ ὅτι ἀμφὶ ὁδὸν αὐτὸν ἔτεκεν, id est quoniam in biuio eum edidit
(Hyg. *Fab.* VII.4, grifo nosso)

Alguns pastores os criaram como se fossem seus, e lhes deram os nomes de Zeto, “o que busca um lugar”, e ao outro Anfion, “o que nasceu em uma encruzilhada ou em duas vias”, **quer dizer**: já que ela os havia parido em um cruzamento.

Junto aos demais recursos que temos analisado, a referência a fontes – explícitas ou indeterminadas – e aposições à guisa de glosa, como as que acabamos de ver, contribuem para dar a impressão de que a narrativa higiniana efetivamente reúne textos, documentos e extratos provenientes de fontes diversas.

²¹² Sobre esse tipo de construção, cf. também o capítulo I de nosso estudo introdutório.

²¹³ Agradecemos, novamente, as observações do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos durante nosso exame de qualificação.

²¹⁴ *Id est*: XXIV.4; XLIX.2; LX.1; LXX.1; XCII.1.

Interessante é lembrar que o aspecto compilatório²¹⁵ da obra – o qual, nesses casos, ainda que em detrimento da percepção de uma *inuentio* do autor – poderia ter como efeito reforçar a autoridade da narrativa enquanto transmissora de um conhecimento. No lugar disso, a escrita repetitiva e, ainda assim, por vezes tantas vezes imprecisa, parece ter contribuído para a mencionada recepção depreciativa da obra.²¹⁶

De todo modo, os aspectos apontados (palavras-chave, expressão formular e mesmo figuras de linguagem privilegiadas) e seus efeitos (concisão, impressão de tecnicidade, polissemia gramatical), parece-nos possível perceber um estilo nas *Fabulae*, que, em última análise, seria pertinente à função didática desse tipo de texto.

Haveria muitos outros aspectos a explorar quanto à forma didática e os temas acolhidos nos mitos em Higino, como o interesse, marcado em diversas das fábulas, por explicações etiológicas.²¹⁷

Não pretenderíamos entrar no mérito da adequação da obra aos gostos literários que, segundo determinados princípios de retóricas ou mesmo poéticas antigas remanescentes, modernamente se costumam projetar sobre a Antiguidade – gostos que são evidente parâmetro de alguns estudiosos da obra higiniana. Esperamos que as considerações expostas neste capítulo possam ter demonstrado que a aparente falta de preocupação com a *uarietas* (ou com outras características estilísticas valorizadas) dá lugar a efeitos notáveis,

²¹⁵ O termo aqui é empregado no sentido descritivo apontado, não no sentido pejorativo, previsto, por exemplo, no Dicionário Houaiss (sentido 2 ao verbo compilar), em que se costuma enfatizar, ao designar a reunião de passagens proveniente de outras obras, uma (supostamente reprovável) falta de originalidade, ou mero empréstimo.

²¹⁶ Por exemplo, Fernaz (1997, p. 234) considera o texto de determinada passagem da fábula CXXI “muy confuso [...] y el estilo es extraordinariamente pedestre”, ao passo que um olhar atento à referida passagem nos revela o emprego de termos em poliptoto, como vimos anteriormente. Cf. ainda discussão em Alves (2010, p. 113-122). Para Hoyo e Ruiz (2009, p. 31), por sua vez, o léxico da obra é considerado muito limitado, e as reiteraões nas fábulas oferecem um estilo pesado e tedioso.

²¹⁷ Por exemplo, a referência a explicação das causas (*aitia*, em grego), ou origens de nomes de cidades e regiões: *Fab.* XXIII.5 (*Colchi qui cum Absyrto uenerant, timentes Aeetam, illic remanserunt, oppidumque condiderunt quod ab Absyrti nomine Absorin appellarunt*); XXVII.5 (*Medus re audita Persen interfecit regnumque auitum possedit; ex suo nomine terram Mediam cognominavit*); de nomes de formações rochosas (XXVIII.2 *qui aditum sibi ita faciebant; montem enim Ossam super Pelion posuerunt (unde etiam Pelion Ossa mons appellatur), aliosque montes construebant; qui ab Apolline nacti sunt interfecti*); XXXVI.4 (*tunc Hercules Licham qui uestem attulerat rotatum in mare iaculatus est, qui quo loco cecidit petra nata est quae Lichas appellatur*); XXXVIII.4 (*Scironem, qui ad mare loco quodam praerupto sedebat et qui iter gradiebatur cogebat eum sibi pedes lauare, et ita in mare praecipitabat, hunc Theseus pari leto in mare deiecit, ex quo Scironis petrae sunt*); de mares: (XL.4 *Icarus altius uolans, a sole cera calefacta, decidit in mare quod ex eo Icarium pelagus est appellatum*); de povos (LII.3-4 *tunc Iuppiter formicas in homines transfigurauit, qui Myrmidones sunt appellati quod Graece formicae myrmices dicuntur. 4. insula autem Aeginae nomen possedit*).

que contribuem para caracterizar episódios mitológicos tais quais dados dignos de serem estudados e transmitidos.

No caso de Higino, parodiando a *sententia* de Buffon, poderíamos dizer que, como resultado da linguagem das *Fabulae*, acaba-se por pensar “*Le style, c’est un autre*”.

CONCLUSÃO

A atenção ao peculiar estatuto filológico das *Fábulas* evidenciou a necessidade de se rever vários dos parâmetros normalmente empregados na apreciação da obra. Dentre eles, constatamos que predomina um preconceito biografista em sua leitura, que é aplicado de modo inverso ao que normalmente costuma acontecer nos Estudos Clássicos. Em lugar de se tentar interpretar a obra a partir de uma atribuição da biografia, é o estatuto do texto (e a condenação de seu caráter “literário”) que é usado para negar a possibilidade de se atribuir a autoria da obra a uma determinada figura histórica, nomeadamente, a um familiar ao imperador Augusto e amigo de um poeta do porte de Ovídio. Tal abordagem biografista ao texto de Higino se mostra, tal como a aplicada a outros textos antigos, bastante especulativa.

Temos observado, ainda, uma preferência por determinados modelos e um conceito de mito e “tradição clássica” de tendência excludente (i.e. que censura aspectos divergentes da narrativa como sendo erros) empregados na leitura do texto das *Fabulae* (e em proposta de *emendationes* ao texto latino). A análise dos textos das fábulas disposta no Capítulo I e II deste estudo evidenciou que, em muitos dos casos, não se trata de mudar o texto higiniano, mas sim que tal preferência por textos específicos da mitologia precisa ser reconsiderada à luz de um conceito mais versátil de mito antigo, que o considere, conforme apontado por Bremmer, como um “sistema aberto”.

Vistas tais questões, tentamos privilegiar em nossa abordagem uma leitura do texto higiniano como constituidora de versões do mito, sem entrar no mérito de especular se tais versões seriam “confiáveis” ou “defeituosas” quanto a seus relatos.

Preferindo observar como a escrita higiniana se mostra, seu “estilo”, constatamos que o efeito do emprego de recursos textuais mais constantes são adequados a caracterizá-la como um compêndio, obra de tipo didático – e, neste ponto, os recursos lexicais, sintáticos bem como a preferência pela forma das unidades catalogadas, as *fabulae*, genealogias e catálogos sem dúvida atendem a esse fim.

Mediante a tradução e análise de um *corpus* que contempla um número bem maior de fábulas do que as nove tratadas na monografia de final de graduação, pudemos confirmar vários dos aspectos antes intuídos como característicos do texto das *Fabulae*.

Como apontamos no Capítulo III, confirmou-se a recorrência de recursos textuais já antes identificados (como citações, poliptoto, figuras etimológicas, repetições, construções sintáticas, etc.). Identificamos ainda outros recursos percebidos como comuns nas fábulas, como, conforme destacamos, o uso de apostro explicativo.

A repetição e variação dessas formas de expressão (em uma ou mais fábulas) evidenciou a recorrência de certos campos semânticos, i.e. de temas que se mostram importantes na narrativa mitológica de Higino. Tais recursos, junto com a adoção de terceira pessoa não onisciente, omissão de recursos expositivos como a prolepse, apagamento de muitos dos recursos poéticos e de informações de teor emocional, contribuem para caracterizar como informação, como fato, o que se apresenta. Dessa forma, o enunciado é oferecido como “dado” mitológico, produzindo o efeito de apresentar uma linguagem objetiva, técnica. Tal construção do texto como “objetivo” é importante para o aspecto didático da obra, enquanto compilação mitográfica.

Seria interessante desenvolver um estudo sobre o papel que tal compilação de *fabulae* poderia ter no contexto para o qual a obra teria sido escrito. Embora não se tenha a certeza da época em que foi gerado o compêndio, seria verossímil pensar que ele seria de utilidade a mestres e discípulos que se dedicavam a exercícios de declamações retóricas baseadas em mitos, por exemplo, as *suasoriae* e *controuersiae*.²¹⁸

O progressivo estudo dos temas tratados nos levantou uma série de outras questões. Por exemplo, no Capítulo I, apresentamos uma primeira aproximação dos textos observados, que nos serviu para evidenciar possibilidades de diálogo entre eles. Sem dúvida, uma série de associações poderia ser ainda desenvolvida quanto à relação entre as narrativas de Higino e Ovídio, levando-se em conta também diversas perspectivas de leitura sobre este poeta augustano que no século XX passou a ser revalorizado.

Quanto ao Capítulo II, estamos conscientes de que uma observação mais precisa do texto grego e na obra homérica poderá trazer ainda outras descobertas na apreciação das

²¹⁸ Um autor que poderia direcionar essa observação é Quintiliano, em seus livros II e IV da *Institutio Oratoria*, cujos temas remetem à fala de refutação, em que um dos exercícios retóricos possíveis seria o ataque à credibilidade de um mito ou lenda. Agradecemos ao professor Dr. Matheus Trevizam pela observação quanto a essa referência antiga durante nosso exame de defesa de dissertação de Mestrado.

relações de Higino com a referida épica. Além disso, fica em aberto quais escoliastas antigos de Homero teriam sido contemplados por nosso autor.²¹⁹

Também nos pareceu desejável observar se essas características destacadas nos cotejos entre Higino e os poetas Homero e Ovídio, bem como elencadas no Capítulo III se encontrariam também em outros autores de “escrita técnica” da época de Augusto (como Vitrúvio, Vérrio Flaco, Agripa, Valério Messala, Sínio Capitão, Escribônio Afrodísio e L. Crassício)²²⁰ ou mesmo posteriores (como Celso, Escribônio Largo, Columela, Ascônio Pediano, Probo, Rútilo Lupo Frontino e Plínio o Velho)²²¹. Tal cotejo, por sua vez, por demandar um estudo aprofundado dos autores referidos, mereceria uma atenção que escapa ao âmbito deste trabalho de mestrado.

Ainda não refletimos sistematicamente sobre a imagem do leitor de Higino, mas nos chamou a atenção certos pressupostos do autor quanto ao conhecimento prévio de seus leitores observáveis (na fábula CXXV e em geral) a partir do modo como no texto higiniano se faz uso do grego e do recurso à etimologia, ou a brincadeiras sugerindo etimologia de origem grega.

Sublinhamos (e talvez de modo redundante), ao longo do estudo, o fato de que o texto de Higino constitui versões dos mitos abordados. No entanto, seria interessante pesquisar a questão da autoridade de tais versões, i.e. o modo como serviram de referência, em várias instâncias de recepção, quer literária ou textual, quer em fortuna crítica nas artes visuais. Como referimos em nossa Introdução, há um vaso no Louvre que o tradutor de *Astronomia* (da edição Les Belles Lettres) comenta ser a representação das fábulas CXX e CXXI (esta considerada um argumento singular); uma pesquisa mais ampla sobre o assunto certamente contribuiria para corroborar nosso argumento.

O texto de Higino exigiu que a maior parte do trabalho de Mestrado tenha sido dedicada, portanto, ao estudo filológico de questões básicas e ao estudo do texto, o que

²¹⁹ Um outro exercício que, embora não o tenhamos realizado, nos parece interessante é a observação e comparação do texto das *Fabulae* com textos que se configuram como adaptações de obras gregas, mais especificamente, a *Ilias latina*, poema em 1070 versos em hexâmetros datílicos que resume a *Iliada* de Homero. Um recente estudo sobre essa obra foi realizado por Priscilla Adriane Ferreira Almeida, como dissertação de Mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação do professor Dr. Matheus Trevizam.

²²⁰ Cf. von Albrecht (1997, p. 877). Para uma observação sobre o estilo técnico de alguns desses autores, seria útil consultar, com mais aprofundamento, Fögen (2009).

²²¹ Cf. von Albrecht (1997, p. 1239-1275).

envolveu a tradução e consideração de inúmeras referências e contrastes entre versões mitológicas.

Traduzir metade do texto das *Fabulae* higinianas demandou, como esperávamos, grande esforço. Parece-nos importante ressaltar esse aspecto pelo fato de que muitas vezes se depara com a visão de que se trata de um texto simples, fácil. A experiência que o projeto proporcionou mostrou que o texto de Higino não é fácil de ser entendido – quem o entende com extrema facilidade talvez esteja usando de pressupostos de outras versões para, por exemplo, decifrar ambiguidades e até mesmo descartar diferenças e construções incongruentes com versões gramaticais mais aceitas. Além disso, ele de fato não é fácil de ser transposto ao português, e uma consideração com o leitor interessado em efetivamente conhecer o texto higiniano exige notas que explicitem certas decisões tomadas na versão que pretenda manter minimamente o aspecto que guia nossa pesquisa como um todo: o estilo do autor.

TEXTUS LATINO

FABVLAE

I. THEMISTO

Athamas Aeoli filius habuit ex Nebula uxore filium Phrixum et filiam Hellen, et ex Themisto Hypsei filia filios duos, Sphincium et Orchomenum, et ex Ino Cadmi filia filios duos, Learchum et Melicerten. 2. Themisto, quod se Ino coniugio priuasset, filios eius interficere uoluit; itaque in regia latuit clam et occasione nacta, cum putaret se inimicae natos interfecisse, suos imprudens occidit, a nutrice decepta quod eis uestem perperam iniecerat. Themisto cognita re ipsa se interfecit.

II. INO

Ino Cadmi et Harmoniae filia, cum Phrixum et Hellen ex Nebula natos interficere uoluisset, init consilium cum totius generis matronis et coniurauit ut fruges in sementem quas darent, torrerent, ne nascerentur; ita ut, cum sterilitas et penuria frugum esset, ciuitas tota partim fame, partim morbo interiret. 2. De ea re Delphos mittit Athamas satellitem, cui Ino praecepit ut falsum responsum ita referret: si Phrixum immolasset Ioui, pestilentiae fore finem. Quod cum Athamas se facturum abnuisset, Phrixus ultro ac libens pollicetur se unum ciuitatem aerumna liberaturum. 3. Itaque cum ad aram cum infulis esset adductus et pater Iouem comprecari uellet, satellites misericordia adulescentis Inus Athamanti consilium patefecit. Rex facinore cognito, uxorem suam Ino et filium eius Melicerten Phrixo dedit necandos. 4. Quos cum ad supplicium duceret, Liber pater ei caliginem iniecit, et Ino suam nutricem eripuit. Athamas postea, ab Iunone insania obiecta, Learchum filium interfecit. 5. At Ino cum Melicerte filio suo in mare se praecipitauit; quam Liber Leucotheam uoluit appellari, nos Matrem Matutam dicimus, Melicerten autem deum Palaemonem, quem nos Portunum dicimus. Huic quinto quoque anno ludi gymnici fiunt, qui appellantur Ἰσθμια.

III. PHRIXVS

Phrixus et Helle insania a Libero obiecta cum in silua errarent, Nebula mater eo dicitur uenisse et arietem inauratum adduxisse, Neptuni et Theophanes filium, eumque natos suos

ascendere iussit et Colchos ad regem Aeetam Solis filium transire, ibique arietem Marti immolare. 2. Ita dicitur esse factum; quo cum ascendissent, et aries eos in pelagus detulisset, Helle de ariete decidit, ex quo Hellespontum pelagus est appellatum, Phrixum autem Colchos detulit; ibi matris praeceptis arietem immolauit, pellemque eius inauratam in templo Martis posuit. Quam seruante dracone Iason Aesonis et Alcimedidis filius dicitur petisse. 3. Phrixum autem Aeeta libens recepit filiamque Chalciopen dedit ei uxorem; quae postea liberos ex eo procreauit. Sed ueritus est Aeeta ne se regno eiicerent, quod ei responsum fuit ex prodigiis ab aduena Aeoli filio mortem cauere; itaque Phrixum interfecit. 4. At filii eius, Argus, Phrontis, Melas, Cylindrus, in ratem conscenderunt, ut ad auum Athamantem transirent: hos Iason cum pellem peteret, naufragos ex insula Diasustulit et ad Chalciopen matrem reportauit. Cuius beneficio ad sororem Medeam est commendatus.

IV. INO EVRIPIDIS

Athamas in Thessalia rex cum Inonem uxorem, ex qua duos filios <susceperat>, perisse putaret, duxit nymphae filiam Themistonem uxorem; ex ea geminos filios procreauit. 2. postea rescit Inonem in Parnaso esse, quam bacchationis causa eo peruenisse; misit qui eam adducerent; quam adductam celauit. 3. rescit Themisto eam inuentam esse, sed quae esset nesciebat. coepit uelle filios eius necare; rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit, et ei dixit ut filios suos candidis uestimentis operiret, Inonis filios nigris. 4. Ino suos candidis, Themistonis pullis operuit; tunc Themisto decepta suos filios occidit; id ubi rescit, ipsa se necauit. 5. Athamas autem in uenatione per insaniam Learchum maiorem filium suum interfecit; at Ino cum minore filio Melicerte in mare se deiecit et dea est facta.

V. ATHAMAS

Semele quod cum Ioue concubuerat, ob id Iuno toto generi eius fuit infesta; itaque Athamas Aeoli filius per insaniam in uenatione filium suum interfecit sagittis.

VI. CADMVS

Cadmus Agenoris et Argiopes filius, ira Martis quod draconem fontis Castalii custodem occiderat suorum prole interempta, cum Harmonia Veneris et Martis filia uxore sua in Illyriae regionibus in dracones sunt conuersi.

VII. ANTIOPA

Antiopa Nyctei filia ab Epapho per dolum est stuprata, itaque a Lyco uiro suo eiecta est. hanc uiduam Iuppiter compressit. 2. at Lycus Dircen in matrimonium duxit, cui suspicio incidit uirum suum clam cum Antiopa concubuisse; itaque imperauit famulis ut eam in tenebris uinctam clauderent. 3. cui postquam partus instabat, effugit ex uinculis Iouis uoluntate in montem Cithaeronem; cumque partus premeret et quaereret ubi pareret, dolor eam in ipso biuio coegit partum edere. 4. quos pastores pro suis educarunt et appellarunt Zeton, ἀπὸ τοῦ ζητεῖν τόπον, alterum uero Amphionem, ὅτι ἐν διόδῳ ἢ ὅτι ἀμφὶ ὁδὸν αὐτὸν ἔτεκεν, id est quoniam in biuio eum edidit. 5. qui postquam matrem agnouerunt, Dircen ad taurum indomitum deligatam uita priuarunt, ex cuius corpore in monte Cithaerone fons est natus qui Dircaeus est appellatus, beneficio Liberi, quod eius baccha fuerat.

VIII. EADEM EVRIPIDIS quam scribit Ennius

Nyctei regis in Boeotia fuit filia Antiopa; eius formae bonitate Iuppiter adductus grauidam fecit. 2. quam pater cum punire uellet propter stuprum minitans periculum, Antiopa effugit. casu in eodem loco quo illa peruenerat Epaphus Sicyonius stabat; is mulierem aduectam domo matrimonio suo iunxit. 3. id Nycteus aegre ferens, cum moreretur Lyco fratri suo per obtestationem mandat, cui tum regnum relinquebat, ne impune Antiopa ferret; huius post mortem Lycus Sicyonem uenit; interfecto Epapho Antiopam uinctam adduxit in Cithaeronem; parit geminos et reliquit, quos pastor educauit, Zetum et Amphionem nominauit. 4. Antiopa Dirce uxori Lyci data erat in cruciatum; ea occasione nacta fugae se mandauit; deuenit ad filios suos, ex quibus Zetus existimans fugitiuam non recepit. in eundem locum Dirce per bacchationem Liberi illuc delata est; ibi Antiopam repertam ad mortem extrahebat. 5. sed ab educatore pastore adulescentes certiores facti eam esse matrem suam, celeriter consecuti matrem eripuerunt, Dircen ad taurum crinibus religatam

necant. 6. Lycum cum occidere uellent, uetuit eos Mercurius, et simul iussit Lycum concedere regnum Amphioni.

IX. NIOBE

Amphion et Zetus Iouis et Antiopes Nyctei filii iussu Apollinis Thebas muro circumcinxerunt usque ad Semelae bustum, Laiumque Labdaci regis filium in exilium eiecerunt, ipsi ibi regnum obtinere coeperunt. 2. Amphion in coniugium Niobam Tantali et Diones filiam accepit, ex qua procreauit liberos septem totidemque filias; quem partum Niobe Latonae anteposuit, superbiusque locuta est in Apollinem et Dianam, quod illa cincta uiri cultu esset, et Apollo ueste deorsum atque crinitus, et se numero filiorum Latonam superare. 3. ob id Apollo filios eius in silua uenantes sagittis interfecit, et Diana filias in regia sagittis interemit praeter Chloridem. at genetrix liberis orba flendo lapidea facta esse dicitur in monte Sipylo, eiusque hodie lacrimae manare dicuntur. 4. Amphion autem cum templum Apollinis expugnare uellet, ab Apolline sagittis est interfectus.

X. CHLORIS

Chloris Niobes et Amphionis filia quae ex septem superauerat. hanc habuit in coniugem Neleus Hippocoontis filius, ex qua procreauit liberos masculos duodecim. 2. Hercules cum Pylum expugnaret, Neleum interfecit et filios eius decem, undecimus autem Periclymenus beneficio Neptuni aui in aquilae effigiem commutatus mortem effugit. 3. nam duodecimus Nestor in Ilio erat, qui tria saecula uixisse dicitur beneficio Apollinis; nam quos annos Chloridis fratrum Apollo eripuerat, Nestori concessit.

XI. NIOBIDAE

Lerta Tantalus Ismenus Eupinytus Phaedimus Sipulus Chiade Chloris Astygratia Siboe Sictothius Eudoxa Archenor Ogigia. hi sunt filii et filiae Niobae uxoris Amphionis.

XII. PELIAS

Peliae Crethei et Tyrus filio responsum erat ut Neptuno sacrum faceret, et si quis monocrepis, id est uno pede calciatus superuenisset, tum mortem eius appropinquare. 2. is cum annua sacra faceret Neptuno, Iason Aesonis filius, fratris Peliae, cupidus sacra

faciendi, dum flumen Euhenum transiret calciamentum reliquit; quod ut celeriter ad sacra ueniret neglexit. 3. id Pelias inspiciens, memor sortium praecepti iussit eum pellem arietis quam Phrixus Marti sacrauerat inauratam Colchis ab rege Aeeta hoste petere. 4. qui conuocatis Graeciae ducibus Colchos est profectus.

XIII. IVNO

Iuno cum ad flumen Euhenum in anum se conuertisset et staret ad hominum mentes tentandas, ut se flumen Euhenum transferrent, et id nemo uellet, Iason Aesonis et Alcimedes filius eam transtulit: ea autem irata Peliae quod sibi sacrum intermiserat facere, effecit ut Iason unam crepidam in limo relinqueret.

XIV. ARGONAVTAE CONVOCATI

1. Iason Aesonis filius et Alcimedes Clymeni filiae et Thessalorum dux. Orpheus Oeagri et Calliopes Musae filius, Thrax, urbe Fleuia, quae est in Olympo monte ad flumen Enipeum, mantis citharista. Asterion Pyremi filius, matre Antigona Pheretis filia, ex urbe Pellene. Alii aiunt Hyperasii filium, urbe Piresia quae est in radicibus Phyllei montis qui est in Thessalia, quo loco duo flumina, Apidanus et Enipeus, separatim proiecta in unum conueniunt. 2. Polyphemus Elati filius, matre Hippea Antippi filia, Thessalus ex urbe Larissa, pedibus tardus. Iphiclus Phylaci filius, matre Clymene Minyae filia, ex Thessalia, auunculus Iasonis. Admetus Pheretis filius, matre Periclymene, Minyae filia ex Thessalia, monte Chalcodonio, unde oppidum et flumen nomen traxit. Huius Apollinem pecus pauce ferunt. 3. Eurytus et Echion Mercurii et Antianirae Meneti filiae filii, ex urbe Alope, quae nunc uocatur Ephesus; quidam auctores Thessalos putant. Aethalides Mercurii et Eupolemyae Myrmidonis filiae filius; hic fuit Larissaeus. <Coronus Caenei filius>, urbe Gyrtone, quae est in Thessalia. 4. Hic Caeneus Elati filius, Magnesius, ostendit nullo modo Centauros ferro se posse uulnerare, sed truncis arborum in cuneum adactis; hunc nonnulli feminam fuisse dicunt, cui petenti Neptunum propter conubium optatum dedisse ut in iuuenilem speciem conuersus nullo ictu interfici posset. Quod est numquam factum, nec fieri potest ut quisquam mortalis non posset ferro necari aut ex muliere in uirum conuerti. 5. Mopsus Ampyci et Chloridis filius; hic augurio doctus ab Apolline ex Oechalia uel ut quidam putant Titarensis. Eurydamas Iri et Demonassae filius, alii aiunt Ctimeni filium, qui

iuxta lacum Xynium Dolopeidem urbem inhabitabat. Theseus Aegei et Aethrae Pitthei filiae filius, a Troezenae; alii aiunt ab Athenis. 6. Pirithous Ixionis filius, frater Centaurorum, Thessalus. Menoetius Actoris filius, Opuntius. Eribotes Teleontis filius, ab Eleone. 7. Eurytion Iri et Demonassae filius. Ixition ab oppido Cerintho. Oileus Hodoedoci et Agrianomes Perseonis filiae filius, ex urbe Narycea. 8. Clytius et Iphitus Euryti et Antiopes Pylonis filiae filii, reges Oechaliae; alii aiunt ex Euboea. Huic concessa ab Apolline sagittarum scientia, cum auctore muneris contendisse dicitur. Huius filius Clytius ab Aeeta interfectus est. Peleus et Telamon Aeaci et Endeidos Chironis filiae filii ab Aegina insula. Qui ob caedem Phoci fratris relictis sedibus suis diuersas petierunt domos, Peleus Phthiam, Telamon Salaminam, quam Apollonius Rhodius Atthida uocat. 9. Butes Teleontis et Zeuxippes Eridani fluminis filiae filius ab Athenis. Phaleros Alcontis filius ab Athenis. Tiphys Phorbantis et Hyrmines filius, Boeotius; is fuit gubernator nauis Argo. 10. Argus Polybi et Argiae filius, alii aiunt Danai filium; hic fuit Argiuis, pelle taurina lanugine nigra adoptus. Is fuit fabricator nauis Argo. Phliasus Liberi patris et Ariadnes Minois filiae filius, ex urbe Phliunte, quae est in Peloponneso; alii aiunt Thebanum. Hercules Iouis et Alcumenae Electryonis filiae filius, Thebanus. 11. Hylas Theodamantis et Menodices nymphae Orionis filiae filius, ephebus, ex Oechalia, alii aiunt ex Argis, comitem Herculis. Nauplius Neptuni et Amymones Danai filiae filius, Argiuis. Idmon Apollonis et Cyrenes nymphae filius, quidam Abantis dicunt, Argiuis. Hic augurio prudens quamuis praedicentibus auibus mortem sibi denuntiari intellexit, fatali tamen militiae non defuit. 12. Castor et Pollux Iouis et Ladae Thestii filiae filii Lacedaemonii, alii Spartanos dicunt, uterque imberbis; his eodem quoque tempore stellae in capitibus ut uiderentur accidisse scribitur. Lynceus et Idas Apharei et Arenae Oebali filiae filii, Messenii ex Peloponneso. Ex his Lynceus sub terra quaeque latentia uidisse dicitur, neque ulla caligine inhibebatur. 13. Alii aiunt Lynceum noctu nullum uidisse. Idem sub terra solitus cernere dictus est ideo quod aurifodinas norat; is cum descendebat et aurum subito ostendebat, ita rumor sublatus eum sub terra solitum uidere. Item Idas acer, ferox. 14. Periclymenus Nelei et Chloridis Amphionis et Niobes filiae filius; hic fuit Pylius. Amphidamas et Cepheus Alei et Cleobules filii de Arcadia. Ancaeus Lycurgi filius, alii nepotem dicunt, Tegeates. 15. Augeas Solis et Nausidames Amphidamantis filiae filius; hic fuit Eleus. Asterion et Amphion Hyperasii filii, alii aiunt Hippasi, ex Pellene. Euphemus Neptuni et Europes Tityi

filiae filius, Taenarius; hic super aquas sicco pede cucurrisse dicitur. 16. Ancaeus alter, Neptuni filius, matre Althaea Thestii filia, ab Imbraso insula quae Parthenia appellata est, nunc autem Samos dicitur. Erginus Neptuni filius, a Mileto, quidam Periclymeni dicunt, Orchomenius. Meleager Oenei et Althaeae Thestii filiae filius, quidam Martis putant, Calydonius. 17. Laocoon Porthaonis filius, Oenei frater, Calydonius. Iphiclus alter, Thestii filius, matre Leucippe, Althaeae frater ex eadem matre, Lacedaemonius; hic fuit acer cursor iaculator. Iphitus Nauboli filius, Phocensis; alii Hippasi filium ex Peloponneso fuisse dicunt. 18. Zetes et Calais Aquilonis uenti et Orithyiae Erechthei filiae filii; hi capita pedesque pennatos habuisse feruntur crinesque ceruleos, qui peruio aere usi sunt. Hi aues Harpyias tres, Thaumantis et Ozomenes filias Aellopoda, Celaeno, Ocypeten, fugauerunt a Phineo Agenoris filio eodem tempore quo Iasoni comites ad Colchos proficiscebantur; quae inhabitabant insulas Strophades in Aegeo mari, quae Plotae appellantur. Hae fuisse dicuntur capitibus gallinaceis, pennatae, alasque et bracchia humana, unguibus magnis, pedibusque gallinaceis, pectus album foeminaque humana. Hi autem Zetes et Calais ab Hercule telis occisi sunt, quorum in tumulis superpositi lapides flatibus paternis mouentur. Hi autem ex Thracia esse dicuntur. 19. Phocus et Priasus Caenei filii ex Magnesia. Eurymedon Liberi patris et Ariadnes Minois filiae filius, a Phliunte. Palaemonius Lerni filius Calydonius. 20. Actor Hippasi filius ex Peloponneso. Thersanor Solis et Leucothoes filius ex Andro. Hippalcimos Pelopis et Hippodamiae Oenomai filiae filius, ex Peloponneso a Pisis. 21. Asclepius Apollinis et Coronidis filius, a Tricca <...> Thestii filia, Argiuis. Neleus Hippocoontis filius, Pylius. 22. Iolaus Iphicli filius, Argiuis. Deucalion Minois <et> Pasiphaes Solis filiae filius, ex Creta. Philoctetes Poeantis filius, a Meliboea. 23. Caeneus alter Coroni filius, Gortyna. Acastus Peliae et Anaxibiae Biantis filiae filius, ex Iolco, duplici pallio coopertus. Hic uoluntarius Argonautis accessit, sponte sua comes Iasonis. 24. Hi autem omnes Minyae sunt appellati, uel quod plurimos eorum filiae Minyae pepererunt, uel quod Iasonis mater Clymenes Minyae <filiae> filia erat. Sed neque Colchos omnes peruenerunt neque in patriam regressum habuerunt. 25. Hylas enim in Moesia a nymphis iuxta Cion flumenque Ascanium raptus est, quem dum Hercules et Polyphemus requirunt, uento rapta nauis deserti sunt. Polyphemus ab Hercule quoque relictus, condita in Moesia ciuitate, perit apud Chalybas. 26. Tiphys autem morbo absumptus est in Mariandynis in Propontide apud Lycum regem; pro quo nauem rexit Colchos Ancaeus Neptuni filius.

Idmon autem Apollinis filius ibi apud Lycum cum stramentatum exisset, ab apro percussus decidit; ultor Idmonis fuit Idas Apharei filius, qui aprum occidit. 27. Butes Teleontis filius quamuis cantibus et cithara Orphei auocabatur, uictus tamen est dulcedine Sirenum et nataturus ad eas in mare se praecipitauit; eum Venus delatum fluctibus Lilybaeo seruauit. 28. Hi sunt qui non peruenerunt Colchos; in reuersione autem perierunt Eurybates Teleontis filius et Canthus Ceriontis filius; interfecti sunt in Libya a pastore Cephalione Nasamonis fratre, filio Tritonidis Nymphae et Amphithemidis, cuius fuste pecus depopulabantur. 29. Mopsus autem Ampyci filius ab serpentis morsu in Africa obiit. Is autem in itinere accesserat comes Argonautis, Ampyco patre occiso. 30. Item accesserunt ex insula Dia Phrixi et Chalciopé Medae sororis filii, Argus, Melas, Phrontides, Cylindrus, ut alii aiunt uocitatos Phronius, Demoleon, Autolycus, Phlogius, quos Hercules cum eduxisset habiturus comites dum Amazonum balteum petit, reliquit terrore percussos a Dascylo Lyci qui regis Mariandyni filio. 31. Hi autem cum exirent ad Colchos, Herculem ducem facere uoluerunt; ille abnuit, sed potius Iasonem fieri oportere, cuius opera exirent omnes; dux ergo Iason regnauit. 32. Faber Argus Danai filius, <gubernator Tiphys>, cuius post mortem rexit nauem Ancaeus Neptuni filius; proreta nauigavit Lynceus Apharei filius, qui multum uidebat; tutarchi autem fuerunt Zetes et Calais Aquilonis filii, qui pennas et in capite et in pedibus habuerunt; ad proram et remos sederunt Peleus et Telamon; ad pitulum sederunt Hercules et Idas; caeteri ordinem seruauerunt; celeuma dixit Orpheus Oeagri filius. Post, relicto ab <Argonautis> Hercule, loco eius sedit Peleus Aeaci filius. 33. Haec est nauis Argo quam Minerua in sideralem circulum retulit ob hoc quod ab se esset aedificata, ac primum in pelagus deducta est haec nauis, in astris apparens a gubernaculo ad uelum; cuius speciem ac formam Cicero in Phaenomenis exponit his uersibus:

at Canis ad caudam serpens praelabitur Argo,
conuersam prae se portans cum lumine puppim;
non aliae naues ut in alto ponere proras
ante solent, rostris Neptunia prata secantes;
sicut cum coeptant tutos contingere portus,
obuertunt nauem magno cum pondere nautae,
aduersamque trahunt optata ad litora puppim,

sic conuersa uetus super aethera labitur Argo.
inde gubernaculum tendens a puppe uolante
clari posteriora Canis uestigia tangit.

haec nauis habet stellas in puppe quattuor, in gubernaculo dextro quinque, in sinistro quattuor, consimiles inter sese; omnino tredecim.

XV. LEMNIADES

In insula Lemno mulieres Veneri sacra aliquot annos non fecerant, cuius ira uiri earum Thressas uxores duxerunt et priores spreuerunt. at Lemniades eiusdem Veneris impulsu coniuratae genus uirorum omne quod ibi erat interfecerunt, praeter Hypsipylen, quae patrem suam Thoantem clam in nauem imposuit, quem tempestas in insulam Tauricam detulit. 2. interim Argonautae praenauigantes Lemno accesserunt; quos ut uidit Iphinoe custos portae, nuntiauit Hypsipylae reginae, cui Polyxo aetate constituta dedit consilium ut eos laribus hospitalibus obligaret. 3. Hypsipyle ex Iasone procreauit filios Euneum et Deipylum. 4. ibi cum plures dies retenti essent, ab Hercule obiurgati discesserunt. 5. Lemniades autem postquam scierunt Hypsipylen patrem suum seruasse, conatae sunt eam interficere; illa fugae se mandauit. hanc praedones exceptam Thebas deportarunt et regi Lyco in seruitium uendiderunt. 6. Lemniades autem quaecunque ex Argonautis conceperunt, eorum nomina filiis suis imposuerunt.

XVI. CYZICVS.

Cyzicus Eusori filius rex in insula Propontidis Argonautas hospitio liberali excepit; qui cum ab eo discessissent totumque diem nauigassent, nocte tempestate orta ad eandem insulam ignari delati sunt. 2. quos Cyzicus hostes Pelasgicos arbitrans esse, cum eis noctu in litore arma contulit, et ab Iasone est interfectus; quod postero die cum prope litus appropinquasset et uidisset se regem interfecisse, sepulturae eum tradidit atque filiis regnum tradidit.

XVII. AMYCVS.

Amycus Neptuni et Melies filius, Bebryciae rex. in huius regna qui uenerat caestis cogebat secum contendere et deuictos perdebat. hic cum Argonautas prouocasset ad caestus, Pollux cum eo contendit et eum interfecit.

XVIII. LYCVS

Lycus rex insulae Propontidis Argonautas recepit hospitio in honorem, eo quod Amycum interfecerant, quod eum saepe inficiaretur. Argonautae dum apud Lycum morantur et stramentatum exissent, Idmon Apollinis filius ab apro percussus interiit, in cuius dum diutius sepultura moratur, Tiphys Phorbantis filius moritur. tunc Argonautae Ancaeō Neptuni filio nauem Argo gubernandam dederunt.

XIX. PHINEVS

Phineus Agenoris filius Thrax ex Cleopatra habuit filios duos. hi a patre nouercae crimine excaecati sunt. 2. huic etiam Phineo Apollo augurium dicitur dedisse; hic deorum consilia cum enuntiaret, ab Ioue est excaecatus, et apposuit ei Harpyias, qui Iouis canes esse dicuntur, quae escam ab ore eius auferrent. 3. huc cum Argonautae deuenissent et eum iter ut demonstraret rogarent, dixit se demonstraturum si eum poena liberarent. tunc Zetes et Calais, Aquilonis uenti et Orithyiae filii, qui pennas in capite et in pedibus habuisse dicuntur, Harpyias fugauerunt in insulas Strophadas et Phineum poena liberarunt. 4. quibus monstrauit quomodo Symplegadas transirent, ut columbam mitterent; quae petrae cum concurrissent, in recessu earum <...> illi retro refugerent. Argonautae beneficio Phinei Symplegadas transierunt.

XX. STYMPHALIDES

Argonautae cum ad insulam Diam uenissent et aues ex pennis suis eos conficerent pro sagittis, cum multitudini auium resistere non possent, ex Phinei monitu clipeos et hastas sumpserunt, <et> ex more Curetum sonitu eas fugarunt.

XXI. PHRIXI FILII

Argonautae cum per Cyaneas cautes, quae dicuntur petrae Symplegades, intrassent mare quod dicitur Euxinum et errarent, uoluntate Iunonis delati sunt ad insulam Diam. 2. ibi

inuenerunt naufragos nudos atque inopes Phrixi et Chalciopes filios Argum Phrontidem Melam Cylindrum; qui cum casus suos exposuissent Iasoni, se cum ad auum festinarent Athamanta ire naufragio facto ibi esse eiectos, quos Iason receptos auxilio iuuit; qui Iasonem Colchos perduxerunt per flumen Thermodoontem. 3. et cum iam non longe essent a Colchis, iusserunt nauem in occulto collocari, et uenerunt ad matrem Chalciopen Medeae sororem, indicantque Iasonis beneficia et cur uenisset. tunc Chalciope de Medea indicat, perducitque eam cum filiis suis ad Iasonem. 4. quae cum eum uidisset, agnouit quem in somnis adamauerat Iunonis impulsu, omniaque ei pollicetur, et perducunt eum ad templum.

XXII. AEETA

Aeetae Solis filio erat responsum tam diu eum regnum habiturum quamdiu ea pellis quam Phrixus consecrauerat in fano Martis esset. 2. itaque Aeeta Iasoni hanc simultatem constituit, si uellet pellem auratam auferre, tauros aeripedes qui flammis naribus spirabant iungeret adamanteo iugo, et araret dentesque draconis ex galea sereret, ex quibus gens armatorum statim enascerentur et se mutuo interficeret. 3. Iuno autem Iasonem ob id semper uoluit seruatum quod, cum ad flumen uenisset uolens hominum mentes tentare, anum se simulauit et rogauit ut se transferret; cum ceteri qui transierant despexissent, ille transtulit eam. 4. itaque cum sciret Iasonem sine Medeae consilio imperata perficere non posse, petit a Venere ut Medeae amorem iniceret. Iason a Medea Veneris impulsu amatus est; eius opera ab omni periculo liberatus est. nam cum tauris arasset et armati essent enati, Medeae monitu lapidem inter eos abiecit; illi inter se pugnantes alius alium interfecerunt. dracone autem uenenis sopito, pellem de fano sustulit, in patriamque cum Medea est profectus.

XXIII. ABSYRTVS

Aeeta ut rescit Medeam cum Iasone profugisse, naue comparata misit Absyrtum filium cum satellitibus armatis ad eam persequendam. qui cum in Adriatico mari in Histria eam persecutus esset ad Alcinoem regem, et uellet armis contendere, Alcinoem se inter eos interposuit, ne bellarent; quem iudicem sumpserunt, qui eos in posterum distulit. 2. qui cum tristior esset et interrogatus est a coniuge Arete quae causa esset tristitiae, dixit se iudicem sumptum a duabus diuersis ciuitatibus, inter Colchos et Argiuos. quem cum interrogaret

Arete quidnam esset iudicaturus, respondit Alcinous, si uirgo fuerit Medea, parenti redditurum, sin autem mulier, coniugi. 3. hoc cum audiuit Arete a coniuge, mittit nuntium ad Iasonem, et is Medeam noctu in antro deuirginauit. postero autem die cum ad iudicium uenissent et Medea mulier esset inuenta, coniugi est tradita. 4. nihilominus cum profecti essent, Absyrtus timens patris praecepta persecutus est eos in insulam Mineruae; ibi cum sacrificaret Mineruae Iason et Absyrtus interuenisset, ab Iasone est interfectus. cuius corpus Medea sepulturae dedit, atque inde profecti sunt. 5. Colchi qui cum Absyrto uenerant, timentes Aeetam, illic remanserunt, oppidumque condiderunt quod ab Absyrti nomine Absorin appellarunt. haec autem insula posita est in Histria contra Polam, iuncta insulae Cantae.

XXIV. IASON: PELIADES

Iason cum Peliae patrum sui iussu tot pericula adisset, cogitare coepit quomodo eum sine suspitione interficeret. hoc Medea se facturam pollicetur. 2. itaque cum iam longe a Colchis essent, nauem iussit in occulto collocari et ipsa ad Peliae filias pro sacerdote Dianae uenit; eis pollicetur se patrem earum Pelian ex sene iuuenem facturam, idque Alcestis maior filia negauit fieri posse. 3. Medea quo facilius eam perduceret ad suam uoluntatem, caliginem eis obiecit et ex uenenis multa miracula fecit quae ueri similia esse uiderentur, arietemque uetulum in aeneum coniecit, unde agnus pulcherrimus prosiluisse uisus est. 4. eodemque modo inde Peliades, id est Alcestis Pelopia Medusa Pisidice Hippothoe, Medae impulsu patrem suum occisum in aeneo coxerunt. cum se deceptas esse uiderent, a patria profugerunt. 5. at Iason, signo a Medea accepto, regia est potitus, Acastoque Peliae filio fratri Peliadum, quod secum Colchos ierat, regnum patrum tradidit; ipse cum Medea Corinthum profectus est.

XXV. MEDEA

Aetae Medea et Idyiae filia cum ex Iasone iam filios Mermerum et Pheretem procreasset summaque concordia uiuerent, obieciatur ei hominem tam fortem ac formosum ac nobilem uxorem aduenam atque ueneficam habere. 2. huic Creon Menoeci filius rex Corinthius filiam suam minorem Glaucen dedit uxorem. Medea cum uidit se erga Iasonem bene merentem tanta contumelia esse affectam, coronam ex uenenis fecit auream eamque

muneri filios suos iussit nouercae dare. 3. Creusa munere accepto cum Iasone et Creonte conflagrauit. Medea ubi regiam ardere uidit, natos suos ex Iasone Mermerum et Pheretem interfecit et profugit a Corintho.

XXVI. MEDEA EXVL

Medea Corintho exul Athenas ad Aegeum Pandionis filium deuenit in hospitium eique nupsit; ex eo natus est Medus. 2. postea sacerdos Dianae Medeam exagitare coepit, regique negabat sacra caste facere posse eo quod in ea ciuitate esset mulier uenefica et scelerata. tunc iterum exulatur. 3. Medea autem iunctis draconibus ab Athenis Colchos redit; quae in itinere Absoridem uenit, ubi frater Alysrtus sepultus erat. ibi Absoritani serpentium multitudini resistere non poterant; Medea autem ab eis rogata lectas eas in tumultum fratris coniecit, quae adhuc ibi permanentes, si qua autem extra tumultum exit, debitum naturae persoluit.

XXVII. MEDVS

Persi Solis filio, fratri Aeetae, responsum fuit ab Aeetae progenie mortem cauere: ad quem Medus dum matrem persequitur tempestate est delatus, quem satellites comprehensum ad regem Persen perduxerunt. 2. Medus Aegei et Medae filius ut uidit se in inimici potestatem uenisse, Hippoten Creontis filium se esse mentitus est. rex diligentius quaerit et in custodia eum conici iussit; ubi sterilitas et penuria frugum dicitur fuisse. 3. quo Medea in curru iunctis draconibus cum uenisset, regi se sacerdotem Dianae ementita est dixitque sterilitatem se expiare posse; et cum a rege audisset Hippoten Creontis filium in custodia haberi, arbitrans eum patris iniuriam exsequi uenisse, ibique imprudens filium prodidit. 4. nam regi persuadet eum Hippoten non esse sed Medum Aegei filium a matre missum ut regem interficeret, petitque ab eo ut interficiendus sibi traderetur, aestimans Hippoten esse. 5. itaque Medus cum productus esset ut mendacium morte puniret, ut illa aliter esse uidit quam putauit, dixit se cum eo colloqui uelle atque ense ei tradidit iussitque aui sui iniurias exsequi. Medus re audita Persen interfecit regnumque auitum possedit; ex suo nomine terram Mediam cognominauit.

XXVIII. OTOS ET EPHIALTES

Otos et Ephialtes Aloeï et Iphimedes Neptuni filiae filii mira magnitudine dicuntur fuisse; hi singuli singulis mensibus nouem digitis crescebant. itaque cum essent annorum nouem in caelum ascendere sunt conati. 2. qui aditum sibi ita faciebant; montem enim Ossam super Pelion posuerunt (unde etiam Pelion Ossa mons appellatur), aliosque montes construebant; qui ab Apolline nacti sunt interfecti. 3. alii autem auctores dicunt Neptuni et Iphimedes filios fuisse atrotos; hi cum Dianam comprimere uoluissent, quae cum non posset uiribus eorum obsistere, Apollo inter eos ceruam misit, quam illi furore incensi dum uolunt iaculis interficere, alius alium interfecerunt. 4. qui ad inferos dicuntur hanc poenam pati; ad columnam auersi alter ab altero serpentibus sunt deligati; est styx inter, columnam sedens ad quam sunt deligati.

XXIX. ALCIMENA

Amphitryon cum abesset ad expugnandam Oechaliam, Alcimena aestimans Iouem coniugem suum esse, eum thalamis recepit. qui cum in thalamos uenisset et ei referret quae in Oechalia gessisset, ea credens coniugem esse cum eo concubuit. 2. qui tam libens cum ea concubuit ut unum diem usurparet, duas noctes congeminaret, ita ut Alcimena tam longam noctem ammiraretur. postea cum nuntiaretur ei coniugem uictorem adesse, minime curauit, quod iam putabat se coniugem suum uidisse. 3. qui cum Amphitryon in regiam intrasset et eam uideret neglegentius securam, mirari coepit et queri quod se aduenientem non excepisset; cui Alcimena respondit: Iam pridem uenisti et mecum concubuisti et mihi narrasti quae in Oechalia gessisses. 4. quae cum signa omnia diceret, sensit Amphitryon numen aliquod fuisse pro se, ex qua die cum ea non concubuit. quae ex Ioue compressa peperit Herculem.

XXX. HERCVLIS ATHLA DVODECIM AB EVRYSTHEO IMPERATA

Infans cum esset, dracones duos duabus manibus necauit, quos Iuno miserat, unde primigenius est dictus. 2. Leonem Nemaëum, quem Luna nutrierat in antro amphistomo atrotum, necauit, cuius pellem pro tegumento habuit. 3. Hydram Lernaëam Typhonis filiam cum capitibus nouem ad fontem Lernaëum interfecit. haec tantam uim ueneni habuit ut afflatu homines necaret, et si quis eam dormientem transierat, uestigia eius afflabat et maiori cruciatu moriebatur. hanc Minerua monstrante interfecit et exinterauit et eius felle

sagittas suas tinxit; itaque quicquid postea sagittis fixerat, mortem non effugiebat, unde postea et ipse periit in Phrygia. 4. aprum Erymanthium occidit. 5. ceruum ferocem in Arcadia cum cornibus aureis uiuum in conspectu Eurythei regis adduxit. 6. aues Stymphalides in insula Martis, quae emissis pennis suis iaculabantur, sagittis interfecit. 7. Augeae regis stercus bobile uno die purgauit, maiorem partem Ioue adiutore; flumine ammisso totum stercus abluit. 8. taurum cum quo Pasiphae concubuit ex Creta insula Mycenis uiuum adduxit. 9. Diomedem Thraciae regem et equos quattuor eius, qui carne humana uescebantur, cum Abdero famulo interfecit; equorum autem nomina Podargus Lampon Xanthus Dinus. 10. Hippolyten Amazonam, Martis et Otrerae reginae filiam, cui reginae Amazonis balteum detraxit; tum Antiopam captiuam Theseo donauit. 11. Geryonem Chrysaoris filium trimembrem uno telo interfecit. 12. draconem immanem Typhonis filium, qui mala aurea Hesperidum seruare solitus erat, ad montem Atlantem interfecit, et Eurystheo regi mala attulit. 13. canem Cerberum Typhonis filium ab inferis regi in conspectum adduxit.

XXXI. PARERGA EIVSDEM

Antaeum terrae filium in Libya occidit. hic cogebat hospites secum luctari et delassatos interficiebat; hunc luctando necauit. 2. Busiridem in Aegypto, qui hospites immolare solitus erat; huius legem cum audiit, passus est se cum infula ad aram adduci, Busiris autem cum uellet deos imprecari, Hercules eum claua ac ministros sacrorum interfecit. 3. Cygnum Martis filium armis superatum occidit. quo cum Mars uenisset et armis propter filium contendere uellet cum eo, Iouis inter eos fulmen misit. atque ita eos distraxit. 4. cetum cui Hesione fuit apposita Troiae occidit; Laomedontem patrem Hesionis quod eam non reddebat sagittis interfecit. 5. aethonem aquilam quae Prometheo cor exedebat sagittis interfecit. 6. Lycum Neptuni filium quod Megaram Creontis filiam uxorem eius et filios Therimachum et Ophiten occidere uoluit interfecit.

7. Achelous fluuius in omnis figuras se immutabat. hic cum Hercule propter Deianirae coniugium cum pugnaret, in taurum se conuertit, cui Hercules cornu detraxit, quod cornu Hesperidibus siue Nymphis donauit, quod deae pomis replerunt et cornu copiae appellarunt. 8. Neleum Hippocoontis filium cum decem filiis occidit, quoniam is eum purgare siue lustrare noluit tunc cum Megaram Creontis filiam uxorem suam et filios Therimachum et

Ophiten interfecerat. 9. Eurytum quod Iolen filiam eius in coniugium petiit et ille eum repudiauit occidit. 10. centaurum Nessum quod Deianiram uiolare uoluit, occidit. 11. Eurytionem centaurum quod Deianiram Dexameni filiam speratam suam uxorem petiit, occidit.

XXXII. MEGARA

Hercules cum ad canem tricipitem esset missus ab Eurystheo rege et Lycus Neptuni filius putasset eum periisse, Megaram Creontis filiam uxorem eius et filios Therimachum et Ophiten interficere uoluit et regnum occupare. 2. Hercules eo interuenit et Lycum interfecit; postea ab Iunone insania obiecta, Megaram et filios Therimachum et Ophiten interfecit. 3. postquam suae mentis compos est factus, ab Apolline petiit dari sibi responsum quomodo scelus purgaret; cui Apollo sortem quod reddere noluit, Hercules iratus de fano eius tripodem sustulit, quem postea Iouis iussu reddidit, et nolentem sortem dare iussit. 4. Hercules ob id a Mercurio Omphalae reginae in seruitutem datus est.

XXXIII. CENTAVRI

Hercules cum in hospitium ad Dexamenum regem uenisset, eiusque filiam Deianiram deuirginasset, fidemque dedisset se eam uxorem ducturum, post discessum eius Eurytion Ixionis et Nubis filius centaurus petit Deianiram uxorem. cuius pater uim timens pollicitus est se daturum. 2. die constituto uenit cum fratribus ad nuptias. Hercules interuenit et centaurum interfecit, suam speratam abduxit.

3. Item aliis in nuptiis, Pirithous Hippodamiam Adrasti filiam cum uxorem duceret, uino pleni centauri conati sunt rapere uxores Lapithis; eos centauri multos interfecerunt, ab ipsis interierunt.

XXXIV. NESSVS.

Nessus Ixionis et Nubis filius, centaurus, rogatus ab Deianira ut se flumen Euhenum transferret: quam sublatam in flumine ipso uiolare uoluit. huc Hercules cum interuenisset et Deianira cum fidem eius implorasset, Nessum sagittis confixit. 2. ille moriens, cum sciret sagittas hydrae Lernaee felle tinctas quantam uim haberent uenenis, sanguinem suum

exceptum Deianirae dedit et id philtrum esse dixit; si uellet ne se coniunx sperneret, eo iuberet uestem eius perungi. id Deianira credens, conditum diligenter seruauit.

XXXV. IOLE

Hercules cum Iolen Euryti filiam in coniugium petiisset, ille eum repudiasset, Oechaliam expugnauit; qui ut a uirgine rogaretur, parentes eius coram ea interficere uelle coepit. Illa animo pertinacior parentes suos ante se necari est perpessa. quos omnis cum interfecisset, Iolen captiuam ad Deianiram praemisit.

XXXVI. DEIANIRA

Deianira Oenei filia Herculis uxor cum uidit Iolen uirginem captiuam eximiae formae esse adductam uerita est ne se coniugio priuaret. itaque memor Nessi praecepti, uestem tinctam centauri sanguine Herculi qui ferret nomine Lichan famulum misit. 2. inde paulum quod in terra deciderat et id sol attigit, ardere coepit. quod Deianira ut uidit, aliter esse ac Nessus dixerat intellexit, et qui reuocaret eum cui uestem dederat misit. 3. quam Hercules iam induerat, statimque flagrare coepit; qui cum se in flumen coniecisset ut ardorem extingueret, maior flamma exibat; demere autem cum uellet, uiscera sequebantur. 4. tunc Hercules Licham qui uestem attulerat rotatum in mare iaculatus est, qui quo loco cecidit petra nata est quae Lichas appellatur. 5. tunc dicitur Philoctetes Poeantis filius pyram in monte Oetaeo construxisse Herculi, eumque ascendisse immortalitatem. ob id beneficium Philocteti Hercules arcus et sagittas donauit. 6. Deianira autem ob factum Herculis ipsa se interfecit.

XXXVII. AETHRA

Neptunus et Aegeus Pandionis filius in fano Mineruae cum Aethra Pitthei filia una nocte concubuerunt. Neptunus quod ex ea natum esset Aegeo concessit. 2. is autem postquam a Troezene Athenas redibat, ense suum sub lapide posuit et praecepit Aethrae ut tunc eum ad se mitteret cum posset eum lapidem alleuare et gladium patris tollere; ibi fore indicium cognitionis filii. 3. itaque postea Aethra peperit Theseum, qui ad puberem aetatem cum peruenisset, mater praecepta Aegei indicat ei lapidemque ostendit ut ense tolleretur et iubet eum Athenas ad Aegeum proficisci, eosque qui itineri infestabantur omnis occidit.

XXXVIII. THESEI LABORES

Corynetem Neptuni filium armis occidit; 2. Pityocamptem qui iter gradientes cogebat ut secum arborem pinum ad terram flecterent, quam qui cum eo prenderat, ille eam uiribus missam faciebat; ita ad terram grauiter elidebatur et periebat, hunc interfecit. 3. Procrustem Neptuni filium. ad hunc hospes cum uenisset, si longior erat, minori lecto proposito, reliquam corporis partem praecidebat; sin autem breuior statura erat, lecto longiori dato, incudibus suppositis extendebat eum usque dum lecti longitudinem aequaret. hunc interfecit. 4. Scironem, qui ad mare loco quodam praerupto sedebat et qui iter gradiebatur cogebat eum sibi pedes lauare, et ita in mare praecipitabat, hunc Theseus pari leto in mare deiecit, ex quo Scironis petrae sunt dictae. 5. Cercyonem Vulcani filium armis occidit. 6. aprum qui fuit Cremyone interfecit. 7. taurum qui fuit Marathone, quem Hercules a Creta ad Eurystheum adduxerat, occidit. 8. Minotaurum oppido Gnosi occidit.

XXXIX. DAEDALVS

Daedalus Eupalami filius, qui fabricam a Minerua dicitur accepisse, Perdicem sororis suae filium propter artificii inuidiam, quod is primum serram inuenerat, summo tecto deiecit. ob id scelus in exilium ab Athenis Cretam ad regem Minoem abiit.

XL. PASIPHAE

Pasiphae Solis filia uxor Minois sacra deae Veneris per aliquot annos non fecerat. ob id Venus amorem infandum illi obiecit, ut taurum quem ipsa amabat alia amaret. 2. in hoc Daedalus exsul cum uenisset, petiit ab ea auxilium. is ei uaccam ligneam fecit et uerae uaccae corium induxit, in qua illa cum tauro concubuit; ex quo compressu Minotaurum peperit capite bubulo parte inferiore humana. 3. tunc Daedalus Minotauro labyrinthum inextricabili exitu fecit, in quo est conclusus. 4. Minos re cognita Daedalum in custodiam coniecit, at Pasiphae eum uinculis liberauit; itaque Daedalus pennas sibi et Icaro filio suo fecit et accommodauit, et inde auolarunt. Icarus altius uolans, a sole cera calefacta, decedit in mare quod ex eo Icarium pelagus est appellatum. Daedalus peruolauit ad regem Cocalum in insulam Siciliam. 5. alii dicunt: Theseus cum Minotaurum occidit, Daedalum Athenas in patriam suam reduxit.

XLI. MINOS

Minos Iouis et Europae filius cum Atheniensibus belligeravit, cuius filius Androgeus in pugna est occisus. qui posteaquam Athenienses uicit, uestigales Minois esse coeperunt; instituit autem ut anno uno quoque septenos liberos suos Minotauro ad epulandum mitterent. 2. Theseus posteaquam a Troezene uenerat et audit quanta calamitate ciuitas afficeretur, uoluntarie se ad Minotaurum pollicitus est ire. 3. quem pater cum mitteret, praedixit ei ut si uictor reuerteretur uela candida in nauem haberet; qui autem ad Minotaurum mittebantur uelis atris nauigabant.

XLII. THESEVS APVD MINOTAVRVM

Theseus posteaquam Cretam uenit ab Ariadne Minois filia est adamatus adeo ut fratrem proderet et hospitem seruaret, ea enim Theseo monstrauit labyrinthi exitum, quo Theseus cum introisset et Minotaurum interfecisset, Ariadnes monitu licium reuoluendo foras est egressus, eamque, quod fidem illi dederat, in coniugio secum habiturus auexit.

XLIII. ARIADNE

Theseus in insula Dia tempestate retentus, cogitans si Ariadnen in patriam portasset, sibi opprobrium futurum, itaque in insula Dia dormientem reliquit; quam Liber amans inde sibi in coniugium abduxit. 2. Theseus autem cum nauigaret oblitus est uela atra mutare, itaque Aegeus pater eius credens Theseum a Minotauro esse consumptum in mare se praecipitauit, ex quo Aegeum pelagus est dictum. 3. Ariadnes autem sororem Phaedram Theseus duxit in coniugium.

XLIV. COCALVS

Minos quod Daedali opera multa sibi incommoda acciderant, in Siciliam est eum persecutus petiitque a rege Cocalo ut sibi redderetur. cui cum Cocalus promississet et Daedalus rescisset, ab regis filiabus auxilium petiit. illae Minoem occiderunt.

XLV. PHILOMELA

Tereus Martis filius Thrax cum Progen Pandionis filiam in coniugium haberet, Athenas ad Pandionem socerum uenit rogatum ut Philomelam alteram filiam sibi in coniugium daret, Progen suum diem obisse dicit. 2. Pandion ei ueniam dedit, Philomelamque et custodes cum ea misit; quos Tereus in mare iecit, Philomelamque inuentam in monte compressit. postquam autem in Thraciam redit, Philomelam mandat ad Lynceum regem, cuius uxor Lathusa quod Progne fuit familiaris statim pelicem ad eam deduxit. 3. Progne cognita sorore et Terei impium facinus, pari consilio machinari coeperunt regi talem gratiam referre. interim Tereo ostendebatur in prodigiis Ity filio eius mortem a propinqua manu adesse; quo responso audito cum arbitraretur Dryantem fratrem suum filio suo mortem machinari, fratrem Dryantem insontem occidit. 4. Progne autem filium Itym ex se et Tereo natum occidit, patrique in epulis apposuit et cum sorore profugit. 5. Tereus facinore cognito fugientes cum insequeretur, deorum misericordia factum est ut Progne in hirundinem commutaretur, Philomela in lusciniam; Tereum autem accipitrem factum dicunt.

XLVI. ERECHTHEVS

Erechtheus Pandionis filius habuit filias quattuor, quae inter se coniurarunt si una earum mortem obisset, ceterae se interficerent. 2. in eo tempore Eumolpus Neptuni filius Athenas uenit oppugnaturus, quod patris sui terram Atticam fuisse diceret. 3. is uictus cum exercitu cum esset ab Atheniensibus interfectus, Neptunus ne filii sui morte Erechtheus laetaretur expostulauit ut eius filia Neptuno immolaretur. 4. itaque Chthonia filia cum esset immolata, ceterae fide data se ipsae interfecerunt; ipse Erechtheus ab Ioue Neptuni rogatu fulmine est ictus.

XLVII. HIPPOLYTUS

Phaedra Minois filia Thesei uxor Hippolytum priuignum suum adamauit; quem cum non potuisset ad suam perducere uoluntatem, tabellas scriptas ad suum uirum misit, se ab Hippolyto compressam esse, seque ipsa suspensio necauit. 2. et Theseus re audita filium suum moenibus excedere iussit et optauit a Neptuno patre filio suo exitium. itaque cum Hippolytus equis iunctis ueheretur, repente e mari taurus apparuit, cuius mugitu equi expauefacti Hippolytum distraxerunt uitaque priuarunt.

XLVIII. REGES ATHENIENSIVM

Cecrops Terrae filius; Cephalus Deionis filius; Aegeus Pandionis filius; Pandion Erichthonii filius; Theseus Aegei filius; Erichthonius Vulcani filius; Erechtheus Pandionis filius; Demophon Thesei filius.

XLIX. AESCVLAPIVS

Aesculapius Apollinis filius Glaucō Minois filio uitam reddidisse siue Hippolyto dicitur, quem Iuppiter ob id fulmine percussit. 2. Apollo quod Ioui nocere non potuit, eos qui fulmina fecerunt, id est Cyclopes, interfecit; quod ob factum Apollo datus est in seruitutem Admeto regi Thessaliae.

L. ADMETVS

Alcestim Peliae filiam cum complures in coniugium peterent et Pelias cum multos eorum repudiaret, simultatem his constituit, ei se daturum qui feras bestias ad currum iunxisset: is quam uellet aueheret. 2. itaque Admetus ab Apolline petiit ut se adiuuaret. Apollo cum ab eo esset liberaliter tractatus cum in seruitium fuit ei traditus, aprum et leonem ei iunctos tradidit, quibus ille Alcestim in coniugium auexit.

LI. ALCESTIS

Alcestim Peliae et Anaxibies Biantis filiae filiam complures proci petebant in coniugium; Pelias uitans eorum condiciones repudiavit et simultatem constituit, ei se daturum qui feras bestias ad currum iunxisset et Alcestim in coniugio auexisset. 2. itaque Admetus ab Apolline petiit ut se adiuuaret. Apollo autem quod ab eo in seruitutem liberaliter esset acceptus, aprum et leonem ei iunctos tradidit, quibus ille Alcestim auexit. 3. et illud ab Apolline accepit, ut pro se alius uoluntarie moreretur. pro quo cum neque pater neque mater mori uoluisset, uxor se Alcestis obtulit et pro eo uicaria morte interiit; quam postea Hercules ab inferis reuocauit.

LII. AEGINA

Iuppiter cum Aeginam Asopi filiam uellet comprimere et Iunonem uereretur, detulit eam in insulam Delon et grauidam fecit, unde natus est Aeacus. 2. hoc Iuno cum rescisset,

serpentem in aquam misit qui eam uenenauit, ex qua qui biberet, debitum naturae soluebat. 3. quod cum amissis sociis Aeacus prae paucitate hominum morari non posset, formicas intuens petiit ab Ioue ut homines in praesidio sibi daret. tunc Iuppiter formicas in homines transfigurauit, qui Myrmidones sunt appellati quod Graece formicae myrmices dicuntur. 4. insula autem Aeginae nomen possedit.

LIII. ASTERIE

Iouis cum Asterien Titanis filiam amaret, illa eum contempsit; a quo in auem ortygam commutata est, quam nos coturnicem dicimus, eamque in mare abiecit, et ex ea insula est enata quae, Ortygia est appellata. 2. haec mobilis fuit; quo postea Latona ab Aquilone uento delata est iussu Iouis, tum cum eam Python persequeretur, ibique oleam tenens Latona peperit Apollinem et Dianam; quae insula postea Delos est appellata.

LIV. THETIS

Thetidi Nereidi fatum fuit, qui ex ea natus esset fortiolem fore quam patrem. 2. hoc praeter Prometheum cum sciret nemo et Iouis uellet cum ea concumbere, Prometheus Ioui pollicetur se eum praemonitorem si se uinculis liberasset. itaque fide data monet Iouem ne cum Thetide concumberet, ne si fortior nasceretur, Iouem de regno deiceret quemadmodum et ipse Saturno fecerat. 3. itaque datur Thetis in coniugium Peleo Aeaci filio, et mittitur Hercules ut aquilam interficiat quae eius cor exedebat; eaque interfecta Prometheus post XXX annos de monte Caucasus est solutus.

LV. TITYVS

Latona quod cum Ioue concubuerat, Iuno Tityo Terrae filio immani magnitudine iusserat ut Latonae uim afferret; qui cum conatus esset, a Ioue fulmine est interfectus. qui nouem iugeribus ad inferos exporrectus iacere dicitur, et serpens ei appositus est qui iecur eius exesset, quod cum luna recrescit.

LVI. BVSIRIS

In Aegypto apud Busiridem Neptuni filium cum esset sterilitas et Aegyptus annis nouem siccitate exaruisset; ex Graecia augures conuocauit. Thrasius Pygmalionis fratris filius

Busiridi monstravit immolato hospite uenturos imbres, promissisque fidem ipse immolatus exhibuit.

LVII. STHENEBOEA

Bellerophon cum ad Proetum regem exsul. in hospitium uenisset, adamatus est ab uxore eius Stheneboea; qui cum concumbere cum ea nolisset, illa uiro suo mentita est se ab eo compellatam. 2. at Proetus re audita conscripsit tabellas de ea re et mittit eum ad Iobaten regem, patrem Stheneboeae. quibus lectis talem uirum interficere noluit, sed ad Chimaeram eum interficiendum misit, quae tripartito ore flammam spirare dicebatur. 3. idem: prima leo, postrema draco, media ipsa chimaera. 4. hanc super Pegasus sedens interfecit, et decidisse dicitur in campos Aleios, unde etiam coxas eiecisse dicitur. 5. at rex uirtutes eius laudans alteram filiam dedit ei in matrimonium. Stheneboea re audita ipsa se interfecit.

LVIII. SMYRNA

Smyrna Cinyrae Assyriorum regis et Cenchreidis filia, cuius mater Cenchreis superbius locuta quod filiae suae formam Veneri anteposuerat. Venus matris poenas exsequens Smyrnae infandum amorem obiecit, adeo ut patrem suum amaret. 2. quae ne suspensio se necaret nutrix interuenit et patre nesciente per nutricem cum eo concubuit, ex quo concepit, idque ne palam fieret, pudore stimulata in siluis se abdidit. 3. cui Venus postea miserta est et in speciem arboris eam commutauit unde myrrha fluit, ex qua natus est Adonis, qui matris poenas a Venere est insecutus.

LIX. PHYLLIS

Demophoon Thesei filius in Thraciam ad Phyllidem in hospitium dicitur uenisse et ab ea esse amatus; qui cum in patriam uellet redire, fidem ei dedit se ad eam rediturum. 2. qui die constituta cum non uenisset, illa eo die dicitur nouies ad litus cucurrisse, quod ex ea Ἐννέα Ὅδοι Graece appellatur. Phyllis autem ob desiderium Demophoontis spiritum emisit. 3. cui parentes cum sepulchrum constituissent, arbores ibi sunt natae quae certo tempore Phyllidis mortem lugent, quo folia arescunt et diffluunt; cuius ex nomine folia Graece phylla sunt appellata.

LX. SISYPHVS ET SALMONEVS

Sisyphus et Salmoneus Aeoli filii inter se inimici fuere. Sisyphus petiit ab Apolline quomodo posset interficere inimicum, id est fratrem; cui responsum fuit, si ex compressu Tyronis Salmonei fratris filiae procreasset liberos, fore ultores. 2. quod cum Sisyphus fecisset, duo sunt filii nati, quos Tyro mater eorum sorte audita necauit. 3. at Sisyphus ut rescivit <...> qui nunc dicitur saxum propter impietatem aduersus montem ad inferos ceruicibus uoluere, quod cum ad summum uerticem perduxerit, rursum deorsum post se reuoluatur.

LXI. SALMONEVS

Salmoneus Aeoli filius, Sisyphei frater, cum tonitrua et fulmina imitaretur Iouis, sedensque quadrigam faces ardentes in populum mitteret et ciues, ob id a Ioue fulmine est ictus.

LXII. IXION

Ixion Leontei filius conatus est Iunonem comprimere: Iuno Iouis iussu nubem supposuit, quam Ixion Iunonis simulacrum esse credidit; ex ea nati sunt centauri. at Mercurius Iouis iussu Ixionem ad inferos in rota constrinxit, quae ibi adhuc dicitur uerti.

LXIII. DANAE

Danae Acrisii et Aganippes filia. huic fuit fatum ut quod peperisset Acrisium interficeret; quod timens Acrisius, eam in muro lapideo praeclusit. Iouis autem in imbrem aureum conuersus cum Danae concubuit, ex quo compressu natus est Perseus. 2. quam pater ob stuprum inclusam in arca cum Perseo in mare deiecit. 3. ea uoluntate Iouis delata est in insulam Seriphum, quam piscator Dictys cum inuenisset, effracta <arca> ea uidit mulierem cum infante, quos ad regem Polydectem perduxit, qui eam in coniugio habuit et Perseum educauit in templo Mineruae. 4. quod cum Acrisius rescisset eos ad Polydectem morari, repetitum eos profectus est; quo cum uenisset, Polydectes pro eis deprecatus est, Perseus Acrisio auo suo fidem dedit se eum numquam interfectorum. 5. qui cum tempestate retineretur, Polydectes moritur; cui cum funebres ludos facerent, Perseus disco misso quem uentus distulit in caput Acrisii, eum interfecit. ita quod uoluntate sua noluit, deorum factum est; sepulto autem eo Argos profectus est regnaque auita possedit.

LXIV. ANDROMEDA

Cassiope filiae suae Andromedae formam Nereidibus anteposuit. ob id Neptunus expostulauit ut Andromeda Cephei filia ceto obiceretur. 2. quae cum esset obiecta, Perseus Mercurii talaribus uolans eo dicitur uenisse et eam liberasse a periculo; quam cum abducere uellet, Cepheus pater cum Agenore, cuius sponsa fuit, Perseum clam interficere uoluerunt. 3. ille cognita re caput Gorgonis eis ostendit omnesque ab humana specie sunt informati in saxum. Perseus cum Andromeda in patriam redit. 4. Polydectes <ut> uidit Perseum tantam uirtutem habere, pertimuit eumque per dolum interficere uoluit; qua re cognita Perseus caput Gorgonis ei ostendit et is ab humana specie est immutatus in lapidem.

LXV. ALCYONE

Ceyx Hesperii siue Luciferi et Philonidis filius cum in naufragio periisset, Alcyone Aeoli et Aegiales filia uxor eius propter amorem ipsa se in mare praecipitauit; qui deorum misericordia ambo in aues sunt mutati quae alcyones dicuntur. hae aues nidum oua pullos in mare septem diebus faciunt hiberno tempore; mare his diebus tranquillum est, quos dies nautae alcyonia appellant.

LXVI. LAIUS

Laio Labdacum filio ab Apolline erat responsum de filii sui manu mortem ut caueret. itaque Iocasta Menoecei filia uxor eius cum peperisset, iussit exponi. 2. hunc Periboea Polybi regis uxor cum uestem ad mare lauaret expositum sustulit; Polybo sciente, quod orbi erant liberis, pro suo educauerunt, eumque quod pedes transiectos haberet, Oedipum nominauerunt.

LXVII. OEDIPUS

Postquam Oedipus Laii et Iocastes filius ad puberem aetatem peruenit, fortissimus praeter ceteros erat, eique per inuidiam aequales obiciebant eum subditum esse Polybo, eo quod Polybus tam clemens esset et ille impudens; quod Oedipus sensit non falso sibi obici. 2. itaque Delphos est profectus sciscitatum de <...> in prodigiis ostendebatur mortem ei adesse de nati manu. 3. idem cum Delphos iret, obuiam ei Oedipus uenit, quem satellites cum uiam

regi dari iuberent, neglexit. rex equos immisit et rota pedem eius oppressit; Oedipus iratus inscius patrem suum de curru detraxit et occidit. 4. Laio occiso Creon Menoecei filius regnum occupauit; interim Sphinx Typhonis in Boeotiam est missa, quae agros Thebanorum uexabat; ea regi Creonti similitudinem constituit, si carmen quod posuisset aliquis interpretatus esset, se inde abire; si autem datum carmen non soluisset, eum se consumpturam dixit neque aliter de finibus excessuram. 5. rex re audita per Graeciam edixit; qui Sphingae carmen soluisset, regnum se et Iocasten sororem ei in coniugium daturum promisit. cum plures regni cupidine uenissent et a Sphinge essent consumpti, Oedipus Lai filius uenit et carmen est interpretatus; illa se praecipitauit. 6. Oedipus regnum paternum et Iocasten matrem inscius accepit uxorem, ex qua procreauit Eteoclen et Polynicen, Antigonom et Ismenen. interim Thebis sterilitas frugum et penuria incidit ob Oedipodis scelera, interrogatusque Tiresias quid ita Thebae uexarentur, respondit, si quis ex draconteo genere superesset et pro patria interiisset, pestilentia liberaturum. tum Menoeceus Iocastae pater se de muris praecipitauit. 7. dum haec Thebis geruntur, Corintho Polybus decedit, quo audito Oedipus moleste ferre coepit, aestimans patrem suum obisse; cui Periboea de eius suppositione palam fecit; item Menoetes senex, qui eum exposuerat, ex pedum cicatricibus et talorum agnouit Lai filium esse. 8. Oedipus re audita postquam uidit se tot scelera nefaria fecisse, ex ueste matris fibulas detraxit et se luminibus priuauit, regnumque filiis suis alternis annis tradidit, et a Thebis Antigona filia duce profugit.

LXVIII. POLYNICES

Polynices Oedipodis filius anno peracto regnum ab Eteocle fratre repetit; ille cedere noluit, itaque PolynicesAdrasto rege adiuuante cum septem ductoribus Thebas oppugnatum uenit. 2. ibi Capaneus quod contra Iouis uoluntatem Thebas se capturum diceret, cum murum ascenderet fulmine est percussus; Amphiaras terra est deuoratus; Eteocles et Polynices inter se pugnantibus alius alium interfecerunt. 3. his cum Thebis parentaretur, etsi uentus uehemens esset, tamen fumus se numquam in unam partem conuertit sed alius alio seducitur. 4. ceteri cum Thebas oppugnarent et Thebani rebus suis diffiderent, Tiresias Eueris filius augur praemonuit, si ex dracontea progenie aliquis interiisset, oppidum ea clade liberari. Menoeceus cum uidit se unum ciuium salutem posse redimere, muro se praecipitauit; Thebani uictoria sunt potiti.

A

Polynices Oedipodis filius anno peracto regnum ab Eteocle fratre Adrasto Talai filio adiutore repetit cum septem ductoribus et Thebas oppugnarunt. ibi Adrastus beneficio equi profugit. Capaneus contra Iouis uoluntatem Thebas se capturum dixit, et cum murum ascenderet fulmine ab Ioue est percussus, Amphiaraus cum quadriga terra est deuoratus, Eteocles et Polynices inter se pugnantibus alius alium interfecerunt. his inferiae communes cum fiunt Thebis, fumus separatur quod alius alium interfecerunt. reliqui perierunt.

B

Polynices Oedipodis filius anno peracto <regnum ab Eteocle fra>tre patrum <repetit>; ille ce<dere no>luit; <Polynices Thebas oppugnatum> uenit. ibi Capaneus quod contra <Iouis uoluntatem Thebas> se capturum dixit cum murum asc<enderet fulmine percus>sus <e>st; Amphiaraus <terra est deuoratus; Eteocles et Polynices> depugnantes alius alium interfecer<unt. quibus cum Thebis> parentatur, etsi uentus uehemens est <tamen fumus se numquam> in unam partem uertit sed se in duas <partes seducit. ceteri cum> Thebas oppugnarent et Thebanus <...>

LXIX. ADRASTVS

Adrasto Talai et Eurynomes filio responsum ab Apolline fuit eum filias suas Argiam et Deipylam apro et leoni daturum in coniugium. 2. sub eodem tempore Polynices Oedipodis filius expulsus ab Eteocle fratre ad Adrastum deuenit et Tydeus simul Oenei et Periboeae captivae filius a patre, quod fratrem Menalippum in uenatione occiderat, fere sub eodem tempore uenit. 3. quod cum satellites Adrasto nuntiassent duos iuuenes incognita ueste uenisse, (unus enim aprinea pelle opertus alter leonina), tunc Adrastus memor sortium suarum iubet eos ad se perducere atque ita interrogauit quid ita hoc cultu in regna sua uenissent. 4. cui Polynices indicat se a Thebis uenisse et idcirco se pellem leoninam operuisse quod Hercules a Thebis genus duceret et insignia gentis suae secum portaret; Tydeus autem dicit se Oenei filium esse et a Calydone genus ducere, ideo pelle aprinea se opertum, significans aprum Calydonium. 5. tunc rex responsi memor Argiam maiorem dat Polynici, ex qua nascitur Thersander; Deipylam minorem dat Tydeo, ex qua nascitur

Diomedes qui apud Troiam pugnavit. 6. at Polynices rogat Adrastum ut sibi exercitum commodaret ad patrum regnum recuperandum a fratre; cui Adrastus non tantum exercitum dedit sed etiam ipse cum <VI> aliis ducibus profectus est, quoniam Thebae septem portis claudebantur. 7 Amphion enim qui Thebas muro cinxit septem filiarum nomine portas constituit; hae autem fuerunt Thera Cleodoe Astynome Astycratia Chias Ogygia Chloris.

A

Adrastus Talai filius habuit <filias Deipylon et Argi>am; huic ab Apolline responsum fuit <eum filias apro et leon>i daturum. quod Tydeus Oenei filius <a patre in exilium pulsus qu>od fratrem Menalippum in uenando <occiderat, pelle aprina>a tectus ad Adrastum uenit; eodem tem<pore et Polynices Oedipo>dis filius cum ab Eteocle fratre e regno <pulsus esset, pelle le>onis opertus uenit; hos Adrastus cum uidit, memor sortis Argiam Polynici, <Deipylam Tydeo in coniu>gium dedit.

LXX. REGES SEPTEM THEBAS PROPECTI

Adrastus Talai filius ex Eurynome Iphiti filia Argiurus. Polynices Oedipodis filius ex Iocasta Menoecei filia Thebanus. Tydeus Oenei filius ex Periboea captiua Calydonius. Amphiarus Oeclei, uel ut alii auctores dicunt Apollinis, ex Hypermetra Thestii filia Pylius. Capaneus Hipponoi filius ex Astynome Talai filia, sorore Adrasti, Argiurus. Hippomedon Mnesimachi filius ex Metidice Talai filia, sorore Adrasti, Argiurus. Parthenopaeus Meleagri filius ex Atalanta Iasii filia ex monte Parthenio Arcas. 2 hi omnes duces apud Thebas perierunt praeter Adrastum Talai filium; is enim equi beneficio ereptus est; qui postea filios eorum armatos ad Thebas expugnandas misit ut iniurias paternas uindicarent, eo quod insepulti iacuerant Creontis iussu, qui Thebas occuparat, fratris Iocastes.

A

Adrastus Talai filius, Capaneus Hippo<noi filius, Amphi>arus Oeclei filius, Polynices Oedi<podis filius, Tydeus Oen>ei filius, Parthenopaeus Atalantes <filius...>

LXXI. SEPTEM EPIGONI ID EST FILII

Aegialeus Adrasti filius ex Demoanassa Argiuis; hic solus periit ex septem qui exierant; quia pater exsuperauerat pro patre uicariam uitam dedit; ceteri sex uictores redierunt. 2. Thersander Polynicis filius ex Argia Adrasti filia Argiuis. Polydorus Hippomedontis filius ex Euanippe Elati filia Argiuis. Alcmaeon Amphiarai filius ex Eriphyle Talai filia Argiuis. Tlesimenes Parthenopaei filius ex Clymene nympa Mysius.

A

Aegialeus Adrasti filius, Polydorus Hippomedontis filius, Sthenelus Capanei filius, Alcmaeon Amphiarai filius, Thersander Polynicis filius, Biantes Parthenopaei filius, Diomedes Tydei filius>.

LXXII. ANTIGONA

Creon Menoeci filius edixit ne quis Polynicen aut qui una uenerunt sepulturae traderet, quod patriam oppugnatum uenerint; Antigona soror et Argia coniunx clam noctu Polynicis corpus sublatum in eadem pyra qua Eteocles sepultus est imposuerunt. 2. Quae cum a custodibus deprehensae essent, Argia profugit, Antigona ad regem est perducta; ille eam Haemoni filio, cuius sponsa fuerat, dedit interficiendam. Haemon amore captus patris imperium neglexit et Antigonam ad pastores demandauit, ementitusque est se eam interfecisse. 3. Quae cum filium procreasset et ad puberem aetatem uenisset, Thebas ad ludos uenit; hunc Creon rex, quod ex Draconteo genere omnes in corpore insigne habebant, cognouit. Cum Hercules pro Haemone deprecaretur ut ei ignosceret, non impetrauit. Haemon se et Antigonam coniugem interfecit. 4. At Creon Megaram filiam suam Herculi dedit in coniugium, ex qua nati sunt Therimachus et Ophites.

LXXIII. AMPHIARAVS ERIPHYLA ET ALCMAEON

Amphiarus Oeclei et Hypermestrae Thestii filiae filius augur, qui sciret si ad Thebas oppugnatum esset se inde non rediturum, itaque celauit se conscia Eriphyle coniuge sua Talai filia. 2. Adrastus autem ut eum inuestigaret monile aureum ex gemmis fecit et muneri dedit sorori suae Eriphylae, quae doni cupida coniugem prodidit; Amphiarus Alcmaeoni filio suo praecepit ut post suam mortem poenas a matre exsequeretur. 3. qui postquam apud

Thebas terra est deuoratus, Alcmaeon memor patris praecepti Eriphylen matrem suam interfecit; quem postea furiae exagitarunt.

LXXIV. HYPsipYLE

Septem ductores qui Thebas oppugnatum ibant deuenerunt in Nemeam, ubi Hypsipyle Thoantis filia in seruitute puerum Archemorum siue Ophiten Lyci regis filium nutriebat; cui responsum erat ne in terra puerum deponeret antequam posset ambulare. 2. ergo ductores septem qui Thebas ibant aquam quaerentes deuenerunt ad Hypsipylum eamque rogauerunt ut eis aquam demonstraret. illa timens puerum in terram deponere, apium altissimum erat ad fontem, in quo puerum deposuit. 3. quae dum aquam eis tradit, draco fontis custos puerum exedit. at draconem Adrastus et ceteri occiderunt et Lycum pro Hypsipyle deprecati sunt, ludosque puero funebres instituerunt, qui quinto quoque anno fiunt, in quibus uictores apiaciam coronam accipiunt.

LXXV. TIRESIAS

In monte Cyllenio Tiresias Eueris filius pastor dracones uenerantes dicitur baculo percussisse, alias calcasse; ob id in mulieris figuram est conuersus; postea monitus a sortibus in eodem loco dracones cum calcasset, redit in pristinam speciem. 2. eodem tempore inter Iouem et Iunonem fuit iocosa altercatio quis magis de re uenerea uoluptatem caperet, masculus an femina, de qua re Tiresiam iudicem sumpserunt qui utrunque erat expertus. 3. is cum secundum Iouem iudicasset, Iuno irata manu auersa eum excaecauit; at Iouis ob id fecit ut septem aetates uiueret uatesque praeter ceteros mortales esset.

LXXVI. REGES THEBANORVM

Cadmus Agenoris filius, Amphion Iouis, Polydorus Cadmi, Laus Labdaci, Pentheus Echionis, Creon Menoecei, Oedipus Lai, Polynices Oedipi, Lycus Neptuni, Eteocles Oedipi, Zetus Iouis, Labdacus Polydori.

LXXVII. LEDA

Iuppiter Ledam Thestii filiam in cygnum conuersus ad flumen Eurotam compressit, et ex eo peperit Pollucem et Helenam, ex Tyndareo autem Castorem et Clytaemnestram.

LXXVIII. TYNDAREVS

Tyndareus Oebali filius ex Leda Thestii filia procreauit Clytaemnestram et Helenam; Clytaemnestram Agamemnoni Atrei filio dedit in coniugium; Helenam propter formae dignitatem complures ex ciuitatibus in coniugium proci petebant. 2. Tyndareus cum repudiari filiam suam Clytaemnestram ab Agamemnone uereretur timeretque ne quid ex ea re discordiae nasceretur, monitus ab Vlixē iureiurando se obligauit et arbitrio Helenae posuit ut cui uellet nubere coronam imponeret. 3. Menelao imposuit, cui Tyndareus eam dedit uxorem regnumque moriens Menelao reliquit.

LXXIX. HELENA

Theseus Aegei et Aethrae Pitthei filiae filius cum Pirithoo Ixionis filio Helenam Tyndarei et Ladae filiam uirginem de fano Dianae sacrificantem rapuerunt et detulerunt Athenas in pagum Atticae regionis. 2. quod Iouis eos cum uidisset tantam audaciam habere ut se ipsi ad periculum offerrent, in quiete eis imperauit ut peterent ambo a Plutone Pirithoo Proserpinam in coniugium; qui cum per insulam Taenariam ad inferos descendissent et de qua re uenissent indicarent Plutoni, a furiis strati diuque lacerati sunt. 3. quo Hercules ad canem tricipitem ducendum cum uenisset, illi fidem eius implorarunt; qui a Plutone impetrauit eosque incolumes eduxit. 4. ob Helenam Castor et Pollux fratres belligerantur et Aethram Thesei matrem et Phisadiem Pirithoi sororem ceperunt et in seruitutem sorori dederunt.

LXXX. CASTOR

Idas et Lynceus Apharei filii ex Messenis habuerunt sponas Phoeben et Hilairam Leucippi filias; hae autem formosissimae uirgines cum essent et esset Phoebe sacerdos Mineruae, Hilaira Dianae, Castor et Pollux amore incensi eas rapuerunt. 2. illi amissis sponis armatae tulerunt, si possent eas recuperare. Castor Lynceum in proelio interfecit; Idas amisso fratre omisit bellum et sponsam, coepit fratrem sepelire. 3. cum ossa eius collocaret in pila, interuenit Castor et prohibere coepit monumentum fieri, quod diceret se eum quasi feminam superasse. Idas indignans gladio quo cinctus erat Castori inguina traiecit. alii dicunt quemadmodum aedificabat pilam super Castorem impulsisse et sic interfectum. 4.

quod cum annuntiassent Polluci, accurrit et Idam uno proelio superauit, corpusque fratris recuperatum sepulturae dedit; cum autem ipse stellam ab Ioue accepisset et fratri non esset data, ideo quod diceret Iouis Castorem semine Tyndarei et Clytaemnestram natos, ipsum autem et Helenam Iouis esse filios, tunc deprecatus Pollux ut liceret ei munus suum cum fratre communicare; cui permisit, ideoque dicitur “alterna morte redemptus.” unde etiam Romani seruant institutum; cum desultorem mittunt, unus duos equos habet, pileum in capite, <de> equo in equum transilit, quod ille sua et fratris uice fungatur.

LXXXI. PROCI HELENAE

Antilochus, Ascalaphus, Ajax Oileus, Amphimachus, Ancaeus, †Blanirus, Agapenor, Ajax Telamonius, Clytius Cyaneus, Menelaus, Patroclus, Diomedes, Peneleus, Phemius, Nireus, Polypoetes, Elephenor, Eumelus, Sthenelus, Tlepolemus, Protesilaus, Podalirius, Eurypylus, Idomeneus, Leonteus, Thalpius, Polyxenus, Prothous, Menestheus, Machaon, Thoas, Vlysses, Phidippus, Meriones, Meges, Philoctetes; alia ueteres.

LXXXII. TANTALVS

Tantalus Iouis et Plutonis filius procreauit ex Dione Pelopem. 2. Iuppiter Tantalum concredere sua consilia solitus erat et ad epulum deorum admittere, quae Tantalus ad homines renuntiauit; ob id dicitur ad inferos in aqua media fine corporis stare semperque sitire, et cum haustum aquae uult sumere aquam recedere. 3. item poma ei super caput pendent, quae cum uult sumere, rami uento moti recedunt. item saxum super caput eius ingens pendet, quod semper timet ne super se ruat.

LXXXIII. PELOPS

Pelops Tantali et Diones Atlantis filiae filius cum esset in epulis deorum a Tantalum caesus, brachium eius Ceres consumpsit, qui a deorum numine uitam recepit; cui cum cetera membra ut fuerant coissent, humero non perpetuo eburneum eius loco Ceres aptauit.

LXXXIV. OENOMAVS

Oenomaus Martis et Asteropes <Atlantis> filiae filius habuit in coniugio Euareten Acrisii filiam, ex qua procreauit Hippodamiam, uirginem eximiae formae, quam nulli ideo dabat in

coniugium quod sibi responsum fuit a genero mortem cauere. 2. itaque cum complures eam peterent in coniugium, simultatem constituit se ei daturum qui secum quadrigis certasset uictorque exisset, (quod is equos aquilone uelociores habuit), uictus autem interficeretur. 3. multis interfectis nouissime Pelops Tantali filius cum uenisset et capita humana super ualuas fixa uidisset eorum qui Hippodamiam in uxorem petierant, paenitere eum coepit regis crudelitatem timens. 4. itaque Myrtilo aurigae eius persuasit regnumque ei dimidium pollicetur si se adiuuaret. fide data Myrtilus currum iunxit et clauos in rotas non coniecit; itaque equis incitatis currum defectum Oenomai equi distraxerunt. 5. Pelops cum Hippodamia et Myrtilo domum uictor cum rediret, cogitauit sibi opprobrium futurum et Myrtilo fidem praestare noluit, eumque in mare praecipitauit, a quo Myrtoum pelagus est appellatum. Hippodamiam in patriam adduxit suam quod Peloponnesum appellatur; ibi ex Hippodamia procreauit Hippalcum Atreum Thyesten.

LXXXV. CHRYSIPPVS

Laius Labdaci filius Chrysippum Pelopis filium nothum propter formae dignitatem Nemeae ludis rapuit, quem ab eo Pelops bello recuperauit. hunc Atreus et Thyestes matris Hippodamiae impulsu interfecerunt; Pelops cum Hippodamiam argueret, ipsa se interfecit.

LXXXVI. PELOPIDAE

Thyestes Pelopis et Hippodamiae filius quod cum Aeropa Atrei uxore concubuit a fratre Atreo de regno est eiectus; at is Atrei filium Plisthenem, quem pro suo educauerat, ad Atreum interficiendum misit, quem Atreus credens fratris filium esse imprudens filium suum occidit.

LXXXVII. AEGISTHVS

Thyesti Pelopis et Hippodamiae filio responsum fuit quem ex filia sua Pelopia procreasset, eum fratris fore ultorem; quod cum audisset <...> puer est natus, quem Pelopia exposuit, quem inuentum pastores caprae subdiderunt ad nutriendum; Aegisthus est appellatus ideo quod Graece capra aega appellatur.

LXXXVIII. ATREVS

Atreus Pelopis et Hippodamiae filius cupiens a Thyeste fratre suo iniurias exsequi, in gratiam cum eo rediit et in regnum suum eum reduxit, filiosque eius infantes Tantalum et Plisthenem occidit et epulis Thyesti apposuit. 2. qui cum uesceretur, Atreus imperauit brachia et ora puerorum afferri; ob id scelus etiam Sol currum auertit. 3 Thyestes scelere nefario cognito profugit ad regem Thesprotum, ubi lacus Auernus dicitur esse; inde Sicyonem peruenit, ubi erat Pelopia filia Thyestis deposita; ibi casu nocte cum Mineruae sacrificarent interuenit, qui timens ne sacra contaminaret in luco delituit. 4. Pelopia autem cum choreas ducit lapsa, uestem ex cruore pecudis inquinauit; quae dum ad flumen exit sanguinem abluere, tunicam maculatam deponit. capite obducto Thyestes e luco prosiluit. et ea compressione gladium de uagina ei extraxit Pelopia et rediens in templum sub acropodio Mineruae abscondit. postero die rogat regem Thyestes ut se in patriam Lydiam remitteret. 5. interim sterilitas Mycenis frugum ac penuria oritur ob Atrei scelus. ibi responsum est ut Thyestem in regnum reduceret. 6. qui cum ad Thesprotum regem isset, aestimans Thyestem ibi morari, Pelopiam aspexit et rogat Thesprotum ut sibi Pelopiam in coniugium daret, quod putaret eam Thesproti esse filiam. Thesprotus, ne qua suspicio esset, dat ei Pelopiam, quae iam conceptum ex patre Thyeste habebat Aegisthum. 7. quae cum ad Atreum uenisset, parit Aegisthum, quem exposuit; at pastores caprae supposuerunt, quem Atreus iussit perquiri et pro suo educari. 8. interim Atreus mittit Agamemnonem et Menelaum filios ad quaerendum Thyestem, qui Delphos petierunt sciscitatum. casu Thyestes eo uenerat ad sortes tollendas de ultione fratris; comprehensus ab eis ad Atreum perducitur, quem Atreus in custodiam conici iussit, Aegisthumque uocat, aestimans suum filium esse, et mittit eum ad Thyestem interficiendum. 9. Thyestes cum uidisset Aegisthum et gladium quem Aegisthus gerebat, et cognouisset quem in compressione perdiderat, interrogat Aegisthum unde illum haberet. ille respondit matrem sibi Pelopiam dedisse, quam iubet accersiri. 10. cui respondit se in compressione nocturna nescio cui eduxisse et ex ea compressione Aegisthum concepisse. tunc Pelopia gladium arripuit, simulans se agnoscere, et in pectus sibi detrusit. 11. quem Aegisthus e pectore matris cruentum tenens ad Atreum attulit. ille aestimans Thyestem interfectum laetabatur; quem Aegisthus in litore sacrificantem occidit et cum patre Thyeste in regnum auitum redit.

LXXXIX. LAOMEDON

Neptunus et Apollo dicuntur Troiam muro cinxisse; his rex Laomedon uouit quod regno suo pecoris eo anno natum esset immolaturum. id uotum auaritia fefellit. alii dicunt aurum eum promisisse. 2. ob eam rem Neptunus cetum misit qui Troiam uexaret; ob quam causam rex ad Apollinem misit consultum. Apollo iratus ita respondit, si Troianorum uirgines ceto religatae fuissent, finem pestilentiae futuram. 3. cum complures consumptae essent et Hesionae sors exisset et petris religata esset, Hercules et Telamon cum, Colchos Argonautae irent, eodem uenerunt et cetum interfecerunt, Hesionenque patri pactis legibus reddunt, ut cum inde rediissent secum in patriam eam abducerent, et equos qui super aquas et aristas ambulabant. 4. quod et ipsum Laomedon fraudauit neque Hesionen reddere uoluit; itaque Hercules ad eos nauibus comparatis ut Troiam expugnaret uenit et Laomedontem necauit et Podarci filio eius infanti regnum dedit, qui postea Priamus est appellatus ἀπὸ τοῦ πρίασθαι. 5. Hesionen recipratam Telamoni concessit in coniugium, ex qua natus est Teucer.

XC. PRIAMI FILII ET FILIAE NUMERO LIV

Hector Deiphobus Cebriones Polydorus Helenus Alexander Hipposidus Antinous Agathon Dius. 2. Mestor Lyside Polymena Ascanius Chirodamas Euagoras Dryops Astynomus Polymetus Laodice. 3. Ethionome Phegea Henicea Demnosia Cassandra Philomela Polites Troilus Palaemon Brissonius. 4. Gorgythion Protodamas Aretus Dolon Chromius Eresus Chrysolaus Demosthea Doryclus Hippasus. 5. Hypirochus Lysianassa Iliona Nereis Euander Proneus Archemachus Hilagus Axion Biantes. 6. Hippotrochus Deiopites Medusa Hero Creusa.

XCI. ALEXANDER PARIS

Priamus Laomedontis filius cum complures liberos haberet ex concubitu Hecubae Cissei siue Dymantis filiae, uxor eius praegnans in quiete uidit se facem ardentem parere ex qua serpentes plurimos exisse. 2. id uisum omnibus coniectionibus cum narratum esset, imperant quicquid pareret necaret, ne id patriae exitio foret. 3. postquam Hecuba peperit Alexandrum, datur interficiendus, quem satellites misericordia exposuerunt; eum pastores pro suo filio repertum expositum educarunt eumque Parim nominauerunt. 4. is cum ad puberem aetatem peruenisset, habuit taurum in deliciis; quo cum satellites missi a Priamo ut

taurum aliquis adduceret uenissent, qui in athlo funebri quod ei fiebat poneretur, coeperunt Paridis taurum abducere. 5. qui persecutus est eos et inquisiuit quo eum ducerent; illi indicant se eum ad Priamum adducere <ei>, qui uicisset ludis funebribus Alexandri. ille amore incensus tauri sui descendit in certamen et omnia uicit, fratres quoque suos superauit. 6. indignans Deiphobus gladium ad eum strinxit; at ille in aram Iouis Hercei insiluit; quod cum Cassandra uaticinaretur eum fratrem esse, Priamus eum agnouit regiaque recepit.

XCII. PARIDIS IUDICIUM

Iouis cum Thetis Peleo nuberet ad epulum dicitur omnis deos conuocasse excepta Eride, id est Discordia, quae cum postea superuenisset nec admitteretur ad epulum, ab ianua misit in medium malum, dicit quae esset formosissima attolleret. 2. Iuno Venus Minerua formam sibi uindicare coeperunt, inter quas magna discordia orta, Iouis imperat Mercurio ut deducat eas in Ida monte ad Alexandrum Paridem eumque iubeat iudicare. 3. cui Iuno, si secundum se iudicasset, pollicita est in omnibus terris eum regnaturum, diuitem praeter ceteros praestaturum; Minerua, si inde uictrix discederet, fortissimum inter mortales futurum et omni artificio scium; Venus autem Helenam Tyndarei filiam formosissimam omnium mulierum se in coniugium dare promisit. 4. Paris donum posterius prioribus anteposuit, Veneremque pulcherrimam esse iudicauit; ob id Iuno et Minerua Troianis fuerunt infestae. 5. Alexander Veneris impulsu Helenam a Lacedaemone ab hospite Menelao Troiam abduxit eamque in coniugio habuit cum ancillis duabus Aethra et Thisadie, quas Castor et Pollux captiuas ei assignarant, aliquando reginas.

XCIII. CASSANDRA

Cassandra Priami et Hecubae filia in Apollinis fano ludendo lassa obdormisse dicitur; quam Apollo cum uellet comprimere, corporis copiam non fecit. ob quam rem Apollo fecit ut cum uera uaticinaretur, fidem non haberet.

XCIV. ANCHISA

Venus Anchisam Assaraci filium amasse et cum eo concubuisse dicitur, ex quo procreauit Aeneam eique praecepit ne id apud homines enuntiaret. quod Anchises inter sodales per unum est elocutus. ob id a Ioue fulmine est ictus. quidam dicunt eum sua morte obisse.

XCV. VLIXES

Agamemnon et Menelaus Atrei filii cum ad Troiam oppugnandam coniuratos duces ducerent, in insulam Ithacam ad Vlyxem Laertis filium uenerunt, cui erat responsum, si ad Troiam isset, post uicesimum annum solum sociis perditis egentem domum rediturum. 2. itaque cum sciret ad se oratores uenturos, insaniam simulans pileum sumpsit et equum cum boue iunxit ad aratrum. quem Palamedes ut uidit, sensit simulare atque Telemachum filium eius cunis sublatum aratro ei subiecit et ait “Simulatione deposita inter coniuratos ueni.” tunc Vlixes fidem dedit se uenturum; ex eo Palamedi infestus fuit.

XCVI. ACHILLES

Thetis Nereis cum sciret Achillem filium suum quem ex Peleo habebat, si ad Troiam expugnandam isset, periturum, commendauit eum in insulam Scyron ad Lycomedem regem, quem ille inter uirgines filias habitu femineo seruabat nomine mutato; nam uirgines Pyrrham nominarunt, quoniam capillis flauis fuit et Graece rufum pyrrhon dicitur. 2. Achiui autem cum rescissent ibi eum occultari, ad regem Lycomedem oratores miserunt qui rogarent ut eum adiutorium Danais mitteret. rex cum negaret apud se esse, potestatem eis fecit ut in regia quaererent. 3. qui cum intellegere non possent quis esset eorum, Vlixes in regio uestibulo munera feminea posuit, in quibus clipeum et hastam, et subito tubicinem iussit canere armorumque crepitum et clamorem fieri iussit. 4. Achilles hostem arbitrans adesse uestem muliebrem dilaniauit atque clipeum et hastam arripuit. ex hoc est cognitus suasque operas Argiuis promisit et milites Myrmidones.

XCVII. QVI AD TROIAM EXPVGNATVM IERVNT ET QVOT NAVES

Agamemnon Atrei et Aeropes filius Mycenis, nauibus centum. Menelaus frater eius Mycenis, nauibus LX. 2. Phoenix Amyntoris filius Argiuus, nauibus L. Achilles Pelei et Thetidis filius insula Scyro, nauibus LX. Automedon auriga Achillis Scyro, nauibus X. Patroclus Menoetii et Philomelae filius Phthia, nauibus X. 3. Ajax Telamonis ex Eriboea

filius Salamine, nauibus XII. Teucer frater ex Hesiona Laomedontis filia, nauibus XII. 4
 Vlysses Laertae et Anticliae filius Ithaca, nauibus XII. Diomedes Tydei et Deipylae Adraști
 filiae filius Argis, nauibus XXX. Sthenelus Capanei et Euadnes filius Argis, nauibus XXV.
 5. Ajax Oilei et Rhenes nymphae filius Locrus, nauibus XX. Nestor Nelei et Chloridis
 <Amphionis> filiae filius Pylius, nauibus XC. Thrasymedes frater ex Eurydice Pylius,
 nauibus XV. Antilochus Nestoris filius Pylius, nauibus XX. 6. Eurypylus Euaemonis et
 Opis filius Orchomeno, nauibus XL. Machaon Asclepii et Coronidis filius a Tricca, nauibus
 XX. Podalirius frater eius, nauibus IX. 7. Tlepolemus Herculis et Astyoche filius Mycenis,
 nauibus IX. Idomeneus Deucalionis filius a Creta, nauibus XL. Meriones Moli et Melphidis
 filius a Creta, nauibus XL. 8 Eumelus Admeti et Alcestis Peliae filiae filius a Perrhaebia,
 nauibus VIII. Philocteta Poeantis et Demonassae filius Meliboea, nauibus VII. Peneleus
 Hippalci et Asteropes filius Boeotia, nauibus XII. 9. Leitus Lacrete et Cleobules filius ex
 Boeotia, nauibus XII. Clonius frater eius ex Boeotia, nauibus IX. Arcesilaus Areilyci et
 Theobulae filius ex Boeotia, nauibus X. Prothoenor frater <eius> ex Thespia, nauibus VIII.
 10. Ialmenus Lyci et Pernidis filius Argis, nauibus XXX. Ascalaphus frater eius Argis,
 nauibus XXX. Schedius Iphiti et Hippolytes filius Argis, nauibus XXX. Epistrophus frater
 eius itidem, nauibus X. Elephenor Calchodontis et Imenaretes filius Argis, nauibus XXX.
 11. Menestheus †oeae filius Athenis, nauibus L. Agapenor Ancae et †Iotis filius Arcadia,
 nauibus LX. Amphimachus Cteati filius Elea, nauibus X. Eurytus Pallantis et Diomedae
 filius Argis, nauibus XV. Amarynceus Onesimachi filius Mycenis, nauibus XIX. Polyxenus
 Agasthenis et Peloridis filius Aetolia, nauibus XL. 12. Meges Phylei et Eustyoche filius a
 Dulichio, nauibus LX. Thoas Andraemonis et Gorgidis filius Tyto nauibus XV <...>
 Podarces frater eius itidem, nauibus X. 13. Prothous Tenthredonis filius Magnesia, nauibus
 XL. Cycnus Ociti et Aurophites filius Argis, nauibus XII. Nireus Charopi et <Aglaies>
 nymphae filius Argis, nauibus XVI. 14. Antiphus Thessali et Chalciopes filius Nisyro,
 nauibus XX. Polypoetes Pirithoi et Hippodamiae filius Argis, nauibus XX. Leonteus Coroni
 filius a Sicyone, nauibus XIX. 15. Calchas Thestoris filius Mycenis augur. Phocus Danai
 filius architectus. Eurybates et Talthybius internuntii. Diaphorus iudex. Neoptolemus
 Achillis et Deidamiae filius ab insula Scyro; hic idem Pyrrhus est uocitatus a patre Pyrrha.
 summa naues CCXLV.

XCVIII. IPHIGENIA

Agamemnon cum Menelao fratre et Achaiae delectis ducibus Helenam uxorem Menelai quam Alexander Paris auexerat repetitum ad Troiam cum irent, in Aulide tempestas eos ira Dianae retinebat, quod Agamemnon in uenando ceruam eius uiolauit superbiusque in Dianam est locutus. 2. is cum haruspices conuocasset et Calchas se respondisset aliter expiare non posse nisi Iphigeniam filiam Agamemnonis immolasset, re audita Agamemnon recusare coepit. 3. tunc Vlysses eum consiliis ad rem pulchram transtulit; idem Vlysses cum Diomede ad Iphigeniam missus est adducendam, qui cum ad Clytaemnestram matrem eius uenissent, ementitur Vlysses eam Achilli in coniugium dari. 4. quam cum in Aulidem adduxisset et parens eam immolare uellet, Diana uirginem miserata est et caliginem eis obiecit ceruamque pro ea supposuit, Iphigeniamque per nubes in terram Tauricam detulit ibique templi sui sacerdotem fecit.

XCIX. AVGE

Auge Alei filia ab Hercule compressa cum partus adesset, in monte Parthenio peperit et ibi eum exposuit. eodem tempore Atalante Iasii filia filium exposuit ex Meleagro natum. 2. Herculis autem filium cerua nutrieat. hos pastores inuentos sustulerunt atque nutrierunt, quibus nomina imposuerunt Herculis filio Telephum, quoniam cerua nutrierat, Atalantes autem Parthenopaeum, quoniam uirginem simulans in monte Parthenio eum exposuerat. 3. ipsa autem Auge patrem suum timens profugit in Moesiam ad regem Teuthrantem, qui cum esset orbus liberis hanc pro filia habuit.

C. TEVTHRAS

Teuthrantem regem in Moesia Idas Apharei filius regno priuare uoluit; quo cum Telephus Herculis filius ex responso quaerens matrem cum comite Parthenopaeo uenisset, huic Teuthras regnum et filiam Augen in coniugium daturum promisit si se ab hoste tutasset. 2. Telephus condicionem regis non praetermisit, cum Parthenopaeo Idam uno proelio superauit; cui rex pollicitam fidem praestitit, regnumque et Augen matrem inscientem in coniugium dedit; quae cum mortalem neminem uellet suum corpus uiolare, Telephum interficere uoluit inscia filium suum. 3. itaque cum in thalamum uenissent, Auge ensem sumpsit ut Telephum interficeret. tum deorum uoluntate dicitur draco immani magnitudine

inter eos exisse, quo uiso Auge ensem proiecit et Telepho inceptum patefecit. 4. Telephus re audita inscius matrem interficere uoluit; illa Herculem uiolatorem suum implorauit et ex eo Telephus matrem agnouit et in patriam suam reduxit.

CI. TELEPHVS

Telephus Herculis et Auges filius ab Achille in pugna Chironis hasta percussus dicitur. ex quo uulnere cum in dies taetro cruciatu angeretur, petit sortem ab Apolline, quod esset remedium; responsum est ei neminem mederi posse nisi eandem hastam qua uulneratus erat. 2. hoc Telephus ubi audiuit, ad regem Agamemnonem uenit et monitu Clytaemnestrae Orestem infantem de cunabulis rapuit, minitans se eum occisurum nisi sibi Achiui mederentur. 3. Achiuis autem, quod responsum erat sine Telephi ductu Troiam capi non posse, facile cum eo in gratiam redierunt et ab Achille petierunt ut eum sanaret. quibus Achilles respondit se artem medicam non nosse. 4. tunc Vlysses ait “Non te dicit Apollo sed auctorem uulneris hastam nominat”. quam cum rasissent, remediatus est. 5. a quo cum peterent ut secum ad Troiam expugnandam iret, non impetrarunt, quod is Laodicen Priami filiam uxorem haberet; sed ob beneficium quod eum sanarunt, eos deduxit, locos autem et itinera demonstrauit; inde in Moesiam est profectus.

CII. PHILOCTETES

Philoctetes Poeantis et Demonassae filius cum in insula Lemno esset, coluber eius pedem percussit, quem serpentem Iuno miserat, irata ei ob id quia solus praeter ceteros ausus fuit Herculis pyram construere, cum humanum corpus est exutus et ad immortalitatem traditus. 2. ob id beneficium Hercules suas sagittas diuinas ei donauit. sed cum Achiui ex uulnere taetrum odorem ferre non possent, iussu Agamemnonis regis in Lemno expositus est cum sagittis diuinis; quem expositum pastor regis Actoris nomine Iphimachus Dolopionis filius nutriuit. 3. quibus postea responsum est sine Herculis sagittis Troiam capi non posse. tunc Agamemnon Vlysem et Diomedem exploratores ad eum misit; cui persuaserunt ut in gratiam rediret et ad expugnandam Troiam auxilio esset, eumque secum sustulerunt.

CIII. PROTESILAVS

Achiuis fuit responsum, qui primus litora Troianorum attigisset periturum. cum Achiui classes applicuissent, ceteris cunctantibus Iolaus Iphicli et Diomedae filius primus e naui prosiluit, qui ab Hectore confestim est interfectus; quem cuncti appellarunt Protesilaum, quoniam primus ex omnibus perierat. 2. quod uxor Laodamia Acasti filia cum audisset eum perisse, flens petit a diis ut sibi cum eo tres horas colloqui liceret. quo impetrato a Mercurio reductus tres horas cum eo collocuta est; quod iterum cum obisset Protesilaus, dolorem pati non potuit Laodamia.

CIV. LAODAMIA

Laodamia Acasti filia amisso coniuge cum tres horas consumpsisset quas a diis petierat, fletum et dolorem pati non potuit. itaque fecit simulacrum aereum simile Protesilai coniugis et in thalamis posuit sub simulatione sacrorum, et eum colere coepit. 2. quod cum famulus matutino tempore poma ei attulisset ad sacrificium, per rimam aspexit uiditque eam ab amplexu Protesilai simulacrum tenentem atque osculantem; aestimans eam adulterum habere Acasto patri nuntiauit. 3. qui cum uenisset et in thalamos irrupisset, uidit effigiem Protesilai; quae ne diutius torqueretur, iussit signum et sacra pyra facta comburi, quo se Laodamia dolorem non sustinens immisit atque usta est.

CV. PALAMEDES

Vlysses quod Palamedis Nauplii dolo erat deceptus, in dies machinabatur quomodo eum interficeret. tandem inito consilio ad Agamemnonem militem suum misit qui diceret ei in quiete uidisse ut castra uno die mouerentur. 2. id Agamemnon uerum existimans castra uno die imperat moueri; Vlysses autem clam noctu solus magnum pondus auri, ubi tabernaculum Palamedis fuerat, obruit, item epistulam conscriptam Phrygi captiuo ad Priamum dat perferendam, militemque suum priorem mittit qui eum non longe a castris interficeret. 3. postero die cum exercitus in castra rediret, quidam miles epistulam quam Vlysses scripserat super cadauer Phrygis positam ad Agamemnonem attulit, in qua scriptum fuit “Palamedi a Priamo missa”; tantumque ei auri pollicetur quantum Vlysses in tabernaculum obruerat, si castra Agamemnonis ut ei conuenerat proderet. itaque Palamedes cum ad regem esset productus et factum negaret, in tabernaculum eius ierunt et aurum

effoderunt, quod Agamemnon ut uidit, uere factum esse credidit. quo facto Palamedes dolo Vlyssis deceptus ab exercitu uniuerso innocens occisus est.

CVI. HECTORIS LYTRA

Agamemnon Briseidam Brisae sacerdotis filiam ex Moesia captiuam propter formae dignitatem, quam Achilles ceperat, ab Achille abduxit eo tempore quo Chryseida Chrysi sacerdoti Apollinis Zminthei reddidit; quam ob iram Achilles in proelium non prodibat sed cithara in tabernaculo se exercebat. 2. quod cum Argiui ab Hectore fugarentur, Achilles obiurgatus a Patroclo arma sua ei tradidit, quibus ille Troianos fugauit, aestimantes Achillem esse, Sarpedonemque Iouis et Europae filium occidit. postea ipse Patroclus ab Hectore interficitur, armaque eius sunt detracta Patroclo occiso. 3. Achilles cum Agamemnone redit in gratiam, Briseidamque ei reddidit. tum contra Hectorem cum inermis prodisset, Thetis mater a Vulcano arma ei impetrauit, quae Nereides per mare attulerunt. 4. quibus armis ille Hectorem occidit astrictumque ad currum traxit circa muros Troianorum, quem sepeliendum cum patri nollet dare, Priamus Iouis iussu duce Mercurio in castra Danaorum uenit et filii corpus auro repensum accepit, quem sepulturae tradidit.

CVII. ARMORVM IVDICIUM

Hectore sepulto cum Achilles circa moenia Troianorum uagaretur ac diceret se solum Troiam expugnasse, Apollo iratus Alexandrum Parin se simulans talum, quem mortalem habuisse dicitur, sagitta percussit et occidit. 2. Achille occiso ac sepulturae tradito Aiax Telamonius quod frater patruelis eius fuit postulauit a Danais ut arma sibi Achillis darent; quae <ei> ira Mineruae ei abiurgata sunt ab Agamemnone et Menelao, et Vlyssi data. 3. Aiax furia accepta per insaniam pecora sua et se ipsum uulneratum occidit eo gladio quem ab Hectore muneri accepit, dum cum eo in acie contendit.

CVIII. EQVVS TROIANVS

Achiui cum per decem annos Troiam capere non possent, Epeus monitu Mineruae equum mirae magnitudinis ligneum fecit, eoque sunt collecti Menelaus Vlysses Diomedes Thessander Sthenelus Acamas Thoas Machaon Neoptolemus; et in equo scripserunt DANAI MINERVAE DONO DANT, castraque transtulerunt Tenedo. 2. id Troiani cum

uiderunt arbitrati sunt hostes abisse; Priamus equum in arcem Mineruae duci imperauit, feriatique magno opere ut essent edixit; id uates Cassandra cum uociferaretur, inesse hostes, fides ei habita non est. 3. quem in arcem cum statuissent et ipsi noctu lusu atque uino lassı obdormissent, Achiui ex equo aperto a Sinone exierunt et portarum custodes occiderunt, sociosque signo dato receperunt et Troia sunt potiti.

CIX. ILIONA

Priamo Polydorus filius ex Hecuba cum esset natus, Ilionae filiae suae dederunt eum educandum, quae Polymnestori regi Thracum erat nupta, quem illa pro filio suo educauit; Deipylum autem quem ex Polymnestore procreauerat, pro suo fratre educauit, ut si alteri eorum quid foret, parentibus praestaret. 2. Sed cum Achiui Troia capta prolem Priami extirpare uellent, Astyanacta Hectoris et Andromachae filium de muro deiecerunt et ad Polymnestorem legatos miserunt, qui ei Agamemnonis filiam nomine Electram pollicerentur in coniugium et auri magnam copiam, si Polydorum Priami filium interfecisset. 3. Polymnestor legatorum dicta non repudiauit, Deipylumque filium suum imprudens occidit, arbitrans se Polydorum filium Priami interfecisse. 4. Polydorus autem ad oraculum Apollinis de parentibus suis sciscitatum est profectus, cui responsum est patriam incensam, patrem occisum, matrem in seruitute teneri. 5. Cum inde rediret et uidit aliter esse ac sibi responsum fuit <ratus> se Polymnestoris esse filium, ab sorore Ilionea inquisiuit quid ita aliter sortes dixissent; cui soror quid ueri esset patefecit, et eius consilio Polymnestorem luminibus priuauit atque interfecit.

CX. POLYXENA

Danai uictores cum ab Ilio classem conscenderent et uellent in patriam suam quisque reuerti et praedam quisque sibi duceret, ex sepulcro uox Achillis dicitur praedae partem expostulasse. itaque Danai Polyxenam Priami filiam, quae uirgo fuit formosissima, propter quam Achilles cum eam peteret et ad colloquium uenisset ab Alexandro et Deiphobo est occisus, ad sepulcrum eius eam immolauerunt.

CXI. HECUBA

Vlysses Hecubam Cissei filiam, uel ut alii auctores dicunt Dymantis, Priami uxorem, Hectoris matrem, in seruitutem cum duceret, illa in Hellespontum mare se praecipitauit et canis dicitur facta esse, unde et Cyneum est appellatum.

CXII. PROVOCANTES INTER SE QVI CVM QVO DIMICARVNT

Menelaus cum Alexandro, Alexandrum Venus eripuit. Diomedes cum Aenea, Aeneam seruauit Venus. Idem cum Glaucos, inde hospitio cognito discesserunt. Idem cum Pandaro et Glaucos alio, Pandarus et Glaucos occiduntur. 2. Ajax cum Hectore donificantes discessere; Ajax Hectori donauit balteum, unde est tractus, Hector Aiaci gladium, unde se interfecit. Patroclus cum Sarpedone, Sarpedon occiditur. 3. Menelaus cum Euphorbo, Euphorbus occiditur, qui postea Pythagoras est factus et meminit suam animam in corpora transisse. Achilles cum Asteropaeo, Asteropaeus occiditur. 4. Idem cum Hectore, Hector occiditur. Idem cum Aenea, Aeneas fugatur. Idem cum Agenore, Agenorem seruauit Apollo. Idem cum Penthesilea Amazone Martis et Otrerae filia, Penthesilea occiditur. Antilochus cum Memnone, Antilochus occiditur. Achilles cum Memnone, Memnon occiditur. Philoctetes cum Alexandro, Alexander occiditur. Neoptolemus cum Eurypylo, Eurypylus occiditur.

CXIII. NOBILEM QVEM QVIS OCCIDIT

Achillem Apollo Alexandri figura. Hector Protesilaum, idem Antilochum. Agenor Elephenorem, idem Clonium. Deiphobus Ascalaphum, idem Autonoum. 2. Ajax Hippodamum, idem Chromium. Agamemnon Iphidamantem, idem Glaucum. Ajax Locrus Gargasum, idem †Gaium. Diomedes Dolonem, idem Rhesum. 3. Eurypylus Nireum, idem Machaonem. Sarpedon Tlepoleum, idem Antiphum. Achilles Troilum. Menelaus Deiphobum. 4. Achilles Astynomum, idem Pylaemenem. Neoptolemus Priamum.

CXIV. ACHIVI QVI QVOT OCCIDERVNT

Achilles numero LXXII; Antilochus numero II; Protesilaus numero IV; Peneleus numero II; Eurypylus numero I; Ajax Oilei numero XXIV; Thoas numero II; Leitus numero XX; Thrasymedes numero II; Agamemnon numero XVI; Diomedes numero XVIII; Menelaus <numero> VIII; Philocteta numero III; Meriones numero VII; Vlysses numero XII; Idomeneus numero XIII; Leonteus numero V; Ajax Telamonius numero XXVIII; Patroclus

numero LIII; Polypoetes numero I; Teucer numero XXX; Neoptolemus <numero> VI; fit numerus CCCLXII.

CXV. TROIANI QVI QVOT OCCIDERVNT

Hector numero XXXI, Alexander numero III, Sarpedon numero II, Panthous numero IV, Gargasmus numero II, Glaucus numero IV, Polydamas numero III, Aeneas numero XXVIII, Deiphobus numero IV, Clytus numero III, Acamas numero I, Agenor numero II, fit numerus LXXXVIII.

CXVI. NAVPLIVS

Ilio capto et diuisa praeda Danaei cum domum redirent, ira deorum quod fana spoliauerant et quod Cassandram Ajax Locrus a signo Palladio abripuerat, tempestate et flatibus aduersis ad saxa Capharea naufragium fecerunt. 2. in qua tempestate Ajax Locrus fulmine est a Minerua ictus, quem fluctus ad saxa illiserunt, unde Aiaceis petrae sunt dictae; ceteri noctu cum fidem deorum implorarent, Nauplius audiuit sensitque tempus uenisse ad persequendas filii sui Palamedis iniurias. 3. itaque tamquam auxilium eis afferret, facem ardentem eo loco extulit quo saxa acuta et locus periculosissimus erat; illi credentes humanitatis causa id factum nauis eo duxerunt, quo facto plurimae earum confractae sunt militesque plurimi cum ducibus tempestate occisi sunt membraque eorum cum uisceribus ad saxa illisa sunt; si qui autem potuerunt ad terram natare, a Nauplio interficiebantur. 4. at Vlissem uentus detulit ad Maronem, Menelaum in Aegyptum, Agamemnon cum Cassandra in patriam peruenit.

CXVII. CLYTAEMNESTRA

Clytaemnestra Tyndarei filia Agamemnonis uxor cum audisset ab Oeace Palamedis fratre Cassandram sibi pellicem adduci, quod ementitus est ut fratris iniurias exsequeretur, tunc Clytaemnestra cum Aegistho filio Thyestis cepit consilium ut Agamemnonem et Cassandram interficeret, quem sacrificantem securi cum Cassandra interfecerunt. 2. at Electra Agamemnonis filia Orestem fratrem infantem sustulit, quem demandauit in Phocide Strophio, cui fuit Astyochea Agamemnonis soror nupta.

CXVIII. PROTEVS

In Aegypto Proteus senex marinus diuinus dicitur fuisse, qui in omnis se figuras conuertere solitus erat; quem Menelaus Idotheae filiae eius monitu catena alligauit ut sibi diceret quando domum repetitionem haberet. 2. quem Proteus edocuit iram deorum esse quod Troia esset deuicta, ideoque id fieri debere quod hecatombe Graece dicitur, cum centum armenta occiduntur. itaque Menelaus hecatomben fecit. tunc demum post octauum annum quam ab Ilio decesserat cum Helena in patriam redit.

CXIX. ORESTES

Orestes Agamemnonis et Clytaemnestrae filius postquam in puberem aetatem uenit, studebat patris sui mortem exsequi; itaque consilium capit cum Pylade et Mycenae uenit ad matrem Clytaemnestram, dicitque se Aeolium hospitem esse nuntiatque Orestem esse mortuum, quem Aegisthus populo necandum demandauerat. 2. nec multo post Pylades Strophii filius ad Clytaemnestram uenit urnamque secum affert, dicitque ossa Orestis condita esse; quos Aegisthus laetabundus hospitio recepit. 3. qui occasione capta Orestes cum Pylade noctu Clytaemnestram matrem et Aegisthum interficiunt. quem Tyndareus cum accusaret, Oresti a Mycenensibus fuga data est propter patrem; quem postea furiae matris exagitarunt.

CXX. IPHIGENIA TAVRICA

Orestem furiae cum exagitarent, Delphos sciscitatum est profectus quis tandem modus esset aerumnarum. responsum est ut in terram Taurinam ad regem Thoantem patrem Hypsipyles iret indeque de templo Dianae signum Argos afferret; tunc finem fore malorum. 2. sorte audita cum Pylade Strophii filio sodale suo nauem conscendit celeriterque ad Tauricos fines deuenerunt, quorum fuit institutum ut qui intra fines eorum hospes uenisset templo Dianae immolaretur. 3. ubi Orestes et Pylades cum in spelunca se tutarentur et occasionem captarent, a pastoribus deprehensi ad regem Thoantem sunt deducti. quos Thoas suo more uinctos in templum Dianae ut immolarentur duci iussit, ubi Iphigenia Orestis soror fuit sacerdos; eosque ex signis atque argumentis qui essent, quid uenissent, postquam rescit, abiectis ministeriis ipsa coepit signum Dianae auellere. 4. quo rex cum interuenisset et rogaret cur id faceret, illa ementita est dicitque eos sceleratos signum contaminasse; quod

impii et scelerati homines in templum essent adducti, signum expiandum ad mare ferre oportere, et iubere eum interdicere ciuibus ne quis eorum extra urbem exiret. 5. rex sacerdoti dicto audiens fuit; occasionem Iphigenia nacta, signo sublato cum fratre Oreste et Pylade in nauem ascendit uentoque secundo ad insulam Zminthen ad Chrysen sacerdotem Apollinis delati sunt.

CXXI. CHRYSES

Agamemnon cum ad Troiam iret, et Achilles in Moesiam uenit et Chryseidam Apollinis sacerdotis filiam adduxit eamque Agamemnoni dedit in coniugium; quod cum Chryses ad Agamemnonem deprecandum uenisset ut sibi filiam redderet, non impetrauit. 2. Ob id Apollo exercitum eius partim fame <partim peste> prope totum consumpsit, itaque Agamemnon Chryseida grauidam sacerdoti remisit, quae cum diceret se ab eo intactam esse, suo tempore peperit Chrysen iuniorem et dixit se ab Apolline concepisse. 3. Postea, Chryses Thoanti eos cum reddere uellet, Chryses audiit senior Agamemnonis Iphigeniam et Orestem filios esse; †qui Chrysi filio suo quid ueri esset patefecit, eos fratres esse et Chrysen Agamemnonis filium esse. Tum Chryses re cognita cum Oreste fratre Thoantem interfecit et inde Mycenae cum signo Dianae incolumes peruenerunt.

CXXII. ALETES

Ad Electram, Agamemnonis et Clytaemnestrae filiam, sororem Orestis, nuntius falsus uenit fratrem cum Pylade in Tauricis Dianae esse immolatos. Id Aletes Aegisthi filius cum rescisset, ex Atridarum genere neminem superesse, regnum Mycenae obtinere coepit. 2. At Electra de fratris nece Delphos sciscitatum est profecta; quo cum uenisset, eodem die Iphigenia cum Oreste uenit eo. Idem nuntius qui de Oreste dixerat, dixit Iphigeniam fratris interfetricem esse. 3. Electra ubi audiuit id, truncum ardentem ex ara sustulit uoluitque inscia sorori Iphigeniae oculos eruere, nisi Orestes interuenisset. Cognitione itaque facta, Mycenae uenerunt et Aleten Aegisthi filium Orestes interfecit et Erigonam ex Clytaemnestra et Aegistho natam uoluit interficere, sed Diana eam rapuit et in terram Atticam sacerdotem fecit. 4. Orestes autem Neoptolemo interfecto Hermionen Menelai et Helenae filiam adductam coniugem duxit; Pylades autem Electram Agamemnonis et Clytaemnestrae filiam duxit.

CXXIII. NEOPTOLEMVS

Neoptolemus Achillis et Deidamiae filius ex Andromacha Eetionis filia captiua procreauit Amphialum. sed postquam audiuit Hermionen sponsam suam Oresti esse datam in coniugium, Lacedaemonem uenit et a Menelao sponsam suam petit. 2. cui ille fidem suam infirmare noluit, Hermionenque ab Oreste adduxit et Neoptolemo dedit. Orestes iniuria accepta Neoptolemum Delphis sacrificantem occidit et Hermionen recuperauit; cuius ossa per fines Ambraciae sparsa sunt, quae est in Epiri regionibus.

CXXIV. REGES ACHIVORVM

Phoroneus Inachi filius, Argus Iouis filius, Peranthus Argi filius, Triops Peranthi filius, Pelasgus Agenoris filius, Danaus Beli filius, Tantalus Iouis filius, Pelops Tantali filius, Atreus Pelopis filius, Temenus Aristomachi filius, Thyestes Pelopis filius, Agamemnon Atrei, Aegisthus Thyestis, Orestes Agamemnonis, Aletes Aegisthi, Tisamenus Orestis, Alexander Eurysthei.

CXXV. ODYSSEA

Vlyxes cum ab Ilio in patriam Ithacam rediret, tempestate ad Ciconas est delatus, quorum oppidum Ismarum expugnauit praedamque sociis distribuit. 2. inde ad Lotophagos, homines minime malos, qui loton ex foliis florem procreatum edebant, idque cibi genus tantam suauitatem praestabat ut qui gustabant obliuionem caperent domum reditionis. ad eos socii duo missi ab Vlysse cum gustarent herbas ab eis datas, ad naues obliti sunt reuerti, quos uinctos ipse reduxit. 3. inde ad Cyclopem Polyphemum Neptuni filium. huic responsum erat ab augure Telemo Eurymi filio ut caueret ne ab Vlysse excaecaretur. hic media fronte unum oculum habebat et carnem humanam epulabatur. qui postquam pecus in speluncam redegerat, molem saxeam ingentem ad ianuam opponebat. 4. qui Vlysem cum sociis inclusit sociosque eius consumere coepit. Vlysses cum uideret eius immanitati atque feritati resistere se non posse, uino quod a Marone acceperat eum inebriauit, seque Vtin uocari dixit. 5. itaque cum oculum eius trunco ardenti exureret, ille clamore suo ceteros Cyclopas conuocauit, eisque spelunca praeclusa dixit, “Vtis me excaecat”. illi credentes eum deridendi gratia dicere neglexerunt. at Vlysses socios suos ad pecora alligauit et ipse

se ad arietem, et ita exierunt 6. ad Aeolum Hellenis filium, cui ab Ioue uentorum potestas fuit tradita; is Vlysem hospitio libere accepit, follesque uentorum ei plenos muneri dedit. socii uero aurum argentumque credentes cum accepissent et secum partiri uellent, folles clam soluerunt uentique euolauerunt. rursum ad Aeolum est delatus, a quo eiectus est, quod uidebatur Vlysses numen deorum infestum habere, 7. ad Laestrygonas, quorum rex fuit Antiphates <...> deuorauit nauesque eius undecim confregit, excepta naue qua sociis eius consumptis euasit 8. in insulam Aenariam ad Circen Solis filiam, quae potione data homines in feras bestias commutabat. ad quam Eurylochum cum uiginti duobus sociis misit, quos illa ab humana specie immutauit. Eurylochus timens, qui non intrauerat, inde fugit et Vlyssi nuntiauit, qui solus ad eam se contulit; sed in itinere Mercurius ei remedium dedit, monstrauitque quomodo Circen deciperet. 9. qui postquam ad Circen uenit et poculum ab ea accepit, remedium Mercurii monitu coniecit, enseque strinxit, minatus nisi socios sibi restitueret, se eam interfecturum. 10. tunc Circe intellexit non sine uoluntate deorum id esse factum; itaque fide data se nihil tale commissuram, socios eius ad pristinam formam restituit, ipsa cum eodem concubuit, ex quo filios duos procreauit, Nausithoum et Telegonum. 11. inde proficiscitur ad lacum Auernum, ad inferos descendit, ibique inuenit Elpenorem socium suum, quem ad Circen reliquerat, interrogauitque eum quomodo eo peruenisset; cui Elpenor respondit se ebrium per scalam cecidisse et ceruices fregisse, et deprecatus est eum cum ad superos redisset sepulturae traderet et sibi in tumulo gubernaculum poneret. 12. ibi et cum matre Anticlia est locutus de fine errationis suae. deinde ad superos reuersus Elpenorem sepeliuit et gubernaculum, ita ut rogauerat, in tumulo ei fixit. 13. tum ad Sirenas Melpomenes Musae et Acheloi filias uenit, quae partem superiorem muliebrem habebant, inferiorem autem gallinaceam. harum fatum fuit tam diu uiuere quam diu earum cantum mortalis audiens nemo praeteruectus esset. Vlysses monitus a Circe Solis filia sociis cera aures obturauit seque ad arborem malum constringi iussit et sic praeteruectus est. 14. inde ad Scyllam Typhonis filiam uenit, quae superiorem corporis <partem> muliebrem, inferiorem ab inguine piscis, et sex canes ex se natos habebat; eaque sex socios Vlyxis naue abreptos consumpsit. 15. in insulam Siciliam ad Solis pecus sacrum uenerat, quod socii eius cum coquerent in aeneo mugiebat; monitus id ne attingeret ab Tiresia et a Circe monitus Vlysses; itaque multos socios ob eam causam ibi amisit, ad Charybдинque perlatus, <quae> ter die absorbebat, terque eructabat, eam monitu Tiresiae

praeteruectus est. sed ira Solis, quod pecus eius erat uiolatum (cum in insulam eius uenisset et monitu Tiresiae uetuerit uiolari, cum Vlysses condormiret, socii inuolarunt pecus; itaque cum coquerent, carnes ex aeno dabant balatus), ob id Iouis nauem eius fulmine incendit. 16. ex his locis errans naufragio facto sociis amissis enatauit in insulam Aeaeam; <hic> Calypso Atlantis filia nympa, quae specie Vlyssis capta anno toto eum retinuit neque a se dimittere uoluit donec Mercurius Iouis iussu denuntiauit nymphae ut eum dimitteret. 17. et ibi facta rate Calypso omnibus rebus ornatum eum dimisit, eamque ratim Neptunus fluctibus disiecit, quod Cyclopem filium eius lumine priuauerat. ibi cum fluctibus iactaretur, Leucothoe, quam nos Matrem Matutam dicimus, quae in mari exigit aeuum, balteum ei dedit quo sibi pectus suum uinciret, ne pessum abiret. quod cum fecisset, enatauit. 18. inde in insulam Phaeacum uenit, nudusque ex arborum foliis se obruit, qua Nausicaa Alcinoi regis filia uestem ad flumen lauandam tulit. ille erepsit e foliis et ab ea petit ut sibi opem ferret. illa misericordia mota pallio eum operuit et ad patrem suum eum adduxit. 19. Alcinous hospitio liberaliter acceptum donisque decoratum in patriam Ithacam dimisit. ira Mercurii iterum naufragium fecit. post uicesimum annum sociis amissis solus in patriam redit, et cum ab hominibus ignoraretur domumque suam attigisset, procos qui Penelopen in coniugium petebant obsidentes uidit regiam seque hospitem simulauit. 20. et Euryclia nutrix ipsius dum pedes ei lauat ex cicatrice Vlysses esse cognouit. postea procos Minerua adiutrice cum Telemacho filio et duobus seruis interfecit sagittis.

[Deioneus genuit Cephalum, Cephalus Arcesium, Arcesius Laertem, Laertes Vlysses, Vlysses ex Circe Telegonum, ex Penelope Telemachum; Telegonus ex Penelope Vlyssis coniuge Italum, qui Italiam ex suo nomine appellauit; e Telemacho Latinus, qui Latinam linguam ex suo nomine cognominauit.]

TRADUÇÃO

I. TEMISTO

Atamante, filho de Éolo, teve com sua esposa Nébulas²²² o filho Frixo e a filha Hele²²³; e de Temisto, filha de Hipseu, dois filhos: Esfínquio²²⁴ e Orcômeno; e de Ino²²⁵, filha de Cadmo²²⁶, dois filhos: Learco e Melicerta. 2. Temisto, uma vez que Ino havia impedido seu casamento, tentou assassinar os filhos dela; assim, escondeu-se no palácio e, tendo encontrado a oportunidade, quando pensava ter assassinado os filhos da inimiga, matou os seus sem o saber, enganada por uma nutriz que tinha lançado a veste errada sobre eles. Revelada a situação, Temisto-se matou²²⁷.

II. INO

Ino, filha de Cadmo e Harmônia,²²⁸ como desejava matar Frixo e Hele, filhos de Nébulas, deu início a um plano junto com matronas de todo tipo²²⁹ e conspirou no sentido de que

²²² *Nebula*: significando, como substantivo comum, ‘névoa’, ‘nuvem’, este nome próprio é variante de *Nephele* (em grego, Νεφέλη), como nos indica o *OLD*, que também aponta o último como o nome da esposa de Atamante. Cf. *OLD* (entrada para o termo, sentido 1e: “also = Nephele, wife of Athamas”); ali se menciona o termo personificado em Higino, bem como em M. Cornélio Frontão (c. 100- 166 d.C.), na obra *Epistulae ad Aureliam*.

²²³ *Hellen*: como poderemos observar, ao longo do texto de Higino, é comum a presença de nomes próprios (de personagens, lugares, etc.) em caracteres latinos, mas que seguem as formas da chamada declinação grega.

²²⁴ *Sphincium*: termo não é atestado em nenhum dicionário por nós consultado, nem mesmo no *ThLL*.

²²⁵ Tanto em Higino quanto em Apol. *Bibl.* I. 9. 1, Ino é a segunda esposa de Atamante. Ruiz de Elvira (1982, p. 296) comenta que, nos escólios da *Iliada* VII. 86, atribuídos a Filostéfano, Ino é a primeira esposa. Cf. Grimal (2008, *Leucótea*); López (1995, p. 278). Interessante é notar que o próprio Higino apresenta a história de Ino “segundo Eurípedes”, na fábula 4, o que ilustra o caráter compilatório de sua obra. Ao longo do texto das *Fabulae*, observaremos diversos exemplos que reforçam essa impressão.

²²⁶ Em Higino, Cadmo é filho de Agenor e Argíope, diferentemente de algumas versões que o apresentam como filho de Agenor e de Telefaassa (Apol. *Bibl.* III. 1. 1). Cf. ainda Grimal (2008, *Cadmo*); Smith (1867a, *Cadmus*); e verbete *Cadmus* no *OLD*.

²²⁷ *Interfecit*: chama a atenção o modo como nesta fábula se empregam os verbos com o sentido de “matar”. *Interficere* (segundo o *OLD*: “to do away with, put to death, kill”, sentido 1a) aparece três vezes (duas em referência aos filhos da rival e uma em referência ao suicídio, ou seja em casos que havia intenção de matar), e *occidere* (segundo o *OLD*: “to cause the death of, kill, slaughter”, sentido 1a) ocorre apenas uma, designando a morte não proposital dos próprios filhos.

²²⁸ Harmônia era filha de Marte e Vênus. Ela e Cadmo tiveram como filhos, além de Ino, Autônoe, Agave, Sêmele, Polidoro e Ilírio. Cf. Hyg. *Fab.* VI e CLXXIX; Hes. *Th.* 935-940 e 975-978; Apol. *Bibl.* III. 4. 2; Ov. *Met.* III. 1-137. Cf. ainda Grimal (2008, *Cadmo*); Smith (1867a, *Cadmus*); além da entrada *Cadmus* no *OLD*.

elas torrassem os grãos que dessem²³⁰ para a semeadura, a fim de que não nascessem. Dessa forma, quando os grãos estivessem estéreis e escassos, toda a cidade²³¹ pereceria em parte pela fome, em parte por doença.²³² 2. Por esse motivo, Atamante enviou a Delfos um guarda²³³, a quem Ino, antes, instruiu que trouxesse de volta uma falsa resposta, nos seguintes termos: se Atamante sacrificasse Frixo a Júpiter, a pestilência haveria de chegar ao fim. Como ele se negou a realizar o sacrifício, Frixo, de livre e espontânea vontade se compromete a, sozinho, livrar a cidade do sofrimento.²³⁴ 3. Assim, com ele sendo conduzido com ínfulas²³⁵ ao altar,²³⁶ e seu pai se dispondo a fazer súplicas a Júpiter, o guarda, por misericórdia ao jovem, revelou a Atamante o plano de Ino.²³⁷ Conhecido o crime, o rei entregou a Frixo sua esposa Ino²³⁸ e Melicerta, o filho dela²³⁹, para serem

²²⁹ *Totius generis matronis*: Boriaud vê em *generis* referência às matronas “de toute la nation” (interpretando, pois, *genus* como nação, i.e. no terceiro sentido previsto na entrada para o verbete no *OLD*); nossa tradução enfatiza um sentido mais amplo do termo, como “tipo”, “variedade” (cf. *OLD* 6a).

²³⁰ *Darent*: na edição das *Fábulas* da editora *Les Belles Lettres*, o verbo se encontra na terceira pessoa do singular (*daret*), e a tradução da passagem, então, seria: “que (ela) daria para a semeadura”.

²³¹ *Ciuitas*: sobre a referência ao reino de Atamante, Higino não deixa claro se seria a cidade de Tebas, capital da Beócia, região da Grécia (Ov. *Met.* IV. 417-420), a própria Beócia como um todo (Apol. *Bibl.* I. 9. 1) ou, ainda, Coronéia, uma região também localizada na Beócia (Paus. IX. 34. 5). Cf. ainda Grimal (2008, *Atamante e Frixo*); Smith (1867a, *Athamas*).

²³² A mesma estratégia atribuída a Ino é narrada em Ov. *Fast.* III. 850-856 e Apol. *Bibl.* I. 9. 1. Cf. Boriaud (1997, p. 13 nota 1). Hoyo e Ruiz (2009, p. 76 nota 69) denominam a ação como “práctica de magia vegetal”.

²³³ No texto de Apolodoro (*Bibl.* I. 9. 1), são alguns guardas que Atamante envia a Delfos, não apenas um.

²³⁴ Em Apol. *Bibl.* I. 9. 1, é o povo quem constrange Atamante a sacrificar Frixo. Em Ov. *Fast.* III. 859-860 são os súditos, a calamitosa situação e Ino.

²³⁵ *Infula*: a ínfula, em Torrinha, recebe descrição bem minuciosa: “espécie de colar ou diadema de caráter ritual, feito de flocos de lã brancos e vermelhos, atados de longe a longe por uma fita formando uma espécie de rosário”; no *OLD* confirma-se em termos gerais a descrição: “A woolen headband knotted at intervals with ribands”, e apontam-se possíveis funções: “worn as a sign of priesthood”; “worn by a sacrificial victims”; “worn or otherwise displayed as a sign of supplication or submission” (sentidos 1a, 1b e 1c, respectivamente). No texto o sentido é dubio, uma vez que as três possibilidades de uso das ínfulas parecem ser cabíveis.

²³⁶ Procuramos manter a cacofonia presente no texto latino.

²³⁷ Há algumas variações sobre o modo como Frixo se livra de ser imolado: em Apol. *Bibl.* I. 9. 1, quando era conduzido para o sacrifício, sua mãe o salva entregando-lhe um carneiro de ouro (que recebera de Hermes), com o qual, junto com sua irmã Hele, ele atravessa o oceano em direção à Cólquida – Hele, por sua vez, cai no mar durante o percurso, e o local da queda passa a ser chamado Helesponto em sua homenagem. A mesma história também está presente em Ovídio (*Fast.* III. 864-876), exceto por serem Frixo e Hele conduzidos ao sacrifício. Em Hyg. *Fab.* III (*Frixo*), que traduzimos a seguir, após salvar sua nutriz, Líber enlouquece Frixo e Hele, que vagam pelos bosques até que Nébulos os salva, dando-lhes o carneiro dourado.

²³⁸ *Ino*: nesta fábula há duas vezes a presença da forma *Ino* exercendo a função sintática de objeto (acusativo) do termo *Ino, us* (f.). Já na fábula 4 (*Ino de Eurípedes*), na mesma função sintática temos grafado o termo *Inonem*, forma atestada pelo *OLD* (“Latin declension *Inonem*”).

²³⁹ Note-se como o progressivo distanciamento de Atamante é marcado no texto: embora Melicerta seja o filho de ambos (Atamante e Ino), no texto latino temos, literalmente, “o filho dela” (*eius filium*), e não *suum filium*, que faria referência ao sujeito da oração, Atamante (referência que se usara logo antes no mesmo enunciado tratando-se de Ino, *suam uxorem*).

mortos. 4. Quando os conduzia ao sacrifício, o pai Líber lançou uma caligem²⁴⁰ sobre ele²⁴¹ e libertou sua nutriz²⁴² Ino. Em seguida, Atamante, devido à loucura lançada por Juno,²⁴³ matou o filho Learco.²⁴⁴ 5. Ino, por sua vez, atirou-se ao mar²⁴⁵ junto com seu filho Melicerta.²⁴⁶ Líber quis nomeá-la “Leucótea”, ao passo que nós dizemos “Mãe Manhã”, e a Melicerta, ele chamou deus “Palémon”, e nós “Portuno”.²⁴⁷ ²⁴⁸ Em homenagem a ele, a cada quinto²⁴⁹ ano celebram-se jogos ginásticos²⁵⁰, que são chamados *Ístmicos*²⁵¹ ²⁵².

²⁴⁰ *Caliginem*: i.e. uma névoa densa: “nuvem ou nevoeiro cerrado e escuro”, (Torrinha, sentido 1b ao verbete *caligo*).

²⁴¹ Trecho ambíguo, uma vez que por meio do pronome *ei* (“a ele” ou “a ela”) não podemos afirmar, com precisão, se a caligem é lançada sobre Frixo ou sobre Ino. Em menção ao episódio, López (1995, p. 279) sugere que Líber envolve Ino na caligem, resgatando-a juntamente com Melicerta. Fernaz (1997, p. 223 nota 83), por sua vez, sugere se tratar não de um obstáculo à visão, mas sim de um efeito ou encantamento, da mesma forma como aparece na fábula XXIV. *Jasão: as Pelíades*, de Higino, em que Medeia procura persuadir, através de um encantamento, Alceste, Pelópie, Medusa, Pisídice e Hipoteia a que matassem o próprio pai: *Medea quo facilius eam perduceret ad suam uoluntatem, caligem eis obiecit et ex uenenis multa miracula fecit quae ueri similia esse uiderentur* (“Medeia, a fim de a [=Alceste] induzir mais facilmente ao que intentava, lançou uma caligem sobre elas e, por meio de feitiços, realizou muitos prodígios que pareciam ser verdadeiros”). Em Hyg. *Fab.* XCVIII. 4, há uma passagem semelhante, quando Diana se compadece de Ifigênia, prestes a ser sacrificada, e lança a caligem sobre os presentes, fazendo-se trocar a jovem por uma corça: *Diana uirginem miserata est caliginem eis obiecit ceruamque pro ea supposuit* (“Diana, misericordiosa para com a jovem, lançou sobre eles uma caligem e a substituiu por uma corça”). Em Ov. *Met.* XII. 32, o termo utilizado para narrar o mesmo efeito em tal passagem é *nuvem* (no ac. de *nubis: nubem*).

²⁴² Embora com consideráveis variações, tradicionalmente apresenta-se Dioniso (em Roma conhecido como Baco ou Líber) como filho de Sêmele (irmã de Ino) e Júpiter. Após a morte de sua mãe, foi criado por Ino e Atamante, a pedido de Mercúrio. Cf. Ov. *Fast.* VI. 485-486; Apol. *Bibl.* III. 4. 3; Hes. *Th.* 940-942. Em Ov. *Met.* III. 310-315, é entregue primeiro a Ino e, depois, é criado pelas Ninfas de Nisa. Cf. Álvarez e Iglesias (2007, p. 288 nota 329). Contudo, em Hyg. *Fab.* CLXVII e CLXXIX, Líber é entregue diretamente a Niso, a quem, mais tarde, o próprio deus entregaria o reino de Tebas, como é narrado na fábula CXXXI.

²⁴³ *Iunone*: para a edição da *Les Belles Lettres*, é Júpiter quem lança a loucura sobre Atamante: *Athamas postea, ab Ioue insania obiecta*. Em Ov. *Fast.* VI. 489, são as Fúrias que lançam a loucura sobre Atamante. Em Apol. *Bibl.* III. 4. 3, é Hera (Juno para os Romanos), mas sobre Ino e Atamante, pois ambos haviam criado Dioniso, filho de Sêmele com Júpiter. Em Hyg. *Fab.* IV, Atamante enlouquece e mata seu filho Learco após o suicídio de sua terceira esposa, Temisto, que havia assassinado os próprios filhos devido a um ardil de Ino. Esta, por sua vez, também enlouquece e se joga ao mar, junto com Melicerta, e se converte em deusa. Temos aqui, novamente, mais uma passagem que, por encontrar diferentes versões nas *Fabulae*, exemplifica o que entendemos como caráter compilatório da obra em estudo.

²⁴⁴ Em Apol. *Bibl.* III. 4. 3, Atamante confunde Learco com um cervo. Já em Ov. *Met.* IV. 512-519, com um cachorro. Cf. também Hyg. *Fab.* IV; Ov. *Fast.* VI. 489-492.

²⁴⁵ *In mare*: de acordo com Ov. *Met.* IV. 535, trata-se do mar Jônico. Já em Paus. I. 44. 8 ss., o local seria na costa meridional da Mégara, no golfo Sarônico, mais precisamente em um local chamado Rocha Molúride. Cf. também Ruiz de Elvira (1982, p. 181).

²⁴⁶ Versão semelhante à presente em Ov. *Fast.* VI. 491-494 e *Met.* IV. 519-530. Já em Apol. *Bibl.* III. 4. 3, Ino, em um acesso de loucura após a morte de Learco, atira Melicerta em um caldeirão fervente. Quando se dá conta do que havia feito, joga-se em um abismo com o filho nos braços.

²⁴⁷ Segundo Ov. *Fast.* VI. 473 ss., infere-se que a festa a *Mater Matuta* se celebrava no dia correspondente a 11 de junho no calendário atual, e seu templo foi erguido no foro Boário, junto ao porto de Roma. A Portuno – deus protetor dos portos e portais urbanos, que era representado com uma chave nas mãos-, a festa se dava no que corresponderia ao nosso dia 17 de agosto e seu templo se erguia no mesmo lugar que o de *Mater Matuta*. Cf. Expósito (2008, p. 46 notas 53 e 54); Vasconcellos *et alii* (2009, p. 189 nota 170). Em Apol. *Bibl.* III. 4. 3, tais divindades eram chamadas assim pelos navegantes a quem prestavam auxílio. Algumas

III. FRIXO

Quando Frixo e Hele, devido à loucura lançada por Líber, erravam por um bosque, dizem²⁵³ que lá chegou sua mãe, Nébulas, trazendo o carneiro dourado²⁵⁴, filho de Netuno e de Teófane, e ordenou a seus filhos que o montassem e atravessassem até a Cólquida²⁵⁵, para

variações, ainda, indicam que Netuno converte ambos em divindades marinhas a pedido de Vênus. Cf. Ov. *Met.* IV. 531-536; Boriaud (1997, p. 13 nota 2). Leucótea ainda é identificada como Deusa Branca, segundo o dicionário Liddell (entrada para o verbete Λευκοθέα), uma referência à espuma branca das ondas, ou Deusa do Nevoeiro. Cf. Grimal (2008, *Leucótea*); López (1995, p. 171).

²⁴⁸ Interessante é observar que em Higino o modo como os nomes são apresentados é muito semelhante ao presente em Ov. *Fast.* VI. 545-47: *Leucothea Graia, Matuta uocabere nostris; / in portus nato ius erit omne tuo, / quem nos Portunum, sua lingua Palaemonia dicet.* “Serás chamada ‘Leucótea’ pelos Gregos e, ‘Manhã’, por nós. Nos portos toda regulação será dada por teu filho, que nós nomearemos ‘Portuno’, e sua língua, ‘Palémon’”. Outra construção que nos parece semelhante, está em Cic. *Tusc.* I. 12. 28: *Quid? Ino Cadmi filia nonne Λευκοθέα nominata a graecis Matuta habetur a nostris?* “O que? Acaso Ino, filha de Cadmo, não é chamada Leucótea pelos gregos e Matuta/Manhã por nós?”. Sobre a indicação das fontes antigas, cf. López (1995, p. 171).

²⁴⁹ Há divergências sobre a interpretação dessa passagem: algumas traduções sugerem uma referência a quatro anos: “pour lui se déroulent tous les quatre ans” e “a él se dedican cada cuatro anos”. Cf. Boriaud (1997, p. 13) e Expósito (2008, p. 46), respectivamente. Outras, a cinco anos. Cf. Fernaz (1997, p. 19).

²⁵⁰ *Gymnicis*: segundo o *OLD*, trata-se de jogos “ginásticos”; o dicionário Saraiva oferece a opção “Gymnico, de luta” para o adjetivo *Gymnicus* (o mesmo faz o dicionário Torrinha).

²⁵¹ A criação dos jogos *Ístmicos* em homenagem a Melicerta, segundo Higino (*Fab.* CCLXXIII. 8), teria sido iniciativa de Erátocles. Contudo, na mesma fábula CCLXXIII o próprio Higino atenta para o fato de que outros, sem especificar quem (*dicitur*), atribuem-na a Teseu. Já em Apol. *Bibl.* III. 4. 3, os jogos teriam sido instituídos por Sísifo, tio de Melicerta e irmão de Atamante. Em Paus. I. 44. 8, após ser lançado ao mar junto a sua mãe, Melicerta é conduzido por um golfinho até o istmo de Corinto, região do Peloponeso, onde foi nomeado Palémon e honras lhe foram oferecidas, inclusive a celebração dos jogos Ístmicos. Notamos aqui a preferência de Higino pelo uso do termo em caracteres gregos, ao passo que o *OLD* nos indica a forma latina *Isthmia*. Cf. ainda López (1995, p. 408); Hoyo e Ruiz (2009, p. 77 nota 77).

²⁵² Para mais informações sobre o mito, como também outros textos antigos com referências a passagens da fábula 2, cf. Ruiz de Elvira (1982, p. 175-181 e 296-299); López (1995, p. 277-280).

²⁵³ Na presente fábula 3, encontramos três ocorrências do verbo na forma impessoal *dicitur*, “diz-se”. Com isso, há um efeito de distanciamento do narrador sobre o conteúdo narrado, reforçando a caracterização da obra como uma compilação. Contraste-se, ainda, com outros momentos, em que o texto de Higino indica, diretamente, suas fontes, seja no título da fábula (como em *Ino de Eurípedes*, por exemplo) ou em seu conteúdo (como na fábula 183: *item quos Homerus tradit [...]. Item quos Ovidius [...]* Do mesmo modo, os [nomes] que transmite Homero [...] e os de Ovídio); fábula 14: [...] *quam Apollonius Rhodius Athida uocat [...]* que Apolônio de Rodas chama Ática”.

²⁵⁴ A história do carneiro dourado é narrada por Higino na fábula CLXXXVIII *Teófane*, sendo muito bela, possuía inúmeros pretendentes, o que fez com que Netuno a levasse para uma ilha denominada Crumisa e a transformasse em ovelha, assim como ele próprio se transformara em carneiro. Da união de ambos, nascera o carneiro de velo dourado. A história de Teófane é, também, um argumento que só se registra nas *Fabulae* de Higino. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 272 nota 725).

²⁵⁵ *Colchos*: a Cólquida se situa às margens do Mar Negro, ao sul da região do Cáucaso, atualmente a região da Geórgia (Grimal 2008, *Eetes*). E Eeta reinaria em Ea, cuja capital seria a cidade de Fásis. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 78 nota 80). Cf. ainda Apol. *Bibl.* I. 9. 23; Smith (1932, *Colchis*).

junto do rei Eeta, filho do Sol,²⁵⁶ e que ali sacrificassem o carneiro para Marte. 2. Dizem que assim foi feito. Tendo ambos montado, quando o carneiro os conduzia pelo alto mar, Hele caiu do carneiro, e, por isso, o mar, na região em que caiu, foi nomeado Helesponto²⁵⁷; ²⁵⁸ a Frixo, entretanto, o carneiro conduziu até a Cólquida. Ali, seguindo as ordens da mãe, Frixo sacrificou o carneiro e depositou no templo de Marte o velo dourado. Este, que era protegido por uma serpente²⁵⁹, dizem que Jasão, filho de Éson e de Alcímede,²⁶⁰ tinha vindo buscar.²⁶¹ 3. E Eeta, com prazer, acolheu Frixo e concedeu-lhe, como esposa, sua filha Calcíope. Esta, mais tarde, concebeu filhos do marido. Mas Eeta temeu que o banissem do reino, pois havia um presságio²⁶² para ele, vindo expresso em forma de prodígios, recomendando-lhe que se precavesse de ser morto por um estrangeiro, descendente²⁶³ de Éolo.²⁶⁴ Dessa forma, ele assassinou Frixo.²⁶⁵ 4. Mas os filhos deste,

²⁵⁶ Eeta era filho de Sol e da oceânida Perseide. Cf. Apol. *Bibl.* I.9.1; Hes. *Th.* 957; Smith (1867a, *Aeetes*); Grimal (2008, *Eetes*).

²⁵⁷ *Hellespontum*: hoje corresponde a Dardanelos, situada no noroeste da Turquia, estreito que liga o mar Egeu e o mar da Mármara. Cf. Smith (1932, *Hellespontus*); Hoyo e Ruiz (2009, p. 78 nota 80).

²⁵⁸ Sobre a queda, em *Fast.* III. 874 Ovídio sugere que Hele se teria unido a Netuno. Contudo, interessante é notar que em outra obra de Higino (*Astronomia* II. 20. 2) narra-se que Hele, após cair ao mar, é seduzida por Netuno e, inclusive, concebe um filho dele (de nome Péon ou Déon). Na mesma passagem é narrado outro motivo para a ida de Frixo e Hele à Cólquida: a esposa de Creteu (irmão de Atamante, e, portanto, tio de Frixo), apaixonou-se pelo jovem; visto que não era correspondida, acusou Frixo de tentar possuí-la contra sua vontade. Creteu, por sua vez, solicita a Atamante que castigue o jovem. Diante da situação, a mãe dos jovens os resgata entregando-lhes o carneiro dourado.

²⁵⁹ *Dracone*: em Apollod. I. 9. 16, a referência se faz a uma serpente que nunca dormia, assim como narrado em Apol. Rod. *Arg.* II. 1268-1270 e IV. 127 ss. Cf. Moreno (2004, p. 68 nota 92).

²⁶⁰ Há divergências, entre os autores antigos, acerca da identificação da mãe de Jasão, que equivaleria ora a Alcímede, Polimela, Polímede, Polífema, Teogneto ou Eteoclímene – uma apresentação detalhada das fontes antigas transmitidas é dada por Hoyo e Ruiz (2009, p. 78 nota 81). Cf. também Grimal (2008, *Jasón*); Smith (1867b, *Jason*).

²⁶¹ A busca de Jasão pelo velo de ouro é o objetivo da expedição dos Argonautas, tema da fábula 14, traduzida a seguir. Cf. Expósito (2008, p. 47 nota 56); Álvarez e Iglesias (2007, p. 422 nota 736); Grimal (2008, *Frixo*).

²⁶² *Responsum*: *OLD* (sentido 2a): “an answer given by an oracle, soothsayer or sim”.

²⁶³ *Filio*: Frixo era, na verdade, neto de Éolo. Cf. Hyg. *Fab.* V. Talvez o emprego do termo *filius* aqui faça a referência à descendência, assim como na fábula de Crises. Cf. nota *infra*.

²⁶⁴ Na fábula XII de Higino, o presságio (acerca da morte que seria causada por um estrangeiro) diz respeito a Jasão e Pélias, não a Frixo e Eeta. Por conta disso, tem-se sugerido na passagem da fábula III uma interpretação errônea por parte de Higino. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 79 nota 82); Fernaz (1997, p. 215 nota 29). Corroborando essa afirmação, Sánchez (2009, p. 38 nota 46) e Ruiz de Elvira (1982, p. 299) lembram que Eeta é um imortal (sem indicar a referência em que se embasam). Entretanto, a singularidade de se ter o presságio, como motivo para o assassinio de Frixo, pode sugerir não simplesmente um erro, mas a existência de uma outra versão, eventualmente presente em alguma fonte utilizada pelo autor, e que não nos foi legada.

²⁶⁵ De todas as fontes mitológicas, esta é a única passagem em que se narra a morte de Frixo nessas condições. Em Apol. Rod. *Arg.* II. 1151, conta-se que Frixo morre, já ancião, no palácio de Eeta. Em Paus. IX. 34. 8, Frixo teria retornado a Orcómeno. Cf. Smith (1867c, *Phrixus*); Ruiz de Elvira (1982, p. 299). Já se cogitou que tal narrativa da morte do personagem assassinado por Eeta poderia ser decorrente de uma possível confusão com a história de Jasão. Grimal, por sua vez, considera se tratar de um “arranjo trágico” para a lenda. Cf. Grimal (2008, *Frixo*).

Argo, Frôntis, Melane e Cilindro²⁶⁶ embarcaram em uma jangada, em direção ao avô Atamante. Náufragos, Jasão, em sua busca pelo velo, resgatou-os da ilha de Dia²⁶⁷ e os levou à mãe Calcíope. Por tal préstimo, ele ganhou o crédito de Medeia, irmã desta.²⁶⁸

IV. INO DE EURÍPEDES

Atamante, rei na Tessália, pensando que sua esposa Ino, de quem <tivera> dois filhos, tinha morrido, desposou Temisto, filha de uma ninfa; e dela teve dois filhos. 2. Depois disso, soube que Ino estava em Parnaso, e que ali tinha chegado tendo em vista as festas báquicas;²⁶⁹ enviou alguns homens para que a trouxessem a si; e, uma vez trazida, escondeu-a. 3. Temisto soube que uma moça havia sido encontrada, mas não sabia quem era. Passou a intencionar matar os filhos dela; tomou a própria Ino, que ela acreditava ser uma escrava, como cúmplice em seu intento,²⁷⁰ e disse a ela que cobrisse seus filhos com roupas brancas, e os filhos de Ino, com negras. 4. Ino cobriu os seus com as roupas brancas, e os de Temisto com as escuras; então Temisto, enganada, matou seus próprios filhos; quando soube disso, tirou a própria vida.²⁷¹ 5. Atamante, porém, tomado de loucura,

²⁶⁶ *Cylindrus*: o nome do personagem Cilindro como filho de Frixo aparece apenas em Higino. Em outros autores antigos, narra-se que seus filhos eram Argo, Frôntis, Melane e Citissoro. Cf. Apol. *Bibl.* I. 9. 1; Apol. Rod. *Arg.* II. 1155-1157. Em Paus. IX. 34. 8 e IX. 37. 1 inclui-se, ainda, o nome de Presbon como filho de Frixo e Calcíope. Cf. Grimal (2008, *Frixo e Presbón*); Hoyo e Ruiz (2009, p. 79 nota 83); Expósito (2008, p. 60 nota 150); Sánchez (2009, p. 38 nota 48); Fernaz (1997, p. 215 nota 30). Nas fábulas XIV. 30 e XXI. 2 o nome “Cilindro” é citado novamente.

²⁶⁷ *Insula Dia*: é identificada como sendo a ilha de Naxos, localizada no mar Egeu. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 79 nota 84). Os estudiosos informam, ainda, que o historiador grego Diodoro Sículo (I a.C) narra, em sua *Biblioteca Histórica* V. 50-52, que a ilha, em princípio, chamava *Strongýle* (“redonda”) e que, mais tarde, os irmãos gigantes Oto e Efialtes, filhos de Posídon e Ifimedia, após vencerem os trácios na ilha, deram-lhe o nome de Dia em homenagem a Zeus. Tempos depois a ilha receberia o nome do rei dos cários, Naxos Pólemon.

²⁶⁸ Em fábulas posteriores na obra de Higino, encontraremos mais detalhes sobre os personagens aqui narrados, como em *Fab.* XII “Pélias”, *Fab.* XXI “Os filhos de Frixo” e *Fab.* XXII “Eeta”.

²⁶⁹ *Bacchationis causa*: “festas báquicas”. Nossa tradução segue em linhas gerais a proposta por Hoyo e Ruiz (2009, p. 79): “y de que había llegado hasta allí con motivo de una bacanal”, ligeiramente diferente da tradução que propõe Boriaud (1997, p. 14), especificando: “y étaít venue en tant que bacchante”.

²⁷⁰ *Rei consciam quam captiuam esse credebat ipsam Inonem sumpsit*: interessante é que, mediante a construção sintática e disposição das palavras, imita-se o encobrimento da identidade relatado: apenas ao final se revela a identidade da cúmplice (note-se a distância entre *consciam...* *Inonem*; “cúmplice... Ino”). Boriaud (1997, p. 14) propõe “et mit Ino elle-même dans la confidence, la prenant pour une captive”. Nesse mesmo sentido, Hoyo e Ruiz (2009, p. 80) traduzem como: “y tomo la propia Ino, a la que consideraba una cautiva, cómo cómplice del crimen”.

²⁷¹ Observamos, nessa passagem, como variam termos relacionados à morte presentes no texto de Higino: ao se referir ao suicídio de uma mesma personagem em duas fábulas, são empregados os verbos *interficere* e *necare*: *Fab.* I *Themisto... ipsa se interfecit*; e aqui, na fábula IV, temos: *Themisto... ipsa se necauit*. Vale

assassinou²⁷² seu filho mais velho, Learco, em uma caçada; mas Ino se lançou ao mar, junto com seu filho mais novo, Melicerta, e foi transformada em uma deusa.

V. ATAMANTE

Uma vez que Sêmele se deitou com Júpiter, Juno foi, por esse motivo, hostil a toda sua descendência. Assim, Atamante, filho de Éolo, tomado de loucura assassinou seu filho a flechadas durante uma caçada.

VI. CADMO

Cadmo, filho de Agenor e de Argíope, foi vítima da ira de Marte por ter matado o dragão guardião da fonte de Castália: uma vez aniquilada sua descendência, foi transformado em serpente na região de Ilíria, junto com sua esposa Harmônia, filha de Vênus e Marte.²⁷³

VII. ANTÍOPE

Antíope, filha de Nictéu, foi violada²⁷⁴ por Épafo, que usou de um ardil, e, por isso, foi rechaçada por seu marido Lico. Tendo sido repudiada, Júpiter a tomou²⁷⁵ à força. 2. Lico,

lembrar, ainda, que na primeira fábula está presente o verbo *occidere*, como o mesmo sentido. O emprego de diversos termos com o mesmo significado é recorrente na obra *Fabulae*, como na fábula XXX. *Herculis athla duodecim ab Eurystheo imperata*, em que nos deparamos com a variação entre os verbos de matar, ou então a CIV. *Laodamia*, em que *simulacrum*, *effigies* e *signum* são empregados para designar “estátua”. Sobre essa variação, cf. o Capítulo III de nosso estudo introdutório.

²⁷² *Interfecit*: novamente aparece o verbo *interficere*, empregado também na primeira fábula (em que o traduzimos por “assassinar”). Nem sempre será possível empregar a mesma tradução ao longo da obra, mas, quando não o for, procuraremos indicar as repetições, a fim de observar tal característica no estilo do autor.

²⁷³ O mito é narrado com detalhes no livro III das *Metamorfoses* de Ovídio. Cf. também Apol. *Bibl.* III. 5. 4; III. 6.1. Uma comparação pormenorizada será desenvolvida na próxima etapa do trabalho.

²⁷⁴ *Stuprata*: temos aqui o participio do verbo *stuprare*, que no *OLD* designa “to have illicit sexual intercourse with, violate the chastity of” (sentido 1a). O termo *stuprum*, por sua vez, podia designar “dishonour, shame” e “illicit sexual intercourse in any form (whether forced or not)”, segundo o *OLD*, (sentidos 1a e 1b, respectivamente); portanto não teria caráter necessariamente violento, como o correspondente em português “estupro” designa. Traduções para o participio, a partir de dicionários de língua portuguesa são “forçada, desonrada, deflorada” (Saraiva), ou “forçada, desonrada, ultrajada” (Torrinha), o que, neste caso, corresponde ao caráter de relação não consensual (designada pela expressão *per dolum*, “por um truque”). Seguimos tal tradução, também proposta por alguns tradutores que consultamos: “violada” (Hoyo e Ruiz) e “violée” (Boriaud). O termo está presente desde o latim de Plauto (por exemplo, no prólogo de *Aulularia*), cf. discussão em Cardoso (2005).

então, casou-se com Dirce, a quem veio a suspeita de que seu marido se deitava às escondidas com Antíope. Dessa forma, ordenou as criadas que a esta encerrassem²⁷⁶, amarrada, em um lugar escuro. 3. Quanto a esta, na iminência de seu parto, escapou das amarras, e, com consentimento de Júpiter, partiu em direção ao monte Citéron. Estando prestes a dar à luz, e procurando um lugar onde parir, a dor a impeliu a parir²⁷⁷ em pleno cruzamento de duas vias²⁷⁸. 4. Alguns pastores os criaram como se fossem seus, e lhes deram os nomes de Zeto, “o que busca um lugar”²⁷⁹, e ao outro Anfíon, “o que nasceu em uma encruzilhada ou em duas vias”²⁸⁰, quer dizer: já que ela os havia parido em um cruzamento. 5. Depois que reconheceram sua mãe, eles tiraram a vida de Dirce, tendo-a amarrado a um touro indômito. De seu corpo, no monte Citéron, nasceu uma fonte, que foi chamada Dirce em homenagem a Líber, pois ela fora uma bacante sua.

VIII. A MESMA DE EURÍPIDES, QUE ESCREVEU ÊNIO²⁸¹

De Nicteu, rei na Beócia, Antíope era filha; cativado por sua beleza, Júpiter a engravidou.

2. Como seu pai, desejando puni-la pela desonra²⁸², colocava-a em perigo, Antíope fugiu.

²⁷⁵ *Compressit*: “(of a man, male animal) to copulate, have intercourse with”, segundo o *OLD* (sentido 2 ao verbete *comprimo*). Segundo o dicionário Saraiva (sentido 1): “levar à força uma mulher”, sentido que parece ser seguido pelos tradutores Boriaud (1997) “Ainsi abandonnée, elle fut forcée par Jupiter” e Hoyo e Ruiz (2009) “A ésta, que no tenía marido, Júpiter la forzó”. Esse sentido de violência não se registra no *OLD*. O termo aparece desde Plauto com o sentido sexual; para a discussão sobre seu frequente uso em *Anfitrião* (também em referência às relações amorosas de Júpiter), cf. Costa, L. “Muito prazer, Anfitrião!”, *Nuntius Antiquus*, v. VII, p. 23-33, 2011.

²⁷⁶ *Clauderent*: “to shut up, confine, enclose (men or animals)”, segundo o *OLD* (sentido 5 ao verbete *claudio*), sentido adotado por Boriaud (1997) “aussi ordonna-t-elle à des serviteurs d’enchaîner celle-ci, et de l’enfermer dans l’obscurité” e Hoyo e Ruiz (2009) “ordenó a unos criados que la encerraran atada con cadenas en un lugar oscuro”.

²⁷⁷ Note-se que, no texto latino, há três repetições do termo *partus* (com os verbos *instabat*, *premeret*, *edere*) intermeadas pelo verbo “parir”.

²⁷⁸ *In ipso biuio*: *biuium*, segundo o *OLD* (sentido 1), “a place where two ways meet”; Saraiva define como um “lugar onde acaba ou aonde vão dar dois caminhos”.

²⁷⁹ ἀπὸ τοῦ ζητεῖν τόπον: para este excerto, citado em caracteres gregos por Higino, seguimos aqui as traduções propostas por Boriaud (1997) “rechercher un endroit” e Hoyo e Ruiz (2009) “de buscar un lugar”.

²⁸⁰ ὅτι ἐν διόδῳ ἢ ὅτι ἀμφὶ ὁδὸν αὐτὸν ἔτεκεν: seguimos aqui as traduções propostas por Boriaud (1997) “elle lui avait donné naissance en un croisement, ou sur deux voies” e Hoyo e Ruiz (2009) “porque lo dio a luz en un cruce de caminos o junto al camino”.

²⁸¹ *Eadem Euripidis quam scribit Ennius*: a edição de Boriaud (1997) traz o título *Eadem Euripidis quam scribit Pacuuius*. De acordo com o estudioso, não haveria na fábula argumento para se afirmar que se trate de da Medeia de Ênio. Ainda segundo Boriaud, a confusão no título entre Ênio e Pacúvio seria devido a uma passagem de Cícero, *De finibus* I, 4: ...*qui Ennii Medeam aut Antiopam Pacuuii spernat an reiciat*.

²⁸² *Stuprum*: “dishonour, shame”, segundo o *OLD* (sentido 1). Para diferenças entre outro sentido antigo e moderno do termo ver nota acima.

Por acaso, no mesmo lugar a que ela chegou estava Épafo de Sícion. Ele, conduzindo a mulher a seu próprio lar, uniu-se a ela em casamento.²⁸³ 3. Nicteu, que suportava isso com pesar, ao morrer roga solenemente²⁸⁴ ao seu irmão Lico, pedindo a ele (a quem, então, deixava o reino) que Antíope não ficasse impune; depois de sua morte, Lico chegou a Sícion. Assassinado Épafo, levou Antíope, amarrada, a Citéron; ela pariu e abandonou os gêmeos, que um pastor criou e nomeou como Zeto e Anfíon. 4. Antíope foi entregue a Dirce, esposa de Lico, para ser torturada²⁸⁵; encontrando uma oportunidade, pôs-se em fuga e dirigiu-se a seus filhos. Um deles, Zeto, julgando tratar-se de uma fugitiva, não a acolheu. No mesmo lugar foi parar Dirce, em meio a uma celebração em homenagem a Líber que ali se dava. E se punha a levar Antíope, lá descoberta, para ser morta. 5. Mas, informados pelo pastor que os criara de que se tratava de sua mãe, os jovens rapidamente a seguiram, livraram a mãe e mataram Dirce, amarrando-a pelos cabelos a um touro. 6. Queriam matar Lico, mas Mercúrio os impediu, e ao mesmo tempo ordenou que Lico cedesse o reino a Anfíon.

IX. NÍOBE

Anfíon e Zeto, filhos de Júpiter e de Antíope (filha de Nicteu), por ordem de Apolo cercaram Tebas com uma muralha até o túmulo de Sêmele²⁸⁶, enviaram ao exílio Laio, filho do rei Lábdaco, e passaram a reinar eles próprios ali. 2. Anfíon aceitou em matrimônio Níobe, filha de Tântalo e de Dione, de quem teve sete filhos e o mesmo número de filhas;

²⁸³ *Is mulierem aduectam domo suo matrimonio iunxit*: o sentido geral da passagem está claro, mas a forma gramatical adotada por Higino não tanto. Uma tradução literal poderia ser: “ele uniu ao próprio lar, em matrimônio, a (mulher) conduzida” – isso se interpretarmos *domo suo* como dativo, complemento de *iunxit*; uma outra opção seria pensarmos *domo suo* como ablativo de lugar (neste caso Higino não seguiria a regra do locativo *domi* para o termo *domus*), cf. Boriaud (1997): “Il l’emmena et, chez lui, s’unit à elle par le mariage”. Uma terceira opção seria pensar um dativo complemento do particípio *aduecta*: Hoyo e Ruiz (2009): “Éste se llevó a la mujer a su propia casa y se unió a ella, en matrimonio”; Expósito (2008): “Éste, llevando a la mujer a su casa, se une a ella en matrimonio”.

²⁸⁴ *Per obtestationem*: a passagem de Higino é elencada pelo OLD “the action of beseeching or imploring, earnest entreaty, solemn appeal” (sentido 2 ao verbete *obtestatio*).

²⁸⁵ *Cruciatum*: a passagem de Higino é elencada pelo OLD (sentido 1a ao verbete *cruciatum*) “the action of torturing a person, or an instance of it; also, a form of torture”. Boriaud (1997) propõe o mesmo sentido metonímico ao termo (que mais literalmente designaria a tortura por meio da crucificação): “Antiope avait été donnée à torturer à Dirce”; Hoyo e Ruiz (2009) traduzem da mesma forma: “Antíope fue entregada a Dirce, esposa de Lico, para su tortura”.

²⁸⁶ *Semelae bustum*: tanto na edição de Rose (1963) quanto a de Boriaud (1997) trazem a expressão *semedustum*.

tal parto, Níobe considerou ser mais importante que o de Latona, e falou com muita soberba contra Apolo e Diana (que esta se vestiria aos modos de um homem, e Apolo com longos²⁸⁷ vestido e cabelos) e também que ela mesma superava Latona em número de filhos. 3. Por esse motivo, Apolo matou filhos dela a flechadas, enquanto caçavam em uma floresta, e Diana a flechadas aniquilou as filhas no palácio, com exceção de Clóris. Mas se diz que a mãe, lastimando ter perdido os filhos, foi transformada em pedra no monte Sípilo, do qual, dizem, ainda hoje emanam suas lágrimas. 4. Anfíon, por sua vez, como desejava tomar o templo de Apolo, foi morto a flechadas por Apolo.

X. CLÓRIS

Clóris foi a única sobrevivente dentre os sete filhos de Níobe e Anfíon. Neleu, filho de Hipocoonte, tomou-a por esposa, de quem teve doze filhos homens. 2. Hércules, ao atacar Pilo, matou Neleu e dez dos filhos dele; no entanto, o décimo primeiro, Periclímene, tendo obtido a aparência²⁸⁸ de uma águia graças a Netuno, escapou da morte. 3. E quanto ao décimo segundo, Nestor, que estava em Ílio, diz-se ter vivido por três séculos graças a Apolo; pois, os anos que tirara dos irmãos de Clóris, Apolo concedeu a Nestor.

XI. OS NIÓBIDAS²⁸⁹

Lerta, Tântalo, Ismeno, Eupínito, Fédimo, Sípilo, Quíade²⁹⁰, Clóris, Astigraça²⁹¹, Síboe, Sictótio, Eudoxa, Archenôr e Ogígia. Estes são os filhos e filhas de Níobe, esposa de Anfíon.

²⁸⁷ *Deorsum*: lit. “in a downward direction, down (of motion)”, segundo o *OLD* (sentido 1a). Boriaud (1997) traduz: “un vêtement au-dessus” e indica uma lacuna, explicando em seu aparato crítico que Micyllus apontara a falta de um verbo como *haberet*, i.e. “tinha”, “trajava” (“*uidetur deesse haberet aut simile uerbum*”).

²⁸⁸ *Effigiem*: o uso do termo *effigies* (aqui no sentido 4b do *OLD* “in the form or likeness of”) é observado com mais vagar na comparação desta passagem à de Ovídio (*Met.* XII. 556-572) no capítulo I de nosso texto introdutório. Para essa e outras fontes deste mito, seguimos por ora Boriaud (1997, p. 18 nota 1).

²⁸⁹ Eis aqui um exemplo de como estamos lidando com os nomes próprios em nossa pesquisa. Todos os antropônimos citados nesta fábula foram buscados no *OLD*. Os que não constam nesse dicionário na forma em que se apresentam nessa passagem do texto higinano foram buscados no *ThLL* e indicados. Os que não foram encontrados em nenhum dos dois dicionários também foram indicados. Caso não haja indicação, entenda-se que o nome se encontra no *OLD* na forma ali registrada.

XII. PÉLIAS

Pélias, filho de Creteu e de Tiro, foi instruído por um oráculo a fazer um sacrifício a Netuno; e, caso um indivíduo *monocrepis*, isto é com apenas um pé calçado aparecesse inesperadamente, então sua morte estaria se aproximando. 2. Quando ele celebrava as festas anuais a Netuno, Jasão, filho de Éson, irmão de Pélias, desejando participar da cerimônia, perdeu um calçado²⁹² enquanto atravessava o rio Eveno; mas, a fim de chegar rapidamente à cerimônia, não se importou com o fato. 3. Atentando a isso, e recordando-se da instrução do oráculo, Pélias ordenou a ele que solicitasse a seu inimigo, o rei Eeta, o velo dourado do carneiro que Frixo sacrificara a Marte, na Cólquida. 4. Tendo ele convocado os líderes²⁹³ da Grécia, partiu para a Cólquida.

XIII. JUNO

Juno, disfarçada de anciã, permanecia na margem do rio Eveno a fim de testar a atitude²⁹⁴ dos homens, solicitando a eles que a atravessassem ao outro lado do rio; e, como ninguém queria fazê-lo, Jasão, filho de Éson e de Alcímede, conduziu-a na travessia. Ela, porém, irritada com Pélias por ele ter deixado de realizar um sacrifício em sua homenagem, fez com que Jasão perdesse uma sandália²⁹⁵ na lama.

XIV. ARGONAUTAS CONVOCADOS²⁹⁶

²⁹⁰ *Chiade*: o mesmo que *Chias*, segundo o *ThLL*. Como *Chias*, esse termo não está presente no *OLD*, nem nos dicionários em língua portuguesa, ou índices onomásticos por nós consultados.

²⁹¹ *Astygratia*: termo atestado pelo *ThLL* como variante de *Astycratia* (vocábulo ausente do *OLD*).

²⁹² *Calciamentum*: “a shoe”, segundo o *OLD* (sentido 1 ao verbete *calceamentum*). Na próxima fábula, Higino utiliza o termo *crepida*, especificando com isso tratar-se de uma “sandália” (vide nota abaixo).

²⁹³ *Ducibus*: Boriaud (1997) propõe “chefs”. Nesse mesmo sentido Hoyo e Ruiz (2009) traduzem como “caudillos”.

²⁹⁴ *Mentes*: compreendemos o sentido do termo como atestado pelo *OLD* (sentido 8 ao verbete *mens*) “frame of a mind, attitude”, tradutores espanhóis consultados oscilam levemente em sua designação: Hoyo e Ruiz (2009) “voluntad”, Sánchez (2009) “sentimientos”, Fernaz (1997) “espíritus”.

²⁹⁵ *Crepida*: designava um tipo de sandália, mais especificamente: “a kind of footwear consisting of a thick sole attached by straps to the feet, characteristically worn by Greeks and usu. regarded as an affectation when worn by Romans”, segundo o *OLD* (sentido 1a).

²⁹⁶ Na fábula 14 que se segue, percebe-se que diversas das informações apresentadas aqui correspondem às presentes em *Argonautica* I. 20-227, de Apolônio de Rodas. Um diferencial é que, como afirmam os

1. Jasão, filho de Éson e de Alcímede, filha de Clímeno²⁹⁷, e general dos tessálios. Orfeu, filho de Eagro e da musa Calíope, um trácio, da cidade de Flévia²⁹⁸, que fica no monte Olimpo próximo ao rio Enipeu, citarista adivinho. Astérion, filho de Piremo,²⁹⁹ sua mãe era Antígona, filha de Feres, da cidade de Pelene; outros o dizem³⁰⁰ filho de Hiperaso³⁰¹, da cidade de Piresia, que fica à falda do monte Fileu, fica³⁰² na Tessália, local onde dois rios, Apídano e Enipeu, de cursos separados, afluem em um único.³⁰³ 2. Polifemo, filho de Elato

comentadores, Apolônio inclui cinquenta e cinco nomes de argonautas, ao passo que o texto de Higino nomeia sessenta e nove. Outras listas de argonautas podem ser encontradas em Diod. IV. 41. 2 (que nomeia cinquenta e quatro); Valério Flaco I. 352-483 (cinquenta e dois); Stat. *Theb.* V. 398-440 (cinquenta); *Argonáuticas Órficas* 118-229 (cinquenta); Píndaro, *Píticas* IV. 170-184 (que nomeia apenas doze). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 88 nota 111); Fernaz (1997, p. 219 nota 51); Expósito (2008, p. 53 nota 81). O número apresentado por Higino, como apontam Hoyo e Ruiz e Boriaud (1997, p. 19), é inferior apenas ao apresentado pelo escoliasta de Lícófron, que nomeia cem argonautas. Para uma lista dos nomes em pseudo-Orfeu, cf. Boriaud (1997, p. 19 nota 1).

²⁹⁷ *Clymeni*: note-se que, ao nome de mulher costuma seguir o de seu pai (ênfase à figura do homem). Estranha-se a presença de um Clímeno, visto que a filiação não é atestada em outros autores antigos (cf. Boriaud, 1997, p. 175, nota 2 à fáb. XIV). Intrigante é que, como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 88 nota 112), outros autores antigos narram que o rei de Orcómeno, Míniás, teve uma filha chamada Clímene. Esta, casada com Filaco, deu à luz Alcímede (assim como aparece logo a seguir no parágrafo dois da fáb. 14), e também em Apol. Rod. Arg. I. 233, no seguinte texto: ὥς δὲ καὶ αὐτὸν Ἰήσωνα γείνατο μήτηρ/ Ἀλκιμέδη, Κλυμένης Μινυηίδος ἐκγεγαυῖα “thus Jason himself was the son of Alcimede who was born of Clymene the daughter of Minyas” (tradução de R. C. Seaton, publicada pela *Loeb Classical Library*).

²⁹⁸ *Fleuia*: segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 88 nota 113), não é um termo atestado na Antiguidade (como pudemos averiguar, o termo está ausente de dicionários como o *Oxford Latin Dictionary* e *Dictionary of Greek and Roman Geography*). A edição da *Les Belles Lettres* traz o termo *Pieria*: segundo o *OLD* “a district in the south-east of Macedonia”. Na própria *editio princeps*, Micyllus sugere, à margem, *Pymplaea*. Boriaud (1997, p. 175 nota 3) indica que, baseando-se em Apol. Rod. Arg. I. 34, Thomas Muncker, um dos editores das *Fábulas*, sugere *Pieria*. Entretanto, Hoyo e Ruiz, ainda, comentam que nenhuma dessas três possibilidades é verossímil, de acordo com a geografia conhecida da Grécia antiga.

²⁹⁹ Vemos que o texto apresenta duas possibilidades de genealogia de Astérion. No entanto, os editores consultados sugerem se tratar de uma confusão por parte de Higino, ao misturar dados sobre dois personagens distintos de nome Astérion. Havia um Astérion filho de Cometo (Paus. V. 17. 9; Apol. *Bibl.* I. 9. 16), proveniente de uma cidade da Tessália chamada Piresia (o que faz Hoyo e Ruiz acreditarem, por exemplo, que a confusão seria devida à similaridade dos termos correspondentes a Piremo e Piresia). Já o outro Astérion era filho de Hiperaso, considerado por outros autores como de Pelene, e não de Piresia (Apol. Rod. Arg. I. 176; *Argonáuticas Órficas* 216). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 89 nota 114); Expósito (2008, p. 53 nota 84). Cf. ainda Smith (1867a, *Asterion*).

³⁰⁰ *Alii aiunt*: esta expressão é empregada dez vezes por Higino ao longo dessa fábula, assim como outras construções que denotam impessoalidade, como *dicunt*, *dicuntur*, *dicitur* e *putant*, construções que parecem atribuir ao texto de Higino uma caráter compilatório.

³⁰¹ *Hyperasii*: *emendatio* de Thomas Muncker, editor de 1681. Cf. Boriaud (1997, p. 19).

³⁰² *Quae est (...)* *qui est*: optamos por manter a repetição e o ritmo da enumeração constante no texto latino.

³⁰³ A descrição apresentada aqui por Higino é muito semelhante à que encontramos em Apol. Rod. Arg. I. 35-39: Ἦλυθε δ’ Ἀστερίων αὐτοσχεδόν, ὃν ῥα Κομήτης/ γείνατο δινίεντος ἐφ’ ὕδασι Πειδανοῖο, Πειρεσιᾶς ὄρεος Φυλληίου ἀγχόθι ναίων,/ ἔνθα μὲν Ἀπιδανός τε μέγας καὶ διὸς Ἐνιπεύς/ ἄμφω συμφορέονται, ἀπόπροθεν εἰς ἔν ιόντες “Straightway came Asterion, whom Cometes begat by the waters of eddying Apidanus; he dwelt at Peiresiae near the Phylleian mount, where mighty Apidanus and bright Enipeus join

e da mãe Hipeia, filha de Antipo, era um tessálio de pés lentos,³⁰⁴ da cidade de Larissa. Íficlo, filho de Fílaco e da mãe Clímene (filha de Mínias, da Tessália), tio materno de Jasão. Admeto, filho de Feres e da mãe Periclímene³⁰⁵ (filha de Mínias, da Tessália³⁰⁶), do monte Calcedônio (de onde se originou o nome da cidadela e do rio): dizem que Apolo pastoreou seu rebanho. 3. Êurito e Equíon, filhos de Mercúrio e de Antianira, filha de Meneto,³⁰⁷ da cidade de Álope, que agora é chamada Éfeso;³⁰⁸ alguns autores os consideram tessálios. Etalides, filho de Mercúrio e de Eupolemia, filha de Mírmidon; este era de Larissa.³⁰⁹ <Corono, filho de Ceneu>³¹⁰, da cidade de Gírtion, que fica na Tessália. 4. Este <Ceneu,

their streams, coming together from afar” (tradução de R. C. Seaton, publicada pela *Loeb Classical Library*). Sobre a descrição da região, cf. Smith (1932, p. 716 *Piresiae*).

³⁰⁴ *Pedibus tardus*: lit. “lento dos pés”.

³⁰⁵ *Clymene*: na edição da *Les Belles Lettres* temos o termo *Periclymene*, uma referência presente apenas no texto de Higino, como comentam Hoyo e Ruiz (2009, p. 89 nota 116), que sugerem, ainda, que o aposto *Minyae filia* seria uma confusão por parte de algum copista, uma vez que o mesmo aposto se encontra imediatamente na frase anterior. Tal observação, contudo, certamente segue a observação de Micyllus anotada à margem da *editio princeps*: *Itaque quidem uetustum exemplar habet, sed arbitror subdititium, pro Minyae esse, et a prox. repetitum*. “Assim, de fato, consta na antiga cópia; entretanto, penso que *Minyae* é termo suplementado, e repetido devido à proximidade”.

³⁰⁶ Ao longo de toda a fábula, a construção *ex* + nome de cidade ou região é repetida por diversas vezes. Se considerarmos que a prosa clássica não admitia o uso desse tipo de preposição diante do nome de cidade, (cf. Grimal, *Gramática latina*, 1986, p. 110: §189 III), é necessário admitir se tratar de uma escrita pouco cuidada, até mesmo pedestre, como muitos estudiosos têm considerado o texto de Higino. Acerca dos erros atribuídos ao texto de Higino, cf. capítulo III de nosso estudo introdutório.

³⁰⁷ *Filiae filii*: observamos aqui a opção do autor por um distanciamento do aposto *filii* em relação aos termos a que se refere (*Eurytus et Echion*), situando o substantivo logo após *filiae*. Esse tipo de construção é recorrente em toda a fábula XIV, aparecendo vinte e uma vezes.

³⁰⁸ A equivalência entre Éfeso e Álope é considerada (por Hoyo e Ruiz 2009, p. 90 nota 118) um erro de Higino: Álope seria uma cidade costeira de Ftiótida (região da Grécia Central) que nunca se teria chamado Éfeso. Fernaz (1997, p. 219 nota 53) informa, ainda, que Rose (1934) insinua que poderia ser uma brincadeira de Higino (“Rose insinua inclusive que pudiera tratar-se de uma broma del autor”). Entretanto, como nos informa Smith (1932, *Ephesus*), há algumas variações sobre a origem da cidade de Éfeso, dentre elas, como narra Plínio – o Velho (*Nat. V. 31*), a de que foi fundada pelas Amazonas, e que teria recebido diversos nomes, dentre eles, o de Álope: *in ora autem Matium, Ephesus, Amazonum opus, multis antea expetita nominibus, Alopes, cum pugnatum apud Troiam est [...]* “porém, na costa está Mácio, e Éfeso, cidade das Amazonas, e denominada anteriormente por muitos nomes: Álope, durante a Guerra de Tróia [...]”. Uma pesquisa bibliográfica secundária sobre as fontes da passagem de Plínio (não indicada na edição da obra pliniana que consultamos) ainda não foi por nós realizada, o que poderia contribuir para compreendermos se realmente trata de um erro de Higino.

³⁰⁹ Segundo Smith (1867a, *Aethalides*), Etalides, além de possuir a faculdade de transitar entre o mundo dos vivos e dos mortos, também recebe de seu pai, Mercúrio, a de se lembrar de todas as coisas, mesmo após sua morte. Sendo assim, recorda-se de todas as vidas passadas, nas quais sua alma teria transitado, a saber: pelos corpos de Euforbo, Hermotimo, Pirro, e, por último, Pitágoras. Hoyo e Ruiz (2009, p. 90 nota 119) lembram que, em Apol. Rod. Arg. I. 54, narra-se que Etalides era de Álope, não de Larissa. Sobre a faculdade de se lembrar das vidas passadas, discutiremos em nota à fábula CXII.

³¹⁰ *Coronus Caenei filius*: segundo nos informam Boriaud (1997:20) e Expósito (2008, p. 53 nota 91), trata-se de uma *emendatio* de Thomas Muncker, na edição de 1681. O último informa, assim como Sánchez (2009, p. 48 nota 74), que Muncker teria seguido informações presente na *Ilíada* I. 264. Acreditamos, todavia, que queriam ter indicado *Il. II. 745*, em que lemos: οὐκ οἶδ' ἄμ' αὖ τῷ γε Λεοντεύς ὄζος Ἄρηος / υἱὸς ὑπερθύμοιο

filho de Élato, era magnésio>,³¹¹ mostrou que não se podia ferir os centauros de modo algum com arma de ferro, mas sim com troncos de árvores talhados em forma de cunha. Alguns dizem que ele tinha sido uma mulher, mediante cujos rogos, Netuno, por conta do conúbio desejado, concedeu que fosse transformado em jovem que não poderia ser morto por golpe algum: o que nunca aconteceu, nem pode acontecer; mortal algum pode ser invulnerável à morte por arma de ferro, nem ser convertido de mulher em homem.³¹² 5. Mopso (filho de Âmpico e de Clóris): esse, instruído por Apolo na arte do augúrio³¹³, era de Ecália³¹⁴, ou como alguns pensavam, titarense. Eurídamas, filho de Iro e de Demonassa (outros o dizem filho de Ctímeno), que habitava a cidade dolopeide, muito próxima ao lago Xínio³¹⁵. Teseu, filho de Egeu e de Etra, filha de Piteu, da região de Trezena; ou, como outros dizem, da região de Atenas. 6. Pirítoo, filho de Íxion, irmão dos centauros, tessálio. Menécio, filho de Actor, opúncio. Eribotes, filho de Teleonte, de Eléon³¹⁶. 7. Euritião, filho

Κορόνου Καίνεϊδο: “Não estava só, Leonteu, rebento de Ares, filho de Coronus Ceneida [...]” (tradução de Haroldo de Campos, 2004, p. 111). Cf. Grimal (2008, *Corono*). Alguns comentadores observam, ainda, que em Apol. *Bibl.* I. 9. 16, Ceneu é citado como filho de Corono (Smith 1867a, *Coronus*), assim como na fábula XIV. 23, na qual lemos: *Caeneus alter Coroni filius* (“Ceneu, um outro filho de Corono” ou “um outro Ceneu, filho de Corono”), o que poderia sugerir, de fato, tratar-se de um outro personagem.

³¹¹ *Caeneus Elati filius, Magnesius*: Boriaud (1997, p. 20) também adota essa disposição da expressão editada por Rose, ao passo que na *editio princeps* ela aparece após o termo *adactis*. Parece-nos que o uso do pronome demonstrativo *hic* remete ao mesmo Ceneu citado anteriormente, tal como sugerem Hoyo e Ruiz (2009, p. 90 nota 120). Contudo, esses consideram ser inverossímil a possibilidade de que pai (Elato) e filho (Ceneu) tenham participado da mesma expedição. Sobre o epíteto *Magnesius*, os estudiosos comentam, ainda, que Ceneu era lápita, outro povo da região da Tessália. Em Ov. *Met.* XII. 173, lemos a expressão *Caenea Perrhaebum* (“Ceneu perrebo”), sobre o que Álvarez e Iglesias (2008, p. 639 nota 1438) comentam que Perrébia era uma aldeia Tessália, pátria comum de Lápitais e Centauros. Cf. ainda Anton. Lib. *Met.* 17. 4; Grimal (2008, *Ceneo*).

³¹² Sobre o mito de Ceneu, sua transformação de mulher em homem e a impossibilidade de ser morto, cf. Apol. *Bibl. Epit.* I. 22, Ov. *Met.* XII. 189-207 e Virg. *En.* VI. 448-449 (que narra que Ceneu se convertera novamente em mulher, após sua morte). Cf. Grimal (2008, *Ceneo*); Hoyo e Ruiz (2009, p. 90 nota 121); Fernaz (1997, p. 220 nota 54). Os dois últimos, inclusive, assim como Sánchez (2009, p. 48 nota 75), sugerem que o comentário “racionalista” (ou “cético”) no final da fábula seja adição de algum copista ou compilador. Rose (apud Fernaz 1997, p. 220 nota 54) sugere que esta passagem sobre Ceneu, na forma como narra Higino, talvez proceda de algum escólio à *Argonautica*, hoje perdido.

³¹³ *Augurio*: adotamos a interpretação de Boriaud (1997, p. 20) “instruit par Apollon dans l’art augural”.

³¹⁴ *Oechalia*: sobre a cidade de Ecália, Hoyo e Ruiz (2009, p. 91 nota 123) observam que há referência a três homônimas. A cidade que aqui é citada se localiza na Tessália; a cidade de Clítio e Ífito (XIV. 8), está localizada na Eubeia; e a cidade associada a Hilas (XIV. 11) é localizada na Arcádia. Para mais detalhes acerca das cidades denominadas Ecália, cf. nota à fábula XXXV.

³¹⁵ *Xynium*: a referência a este termo está presente apenas em Higino, enquanto que, em Apol. Rod. *Arg.* I. 68, encontramos o termo Xínias (segundo Smith, 1932, o termo latino correspondente é *Xyniae*), para indicar a mesma região. Hoyo e Ruiz (2009, p. 91 nota 124) sugerem se tratar de uma invenção por parte de Higino.

³¹⁶ *ab Eleone*: cidade localizada na Beócia, segundo Smith (1932, *Eleon*). Na edição da *Les Belles Lettres*, encontramos *Ameleon*: este termo está presente apenas no texto de Higino, como nota Expósito (2008, p. 54 nota 100), muito embora a estudiosa o considere se tratar de uma corrupção textual.

de Iro e Demonassa. Ixítion³¹⁷, da região da cidade de Cerinto. Oileu, filho de Hodédoco e de Agriânome, filha de Perseu, da cidade de Nárico. 8. Clítio e Ífito, filhos de Êurito e de Antíope, filha de Pílon, reis da Ecália. Outros dizem que vêm de Eubeia. Este³¹⁸, a quem foi concedido, por Apolo, o conhecimento da arte das flechas, dizem ter competido com o autor do dom. Seu filho, Clítio, foi morto por Eeta. Peleu e Télamon, filhos de Éaco e de Endeis, filha de Quíron³¹⁹, da região da ilha de Egina. Tendo abandonado suas residências devido ao assassinato do irmão Foco, buscaram moradas em lugares distintos: Peleu em Ftia, Télamon em Salamina, que Apolônio de Rodas chama Átida.³²⁰ 9. Butes, filho de Télen e de Zeuxipe³²¹, filha do rio Erídano, da região de Atenas. Falero, filho de Álcon, da região de Atenas. Tífis, filho de Forbas³²² e Hirmina, beócio; ele foi timoneiro da nau Argos. 10. Argo, filho de Pólipo e de Argia, outros o dizem filho de Dânao³²³; este era argivo, de cabeça encoberta com negra³²⁴ lanugem de pele de touro. Ele foi o construtor da nau Argos. Fliaso, filho do pai Líber e de Ariadne, filha de Minos, da cidade de Fliunte, que fica no Peloponeso, outros dizem que era tebano. Hércules, filho de Júpiter e de Alcmena, filha de Eléctrion, tebano. 11. Hilas, filho de Teódamas e da ninfa Menódice, filha de Oríon, efebo, da Ecália, outros o dizem de Argos, companheiro de Hércules. Náuplio, filho de Netuno e de Amimone, filha de Dânao, argivo. Ídmon, filho de Apolo e da ninfa Cirene,

³¹⁷ *Ixition*: referência a um personagem que encontramos apenas no texto de Higino. Cf. Expósito (2008, p. 54 nota 101).

³¹⁸ *Huic*: pelo contexto, percebemos que se trata de Êurito, assim como também o entendem Hoyo e Ruiz (2009, p. 92) e Fernaz (1997, p. 28), que traduzem a passagem por “se dice que Êurito”. Boriaud (1997:21) traduz “au dernier”.

³¹⁹ *Chironis*: de acordo com Apol. *Bibl.* III. 12. 6, Endeis era filha de Esquirão. Hoyo e Ruiz (2009, p. 92 nota 128) interpretam a possível confusão de nomes da seguinte forma: Endeis era filha de Cariclo e Esquirão (assim como aparece em Plutarco *Teseu* 10). Contudo, existe uma outra personagem de nome Cariclo, esposa do centauro Quíron (Píndaro *Pit.* IV. 181 ss.; Ov. *Met.* II. 636). Sendo assim, a partir das mães homônimas, os estudiosos acreditam que Higino teria confundido o nome dos pais da personagem.

³²⁰ *Atthida*: segundo o *OLD* (sentido 1b): “Attica” (entrada para o termo *Atthis, idis*). Interessante observarmos que o texto de Higino cita diretamente a fonte de uma das versões da história, o que demonstra claramente o caráter compilatório de sua obra, assim como comentamos em nota à fabula IV.

³²¹ *Zeuxippes*: sobre essa passagem, havia uma personagem de nome Zeuxipe, mãe de um outro Butes, filho de Pandíon, rei de Atenas (Apol. *Bibl.* III. 14. 8). Estudiosos sugerem haver uma confusão no texto de Higino. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 92 nota 131); Expósito (2008, p. 55 nota 108); Fernaz (1997, p. 220 nota 58); Sánchez (2008, p. 49 nota 85).

³²² *Phorbantis*: tanto em Apol. Rod. Arg. I. 105, quanto em Apol. *Bibl.* I. 9. 16, narra-se que o personagem Tífis era filho de Hágnon. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 92 nota 132); Expósito (2008, p. 55 nota 109).

³²³ Como veremos adiante (XIV. 32), ao citar novamente ao personagem Argo, a referência se faz apenas por “filho de Dânao”. Hoyo e Ruiz (2009, p. 93 nota 133) lembram, ainda, que em Apol. Rod. Arg. I. 112, Argos aparece como filho de Arestor.

³²⁴ *Nigra*: segundo o aparato crítico de Marshall (2002, p. 26) e Boriaud (1997, p. 21), trata-se de uma adição de Rose.

alguns o dizem filho de Abante³²⁵, argivo. Este, experiente em augúrio³²⁶, embora tenha percebido nos presságios das aves que sua morte lhe era anunciada, não faltou, entretanto, à fatal expedição. 12. Castor e Pólux, filhos de Júpiter e de Leda, filha de Téstitio, lacedemônios, ou espartanos, como outros dizem, ambos imberbes; escreve-se³²⁷ também que a ambos, ao mesmo tempo, estrelas apareceram em suas cabeças, para que pudessem ser vistos.³²⁸ Linceu e Idas, filhos de Afareu e de Arena, filha de Ébalo, messênios do Peloponeso. Dizem que por um deles, Linceu, coisas ocultas debaixo da terra podiam ser vistas, e ele não era impedido nem por uma caligem. 13. Outros dizem que Linceu não era visto por ninguém à noite. Ele mesmo, como se disse, era acostumado a ver claramente debaixo da terra e, por isso, identificava as minas de ouro. Como ele descia e, súbito, mostrava o ouro, assim passou a correr um rumor de que ele enxergava debaixo da terra. Da mesma forma Idas, (passava por)³²⁹ violento, feroz. 14. Periclímeno, filho de Neleu e de Clóris, filha de Anfíon e Níobe; este era pílpio. Anfídamas e Cefeu, filhos de Áleo e de Cleobula, da Arcádia. Anceu, filho de Licurgo, (outros o dizem neto), tegeata. 15. Augeu, filho de Sol e de Nausídame,³³⁰ filha de Anfídamas; este era eleu. Astérion e Anfíon, filhos de Híperaso (outros dizem de Hípaso), de Pelene. Eufemo, filho de Netuno e de Europa, filha de Titio, tenário; dizem que esse corria sobre as águas com os pés secos³³¹. 16. Um outro Anceu, filho de Netuno, de mãe Alteia³³², filha de Téstitio, da região da ilha Ímbraso³³³ (que foi chamada Partênia, porém agora dizem Samos). Ergino, filho de Netuno,

³²⁵ *Abante*: Abante (*Abas* em latim), rei de Argos. Cf. Torrinha.

³²⁶ *Prudens augurio*: parece-nos que o termo *prudens* aqui está sendo usado no sentido mais próximo a sua etimologia, de *prouidere* (cf. *OLD* sentido 2a: “to perceive before the event, foresee”), prever, i.e. como “previdente”.

³²⁷ *Scribitur*: interessante que a construção impessoal aqui é apresentada com o verbo *scribere* (“escrever”), destacando o processo de leitura de Higino, e não como anteriormente, o verbo *dicere* (dizer, por exemplo, *dicitur* “diz-se”, *alii dicunt*, etc).

³²⁸ *Stellae in capitibus ut uiderentur accidisce scribitur*: o texto é um tanto lacunar, parece alusivo a uma história que não se conta aqui, seguimos interpretação semelhante à de Boriaud (1997, p. 21) “il est également écrit qu’ils recurent en même temps, sur les têtes, des étoiles qui permettaient de les voir”.

³²⁹ Boriaud (1997, p. 22) acrescenta a expressão na sua versão do texto, uma tentativa de evidenciar o sentido do termo *item* (“da mesma forma”).

³³⁰ Há algumas variações sobre a genealogia de Augeu: em Apol. Rod. *Arg.* I. 172 e Apol. *Bibl.* I. 9. 16, narra-se que era filho de Hélio (o Sol). Contudo, o próprio Apolodoro (*Bibl.* II. 5. 5) comenta que Augeu também é identificado como filho de Posídon ou Forbas. Cf. Smith (1867a, *Augeas*).

³³¹ Ou seja, “sem molhar os pés”.

³³² *Althaea*: Hoyo e Ruiz (2009, p. 95 nota 141) observam que, tanto em Paus. VII. 4. 1, como nos escólios à *Argonautica*, narra-se que Ceneu era filho de Astipaleia, da mesma forma como é narrado na fábula CLVII. 3.

³³³ *Imbraso*: de acordo com Apol. Rod. *Arg.* II. 866, Ímbraso seria um rio da ilha de Samos, não uma ilha. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 95 nota 142); Fernaz (1997, p. 221 nota 62); Smith (1932, *Imbrasmus*).

da região de Mileto, alguns o dizem filho de Periclímene, orômeno.³³⁴ Meleagro, filho de Eneu e de Alteia, filha de Téstio, alguns o consideram filho de Marte, calidônio. 17. Laocoonte, filho de Portáon, irmão de Eneu, calidônio. Um outro Íficlo, filho de Téstio, de mãe Leucipe, irmão de Alteia por parte de mãe; esse era forte corredor e lançador de dardos. Ífito, filho de Náubolo, focence; outros dizem que era filho de Hípaso, do Peloponeso. 18. Zeto e Cálais, filhos do vento Aquilão e de Oritia, filha de Erecteu; esses, dizem, tinham a cabeça e os pés cobertos de penas³³⁵, os cabelos azulados³³⁶, que abriam caminho através do ar. Esses afugentaram para longe de Fineu, filho de Agenor, as três aves Harpias, filhas de Taumante e Ozómene: Aelópoda, Celeno, Ocípete, quando os companheiros de Jasão se dirigiam à região da Cólquida. Elas habitavam as ilhas Estrófades, no mar Egeu, que são denominadas Plotas. Elas, dizem, tinham cabeça de ave, cobertas de penas, asas e também braços humanos, enormes garras, pés de ave, o peito alvo e coxas³³⁷ humanas. Porém eles, Zeto e Cálais, foram mortos a dardos por Hércules; sobre seus túmulos as lápides superpostas se movem com o sopro paterno. Dizem, contudo, que eles eram da Trácia. 19. Foco e Príaso, filhos de Ceneu, de Magnésia. Eurimedonte, filho do pai Líber e de Ariadne, filha de Minos, da região de Fliunte. Palémon, filho de Lerno, calidônio. 20. Actor, filho de Hípaso, do Peloponeso. Tersânor³³⁸, filho do Sol e de Leucótoe, de Andro. Hipálcimo³³⁹, filho de Pélope e Hipódame, filha de Enómao, do Peloponeso, na região de Pisa. 21. Asclépio³⁴⁰, filho de Apolo e de Corónis, da região de

³³⁴ Sobre essa passagem, Hoyo e Ruiz (2009:95 nota 143) sugerem mais uma vez se tratar de uma confusão entre dois personagens homônimos: o personagem Ergino, que teria participado da expedição, era o filho de Netuno (Apol. *Bibl.* I. 9. 16), ao passo que o personagem Ergino, filho de Periclímene, seria o rei de Orcómeno, e adversário de Hércules (Apol. *Bibl.* II. 4. 11).

³³⁵ Ou “a cabeça e os pés alados”.

³³⁶ A referência aos cabelos azulados está presente, segundo afirmam Hoyo e Ruiz (2009, p. 95 nota 145), apenas no texto de Higino.

³³⁷ *Foeminaque humana*: cf. *foemus*, *inis*: *femur*, *inis*: “a thigh of a human being” (sentido 1a do *OLD*).

³³⁸ *Thersanor*: este personagem é citado apenas no texto de Higino. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 96 nota 149); Sánchez (2008, p. 52 nota 92).

³³⁹ *Hippalcimos*: acerca deste personagem, há dois pontos dignos de nota. Higino é o único a incluí-lo na expedição dos Argonautas. Mas ele é referido, sob o nome de Hipalco na fábula LXXXIV. 5. Hoyo e Ruiz (2009, p. 97 nota 150) observam que essa variação da grafia do nome do personagem também está presente em Apol. *Bibl.* I. 9. 16 e III. 10. 8.

³⁴⁰ *Asclepius*: sobre o nome do personagem, Hoyo e Ruiz (2009, p. 97 nota 151) encontram um argumento interessante para indicar que Higino teria utilizado como fonte para as *Fábulas* tanto textos gregos quanto latinos: eles afirmam que *Asclepius* é o nome grego do personagem, ao passo que em outras fábulas (XLIX e CLXXVIII. 1), o termo utilizado é *Aesculapius*, nome latino para o mesmo personagem.

Trica <...>³⁴¹ filha de Téstio, argivo. Neleu³⁴², filho de Hipocoonte, pílio. 22. Iolau, filho de Íficlo, argivo. Deucalião, filho de Minos <e> Pasífae, filha do Sol, de Creta. Filoctetes, filho de Peante, da região de Melibéia. 23. Um outro Ceneu, filho de Coroneu, de Gortina³⁴³. Acasto, filho de Pélias e de Anaxíbia, filha de Bias, de Iolco, coberto com duplo pílio. Ele se juntou voluntariamente aos argonautas, foi companheiro de Jasão por vontade própria. 24. Entretanto, todos eles foram chamados Mínias, ou porque as filhas de Mínias geraram muitos deles, ou porque a mãe de Jasão era filha de Clímene, <filha> de Mínias.³⁴⁴ Mas, nem todos chegaram à Cólquida, nem regressaram à pátria.³⁴⁵ 25. Pois Hilas foi raptado em Méssia pelas ninfas, próximo à Cio e ao rio Ascânio, e quando Hércules e Polifemo o buscavam, tendo a nau sido arrastada por um vento, foram abandonados. Também abandonado por Hércules, Polifemo, tendo fundado uma cidade em Méssia, pereceu entre os cálibes³⁴⁶. 26. Tífis, por sua vez, foi consumido por uma enfermidade entre os mariandinos, na Propantida, na casa do rei Lico; em seu lugar, Anceu, filho de Netuno, conduziu a nau até a Cólquida. Mas lá, na casa de Lico, Ídmon, filho de Apolo, quando saiu para colher feno³⁴⁷, caiu ferido por um javali; o vingador de Ídmon foi Idas, filho de Afareu, que matou o javali. 27. Butes, filho de Teleonte, embora costumasse ser distraído com o canto e a cítara de Orfeu, foi, no entanto, vencido pela doçura das sereias, e atirou-se ao mar para nadar até elas; levado pelas ondas, Vênus o salvou em Lilibeu.³⁴⁸ 28. Esses³⁴⁹

³⁴¹ Todas as edições que consultamos trazem essa lacuna no texto, exceto a de Fernaz, que inclui: “Anfiarao, hijo de Ecles y de Hipermestra”, indicando, em nota, tratar-se de uma conjectura de Rose. Cf. Fernaz (1997, p. 221 nota 65).

³⁴² *Neleus*: de acordo com Marshall (2002, p. 29) e Boriaud (1997, p. 23), trata-se de uma *emendatio* de Muncker, uma vez que na *editio princeps* encontramos o termo *Mileus*.

³⁴³ *Gortyna*: de toda a fábula, esta é a única menção a uma cidade que não é precedida por preposição.

³⁴⁴ *Clymenes [et] Minyae <filiae>*: trata-se de uma *emendatio* de Muncker, uma vez que na *editio princeps* encontramos *Clymeni et Minyae filia*, i.e. “filha de Clímene e de Mínias”, quando o normal seria se dizer que era neta de Mínias. Cf. Marshall (2002, p. 29); Boriaud (1997, p. 23). No entanto, vale ressaltar que a acepção do termo *filius* como “descendência” também é possível ser encontrada. Cf. nota à fábula CXXI.

³⁴⁵ Mais uma vez o uso de pronomes demonstrativos parece corroborar nossa impressão de que Higino pretende, antes que contar mais fluentemente, apenas resumir as histórias em sua compilação. Cf. estudo introdutório capítulo III.

³⁴⁶ *Chalybas*: segundo o *OLD* e Saraiva (em ambos, entrada para o verbete *Chalybes*), trata-se de um povo da região do Ponto (sul do Mar Negro), cujas terras eram abundantes em minas de ferro.

³⁴⁷ *Stramentatum*: o termo faz referência a *stramentum* “palha”. (*Stramentor*: “to fetch or collect straw”, segundo o *OLD*).

³⁴⁸ Em Apol. Rod. Arg. IV. 912-919, o episódio entre o argonauta Butes e as sereias ocorre durante a expedição de regresso da nau. Cf. Expósito (2008, p. 59 nota 147); Fernaz (1997, p. 221 nota 67); Sánchez (2009, p. 55 nota 96).

são os que não chegaram à Cólquida; no entanto, durante a volta pereceram Euríates³⁵⁰, filho de Teleonte, e Canto, filho de Cerinto³⁵¹; foram mortos na Líbia pelo pastor Cefálon, irmão de Nasamão, filho da ninfa Tritônia e de Anfítemis, cujo gado eles haviam atacado com bastão.³⁵² 29. Mopso, por sua vez, filho de Âmpico, morreu na África com a mordida de uma serpente. Ele, contudo, tinha se juntado aos Argonautas durante a jornada, como companheiro, tendo morrido seu pai Âmpico. 30. Assim, chegaram da ilha de Dias os filhos de Frixo e Calcíope, irmã de Medeia: Argo, Melane, Frôntis, Cilindro (que outros dizem Frônio), Demoleonte, Autólico e Flógio.³⁵³ Quanto aos últimos³⁵⁴, tendo Hércules os levado para tê-los como seus companheiros durante sua busca do boldrié das Amazonas, abandonou-os, abalados de terror por causa de Dáscilo, filho de Lico, rei dos mariandinos³⁵⁵. 31. Porém, tendo partido em direção à Cólquida, eles desejaram tornar Hércules comandante; este recusou, pois era conveniente que fosse Jasão, cujo trabalho possibilitou que todos partissem; e, assim, Jasão governou na qualidade de comandante. 32. O artífice foi³⁵⁶ Argo, filho de Dânao; <Tífis, o timoneiro>³⁵⁷ (após sua morte conduziu a nau Ceneu, filho de Netuno). Como vigia à proa navegou Linceu, filho de Afareu, que

³⁴⁹ *Hi*: o uso do pronome demonstrativo sugere-nos, como comentamos anteriormente, uma linguagem que pretende ser objetiva, o que parece ser reforçado se observarmos a predominância do próprio gênero catálogo ao longo de toda a fábula.

³⁵⁰ *Eurybates*: sobre este personagem, Hoyo e Ruiz (2009, p. 99 nota 160) acreditam se tratar de Eribotes, apresentado em *Fab.* XIV. 6. Isso porque o nome Euríates, de acordo com outras versões, faria referência a outros dois personagens: ao arauto de Agamêmnon (*Il.* I. 320; *Hyg. Fab.* XCVII. 15) e a um dos Cercopes. Para os estudiosos, a equivalência entre Eribotes e Euríates também se faz acreditar se observarmos que uma determinada passagem do texto de Apolônio de Rodas (*Arg.* I. 77) traz o nome de Eribotes seguido do nome de Canto. Cf. também Grimal (2008, *Cercopes*).

³⁵¹ *Ceriontis*: se observarmos o texto de Apolônio de Rodas (*Arg.* I.77), como apontam Hoyo e Ruiz (2009, p. 99 nota 161), o personagem Canto era proveniente de Cerinto, o que faz os estudiosos acreditarem novamente se tratar de uma confusão, por parte do autor de *Fabulae*, entre os dois termos.

³⁵² Nota-se que, a partir dessa passagem da fábula XIV, os verbos começam a aparecer no início das orações.

³⁵³ Sobre os quatro últimos personagens apresentados como filhos de Frixo, tanto Hoyo e Ruiz (2009, p. 98 nota 164) quanto Fernaz (1997, p. 221 nota 70) acreditam novamente se tratar de um erro por parte de Higino, uma vez que Deileonte (em Higino, Demoleonte), Autólico e Flógio constam como filhos de Deímaco em *Apol. Rod. Arg.* II. 947-961.

³⁵⁴ *Quos*: aqui temos um exemplo da dificuldade de se seguir, e de traduzir, a solta coesão higiniana. À primeira vista, parece que todos os filhos de Frixo e Calcíope estão ali enumerados. Porém Boriaud (1997, p. 24 nota 8) aponta que a história fala de Demoleonte, Autólico e Flógio (normalmente filhos de Deímaco) é que teriam sido deixados para trás durante a expedição de Hércules contra as Amazonas.

³⁵⁵ *A Dascylo Lyci qui regis Mariandyni filio*: texto marcado como adulterado na edição de Boriaud (1997, p. 24), que sugere: *a Dascylo qui regis Mansuaden filia*. Micyllus sugere, à margem do texto na *editio princeps*: *a Dascylo regis Mariandyni filio*, o que foi seguido aqui por Marshall.

³⁵⁶ Acrescentamos, como Boriaud, o verbo “ser” aqui, para dar sentido à passagem problemática. Mas, com isso, a informação soa repetitiva, pois a informação sobre o construtor e piloto já apareceu nessa fábula.

³⁵⁷ *Gubernator Tiphys*: trata-se de uma *emendatio* de Muncker. Cf. Boriaud (1997, p. 25); Marshall (2002, p. 30).

enxergava muito bem; os chefes dos remadores foram Zeto e Cálais, filhos de Áquilo, que tinham asas nas cabeças e nos pés; à proa e junto aos remos sentaram Peleu e Télamon;³⁵⁸ junto aos grandes remos sentaram Hércules e Idas; os demais guardaram seu posto; o canto dos remadores, quem deu foi Orfeu, filho de Eagro. Depois, quando Hércules foi abandonado <pelos argonautas >, assumiu seu posto Peleu, filho de Éaco. 33. Essa é a nau Argo,³⁵⁹ que Minerva converteu em constelação, uma vez que havia sido construída em sua homenagem, e ter sido a primeira nau a ser conduzida ao mar, e aparece nos astros desde o timão até a vela; e numa forma que Cícero relata nos *Fenômenos*, nestes versos:³⁶⁰

Mas em direção à cauda do Cão, serpenteando, resvala Argo,
voltada para si, ela transporta sua popa iluminada;
não como costumavam outras naus lançar no alto mar
a proa, com seus esporões sulcando os prados de Netuno;
assim como quando começam a atingir os portos seguros,
voltam a nau com grande peso os nautas,
e movem a popa, oposta, até a margem desejada;
assim, virada, a velha Argo desliza sobre o éter...
donde estendendo o timão sobre a popa voante,
toca as patas traseiras do luminoso Cão.

Essa nau tem quatro estrelas na popa, cinco no timão direito, quatro no esquerdo, semelhantes entre si; treze no total.³⁶¹

XV. AS LEMNÍADAS

³⁵⁸ Em toda a fábula 14, é primeira vez em que não há um apostrofo para os nomes.

³⁵⁹ Novamente observamos o enfático uso de um pronome demonstrativo. Note-se a repetição de *haec naus* no mesmo parágrafo.

³⁶⁰ Assim como na fábula XIV. 8, em que no texto de Higino é citado o nome de Apolônio de Rodas, como fonte da narrativa, aqui presenciamos, mais do que o nome, a inserção de um trecho do texto de Cícero (*Aratea* XXXIV. 126-138). Tal citação, além de exemplificar mais uma das fontes da obra, também caracteriza seu caráter compilatório. Hoyo e Ruiz (2009, p. 101 nota 169) observam que o texto de Cícero é transcrito quase que literalmente, exceto pela ausência de dois hexâmetros (135-136), e por algumas poucas variações nos versos 127, 137 e 138.

³⁶¹ A descrição da nau Argo também é feita em *Astronomia* III. 36. Contudo, naquela descrição as estrelas somam vinte e seis, muito próximo ao que é narrado por Eratóstenes em *Catast.* 35, de acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 102 nota 170), em que as estrelas ao todo são vinte e sete.

Na ilha de Lemnos, as mulheres haviam deixado de realizar por alguns anos sacrifícios a Vênus, e devido à ira desta,³⁶² seus maridos tomaram por esposas mulheres da Trácia e rejeitaram as primeiras. Mas as Lemníadas, tendo conspirado por incitação³⁶³ da própria Vênus, assassinaram toda a estirpe³⁶⁴ de homens que ali havia, com exceção de Hipsípila, que, secretamente, escondeu seu pai, Toante, em uma nau, que uma tempestade levou até a ilha Táurica. 2. Nesse ínterim, os argonautas, navegando pelas proximidades³⁶⁵, abordaram Lemnos. Quando os viu, Ifínoe, guardião do portão, comunicou-o à rainha Hipsípila, a quem Polixo, mulher de idade avançada, aconselhou a criar com eles vínculos sagrados de hospitalidade³⁶⁶. 3. Hipsípila teve dois filhos com Jasão: Euneu e Deípilo. 4. Como ficaram retidos ali por muitos dias, censurados por Hércules, partiram. 5. Mas as Lemníadas, após saberem que Hipsípila havia salvado seu próprio pai, intentaram assassiná-la; ela pôs-se em fuga. Piratas, tendo-a capturado, levaram-na a Tebas e a venderam como escrava ao rei Lico. 6. Por sua vez, todas as Lemníadas que conceberam filhos dos argonautas colocaram os nomes destes em seus filhos.

XVI. CÍZICO

Cízico, filho de Eusoro e rei em uma ilha da Propôntide, recebeu os argonautas em generosa hospitalidade.³⁶⁷ Estes, tendo se afastado dele e navegado por um dia inteiro, durante uma tempestade à noite foram, sem o saber, levados à mesma ilha. 2. Cízico,

³⁶² *Cuius ira*: “por cuja ira”, gramaticalmente ambíguo, podendo indicar a ira que a deusa sente (genitivo subjetivo) ou que se sente pela deusa. O contexto indica que a Vênus, deusa do amor, é que, irada, teria motivado os homens a se interessar por outras mulheres.

³⁶³ *Impulsu*: a passagem é citada pelo *OLD* (sentido 2 ao verbete *impulsus*) “incitement to action, prompting, impulse”.

³⁶⁴ *Genus uirorum*: a passagem da fábula é citada pelo *OLD* (sentido 4b ao verbete *genus*): “the human race, mankind”. Boriaud (1997), interpretando *genus* nesse mesmo sentido, traduz a expressão como “l’espèce masculine”, ao passo que interpretamos de forma semelhante a Hoyo e Ruiz (2009), que propuseram como tradução “linaje de hombres”.

³⁶⁵ *Praenauigantes: praenauigo*, segundo o *OLD*, indica “to sail past or by”. Nesse mesmo sentido, Boriaud (1997) traduz como “naviguant dans les parages”, ligeiramente diferente de Hoyo e Ruiz (2009), que propõem “se acercaron a Lemnos en el curso de su navegación”.

³⁶⁶ *Eos laribus hospitalibus obligaret*: lit. “que se vinculasse a eles por meio dos deuses protetores das relações de hospitalidade”. A passagem é citada pelo *OLD* (sentido 2b ao verbete *hospitalis*) “(of gods protecting the ties of hospitality)”.

³⁶⁷ *Cyzicus Eusori filius rex in insula Propontidis Argonautas hospitio liberali excepit*: Boriaud (1997) traduz: “Le roi Cyzicus, fils d’Eusorus, accorde aux Argonautes une généreuse hospitalité dans une île de Propontide”.

acreditando que fossem inimigos pelasgos, travou com eles um combate noturno no litoral, e foi assassinado por Jasão. Este, no dia seguinte, ao aproximar-se do litoral e ver que havia assassinado o rei, deu-lhe sepultura e entregou o reino aos filhos dele.

XVII. ÂMICO

Âmico, filho de Netuno e de Mélia e rei da Bebrícia. Quem chegava a seu reino era obrigado a lutar contra ele com luvas de pugilato,³⁶⁸ e, aos que eram vencidos, destruía. Quando desafiou os argonautas à tal pugilato, Pólux lutou contra ele e o matou.

XVIII. LICO

Lico, rei em uma ilha da Propôntide, recebeu os argonautas com honrosa hospitalidade, em agradecimento³⁶⁹ ao fato de que eles haviam assassinado Âmico, que o repudiava³⁷⁰ com frequência. Durante o período em que moravam junto a Lico, tendo os argonautas saído para colher palha, Ídmon, filho de Apolo, pereceu ferido por um javali. Durante o longo tempo em que demoravam para dar-lhe sepultura, morreu Tífis, filho de Forbas. Os argonautas, então, passaram o comando da nave Argo a Anceu, filho de Netuno.

XIX. FINEU

Fineu, trácio, filho de Agenor, teve com Cleópatra dois filhos. Estes, devido a uma acusação da madrasta, foram cegados pelo pai. 2. Diz-se também que Apolo concedeu ao mesmo Fineu o dom da adivinhação. Por ter revelado os desígnios dos deuses, ele foi cegado por Júpiter, que colocou ao seu lado as Harpias (que, dizem, são as cadelas de

³⁶⁸ *Caestis*: “weighted with a lead or iron, tied to the hands of pugilists, boxing-glove; (also sg. or pl., merging into the sense ‘boxing’”, segundo o *OLD*, verbete *caestus*). Nesse sentido, traduzem Hoyo e Ruiz (2009): “le obligaba a luchar con él con guantes de pugilato”, ligeiramente diferente de Boriaud (1997) que não explicita as luvas: “il le força à se mesurer avec lui au pugilat”.

³⁶⁹ *In honorem*: Boriaud (1997), ao traduzir por “et leur fit honneur”, parece ter interpretado *in honorem* no sentido 3a ao verbete *honor*: “to pay honour”. A expressão parece guardar também um sentido próximo do previsto ao verbete *honor*, no *OLD*: “out of consideration or regard (for)” (3c).

³⁷⁰ *Inficiaretur*: aqui uma divergência significativa entre as edições. Em vez do verbo *infitor* (“to disclaim knowledge of or responsibility for, disown, repudiate” = verbete *infitor* 2a), presente em Marshall, na edição de Boriaud temos *insidiaretur* (de *insidior*, fazer emboscadas).

Júpiter), para que elas tirassem o alimento de sua boca. 3. Quando os argonautas ali chegaram e a ele pediram que lhes indicasse o caminho, ele disse que o indicaria caso o livrassem de seu castigo. Então Zetes e Cálais, filhos do vento Aquilão e de Oritia e que tinham, dizem, asas³⁷¹ na cabeça e nos pés, afugentaram as Harpias para as ilhas Estrófades e liberaram Fineu de seu castigo. 4. A eles, ele mostrou de que modo atravessariam pelas Simplégades³⁷², a saber, soltando uma pomba: logo após as rochas se aproximarem, mediante o afastamento³⁷³ delas <...>, eles deveriam recuar.³⁷⁴ Graças a Fineu, os argonautas atravessaram pelas Simplégades.

XX. AS ESTINFÁLIDES

Quando os argonautas chegaram à ilha Dia, aves começaram a atacá-los³⁷⁵ com suas penas, usando-as como se fossem flechas. Como não podiam resistir à multidão de aves, seguindo o conselho de Fineu lançaram mão de seus escudos e lanças <e>, ao modo dos Curetes³⁷⁶, afugentaram-nas por meio de um estrondo³⁷⁷.

XXI. OS FILHOS DE FRIXO

Depois que os argonautas, passando por entre os rochedos de Cíane (que são chamados rochas Simplégades), adentraram o mar chamado Euxino e seguiam à deriva, foram levados à ilha de Dia por vontade de Juno. 2. Lá encontraram náufragos, despidos e

³⁷¹ *Pennas*: “a wing (of a bird or other creature)”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *penna*).

³⁷² *Symplegadas*: “two rocks at the entrance to the Euxine Sea, reputed to close on and crush any ship sailing between them”, segundo o *OLD* (entrada ao verbete *Symplegades*).

³⁷³ *Recessu*: “the action of going back or retiring, retreat, withdrawal”, segundo o *OLD* (sentido 1a).

³⁷⁴ *Quae petrae cum concurrissent, in recessu earum <...> illi retro refugerent*: passagem de difícil compreensão e tradução, supostamente devido a uma lacuna em sua edição crítica, segundo propõe Rose; cf. aparato crítico de Boriaud (1997), que traduz: “lorsque ces pierres se seraient rapprochées, quand elles s'écarteraient <...> eux s'enfuiraient en arrière”; Hoyo e Ruiz (2009) propõem: “una vez que estas rocas se hubieran separado tras haber chocado entre sí <...> ellos debían retroceder”.

³⁷⁵ *Conficerent*: Boriaud (1997) interpreta o verbo *conficere* como “to kill, dispatch”, segundo o *OLD* (sentido 16a, verbete *conficio*): “les oiseaux les <y> tuaient avec leurs plumes comme avec des fleches”; Hoyo e Ruiz traduzem o verbo como “ferir”: “unas aves comenzaron a herirlos con sus plumas como si fueran flechas”, optando pela acepção “dispatch”; por extensão, propomos em nosso texto a tradução “atacar”.

³⁷⁶ *Curetes*: “an ancient people of Crete who worshipped Zeus with the beating of shields”, segundo o *OLD*.

³⁷⁷ *Sonitu*: *sonitus* designa aqui “a sound of any sort, esp. a loud one, noise”, segundo o *OLD* (sentido 1a).

desamparados,³⁷⁸ os filhos de Frixo e Calcíope: Argos, Frôntis, Melane e Cilindro. Estes expuseram a Jasão seus infortúnios³⁷⁹: enquanto se apressavam ao encontro do avô Atamante, tendo naufragado, foram ali lançados. Jasão os acolheu e lhes dispensou ajuda. Eles conduziram Jasão até a Cólquida pelo rio Termodonte. 3. E quando já não estavam longe da Cólquida, ordenaram que a nau fosse colocada em um lugar escondido, vieram ao encontro de sua mãe Calcíope, irmã de Medeia, e contaram a ela os favores de Jasão e o motivo por que ele viera. Então Calcíope conta sobre Medeia e a conduz, junto aos seus filhos, à presença de Jasão. 4. Quando ela o viu, reconheceu aquele por quem, instigada por Juno, se apaixonara em sonhos; prometeu a ele tudo, e eles o conduziram ao templo.

XXII. EETA

Um oráculo havia previsto que Eeta, filho do Sol, ocuparia o trono por tanto tempo quanto o velo que Frixo havia consagrado permanecesse no templo de Marte. 2. E assim Eeta impôs a Jasão a seguinte prova³⁸⁰: se desejasse levar o velo dourado, ele deveria jungir³⁸¹, com um jugo³⁸² de aço³⁸³, touros cujos pés eram de bronze³⁸⁴ e que exalavam chamas pelas narinas; bem como arar e semear os dentes de dragão contidos em um elmo,³⁸⁵ dos quais nasceria³⁸⁶ imediatamente uma raça³⁸⁷ de homens armados, que se matariam reciprocamente. 3. Juno, por sua vez, sempre desejou que Jasão fosse protegido, pelo fato

³⁷⁸ *Inopes*: “powerless to act, impotent, ineffectual”, segundo o *OLD* (sentido 5a ao verbete *inops*). Boriaud (1997) traduz como “dépourvus de tout”; nessa construção, segundo o *OLD*, seria de se esperar um complemento no genitivo: “(of persons or things, w. gen.) destitute or devoid (of), deficient (in)”, (sentido 6a). Propomos “desamparados”, assim como Hoyo e Ruiz (2009), ao traduzirem o termo como “desvalidos”.

³⁷⁹ *Casus*: “an undesirable occurrence, misfortune, disaster, accident”, segundo o *OLD* (sentido 5a).

³⁸⁰ *Simultatem*: a passagem é citada pelo *OLD*: “a contest, trial” (sentido 2a ao verbete *simultas*).

³⁸¹ *Iungeret*: “jungir”, ou seja, “to put (animals) in the yoke, harness (to a vehicle or plough)”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *iungo*). Procuramos reproduzir a redundância presente em *iungeret... iugo*, por meio da expressão “jungir... com um jugo”.

³⁸² *Iugo*: “a yoke by which a plough, chariot, or sim. is drawn”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *iugum*). Segundo Houaiss (sentido 1), jugo é uma “peça de madeira assentada sobre a cabeça dos bois para atrelá-los a uma carroça ou arado”.

³⁸³ *Adamanteo*: a passagem é citada pelo *OLD* (verbo *adamanteus*): “of adamant or steel, adamantine”.

³⁸⁴ *Aeripedes*: “having feet of bronze”, segundo o *OLD* (entrada ao verbete *aeripes*), que cita a passagem da fábula entre seus exemplos.

³⁸⁵ *Ex galea*: segundo o *OLD*, *galea* significa “a soldier’s helmet”. Nossa tradução segue as que propõem Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009): “et de semer les dents de dragon contenues dans uns casque” e “y sembrar los dientes del Dragón contenidos en un yelmo”.

³⁸⁶ *Enascereuntur*: segundo o aparato crítico de Marshall (2002) e Boriaud (1997), a edição de Scheffer, de 1674, sugere *enascereuntur*.

³⁸⁷ *Gens*: “a race, nation, people”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete).

de que, tendo chegado à margem de um rio desejando³⁸⁸ testar a atitude dos homens, assumiu a aparência de uma anciã e solicitou a eles que a atravessassem à outra margem. Como os demais que ali passavam a desprezassem, ele a conduziu na travessia. 4. E assim, quando soube que Jasão não conseguiria cumprir o que lhe fora ordenado sem a ajuda de Medeia, solicitou a Vênus que incutisse³⁸⁹ o amor em Medeia. Por incitação de Vênus, Jasão foi amado por Medeia. Por obra dela, ele se viu livre de todos os perigos. Com efeito, depois de ter arado o solo com os touros e de terem nascido os homens armados, por conselho de Medeia lançou entre eles uma pedra. Estes, lutando entre si, mataram uns aos outros. Por sua vez, tendo entorpecido³⁹⁰ o dragão por meio de uma poção mágica³⁹¹, ele roubou o velo do templo e partiu com Medeia em direção a sua pátria.

XXIII. ABSIRTO

Quando soube que Medeia havia fugido com Jasão, Eeta, tendo preparado uma nau, enviou seu filho Absirto, junto com guardas armados, para que a perseguisse. Como ele a perseguiu pelo mar Adriático, na Ístria, até o reino de Alcínoo, e intentava combater recorrendo a armas, Alcínoo se colocou entre eles a fim de que não guerreassem. Eles o tomaram por juiz, que adiou seu caso³⁹² para o dia seguinte. 2. Estando Alcínoo extremamente triste e tendo sido questionado por sua esposa Arete quanto ao motivo de sua infelicidade³⁹³, disse a ela que lhe havia sido atribuída a função de juiz por dois povos distintos³⁹⁴, colcos e argivos. Quando Arete o interrogou sobre qual decisão tomaria, Alcínoo respondeu que, caso Medeia ainda fosse virgem, iria entregá-la ao seu pai; caso

³⁸⁸ Procuramos manter a repetição presente no texto latino: *uolit... uolens*, com a tradução “desejou... desejando”. Sobre esse tipo de construção, cf. o capítulo III de nosso estudo.

³⁸⁹ *Iniceret*: a passagem da fábula é citada pelo *OLD*: “to instil, inject (a feeling, idea, etc.) in the mind” (sentido 8a ao verbete *inicio*).

³⁹⁰ *Sopito*: “characterized by sleep or (transf.) insensitiveness, torpor”, segundo *OLD* ao verbete *sopitus*.

³⁹¹ *Venenis*: compreendemos o termo no sentido 1a ao verbete *uenenum*, no *OLD*: “a potent herb or other substance used for medical, magical, etc., purposes”.

³⁹² *Distulit*: compreendemos o termo no sentido 4a ao verbete *differo*, no *OLD*: “to postpone, defer, adjourn”, assim como propõe Boriaud (1997): “et il remit l’affaire à plus tard”. Hoyo e Ruiz (2009), por sua vez, traduzem: “quien los emplazó para el día siguiente”.

³⁹³ *Tristitia*: “unhappiness, despondency, gloom”, segundo o *OLD* (sentido 1a).

³⁹⁴ *Diversis*: uma outra opção seria compreender o termo segundo o *OLD* (sentido 7b ao verbete *diuersus*): “(of persons) fighting on the other side, ill-disposed; (w. dat. or ab) unfriendly (towards), averse (from)”.

fosse já mulher³⁹⁵, ao marido. 3. Ao ouvir isso de seu marido, Arete enviou um mensageiro até Jasão, e ele desvirginou Medeia, à noite, em uma caverna. No dia seguinte, quando vieram ao julgamento e foi revelado que Medeia já era mulher, ela foi entregue ao marido. 4. No entanto, depois que eles partiram, Absirto, temente às ordens de seu pai, perseguiu-os até a ilha de Minerva. Ali, enquanto Jasão fazia sacrifícios em homenagem a Minerva, interveio Absirto, que foi assassinado por Jasão. Medeia deu sepultura a seu corpo, e em seguida eles partiram dali. 5. Os colcos, que haviam vindo junto com Absirto, temendo Eeta, ali permaneceram e fundaram uma cidade que, a partir do nome de Absirto, denominaram Absores³⁹⁶. E esta ilha, por sua vez, está localizada na Ístria, em frente à Póla, próxima à ilha Canta.

XXIV. JASÃO: AS PELÍADES

Jasão, depois de ter enfrentado tantos perigos por ordem de seu tio paterno Pélias, passou a cogitar de que forma o assassinaria sem levantar suspeita. Medeia prometeu que o faria. 2. E assim, quando já estavam longe da Cólquida, ela ordenou que a nau fosse colocada em um lugar escondido, e ela mesma, fingindo ser uma sacerdotisa de Diana, foi ao encontro das filhas de Pélias. Prometeu-lhes que faria de seu velho pai Pélias um jovem, mas a filha mais velha, Alceste, negou que fosse possível fazer isso. 3. Medeia, a fim de a induzir mais facilmente ao que intentava, lançou uma caligem sobre elas e, através de feitiços³⁹⁷, realizou muitos prodígios que pareciam ser verdadeiros: lançou um carneiro velho em um caldeirão de bronze, de onde foi visto sair saltando³⁹⁸ um cordeiro belíssimo. 4. Do mesmo modo as pelíades, isto é Alceste, Pelópie, Medusa, Pisídice e Hipótoe, por incitação de Medeia, cozinham seu pai, morto, no caldeirão de bronze. Quando perceberam que haviam sido enganadas, fugiram da pátria. 5. E Jasão, ao sinal de Medeia, tomou o reino e

³⁹⁵ *Mulier*: “a woman who is married or has had sexual experience (opp. *uirgo*)”, segundo o *OLD* (sentido 2a).

³⁹⁶ *Absorin*: o termo não é registrado no *OLD*. É o mesmo que *Absoros*, segundo o *ThLL*, que indica ser *Absoris* uma variação empregada por alguns escritores, citando a passagem de Higino: *aliter alii scriptores eandem insulam appellaverunt: I Absoris, -is vel -idis. Hyg. fab. 23*.

³⁹⁷ *Venenis*: novamente o termo é associado a uma ação de Medeia, como na fábula XXII. No entanto, aqui o compreendemos no sentido 1b ao verbete *uenenum*, no *OLD*: “a magic or supernatural influence”.

³⁹⁸ *Prosiluisse*: “to make a sudden movement forward, leap or spring forward, rush forth”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *prosilio*). Nesse sentido, Hoyo e Ruiz (2009) e Boriaud (1997) traduzem: “de donde pareció que saltaba un bellissimo cordero” e “d’où parut s’élancer un agneau splendide”, respectivamente.

entregou o trono paterno a Acasto, filho de Pélias e irmão das pelíades, que o acompanhara à Cólquida, e partiu com Medeia em direção a Corinto.

XXV. MEDEIA

Depois de Medeia, filha de Eeta e de Idia, ter tido com Jasão dois filhos, Mérmero e Feres, e de viverem em suma harmonia, pesava³⁹⁹ sobre ele o fato de que um homem tão forte, assim como formoso e nobre, tivesse por esposa uma estrangeira e feiticeira⁴⁰⁰. 2. Creonte, filho de Menécio e rei de Corinto, concedeu-lhe como esposa sua filha mais nova, Glauce. Quando, a despeito de todo bem que tinha feito a Jasão,⁴⁰¹ se viu afetada por tamanha afronta⁴⁰², Medeia preparou um coroa de ouro envenenada e ordenou aos seus filhos que a entregassem como um presente⁴⁰³ a sua madrasta. 3. Creúsa, uma vez aceito o presente, consumiu-se em chamas junto com⁴⁰⁴ Jasão e Creonte. Medeia, quando viu que o reino ardia em chamas, assassinou Mérmero e Feres, os próprios filhos que concebera de Jasão, e fugiu de Corinto.

XXVI. MEDEIA EXILADA

Medeia, exilada⁴⁰⁵ de Corinto, chegou a Atenas, sendo acolhida como hóspede⁴⁰⁶ de Egeu, filho de Pandíon, e com ele se casou. Teve com ele um filho, Medo. 2. Mais tarde, uma

³⁹⁹ *Obiciebatur*: compreendemos o termo segundo o sentido 4a ao verbete *obicio*, no *OLD*: “(usu. w. dat.) To bring (misfortune, fear, and sim.) upon (somebody), produce, cause, occasion (something) to or for (somebody)”. De modo semelhante propõem Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009): “on fit valoir à <Jason>” e “se le echaba en cara a Jasón”, respectivamente.

⁴⁰⁰ *Veneficam*: “of or concerned with sorcery; (mas. or fem. as sb.) a sorcerer, sorceress”, segundo o *OLD* (sentido 1 ao verbete *ueneficus*).

⁴⁰¹ *Iasonem bene merentem*: Boriaud (1997) traduz explicitando um sentido concessivo no uso do particípio presente *merens* (“que merece”, “que é merecedora”): “malgré les services rendus à Jason”; Hoyo e Ruiz (2009), por sua vez, propõem: “ella, que se había portado tan bien con Jasón”.

⁴⁰² *Contumelia*: “insulting language or behaviour or an instance of it, indignity, affront”, segundo o *OLD* (sentido 1a).

⁴⁰³ *Muneri*: “something freely bestowed, a present, gift”, segundo o *OLD* (sentido 5a ao verbete *munus*).

⁴⁰⁴ *Cum Iasone et Creonte*: a tradução de Boriaud “en compagnie de Jason et de Créon”, não implica que os três perecessem com as chamas (e sim apenas Creúsa).

⁴⁰⁵ *Exul*: “a banished person, exile”, segundo *OLD* (sentido 1a).

⁴⁰⁶ *Hospitium*: “the entertainment and accommodation of guests, hospitality”, segundo o *OLD* (sentido 1a). Cf. Boriaud (1997): “vint à Athènes recevoir l’hospitalité d’Égée”.

sacerdotisa de Diana passou a perseguir⁴⁰⁷ Medeia, e afirmava ao rei que não poderia realizar cerimônias religiosas sem mácula⁴⁰⁸ porque havia na cidade uma mulher feiticeira e criminosa. E então ela foi desterrada pela segunda vez. 3. Medeia, então, retornou de Atenas à Cólquida em um carro atrelado a dragões. Durante o trajeto chegou a Absores, onde estava sepultado seu irmão Absirto. Ali, os absoritanos⁴⁰⁹ não conseguiam combater um grande número de serpentes. E então Medeia, solicitada por eles, reuniu-as e as lançou no túmulo de seu irmão. Elas ainda permanecem ali, e caso alguma venha a sair do túmulo, paga sua dívida com a natureza⁴¹⁰.

XXVII. MEDO

Perses, filho do sol e irmão de Eeta, foi instruído por um oráculo a tomar cuidado para que um descendente de Eeta não fosse agente de sua morte. Medo, enquanto ia no encalço de sua mãe, foi levado até ele devido a uma tempestade; uma vez preso, os guardas o conduziram ao rei Perses. 2. Medo, filho de Egeu e de Medeia, ao ver que estava em poder de um inimigo, mentiu dizendo que era Hippota, filho de Creonte. O rei procurou se informar com maior diligência e ordenou que o lançassem na prisão. Diz-se que por lá havia privação e escassez de alimentos. 3. Tendo chegado ali Medeia, em um carro atrelado a dragões, ao rei fingiu ser uma sacerdotisa de Diana e lhe disse que poderia aplacar a privação. E, quando ouviu do rei que Hippota, filho de Creonte, estava preso, pensando que ele teria vindo para vingar a injúria contra seu pai, ali ela revela a identidade⁴¹¹ do próprio filho sem o saber. 4. Com efeito, ela persuadiu o rei de que aquele não era Hippota, mas Medo, filho de Egeu, enviado pela mãe para que assassinasse o rei, e solicitou a ele que o

⁴⁰⁷ *Exagitare*: compreendemos o termo de acordo com o sentido 4a ao verbete *exagito*, no *OLD*: “to disturb continually, drive from place to place, harass, persecute”.

⁴⁰⁸ *Caste*: segundo o *OLD* (sentidos 1a e 1b, respectivamente): “uprightly, with integrity” e “with ceremonial purity”.

⁴⁰⁹ *Absoritani*: na entrada ao verbete *Absoros* no *ThLL*, temos que se trata da forma adjetiva a partir desse termo, citando a passagem de Higino como exemplo: adi. Absoritānus, -ī, pl. -ī, -ōrum, *illius insulae incolae*. Hyg. fab.

⁴¹⁰ I.e. morre. Trata-se de um eufemismo para indicar a morte. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 114 nota 205). Tanto Boriaud (1997) quanto Hoyo e Ruiz (2009) traduzem a passagem dessa forma (“Il meurt” e “muere”, respectivamente). Sobre a construção *debitum naturae persoluit*, que também está presente em outra fábula do *corpus* de nossa pesquisa (a saber, de número LII *Egina*).

⁴¹¹ *Prodidit*: seguimos o sentido 8a ao verbete *prodo*, no *OLD*: “to reveal the existence, character, etc., of, uncover, betray”.

entregasse para que ela própria o assassinasse, pensando se tratar de Hippota. 5. Assim, quando Medo foi conduzido até ela, para que a mentira fosse punida com a morte, ela viu que situação era diferente do que pensara: disse que desejava conversar com ele, entregou-lhe uma espada e ordenou a ele que vingasse as injúrias contra seu avô. Medo, tendo ouvido tais palavras, assassinou Perses e assumiu o trono de seu avô. A partir de seu nome, a região foi denominada Media.

XXVIII. OTO E EFIALTES

Dizem que Oto e Efialtes, filhos de Aloeu e de Ifimedia (filha de Netuno), tinham um admirável⁴¹² porte. Cada um deles crescia nove polegadas⁴¹³ por mês. E assim, quando tinham nove anos, tentaram subir ao céu. 2. Buscaram o acesso⁴¹⁴ da seguinte maneira: colocaram o monte Ossa sobre o Pélio (donde o monte Pélio ser chamado também de Ossa), e empilharam⁴¹⁵ outros montes. Foram encontrados por Apolo e assassinados. 3. No entanto, outros autores dizem que, sendo filhos de Netuno e Ifimedia, eram invulneráveis⁴¹⁶. Como intentaram violar Diana, que não poderia resistir à força deles, Apolo enviou uma cerva entre eles; inflamados de furor, enquanto intentavam matá-la com dardos, mataram um ao outro. 4. Dizem que eles sofrem um castigo nas regiões infernais: de costas⁴¹⁷ um para o outro, estão presos a uma coluna, amarrados por serpentes. Há entre eles uma coruja, pousada na coluna em que estão presos.

XXIX. ALCMENA

Quando Anfitrião partiu para lutar na Ecália, Alcmena, acreditando que fosse seu marido, recebeu Júpiter em seu leito. Quando este chegou ao leito e relatou a ela suas façanhas na

⁴¹² *Mira*: “extraordinary, remarkable, astonishing (often = remarkably great, good, etc.)”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *mirus*).

⁴¹³ *Digitis*: compreendemos o termo de acordo com o sentido 3a ao verbete *digitus*, no *OLD*: “(as a linear measure) a finger’s-breadth”, ‘inch’ (1/16 of a *pes*.).”

⁴¹⁴ *Aditum*: “the way to or into a place, approach, entrance, passage, doorway”, segundo o *OLD* (sentido 4a ao verbete *aditus*).

⁴¹⁵ *Construebant*: “to make into a heap, pile up”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *construo*).

⁴¹⁶ *Atrotos*: a passagem é citada pelo *OLD* (entrada ao verbete *atrotus*): “invulnerable”.

⁴¹⁷ *Aversi*: compreendemos aqui o termo de acordo com o sentido 1a ao verbete *auersus*, no *OLD*: “having the back turned, facing the opposite direction”.

Ecália, ela, acreditando se tratar de seu marido, deitou-se com ele. 2. Júpiter, tamanho o prazer de estar com ela, suprimiu um dia, unindo⁴¹⁸ duas noites, de modo que Alcmena ficou admirada com uma noite tão longa. Depois disso, quando lhe anunciaram que seu marido chegara vitorioso, ela não deu a menor atenção, pois pensava que já havia se encontrado com seu marido. 3. Quando Anfitrião, tendo entrado no palácio e a vendo muito indiferente, impassiva⁴¹⁹, passou a estranhar e a questionar porque ela não o acolhia, uma vez que ele havia chegado. A ele, Alcmena respondeu: “já chegaste há muito tempo, deitaste comigo e me contaste as tuas façanhas na Ecália”.⁴²⁰ 4. Tendo ela dado a ele todos os indícios, Anfitrião percebeu que alguma divindade havia se passado por ele, e a partir desse dia não mais se deitou com ela. Dessa relação⁴²¹ com Júpiter, ela deu à luz Hércules.

XXX. OS DOZE TRABALHOS DE HÉRCULES IMPOSTOS POR EURISTEU

Quando era um bebê, matou⁴²² com suas duas mãos duas serpentes, as quais Juno havia enviado; por isso, ele foi chamado “primogênito”⁴²³. 2. Matou o leão de Némea, invulnerável, que a Lua criara⁴²⁴ em uma caverna de duas entradas⁴²⁵, e usou sua pele para se cobrir. 3. A Hidra de Lerna, filha de Tífon, com suas nove cabeças, ele exterminou perto da fonte de Lerna. Tamanho era seu veneno que matava um homem com seu sopro⁴²⁶, e, caso alguém passasse por ela enquanto dormia, ela soprava sobre seu rastro, e a pessoa

⁴¹⁸ *Congeminaret*: lit. “tornando gêmeas”, i.e. “duplicando”, “dobrando”. A passagem é citada pelo *OLD* (sentido 3a ao verbete *congemino*): “to combine to form something of double size”.

⁴¹⁹ *Securam*: compreendemos aqui o termo no sentido 2a ao verbete *securus*, no *OLD*: “(of conditions, places) free from anxieties, undisturbed, peaceful”.

⁴²⁰ Essa é a primeira passagem na obra de Higino em que nos deparamos com um discurso direto. Do *corpus* que selecionamos para tradução e estudo, tal construção também está presente em outras duas fábulas, a saber: XCV. *Vlixes* e CI. *Telephus*.

⁴²¹ *Compressa*: sobre esse termo, cf. nota à fábula VII *Antiope*.

⁴²² *Necauit*: nessa fábula, quanto ao emprego de termos relacionados à morte, é notável uma variação similar à que comentamos em nota à fábula IV *Ino Euripidis*. Embora o texto latino varie entre *interficere*, *necare* e *occidere*, nessa fábula na maioria das vezes pareceu mais adequado traduzi-lo por “matar”.

⁴²³ *Primigenius*: lit. “o primeiro a nascer”, a passagem é citada pelo *OLD* (sentido 1a): “earliest to be born, first-born”.

⁴²⁴ *Nutrierat*: lit. “alimentara”.

⁴²⁵ *Amphistomo*: a passagem é citada pelo *OLD* (*amphistomus*): “having a double mouth or entrance”.

⁴²⁶ *Afflatu*: compreendemos aqui o termo no sentido 1a ao verbete *afflatus*, no *OLD*: “emission of breath, breathing on; snorting”. Procuramos manter a repetição presente no texto latino: *afflatu... afflabat*, empregando os termos “sopro... soprava”. Sobre o efeito dessa repetição no texto no estilo do texto higiniano, procuraremos discutir no capítulo III em nosso estudo introdutório.

morria com imenso sofrimento⁴²⁷. Seguindo a indicação de Minerva, matou-a, estripou-a⁴²⁸ e impregnou suas flechas com seu veneno. Depois disso, nada que sua flecha tocasse escapava da morte. Ele próprio, tempos depois, veio a perecer na Frígia por isso. 4. Matou o javali de Erimanto. 5. Levou da Arcádia até a presença do rei Euristeu um cervo feroz, vivo, cujos chifres eram de ouro. 6. Matou a flechadas na ilha de Marte as aves Estinfálides, que lançavam suas penas como se fossem dardos. 7. Limpou em apenas um dia o esterco do gado de Egeu, tendo Júpiter como ajudante em grande parte. Lançando um rio, lavou todo o esterco. 8. Levou da ilha de Creta a Mecenas, vivo, o touro com o qual Pasífae se deitou. 9. Com a ajuda do escravo Abdero, assassinou Diomedes, rei da Trácia, e seus quatro cavalos que se alimentavam de carne humana. Os nomes dos cavalos eram: Pordago, Lâmpom, Xanto e Dino. 10. Arrebatou o cinturão da amazona Hipólita, rainha das Amazonas e filha de Marte e da rainha Otrere. Então, presenteou Antíope como cativa a Teseu.⁴²⁹ 11. Matou com apenas uma flecha Gêrion, de três corpos⁴³⁰, filho de Crisaor. 12. Matou no monte Atlas a terrível serpente⁴³¹ filha de Tífon, que costumava proteger as maçãs douradas das Hespérides, e levou as maçãs ao rei Euristeu. 13. Levou o cão Cérbero, filho de Tífon, das regiões infernais até a presença do rei.

XXXI. OS DEMAIS TRABALHOS DO MESMO

Na Líbia, matou Anteu, filho da Terra. Este obrigava seus hóspedes a lutar contra ele e, uma vez fadigados, assassinava-os. Matou-o lutando. 2. No Egito assassinou Busíris, que costumava sacrificar seus hóspedes. Tendo ouvido falar sobre suas leis, deixou-se conduzir adornado com as ínfulas até o altar. No entanto, quando Busíris intentou sacrificá-lo aos

⁴²⁷ *Cruciatur*: o substantivo *cruciatus* tem sentido um pouco diferente do proposto na fábula VIII *Eadem Euripidis quam scribit Ennius* (“A mesma de Eurípides, que escreveu Ênio”). Lá, tratava-se da ação de torturar, aqui, seu resultado (sentido 3a ao verbete: “mental pain, anguish, agony”).

⁴²⁸ *Exinteravit*: a passagem é citada pelo *OLD* (no verbete *exentero*): “to disembowel, eviscerate”.

⁴²⁹ *Hippolyten Amazonam, Martis et Otrerae reginae filiam, cui reginae Amazonis balteum detraxit; tum Antiopam captivam Theseo donavit*: estranhamos a primeira parte desse excerto, no caso acusativo não regido por um verbo ou nome. Talvez se possa subentender ali um dos verbos usados com frequência na fábula, no sentido de “matar”, ou ainda um acusativo de relação “quanto a Hipólita...”.

⁴³⁰ *Trimembrem*: a passagem é citada pelo *OLD* (verbo *trimembris*): “having three bodies or members”. Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009) também traduzem por “três corpos”: “Géryon, le fils au triple corps de Chrysaor” e “Gerión, de tres cuerpos”.

⁴³¹ *Draconem*: o sentido 1b (“a snake (regarded as sacred, esp. as guardians of a treasure)”) para o termo *draco* no *OLD* é adotado na tradução de Boriaud (1997) “serpent monstrueux”, ao passo que Hoyo e Ruiz (2009) traduzem “enorme Dragón”, sentido 1c (“(of var. fabulous or mythical beasts)”).

deuses, Hércules, com um bastão, assassinou a ele e aos sacerdotes da cerimônia. 3. Matou Cicno, filho de Marte, vencendo-o num combate armado. Quando Marte chegou e, para vingar seu filho, intentou combater contra ele com armas, Júpiter enviou um raio entre eles. E, assim, apartou-os. 4. Em Tróia, matou o monstro marinho⁴³² a quem Hesíone havia sido oferecida. Assassinou a flechadas Laomedonte, pai de Hesíone, porque não a entregava a ele como recompensa. 5. Matou a flechadas a águia Éton⁴³³, que devorava o coração de Prometeu. 6. Assassinou Lico, filho de Netuno, pois ele intentou matar sua esposa Mégara, filha de Creonte, e seus filhos Terímaco e Ofites. 7. O rio Aquelôo podia assumir qualquer forma. Quando lutou contra Hércules pelo matrimônio com Dejanira, converteu-se em um touro, do qual Hércules arrancou um chifre e presenteou as Hespérides ou Ninfas com o chifre, que as deusas preencheram com frutos e o denominaram “cornucópia”⁴³⁴. 8. Matou Neleu, filho de Hipocoonte, com seus dez filhos, porque ele se recusou a expurgá-lo, isto é purificá-lo depois de ter assassinado sua esposa Mégara, filha de Creonte, e seus filhos Terímaco e Ofites. 9. Matou Êurito⁴³⁵, pois, ao pedir em matrimônio sua filha Íole, ele o repudiou. 10. Matou o centauro Nesso, pois ele intentou violar Dejanira. 11. Matou o centauro Euritião, pois ele pediu em casamento sua prometida, Dejanira, filha de Dexâmeno.

XXXII. MÉGARA

Quando Hércules foi enviado pelo rei Euristeu ao cão de três cabeças, e Lico, filho de Netuno, pensando que ele tivesse morrido, intentou assassinar sua esposa Mégara, filha de Creonte, bem como seus filhos Terímaco e Ofites, e ocupar o trono. 2. Nesse ínterim, Hércules lá chegou e assassinou Lico. Em seguida, devido à loucura lançada por Juno,

⁴³² *Cetum*: com o termo *cetus* se denomina o mítico “sea-monster to which Andromeda was exposed”, segundo o *OLD* (sentido 1b).

⁴³³ *Aethonem*: *Aethon* é termo atestado pelo *ThLL*, que cita a passagem de Higino em seus exemplos.

⁴³⁴ *Cornu copiae*: lit. “chifre da abundância”. No Houaiss, o termo cornucópia (sentido 1) designa “vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele extravasam profusamente, antigo símbolo da fertilidade, riqueza, abundância, e que, hoje, simboliza a agricultura e o comércio”.

⁴³⁵ *Eurytum*: há poucas informações sobre o personagem: segundo o mitógrafo grego Antonino Liberal (II d.C.?), em sua obra *Metamorfosis* IV. 3, Êurito era filho de Melaneu. Em Hes. *Frag.* 79, é identificado como filho de Estratonice. Cf. Grimal (2008, *Êurito*) e Smith (1867b, *Eurytus*), que apontam, ainda, que Êurito era casado com Antíoque (às vezes identificada como Antíope, como em Hyg. *Fab.* XIV. 8).

assassinou Mégara e os seus filhos Terímaco e Ofites. 3. Quando voltou a si,⁴³⁶ solicitou a Apolo que lhe desse uma solução sobre como poderia se purificar do crime. Como Apolo negou dar-lhe uma resposta, Hércules, irado, roubou de seu templo a trípode. Mais tarde, devolveu-o por ordem de Júpiter, que ordenou o outro, que se recusava, a dar a resposta. 4. Por esse motivo, Hércules foi entregue por Mercúrio à rainha Ônfale, como escravo.

XXXIII. OS CENTAUROS

Quando Hércules chegou como hóspede⁴³⁷ ao reino de Dexâmeno, tendo desvirginado Dejanira, filha deste, deu a ele sua palavra de que a tomaria por esposa. Depois de sua partida, o centauro Euritião, filho de Íxion e de Nuvem, pediu Dejanira como esposa. O pai dela, temendo sua violência, prometeu-lhe entregá-la. 2. Na data marcada, compareceu à cerimônia de casamento com seus irmãos. Hércules interveio, assassinou o centauro e casou-se com sua prometida. 3. Do mesmo modo, em outra cerimônia de casamento, quando Pirítoos tomava por esposa Hipódame, filha de Adrasto, os centauros, embriagados de vinho, ameaçaram raptar as esposas dos lápitas. Os centauros assassinaram muitos, mas pereceram pelas mãos daqueles.⁴³⁸

XXXIV. NESSO

Ao centauro Nesso, filho de Íxion e Nuvem, Dejanira pediu que a levasse até a outra margem do rio Eveno. Ele tentou violá-la dentro do próprio rio enquanto a transportava. Hércules, tendo ali surgido, e Dejanira implorado por sua ajuda, transpassou Nesso com suas flechas. 2. Enquanto morria, sabendo o quão poderoso era o veneno das flechas banhadas no veneno da Hidra de Lerna, entregou uma amostra de seu próprio sangue a

⁴³⁶ *Postquam suae mentis compos est factus*: lit. “depois que o controle de sua mente foi estabelecido”, i.e. “depois que seu estado de espírito se recompôs” (*compos*: “that is in possession or control (of), endowed (with)”, segundo o *OLD*, sentido 1a). Boriaud (1997) traduz: “après qu’il eut recouvré ses esprits”; Hoyo e Ruiz (2009): “cuando la cordura volvió a su mente”.

⁴³⁷ *In hospitium*: expressão frequente no texto de Higino. Cf. nota à fábula XXVI *Medeia exul* (“Medeia exilada”).

⁴³⁸ *Ab ipsis interierunt*: na interpretação de *ipsis* (lit. “deles mesmos”: dos próprios centauros, ou dos lápitas?), concordamos com a interpretação de Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009): “et périrent sous leurs coups à eux” e “perecieron a manos de ellos”, respectivamente.

Dejanira e disse se tratar de uma poção de amor⁴³⁹, com o qual deveria banhar a veste do esposo, caso ela não quisesse ser por ele desprezada⁴⁴⁰. Acreditando nisso, Dejanira o escondeu e guardou diligentemente.

XXXV. ÍOLE

Como Hércules havia pedido em casamento Íole, a filha de Êurito, e este o teria rejeitado,⁴⁴¹ ele atacou Ecália⁴⁴². Embora⁴⁴³ a virgem lhe implorasse, ele começou a assassinar os pais da moça em sua presença. Ela, de ânimo extremamente pertinaz, suportou

⁴³⁹ *Philtrum*: a passagem é citada pelo OLD: “a love-philtre”.

⁴⁴⁰ *Sperneret*: mais um termo recorrente até esta altura das fábulas, cf. nota à fábula XV *Lemniades*.

⁴⁴¹ Outros autores antigos, como Apol. *Bibl.* 1. 6. 1, narram que Êurito, excelente arqueiro, instituíra uma competição de arco e flecha a fim de conceder ao vencedor sua filha Íole, em matrimônio. Contudo, embora Hércules tivesse vencido o desafio, Êurito se nega a entregar-lhe Íole, receoso de que o herói tivesse um novo acesso de loucura e assassinasse os filhos que pudesse ter com ela, assim como fizera com os que havia tido com Mégara. Cf. Diod. IV. 31; Álvarez e Iglesias (2007, p. 515 nota 1046); Moreno (2004, p. 115 nota 94). A partir do texto de Higino, dispomos apenas da informação acerca da recusa por parte de Êurito, sem uma justificativa. Isso nos sugere que ou o texto tem uma forma resumida, omitindo informações relevantes para o mito, mas que talvez fossem conhecidas de seu leitor, ou que Higino siga uma versão diferente do mito. Em *Traquínias*, de Sófocles, o motivo do ataque a Ecália é semelhante ao que sugere Higino. Cf. Sóf. *Tr.* 351-374 e 472-489. Já a tradição homérica narra que Êurito era um excelente arqueiro, e, portanto, teria desafiado Apolo. Este, por sua vez, teria assassinado Êurito, ainda jovem, por sua presunção: “O grande Êurito foi de curta vida,/ ímpio desafiando o iroso Apolo” *Od.* VIII. 175-176 (tradução portuguesa de Odorico Mendes, 2000). Cf. Smith (1867b, *Eurytus*); Grimal (2008, *Êurito*). Em Higino há menção a esse dom de Êurito e a sua disputa com Apolo também na fábula XIV.8 “Argonautas convocados”: *huic concessa ab Apolline sagittarum scientia, cum auctore muneris contendisse dicitur*.

⁴⁴² *Oechalia*: segundo Paus. IV. 2. 2, a Ecália teria sido fundada por Melaneu, pai de Êurito, sendo o nome da cidade uma referência à sua esposa. Cf. Smith (1867b, *Melaneus*). Sua localização é inexata, uma vez que, como afirma López (1995, p. 324), além de a cidade ter desaparecido sem deixar vestígios, várias outras surgiram tendo “Ecália” como nome, que foi alterado posteriormente. Sendo assim, são quatro as possíveis localizações da cidade: Messana (região fronteiriça da Arcádia), Eubeia (ilha da Grécia oriental, localizada no Mar Egeu), Tessália (região ao sul da Macedônia) e Etólia (extremo oeste da Grécia Central). Cf. Smith (1932, *Oechalia*), que apresenta uma lista pormenorizada de autores antigos que discutem sobre a localização da Ecália, tais como os geógrafos gregos Pausânias (II d.C.) e Estrabão (c.64 a.C – c.24 d.C.), além de apresentar uma vasta lista com as citações de tais referências.

⁴⁴³ *Vt a uirgine rogaretur*: em seu aparato crítico, Marshall (2002) informa que o verbo *rogaretur* foi sugerido por Scheffer (edição de 1674), enquanto os códices, segundo Micyllus, apresentavam *rogatur*. Pelo contexto, a princípio entendemos nessa oração subordinada um sentido concessivo (“embora a moça o implorasse...” que ele não matasse os pais dela). Hoyo e Ruiz (2009), que seguem a edição de Marshall, também assim o sugerem. A edição para a *Les Belles Lettres* apresenta o verbo *rogatur*, e Boriaud, que remete às *Traquínias* de Sófocles (v. 555 e seguintes) (1997, p. 41), prefere ver um sentido causal: “comme la jeune fille le suppliat, il se prit à vouloir tuer ses parents en sa présence”. Duas traduções espanholas que seguem essa edição traduzem a passagem como sentido concessivo, ao passo que uma outra (Sánchez, 2009, p. 76) sugere: “para que la doncella le suplicara, comenzó a matar sus padres en su presencia”.

os pais serem mortos diante de si.⁴⁴⁴ Tendo assassinado a todos⁴⁴⁵, ele enviou Íole, cativa, até Dejanira.⁴⁴⁶

XXXVI. DEJANIRA

Quando Dejanira, filha de Eneu e esposa de Hércules, viu que Íole, moça de notável beleza, vinha conduzida como escrava, temeu que esta lhe tomasse o esposo. E assim, recordando-se dos conselhos de Nesso, mandou um escravo chamado Licas levar a Hércules uma veste impregnada com o sangue do centauro. 2. Em seguida, uma pequena parte, que caiu na terra e o sol atingiu, começou a queimar. Quando Dejanira viu isso, percebeu que a situação era muito diferente do que lhe havia dito Nesso, e enviou alguém para fazer voltar aquele a quem ela tinha entregue a veste. 3. Hércules já havia se coberto, e imediatamente começou a queimar. E quando se jogou em um rio para apagar as chamas, surgiu uma chama ainda maior. Ao intentar, por sua vez, arrancar a veste, juntamente saíam suas vísceras. 4. Hércules, então, rodopiando Licas, que havia lhe trazido a veste, lançou-o ao mar. No lugar onde ele caiu surgiu um rochedo, que é chamado Licas. 5. Diz-se, então, que Filoctetes, filho de Peante, ergueu no monte Eta uma pira em homenagem a Hércules, que atingiu a imortalidade.⁴⁴⁷ Por esse tributo Hércules presenteou Filoctetes com seu arco e suas flechas. 6. Dejanira, por sua vez, diante do que ocorreu a Hércules, matou a si própria.

⁴⁴⁴ A crueldade do ato de Hércules ao assassinar os pais de Íole em presença da filha aparece apenas no texto de Higino. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 125 nota 252); Fernaz (1997, p. 226 nota 108).

⁴⁴⁵ *Omnis*: tanto em Apol. *Bibl.* II. 7. 7 como em Diod. IV. 37. 5, narra-se o ataque de Hércules a Ecália, a morte de Êurito e de seus filhos. Sendo assim, o uso do adjetivo *omnis*, aqui utilizado, certamente sugere, então, uma referência à morte de todos os integrantes da família de Êurito. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 125 nota 253).

⁴⁴⁶ Íole está indiretamente relacionada com a morte de Hércules, uma vez que por ciúmes de Íole, Dejanira tece a túnica que levaria o herói à morte, como é narrado em Hyg. *Fab.* XXXVI; Ov. *Met.* IX. 135 ss. e *Ep.* IX; Apol. *Bibl.* II. 7. 7; Sóf. *Tr.* 531-587; Diod. IV. 38. Cf. Álvarez e Iglesias (2007, p. 516 nota 1048). De acordo com as estudiosas, essa consequência da morte de Hércules não aparece antes de Sófocles. Para o texto de Sófocles, *As Traquínias*, em que se narra de forma mais completa essa história de Dejanira, cf. a recente tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira, publicada pela Editora da Unicamp.

⁴⁴⁷ *Eumque ascendisse immortalitatem*: a edição de Boriaud (1997) traz: *Eumque ascendisse <...>mortalitatem*, e traduz: “que celui-ci y monta et <abandonna> l’état de mortel”. Em seu aparato crítico, explica que a lacuna é sugerida por Micyllus, que aponta a falta de um verbo como *exuisse*: “*post ascendisse lacunam stat. Mi. (et exuisse fortasse aut simile deest) Rose*. No aparato crítico de Marshall (2002) se lê: *ascendisse mortalitatem F asc. <et exuisse> mort. Mi. accendisse mort. Comm. (F= códices segundo Micyllus; Mi.= editio princeps; Sr= edição de 1674 – Ioannes Scheffer; Comm= edição de 1599 – Hieronymus Commelinus)*.

XXXVII. ETRA

Netuno e Egeu, filho de Pandíon, em uma mesma noite se deitaram com Etra, filha de Piteu, no templo de Minerva. Netuno concedeu a Egeu o filho que teve com ela. 2. Egeu, por sua vez, depois de retornar a Atenas, vindo de Trezena, depositou sua espada sob uma pedra, e instruiu Etra a enviar-lhe o filho quando este fosse capaz de levantar a pedra e retirar a espada do pai. Esse seria o indício de reconhecimento de seu filho. 3. E assim Etra, mais tarde, deu à luz Teseu. Quando ele atingiu a puberdade⁴⁴⁸, sua mãe o informa sobre as intruções de Egeu, indica a pedra para que ele retirasse a espada, e lhe ordena que partisse para junto de Egeu em Atenas. Ele matou todos os que infestavam⁴⁴⁹ seu caminho.⁴⁵⁰

XXXVIII. OS TRABALHOS DE TESEU

Matou Corinetes, filho de Netuno, em combate armado. 2. Assassinou Pitioampta, que obrigava os que cruzavam⁴⁵¹ seu caminho a flexionar⁴⁵², junto com ele, um pinheiro até o chão. Desse modo, segurando a árvore junto com o viajante, impulsionava-a com força de volta, com o que o outro era arremessado, e, ao bater gravemente contra o chão, perecia.⁴⁵³ 3. Matou Procrustes, filho de Netuno. Quando chegava um hóspede em sua casa, se fosse alto, oferecia-lhe um leito menor, e cortava a parte do corpo que sobrava; porém, caso fosse de baixa estatura, dava-lhe um leito mais comprido, e com bigornas⁴⁵⁴ presas aos seus

⁴⁴⁸ *Puberem*: “physically mature, grown-up”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *pubes*).

⁴⁴⁹ *Infestabantur*: a passagem é citada pelo *OLD*, ao verbete *infestor*: “to infest (a place)”.

⁴⁵⁰ Segundo o aparato crítico de Marshall (2002), Micyllus indica que o final da fábula estaria completo. No entanto, Rose (1933) teria sugerido uma lacuna: *ante eosque nonnihil deesse credit Mi <is ergo profectus est> excogitavit Rose*. Hoyo e Ruiz (2009) comentam que, caso não haja a lacuna, o texto de Higino teria um “lapsus de redacción”, visto que o sujeito da última frase seria Etra. Em sua tradução, inserem “Teseu”: “Teseo mató a todos los que infestaban el camino”.

⁴⁵¹ *Gradientem*: temos aqui o particípio presente do verbo *gradior*: “to make one’s way (usu. on foot), proceed, step, walk (esp. in a stately or deliberate manner)”, segundo o *OLD* (sentido 1a), que cita a passagem a seguir (38.4) entre seus exemplos.

⁴⁵² *Flecterent*: a passagem é citada pelo *OLD*, sentido 1a ao verbete *flecto*: “to bend, curve”.

⁴⁵³ Temos aqui um exemplo da concisão do texto de Higino que se faz difícil manter em português. Nesse caso, tivemos que explicitar termos como “árvore” e “viajante” (em lugar de pronomes) e explicar com mais detalhes o modo como o viajante morria. Boriaud (1997) traduz: “Lorsque quelqu’un s’en était saisi avec lui, il le lâchait <et le relançait> de toutes ses forces; l’homme était ainsi lourdement projeté à terre et mourait”. Hoyo e Ruiz (2009): “de modo que quien lo había sujetado con él, salía despedido con todas sus fuerzas. De esta forma quedaba gravemente aplastado contra el suelo y perecia”.

⁴⁵⁴ *Incudibus*: “an anvil”, segundo o *OLD* (verbo *incus*).

pés⁴⁵⁵, esticava-o até que seu tamanho se igualasse ao do leito. 4. Cirão, que ficava sentado em um local íngreme⁴⁵⁶ próximo ao mar, obrigava os que passavam por ali a lavar seus pés; dessa forma, jogava-os no mar. Teseu lhe impingiu uma morte parecida: lançou-o ao mar, donde as rochas passaram a ser chamadas Cironides. 5. Matou em combate armado Cércion, filho de Vulcano. 6. Matou o javali que havia em Cremnos. 7. Matou o touro que estava em Maratona, levado por Hércules de Creta a Euristeu. 8. Matou o minotauro na cidade de Cnosso.

XXXIX. DÉDALO

Dédalo, filho de Eupáلامo, que, diz-se, recebeu de Minerva o dom das artes fabris⁴⁵⁷, lançou do alto de um telhado Perdiz, filho de sua irmã, por invejar sua habilidade⁴⁵⁸, uma vez que este havia inventado primeiro a serra. Por esse crime, partiu exilado de Atenas a Creta, para junto do rei Minos.

XL. PASÍFAE

Pasífae, filha do Sol e esposa de Minos, havia deixado de realizar por alguns anos sacrifícios à deusa Vênus. Por esse motivo, Vênus lançou sobre ela um amor nefando: amaria, sob outra forma, o touro que ela mesma já amava.⁴⁵⁹ 2. Quando Dédalo chegou ali, exilado, solicitou sua ajuda. Para ela, construiu uma vaca de madeira e revestiu com o couro de uma vaca de verdade; dentro dela, Pasífae copulou com o touro. Dessa relação, ela pariu o Minotauro, com cabeça de touro e corpo de homem. 3. Dédalo, então, construiu

⁴⁵⁵ *Suppositis*: compreendemos o particípio do verbo *suppono* no sentido 1d do *OLD*: “to place at the foot (of)”.

⁴⁵⁶ *Praerupto*: “a steep place, precipice”, segundo o *OLD* (entrada ao verbete *praeruptum*).

⁴⁵⁷ *Fabricam*: a passagem é citada pelo *OLD*, sentido 1b ao verbete *fabrica*: “the craft of metal-working, of building”. No *Torrinha*, opções de tradução são: “mister, profissão, fabrico, fabricação, mão d’obra” e “astúcia, ardil, maquinação” (sentidos 1 e 5, respectivamente).

⁴⁵⁸ *Artificii*: compreendemos aqui o termo *artificium* em seu sentido 1a, no *OLD*: “skill as exhibited in an art, craft, etc., artistry, craftsmanship, dexterity, talent”.

⁴⁵⁹ *Amabat... amaret*: Higino emprega o mesmo verbo de modo consecutivo em sentidos ligeiramente diferentes, a saber: “to love, be or fall in love with” e “to make love to, hug, caress” (sentidos 4a e 1a ao verbete *amo*, respectivamente).

para o Minotauro um labirinto cuja saída era inextricável⁴⁶⁰, onde o enclausurou. 4. Revelada a situação, Minos lançou Dédalo na prisão, mas Pasífae o libertou das correntes⁴⁶¹. Assim, Dédalo fabricou asas para si e para seu filho, Ícaro, acoplou-as, e saíram voando dali. Ícaro, que voava muito alto, sendo a cera aquecida pelo sol, caiu no mar, que, por isso, foi denominado Mar de Ícaro. Dédalo voou até o rei Cócalo, na ilha da Sicília. 5. Outros dizem: tendo Teseu matado o Minotauro, levou Dédalo de volta a sua pátria, Atenas.

XLI. MINOS

Minos, filho de Júpiter e de Europa, travou guerra contra os atenienses, combate em que morreu seu filho Andrógeo. Depois de vencer os atenienses, estes começaram a pagar tributos⁴⁶² a Minos, que, por sua vez, instituiu o seguinte: a cada ano, eles deveriam enviar sete de seus filhos para alimentar⁴⁶³ o Minotauro. 2. Teseu, depois de chegar a Trezena e ouvir sobre tamanha calamidade a que a cidade era submetida, de livre e espontânea vontade prometeu ir ao encontro do Minotauro. 3. Quando seu pai o enviou, recomendou a ele que, caso retornasse vitorioso, usasse velas brancas no navio, uma vez que os que eram enviados ao Minotauro navegavam com velas negras.

XLII. TESEU CONTRA O MINOTAURO

Quando Teseu chegou a Creta, Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por ele de tal modo que traiu⁴⁶⁴ seu próprio irmão e salvou o hóspede, pois ela mostrou a Teseu a saída do labirinto, do qual Teseu, ali tendo entrado e assassinado o Minotauro, por instrução de Ariadne saiu desenrolando um fio; como ele havia prometido, levou-a consigo para se casar com ela.

⁴⁶⁰ *Inextricabili*: a passagem é citada pelo *OLD*, sentido 1a ao verbete *inextricabilis*: “impossible to disentangle or sort of out; (of places) from which one cannot find a way out, pathless”.

⁴⁶¹ *Vinculis*: “a bond or chain confining a prisoner’s limbs, a fetter, shackle (usu. pl., often put for imprisonment or captivity)”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *vinculum*).

⁴⁶² *Vectigales*: “(of person, cities, etc.) subject to taxation”, segundo o *OLD* (sentido 1b ao verbete *vectigalis*).

⁴⁶³ *Epulandum*: temos aqui o gerúndio do verbo *epulor*: “(in general) to takes one’s food”, segundo o *OLD* (sentido 1b).

⁴⁶⁴ *Proderet*: compreendemos aqui o termo no sentido 7c ao verbete *prodo*, no *OLD*: “to betray, forsake (obligations, etc.)”.

XLIII. ARIADNE

Teseu, retido na ilha Dia devido a uma tempestade, pensando que, se levasse Ariadne a sua pátria, desonraria a si mesmo, abandonou-a, dormindo, na ilha Dia. Líber, apaixonado por ela, levou-a dali para desposá-la. 2. Porém Teseu, enquanto navegava, esqueceu-se de trocar as velas negras, e, assim, seu pai Egeu, acreditando que Teseu tivesse sido devorado pelo Minotauro, precipitou-se no mar, que foi denominado Mar Egeu. 3. Teseu, por sua vez, casou-se com Fedra, irmã de Ariadne.

XLIV. CÓCALO

Minos, uma vez que as obras de Dédalo lhe tinham causado tantos danos, perseguiu-o até a Sicília e solicitou ao rei Cócalo que o entregasse. Uma vez que Cócalo havia se comprometido com ele, e Dédalo o havia descoberto, este pediu ajuda às filhas do rei. Elas mataram Minos.

XLV. FILOMELA

Tendo-se casado com Procne, filha de Pandión, Tereu, um trácio filho de Marte, veio a Atenas ao encontro do sogro Pandión, a fim de solicitar a ele que lhe desse em matrimônio sua outra filha, Filomela, e diz a ele que Procne havia morrido. 2. Pandión deu-lhe seu consentimento⁴⁶⁵, e enviou Filomela e alguns soldados para acompanhá-la; a estes, Tereu lançou ao mar, e deitou-se com Filomela à força em um monte.⁴⁶⁶ Mas, depois disso, volta à Trácia, envia Filomela ao rei Linceu, cuja esposa, Latusa, levou tal amante⁴⁶⁷

⁴⁶⁵ *Veniam*: “a favour consisting of permission to do something, leave”, segundo o *OLD* (sentido 1b ao verbete *uenia*).

⁴⁶⁶ *Philomelam inuitam in monte compressit*: tomamos *inuitam* como o adjetivo *inuitus*, “sem vontade”, “contrariada”, como o faz Boriaud (1997).

⁴⁶⁷ *Pelecem*: “a mistress installed as a rival or in addition to a wife”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *paelex*).

imediatamente até Procne, uma vez que esta era sua amiga⁴⁶⁸. 3. Depois que Procne reconheceu sua irmã e soube do crime impetuoso de Tereu, ambas passaram a maquinar⁴⁶⁹, de comum acordo,⁴⁷⁰ como retribuir ao rei tal favor⁴⁷¹. Nesse ínterim, a Tereu se mostrava, por meio de prodígios, a iminência da morte de seu filho Ítis, pela mão de alguém próximo⁴⁷². Ao ouvir o presságio, pensando que seu irmão Drias tramava a morte de seu filho, matou seu irmão Drias, que era inocente. 4. Por sua vez, Procne matou o filho que teve com Tereu, Ítis, serviu-o em um banquete ao próprio pai e fugiu com a irmã. 5. Quanto tomou conhecimento do crime, enquanto Tereu perseguia as fugitivas, por misericórdia dos deuses Procne foi transformada em uma andorinha; Filomela, em um rouxinol. Quanto a Tereu, dizem que foi convertido em um falcão.

XLVI. ERECTEU

Erecteu, filho de Pandíon, teve quatro filhas que juraram entre si que, caso uma delas viesse a morrer, as demais se matariam. 2. Naquela época, Eumolpo, filho de Netuno, chegou a Atenas para lutar, pois dizia que a terra Ática tinha sido de seu pai. 3. Quando ele, tendo sido vencido com seu exército, foi assassinado pelos atenienses, Netuno, para que Erecteu não se alegrasse com a morte de seu filho, exigiu que uma filha dele fosse sacrificada a Netuno. 4. Assim, quando sua filha Ctônia era sacrificada, as demais, conforme o juramento, mataram a si próprias. O próprio Erecteu foi abatido por Júpiter com um raio, a pedido de Netuno.

⁴⁶⁸ *Familiaris*: compreendemos aqui o termo no sentido 4a ao verbete *familiaris*, no *OLD*: “closely associated by friendship, intimate; (esp. masc. or fem. as sb.)”. Assim também parecem fazê-lo Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009), que traduzem o termo por “amie” e “amiga”, respectivamente.

⁴⁶⁹ *Machinari*: “to invent, frame, devise, plan”, segundo o *OLD* (sentido 1a ao verbete *machinor*).

⁴⁷⁰ *Pari consilio*: seguimos aqui as traduções propostas por Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009), que traduzem: “elles se mirent em devoir, d’un commun accord” e “comenzaron las dos a urdir de común acuerdo”. Outra opção seria entender a expressão como “com um plano de igual dimensão” (em maldade), cf. o sentido 8a ao verbete *par*, no *OLD*: “(of persons) of equal standard (in some respect), matching, comparable”.

⁴⁷¹ *Gratiam*: uma nuance irônica no texto de Higino se percebe nesse uso do termo (cf. sentido 1a ao verbete *gratia*, no *OLD*: “favour shown to another, goodwill, kindness, regard”. Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009), por sua vez, traduzem: “pièce” e “acción”).

⁴⁷² *Propinqua*: o termo *propinquus* pode designar um parente, familiar (*OLD* sentido 4b, ou alguém próximo (“near (in space), close, neighbouring” e “close in nature, akin, related”, segundo o *OLD* sentidos 1a e 5a ao termo *propinquus*, respectivamente). Boriaud (1997) traduz no segundo sentido; os demais tradutores consultados, como Hoyo e Ruiz (2009), traduzem segundo Boriaud, ao passo que Sánchez (2009) e Expósito (2008) utilizam o primeiro sentido do termo.

XLVII. HIPÓLITO

Fedra, filha de Minos e esposa de Teseu, apaixonou-se por seu enteado Hipólito. Como não podia persuadi-lo⁴⁷³ a cumprir sua vontade, enviou a seu marido uma carta⁴⁷⁴, dizendo que havia sido violada por Hipólito, e ela mesma se suicidou, enforcando-se⁴⁷⁵. 2. Ouvindo tais coisas, Teseu ordenou a seu filho que deixasse as muralhas e pediu ao seu pai Netuno a morte de seu filho. Assim, enquanto Hipólito era transportado por cavalos atrelados, surgiu repentinamente do mar um touro. Os cavalos, assustados com seu mugido, despedaçaram Hipólito, tirando-lhe a vida.

XLVIII. OS REIS DOS ATENIENSES

Cécrope, filha da Terra; Céfalos, filho de Deíon⁴⁷⁶; Egeu, filho de Pandíon; Pandíon, filho de Eriictônio; Teseu, filho de Egeu; Eriictônio, filho de Vulcano; Erecteu, filho de Pandíon; Demofonte, filho de Teseu.

XLIX. ESCULÁPIO

Diz-se que Esculápio, filho de Apolo, devolveu a vida a Glauco, filho de Minos, ou⁴⁷⁷ a Hipólito, e por isso Júpiter o transpassou com um raio. 2. Apolo, visto que não podia fazer

⁴⁷³ *Perducere*: compreendemos o termo no sentido 3a ao verbete *perduco*, no *OLD*: “to bring over by persuasion or sim. means (to a point of view, site, etc.)”.

⁴⁷⁴ *Tabellas scriptas*: lit. “tabuinhas escritas”. Para o uso metonímico de *tabellae* como “carta”, cf. *OLD* sentido 6a ao verbete *tabella*.

⁴⁷⁵ *Suspendio*: “the act of hanging oneself”, segundo o *OLD* (*suspendium*).

⁴⁷⁶ *Deionis*: o termo *Deio(n)* está presente no *ThLL*, que cita a passagem de Higino em seus exemplos.

⁴⁷⁷ *Siue*: seguimos a tradução proposta Boriaud (1997). Hoyo e Ruiz (2009), por sua vez, traduzem o termo por “y también” (cf. *OLD*, sentido 9a: “(introducing a further equally valid instance)”). Em nota, os autores comentam que na própria obra higiniana se registra a ressurreição de Hipólito e Glauco (*Fab. CCLI. 3 e 4*, por vontade de Diana e por Políido, respectivamente), e informam que *siue* “se trata de un nexo conjuntivo-disyuntivo del tipo y/o”, citando entre seus exemplos o sistema onomástico latino, em que esse nexos se encontra entre o *agnomen* e *cognomen* (*Postumia Nepotiana sive Marcellina*, *CIL* II 4242), como variante de *qui et*; ou então em “sacrificios metróacos”, em que se faz um sacrificio de um touro “e também” de um carneiro (*taurobolium sive criobolium*, *CIL* CIV 505 e 506). Os estudiosos indicam, ainda, um estudo sobre o termo desenvolvido em J. del Hoyo, “Consideración sobre el nexos *sive* em la epigrafia latina” (no prelo).

mal a Júpiter, matou os que criaram os raios, isto é os ciclopes. Por esse feito, Apolo foi entregue como escravo a Admeto, rei da Tessália.

L. ADMETO

Como muitos solicitavam em casamento Alceste, filha de Pélias, e Pélias desaprovava muitos deles, instituiu-lhes a seguinte prova: ele a entregaria a quem atrelasse animais selvagens a um carro; este poderia levar a mulher que quisesse.⁴⁷⁸ 2. E assim, Admeto pediu a Apolo que o ajudasse. Apolo, tendo sido tratado com generosidade por ele quando foi entregue a ele como escravo, trouxe-lhe⁴⁷⁹ um javali e um leão atrelados, com o que aquele levou consigo Alceste a fim de a desposar⁴⁸⁰.

LI. ALCESTE

Muitos pretendentes solicitavam em casamento Alceste, filha de Pélias e de Anaxíbia, filha de Bias. Pélias, evitando as propostas, recusou-os e estabeleceu uma prova: iria entregá-la a quem atrelasse animais selvagens a um carro e levasse Alceste nesse meio de transporte⁴⁸¹.

2. E assim, Admeto pediu a Apolo que o ajudasse. Apolo, por sua vez, uma vez que havia

⁴⁷⁸ *Is quam uellet auheret*: “este poderia levar a que quisesse”; o sentido da frase, na fábula, tem parecido aos estudiosos um pouco incoerente, uma vez que se trata dos pretendentes de Alceste. Fernaz (1997, p. 228 nota 128) sugere que a frase poderia ser o final de alguma outra fábula em que Pélias permitia, ao vencedor da prova, escolher uma esposa entre suas filhas. Hoyo e Ruiz (2009) adotam, em sua tradução, a proposta de Muncker em sua edição de 1681: *et iis, quum uellet, eam auheret* (“y éste se la llevaría en ellas cuando quisiera”).

⁴⁷⁹ Na medida do possível, procuramos reproduzir, em nossa tradução, a repetição de pronomes presentes na fábula: *eo... ei... ei*. O efeito dessa construção no estilo higiniano procuramos analisar no capítulo III em nosso estudo introdutório.

⁴⁸⁰ *In coniugium*: o termo *coniugium* pode significar, entre outras acepções, “casamento” (*OLD*, sentido 1a) ou ainda “união” (sentido 4 “a close connexion, union”). Hoyo e Ruiz (2009) traduzem: “a los cuales Admeto condujo a Alceste al carro”, interpretando que o termo *coniugium* não se referiria tanto ao matrimônio, mas à junta de animais a que o carro estaria atrelado, uma vez que Higino emprega o termo *coniugium* ao invés de, por exemplo, *connubium*. Além disso, o carro atrelado a animais selvagens seria a condição imposta por Pélias para que se casasse com Alceste. Ademais, justificam sua interpretação com o emprego do verbo *auexit* (“to convey away”, segundo *OLD*, sentido 1a ao verbete *aucho*), usado na fábula seguinte: *qui feras bestias ad currum iunxisset et Alcestem in coniugio auexisset* (“quem atrelasse animais selvagens a um carro e levasse Alceste nesse meio de transporte”), que eles traduzem como “quien unciera unas bestias salvajes a un carro y se llevara a Alceste en el carro”. Boriaud (1997) traduz de forma semelhante: “qui aurait attelé des bêtes sauvages à un char, et aurait emmené Alceste en cet équipage”, embora na passagem da fábula anterior tenha mantido o termo “épouser”: “avec lequel il emmena Alceste pour l’épouser”.

⁴⁸¹ *In coniugio*: as traduções propostas por Boriaud (1997) e Hoyo e Ruiz (2009) são: “équipage” e “carro”, respectivamente. Cf. nota à fábula anterior sobre essa construção (*aucho* + *coniugium*).

sido recebido de modo generoso por ele quando lhe fora escravo, trouxe-lhe um javali e um leão atrelados, com os quais este levou Alceste. 3. Apolo aceitou também que outra pessoa pudesse morrer, voluntariamente, em seu lugar. Como nem seu pai nem sua mãe quiseram morrer em seu lugar, sua esposa Alceste se ofereceu e morreu por ele, substituindo-o⁴⁸² na morte. Mais tarde, Hércules trouxe-a de volta dos infernos.

LII. EGINA

Júpiter, tentando violar Egea, filha de Asopo, e temendo Juno, levou-a⁴⁸³ à ilha de Delos⁴⁸⁴ e a engravidou, donde nasceu Éaco. 2. Tendo descoberto isso, Juno enviou uma serpente que envenenou a água: quem dela bebia pagava sua dívida com a natureza⁴⁸⁵. 3. Éaco, que perdera seus companheiros e, diante do escasso número de homens, não podia se estabelecer⁴⁸⁶, vendo algumas formigas, pediu a Júpiter que lhe desse homens como escolta. Então Júpiter transformou as formigas em homens, que foram chamados

⁴⁸² *Vicaria*: a passagem é citada pelo *OLD* (sentido 1a ao verbete *uicarius*): “supplying the place of someone or something else, substitute, vicarious”.

⁴⁸³ *Eam*: no texto latino, a ambiguidade que o uso do pronome anafórico *ea* (e não *illa* “aquela”, que seria referência mais evidente ao termo *Aeginam*) poderia causar é imediatamente resolvida pelo contexto (evidentemente, é Egea e não Juno que é conduzida e engravidada de Júpiter). Procuramos, de toda forma, manter a ligeira ambiguidade na construção em português, em que também o contexto a resolve.

⁴⁸⁴ *Delon*: de acordo com os estudiosos consultados, a referência à ilha de Delos seria um equívoco, uma vez que, como é narrado na sequência (LII. 4), a ilha seria denominada Egea. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 138 nota 299); Sánchez (2009, p. 89 nota 165); Fernaz (1997, p. 228 nota 129). A etiologia de Delos é narrada na fábula seguinte.

⁴⁸⁵ *Debitum naturae soluebat*: construção semelhante é encontrada em *Fab. XXVI, Medea exul: debitum naturae persoluit*. Cf. nota à passagem. Ambas lembram a construção horaciana *Debemur morti nos nostraque* (*Ars* 63), lit. “somos devidos à morte, nós e nossas obras”.

⁴⁸⁶ *Morari*: a *editio princeps* registra o termo *morari* (em português “demorar”, “demorar-se”, “permanecer”); essa leitura foi adotada por Hoyo e Ruiz, que a traduzem “permanecer”. Já a edição de 1549 registra *mori* (“morrer”), que alguns estudiosos (cf. Boriaud, 1997, p. 50 nota LII.2) associaram ao episódio narrado em Ovídio, segundo o qual Éaco, tendo em vista que seus companheiros haviam sido destruídos, chega a pedir aos deuses a morte: *aut mihi redde meos aut me quoque conde sepulcro* (“ou me devolva meus companheiros, ou a mim também enterre em um sepulcro”, *Met.* VII. 618). Nesse caso, a tradução seria: Éaco “diante do escasso número de homens, não podia morrer”. Rose (1963, p. 44 nota LII) aponta que o texto *morari* é corrupto, mas não sugere outra opção melhor. Tentando atribuir um sentido a essa lição, podemos pensar que nele se afirma: a) ou que Éaco não deveria *tardar*, *demorar* em tomar uma atitude; b) ou, ainda, que o personagem não via como *permanecer*, *demorar-se* naquela ilha sem escolta. Esta opção, que seguimos na tradução, está de acordo também com a versão de Apolodoro III. 12. 6. Apesar de a passagem de Apolodoro não mencionar a destruição dos companheiros, em sua versão Zeus/Júpiter converteu as formigas em homens para que Éaco, que vivia sozinho na ilha, pudesse se estabelecer e reinar.

Mirmídones, pois, em grego, *myrmices* quer dizer “formigas”. 4. A ilha, por sua vez, recebeu o nome de Egina⁴⁸⁷.

LIII. ASTÉRIA

Estando Júpiter apaixonado por Astéria, filha de um Titã⁴⁸⁸, ela o desprezou. Foi transformada por ele na ave ortígia, que nós chamamos “codorniz”, e a lançou ao mar⁴⁸⁹; dela surgiu uma ilha que é denominada Ortígia⁴⁹⁰. 2. Esta era móvel. Depois disso, por ordem de Júpiter Latona foi levada até ali pelo vento Aquilão, quando Píton a perseguia. Lá, segurando uma oliveira, Latona deu à luz Apolo e Diana. Mais tarde, a ilha foi denominada Delos.

LIV. TÉTIS

Para a nereida Tétis, havia uma profecia⁴⁹¹ segundo a qual quem dela nascesse seria mais forte que o pai.⁴⁹² 2. Uma vez que ninguém tinha conhecimento sobre isso, apenas Prometeu, e que Júpiter queria se deitar com ela, Prometeu garantiu a Júpiter que lhe faria

⁴⁸⁷ *Aeginae*: a ilha Egina teria tido anteriormente o nome de Οἰνώνη em grego, em latim *Oenone*, cf. Boriaud (1997, p. 50 nota LII.1); Ovídio a denomina *Oenopia* em *Met.* VII. 473-474, em episódio que trata do mito de Éaco. A metamorfose das formigas é narrada também em Estrabão VIII. 6, 16, “que racionaliza o mito” (Boriaud, 1997, p. 176).

⁴⁸⁸ *Titanis*: em Apol. *Bibl.* I. 4. 1, aponta-se que Astéria é filha do Titã Céu (Boriaud 1997, p. 176; Hoyo e Ruiz 2009, p. 139 nota 300). Já Rose (1963, p. 44 nota LIII) “corrige” a versão higiniana, afirmando que “Astéria não era filha de um titã e sim ela mesma um titã”, e apontando que a origem do erro estaria em Higino (*uocem Graecam male intellexit Higynus, librarius in culpa non est*, “Higino compreendeu mal o texto grego, não se trata de um erro do copista”). Episódios referidos nessa fábula LIII se encontram também na *Fab.* CXL. 3, conforme lembra Rose (*ibid.*).

⁴⁸⁹ *In mare abiecit*: na versão de Apolodoro (I. 4. 1), é a moça quem se lança ao mar para escapar de Zeus/Júpiter (Boriaud 1997, p. 176).

⁴⁹⁰ *Commutata est*: encontramos referência à dupla metamorfose de Astéria na versão que reporta Sérvio (comentário a *Eneida* III 73), cf. Grimal (2008, *Asteria*). No texto de Apolodoro I. 4. 1, por exemplo, ela se precipita ao mar, e a cidade, que em sua homenagem passa a se chamar Asteria, é, posteriormente, denominada Delos.

⁴⁹¹ *Fatum fuit*: notamos aqui uma variação na expressão do tema dos presságios, recorrentes nas *Fabulae*, expressos pela fórmula *responsum fuit/erat* (e.g. *Fáb.* III. 3; XXII. 1; XVII. 1; LXVI. 1; LXIX. 1; LXXXVII. 1; LXXXVIII. 5; XCV. 1; CI. 1; CI. 3; CII. 3; CVIX. 4; CVIX. 5; CXXVII. 2; CXXX. 4; CXLI. 2; CXCVIII. 1), cf. Maria Chiabó et Luciana Roberti, *Hygini fabularum index verborum*, 2001, p. 153 e Cap. III do estudo introdutório.

⁴⁹² No livro XI. 219 das *Metamorfoses* de Ovídio, a profecia é apresentada como advinda de Proteu; mas de Têmis, segundo Apol. *Bibl.* III. 13. 5. Cf. Boriaud (1997, p. 51 nota LIV.1); Hoyo e Ruiz (2009, p. 140 nota 305).

uma premonição caso o livrasse das correntes.⁴⁹³ Assim, dada sua palavra, admoestou⁴⁹⁴ Júpiter a não se deitar com Tétis, a fim de que não nascesse alguém mais forte que arrebatasse Júpiter do trono da mesma maneira que este próprio o fizera com Saturno. 3. Então, Tétis foi dada em matrimônio a Peleu, filho de Éaco, e Hércules foi enviado para matar a águia que devorava o coração de Prometeu. Tendo a ave sido morta, ele foi libertado do monte Cáucaso após trinta <mil>⁴⁹⁵ anos.

LV. TÍCIO

Uma vez que Latona havia se deitado com Júpiter, Juno ordenou a Tício (o imenso filho da Terra) que tomasse Latona à força. Ao intentá-lo, foi morto por Júpiter com um raio. Diz-se que jaz nas regiões inferiores, estendido em nove jeiras⁴⁹⁶, e uma serpente, colocada junto a ele, para que devorasse seu fígado, que volta a crescer junto com a lua.⁴⁹⁷

LVI. BUSÍRIS

Como a escassez assolava o Egito, reino de Busíris, filho de Netuno, e o Egito sofria com a seca há nove anos, aquele convocou alguns áugures vindos da Grécia. Trásio⁴⁹⁸, filho do

⁴⁹³ *Vinculis liberasset*: para o castigo de Prometeu, cf. a tragédia de Ésquilo, *Prometeu Acorrentado* - (sobretudo v. 908-915); sua libertação é tema da tragédia (em sua maior parte perdida) *Prometeu liberto* (*Tr. Gr. Frag.*, ed. A. Nauck, pp. 62-69), cf. Boriaud, 1997, p. 51 notas LIV.1. e 2.

⁴⁹⁴ *Praemonitorum... monet*: com “faria uma premonição” e “admoestar”, tentamos manter aqui a elaborada formulação higinana que chamou a atenção de Hoyo e Ruiz (2009, p. 140, n. 306): “Higino ha logrado aquí una brillante combinación de paronomasia y paraquesis, imposible de mantener en nuestro idioma (<le prevendría [...] le advertió>)”. Tampouco Boriaud (1997, p. 51) mantém a relação entre os termos quando traduz *praemonitorum* como “promit à Jupiter de le metre em garde” e *monet* como “avertit”. Sobre a variação aqui obtida numa referência a tema recorrente, cf. nota acima a *fatum fuit* e estudo em nosso capítulo III.

⁴⁹⁵ Segundo o aparato crítico de edições consultadas (cf. e.g. Marshall, 2002, e de Boriaud, 1997), o numeral romano equivalente a trinta mil é emenda de Rose, e a *editio princeps* registra trinta (*triginta*) anos.

⁴⁹⁶ *Jugibus*: o *iugerum* (“jeira”, Houaiss; ou “geira”, Torrinha) é uma medida agrária que corresponde a 240 pés romanos, i.e. 240 pés de comprimento e 120 de largura (*OLD*, Torrinha).

⁴⁹⁷ Há algumas variações sobre a punição que sofre Tício: Virgílio *En.* VI. 595-600 um abutre é quem lhe devora o fígado, ao passo que em Apol. *Bibl.* I. 4. 1 são alguns abutres que lhe devoram o coração. Cf. ainda *Od.* XI. 576-581 e Pind. *Pyth.* IV, 90. Cf. Boriaud (1997, p. 176); Hoyo e Ruiz (2009, p. 141 nota 310).

⁴⁹⁸ O nome aparece como Frásio (Apolodoro *Bibl.* II, 5, 11) ou Tásio (Sérvio em comentário a *Eneida* VIII. 299), cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 141 nota 312); Boriaud (1997, p. 176 nota *ad loc.*).

irmão de Pigmalião, informou a Busíris que as chuvas viriam com o sacrifício de um estrangeiro, e, sacrificando a si mesmo, comprovou suas previsões.⁴⁹⁹

LVII. ESTENEBEIA⁵⁰⁰

Quando, exilado, Belerofonte chegou ao reino de Preto para se hospedar, a mulher deste, Estenebeia, apaixonou-se por ele.⁵⁰¹ Como ele não quis se deitar com ela, a mulher mentiu ao seu marido dizendo que havia sido violada por ele. 2. Mas Preto, ouvindo tais palavras, escreveu sobre isso uma carta⁵⁰² e o enviou ao rei Ióbates, pai de Estenebeia. Ao ler a carta, este não quis matar tal homem, mas o enviou a Quimera para que fosse morto. Dizia-se que ela exalava fogo de seu corpo tripartido 3. nestas formas: a parte da frente, era um leão; a parte de trás, uma serpente; e, no meio, a própria quimera.⁵⁰³ 4. Ele a matou cavalcando Pégaso, e, diz-se que caiu nos campos de Ale, pelo que também se diz ter rompido o quadril.⁵⁰⁴ 5. Mas o rei, elogiando suas virtudes, deu-lhe em matrimônio sua outra filha. Ao ouvir sobre isso, Estenebeia se matou⁵⁰⁵.

⁴⁹⁹ O episódio é referido por Apolodoro (III. 13. 5), e por Ovídio (*Met.* XI, 219), mas o autor da profecia seria outro: Temis, conforme o primeiro; Proteu, conforme o segundo. Cf. Boriaud (1997, p. 51 nota 1), que remete também à tragédia de Ésquilo, *Prometeu acorrentado*. Sobre o sacrifício de Trásio, cf. ainda Ovídio (*Arte de amar*, I 647-652, *Íbis* 397-398), e sobre Busiris, cf., por exemplo, Apolodoro (*Bibl.* II. 5. 11), Virgílio (*Geórg.* III, 5), Ovídio (*Met.* IX, 182-183), Hoyo e Ruiz (2009, p. 142 nota 313).

⁵⁰⁰ *Steneboea*: a personagem se chama “Anteia” em Homero (*Ilíada* VI, 155 e seguintes) e na versão ampliada do mito narrada por Higino em *Astr.* II. 18 (na qual Higino propõe também o nome Estenebeia: *quam alii Sthenoboeam dixerunt*, cf. *Sthenoboia* de Eurípedes). Cf. Boriaud (2009, p. 52 nota *ad loc.*). Para o motivo da “sedutora caluniadora” na literatura universal, cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 142 nota 314).

⁵⁰¹ Belerofonte era filho de Netuno e Eurínome (também chamada de Eurímede), segundo outra fábula de Higino (*Fab.* CLVII) e Apolodoro (*Bibl.* I. 9. 3). Seu exílio foi devido a um assassinato acidental (algumas fontes o apresentam como o assassino de Bélero, ou de seu próprio irmão, Delíades; ou, ainda, de Píren ou Alcímedes). Cf. Smith (1867a, *Bellerophon*); Grimal (2008, *Belerofonte*).

⁵⁰² *Tabellas*: sobre o verbete, cf. nota à fábula XLVII.

⁵⁰³ Ou seja, uma cabra. Conforme lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 142 nota 315), “em grego se designa com a mesma palavra a cabra e a Quimera”. A descrição da Quimera já aparece em Homero (*Il.* VI. 181) e o texto é idêntico a um verso hexâmetro do poema de Lucrécio V. 905. Sem considerarem que a citação poderia ser de alusão de autoria do próprio Higino, diversos editores veem na passagem a interferência de um copista. O texto é expurgado pelo editor Muncker (1674, 1681) conforme se lê no aparato crítico de Marshall (*Mu... glossema e Lucr. 5.905 petitum*). Ainda que mantenha o texto Rose (1963, p. 46 nota LVII.3) também acredita que seja uma interpolação; o mesmo diz Boriaud (1997, p. 52 nota LVII.2), apontando o caráter “escolar” de uma descrição “que não se inscreve no processo narrativo”. Já Hoyo e Ruiz (2009, p. 143 nota 316) lembram também a referência à Quimera em Hesíodo (*Teogonia* 323) e Apolodoro (*Bibl.* II 3 1).

⁵⁰⁴ A queda de Belerofonte é referida também em Ovídio (*Ib.* 257-258: *Quique ab equo praeceps in Aleia decidit arua, / Exitio facies cui sua paene fuit*). Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 143 nota 317). A região de Ale, segundo os autores, estaria situada na Cilícia (atual Turquia).

⁵⁰⁵ Segundo escoliastas da comédia *As Rãs* de Aristófanes, Estenobeia teria tomado cicuta. Cf. Boriaud (2009, p. 52 nota 3).

LVIII. ESMIRNA⁵⁰⁶

Esmirna era filha de Cíniras (rei dos assírios)⁵⁰⁷ e de Cêncreas. Sua mãe, Cêncreas, falou com muita soberba, antepondo a beleza de sua filha à de Vênus. Vênus, buscando uma punição à mãe, lançou sobre Esmirna um amor nefando, de tal maneira que esta se apaixonou pelo próprio pai. 2. A fim de a impedir de se enforcar, uma nutriz interveio, e o pai, ignorando-o, por intermédio da nutriz se deitou com ela, que dele engravidou. A fim de que isso não se tornasse público, impelida pela vergonha ela se escondeu em uma floresta. 3. Mais tarde, Vênus se apiedou dela e a fez passar à forma arbórea, da qual emana a mirra⁵⁰⁸, e dela nasceu Adônis, que sofreu os castigos de Vênus contra sua mãe.

LIX. FÍLIS

Diz-se que, tendo chegado Demofonte, filho de Teseu, à Trácia para hospedar-se no reino de Fílis, esta se apaixonou por ele. Como ele desejava retornar a sua pátria, deu à moça a palavra de que retornaria para ela. 2. Como ele não havia chegado no dia combinado, diz-se que nesse dia ela correu nove vezes até o litoral, que por isso foi denominado, em grego,

⁵⁰⁶ *Smyrna*: a personagem é chamada “Esmirra”, ou ainda “Mirra”, *Myrra* (e.g. Ovídio, e.g. *Non tegeres uultus cortice, Myrrha, tuos, Rem.* 99-100; “Se tivesses percebido logo o tamanho da falta que ias cometer, não cobririas, Mirra, teu rosto de cortiça”, tradução de Gabriela Orosco, 2010, p. 68). Seu mito é referido também em outras fábulas de Higino (*Fab.* CLXIV; CCLI; CCLXXI) e em sua obra *Astronomia* (II. 7), além de Teócrito (*Idyll.* XV), Bión (*Idyll.* I.), e por Ovídio nas *Metamorfoses* (ver nota seguinte), cf. comentário de Hill ao livro X das *Metamorfoses* ovidianas (1999, p. 175) e Orosco (2010, p. 68). Outros textos que tratam do mito de Mirra/Esmirra na Antiguidade são, e.g., Plutarco (*Parallela*, 22), Fulgêncio (*Mythol.* 3, 8), cf. Boriaud (1997, p. 52 nota *ad loc.*).

⁵⁰⁷ *Cinyrae*: Hoyo e Ruiz (2009, p. 143 nota 320) consideram que Higino teria confundido personagens homônimos: o rei dos assírios, cujas filhas teriam sido transformadas em grades de um templo, por ofender a deusa Juno (cf. Ovídio, *Met.* VI, 98-102), com o Cíniras, rei de Chipre, pai da personagem Esmirra (ou Mirra, cf. nota ao título dessa fábula) no décimo livro das *Metamorfoses* de Ovídio. Porém, segundo Apolodoro (*Bibl.* III. 14, 4) o pai da personagem (de nome Tias, *Thias*) era rei da Assíria, cf. Boriaud (1997, p. 52 *ad loc.*).

⁵⁰⁸ A etiologia da árvore mirra, bem como os castigos de Adonis incluem-se na narrativa de Ovídio (respectivamente, *Met.* X. 289-518; X. 519-739). Para tradução e análise dos episódios, cf. Orosco (2010), com indicação de bibliografia complementar. Sobre o caráter inédito da árvore em que Mirra se transforma, cf. *Tanti noua non fuit arbor* (*Met.* X. 310): “uma árvore nova não valia tanto”, tradução de Gabriela Orosco (2010, p. 129).

“Nove Caminhos”. Fílis, então, devido à fatal de Demofonte, deu seu último suspiro⁵⁰⁹. 3. Seus pais lhe construíram um túmulo, onde nasceram árvores que, em determinada época, choram a morte de Fílis, quando as folhas secam e caem⁵¹⁰. A partir de seu nome as folhas foram denominadas *phylla*, em grego.⁵¹¹

LX. SÍSIFO E SALMONEU

Sísifo e Salmoneu, filhos de Éolo, eram inimigos um do outro. Sísifo perguntou a Apolo de que maneira poderia matar seu inimigo, isto é seu irmão. A resposta para ele foi que, caso violentasse Tiro, filha de seu irmão Salmoneu, e tivesse filhos com ela, eles seriam seus vingadores. 2. Tendo Sísifo feito isso, nasceram dois filhos, os quais sua mãe Tiro assassinou, uma vez que tomara conhecimento a respeito da sorte. 3. Mas, quando Sísifo soube <...>⁵¹² diz-se que agora, devido à sua falta de respeito, nas regiões inferiores rola com os ombros uma pedra monte acima, e que, quando a conduz até o extremo cume, em seguida ela rola novamente para baixo, às suas costas.⁵¹³

LXI. SALMONEU

⁵⁰⁹ *Spiritus emisit*: lit. “exalou seu espírito”, i.e. morreu. Segundo lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 144 nota 323), na fábula CCXLIII.6 *Quae se ipsa interfecerunt* (“Aqueles que se suicidaram”) narra-se que Fílis tira a própria vida enforcando-se (*ipsa se suspendio necauit*).

⁵¹⁰ O mito de Fílis é narrado na obra de Apolodoro (*Ep.* VI. 15-17). No entanto, na versão grega Fílis profere imprecções contra Demofonte antes de se suicidar. Devido a essas maldições, ele também se suicida enquanto cavalgava. Ovídio trata do mito, com variações, em *Heróides* II, na *Arte de Amar* III. 57 e em *Remédios para o amor* 591-600. O tema reaparece em Boccaccio, *Genealogia deorum gentilium*. Cf. Fernaz (1997, p. 228 nota 139); Hoyo e Ruiz (2009, p. 144 nota 322).

⁵¹¹ A etimologia do termo *phylla* é referida também por Sérvio em comentário a Virgílio *Buc.* V, 10: segundo o comentador, anteriormente as folhas se chamavam *petala* (πέταλα). Cf. Boriaud (1997, p. 53 nota LIX.1); Hoyo e Ruiz (2009, p. 145 nota 324).

⁵¹² Editores assinalam uma lacuna nesta passagem. Em sua *editio princeps*, Micyllus (1535, p. 23) comenta: *videtur deesse aliquid* (“parece que falta algo”).

⁵¹³ É notável a singularidade dessa versão da causa do castigo de Sísifo, transmitida apenas por Higino nesta fábula, cf. Boriaud (1997, p. 53 nota *ad loc.*): “Este episódio é transmitido apenas por Higino” (“Cet épisode est donné par le seul Hygin”). Hoyo e Ruiz (2009, p. 145 nota 325) sugerem a possibilidade de se derivar de algum texto teatral. Na versão mais conhecida, o crime de Sísifo teria sido revelar a Asopo quem havia raptado a filha deste, Egina (Ésquilo, frag. 225-234; Apol. *Bibl.* I. 9, 4; Paus. II. 5. 1); ou, ainda, ter revelado os segredos dos deuses (Serv. A. *En.* VI, 616). Cf. ainda Rose (1963, p. 47).

Salmoneu, filho de Éolo e irmão de Sísifo, como imitava os trovões e raios de Júpiter e, sentado⁵¹⁴ em uma quadriga, enviava tochas em chamas contra a população e seus cidadãos, foi, por esse motivo, abatido por Júpiter com um raio.

LXII. ÍXION

Íxion, filho de Leonteu,⁵¹⁵ tentou violentar Juno: por ordem de Júpiter, Juno colocou em seu lugar uma nuvem, que Íxion acreditou ser a imagem de Juno. Dela, nasceram os centauros. Mas Mercúrio, por ordem de Júpiter, prendeu Íxion a uma roda nas regiões inferiores, a qual, diz-se, continua ali, rodando.⁵¹⁶

LXIII. DÂNAE

Dânae era filha de Acrísio e de Aganipe. Estava fadado que o filho que ela parisse⁵¹⁷ assassinaria Acrísio. Temendo isso, Acrísio a encerrou em uma muralha de pedra⁵¹⁸. Júpiter, porém, convertido em chuva de ouro deitou-se com Dânae, e dessa relação nasceu Perseu. 2. Devido à violação, seu pai a lançou ao mar junto com Perseu, encerrada em uma

⁵¹⁴ *Sedensque*: o texto de Marshall grafa que o personagem “se sentava” em uma quadriga (carro puxado por quatro cavalos); ligeiramente diverso, a edição de Boriaud (1997, p. 54) traz *ascendens* (“subindo” em uma quadriga). Em nota, o editor comenta que segue a sugestão de Micyllus. O mito de Salmoneu é narrado em Virg. *En.* VI. 585-594, assim como em Diod. VI. 6. 4 e Apol. *Bibl.* I. 9, 7. Cf. Boriaud (1997, p. 54 nota LXI.1); Hoyo e Ruiz (2009, p. 146 nota 327).

⁵¹⁵ *Leontei*: apenas no texto de Higino se narra que Leonteu era pai de Íxion, ao passo que vários outros são aventados em outras versões. Cf. Boriaud (1997, p. 54 nota LXII.1) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 146 nota 328). Rose (1963, p. 48) sugere se tratar de uma corrupção (*uidetur hic locus esse corruptus*). No entanto, Boriaud (1997, p. 54 *ad loc.*) pondera sobre essa afirmação, e relembra que Leonteu, assim como Íxion, era rei dos Lápitais.

⁵¹⁶ *Rota*: sobre esse suplício, cf. Homero (*Il.* XIV. 317-318); Píndaro (*Pít.* II. 33-89); Apolodoro (*Epít.* I, 20); Diodoro Siculo (IV. 69. 4-5), Virgílio (*Georg.* IV. 484; *En.* VI. 601) e Ovídio (*Met.* IV 461; *Ibis* 173-182). As referências são elencadas por Hoyo e Ruiz (2009, p. 146 nota 329).

⁵¹⁷ *Huic*: lit. “a ele/a ela havia o fado”. Uma vez que o pronome (no dativo) pode significar “a ele” ou “a ela”, a rigor o texto pode indicar que o *fatum* (“destino”, “fado”) é indicado para Acrísio ou para as personagens femininas antes citadas (Dânae ou Aganipe). Mantivemos a imprecisão como Boriaud (1997, p. 54): “selon un arrêt du destin, sa descendance tuerait Acrisius”. Certamente considerando que o verbo *peperisset* (no contexto: “viesse a parir”, “parisse”) se refere à moça, alguns tradutores consultados tomaram o pronome *huic* como dizendo respeito a ela, cf. Expósito (2008, p. 87); Sánchez (2009, p. 95); Fernaz (1997, p. 66), que veem a Dânae como destinatária da profecia. Já Hoyo e Ruiz (2009, p. 147 nota 330), apontando a imprecisão do pronome, sugerem que Acrísio é quem recebera a profecia, evocando a tradição, ou, mais precisamente, Apolodoro (II. 4. 1-2). No entanto, sabe-se que há divergências entre a versão de Apolodoro e a de Higino, como apontamos em nota abaixo.

⁵¹⁸ *In muro lapideo praeclusit*: “L’enferma dans une enceinte de pierre” (Boriaud, 1997, p. 54); “la emparedó entre muros de piedra” (Hoyo e Ruiz, 2009, p. 147).

arca. 3. Por vontade de Júpiter, ela foi conduzida até a ilha de Serifos, quando um pescador, Díctis, encontrou-a e, aberta <a arca>, viu a mulher com a criança, os quais conduziu ao rei Polidectes, que a tomou por esposa e criou Perseu no templo de Minerva. 4. Quando Acrísio soube que eles moravam com o rei Polidectes, foi a seu encontro a fim de reivindicá-los. Tendo ali chegado, Polidectes implorou em favor deles, e Perseu deu ao seu avô a palavra de que nunca o assassinaria. 5. Enquanto este permanecia ali devido a uma tempestade, Polidectes faleceu. Quando para ele realizaram os jogos fúnebres, Perseu, lançando um disco que o vento desviou até a cabeça de Acrísio, matou-o. Dessa forma, o que não quis fazer por vontade própria, ele fez pela dos deuses. Dado o sepultamento, ele partiu para Argos e tomou posse do reino de seu avô.⁵¹⁹

LXIV. ANDRÔMEDA

Cassiopeia⁵²⁰ antepôs a beleza de sua filha, Andrômeda, à das Nereidas. Por esse motivo, Netuno exigiu que Andrômeda, filha de Cefeu, fosse atirada a um monstro marinho. 2. Quando ela foi atirada, diz-se que Perseu, voando com as sandálias aladas de Mercúrio, lá chegou e a livrou do perigo. Como ele a quis levar, Cefeu, seu pai, junto com Agenor⁵²¹, a quem ela estava prometida, intentaram assassinar Perseu em segredo. 3. Revelada a situação, ele mostrou-lhes a cabeça da Górgona, e todos foram transformados, mantendo a forma humana, em pedra. Perseu retornou a sua pátria com Andrômeda. 4. Polidectes,⁵²²

⁵¹⁹ Destaquemos aspectos singulares dessa fábula de Higino em relação a outras versões do mito. No texto de Apolodoro, não há o casamento entre Polidectes e Dânae; e, além disso, ao chegar à terra de Polidectes, Perseu já é um adulto (“Persée étant parvenu à l’âge d’homme”), motivo pelo qual o rei o envia para enfrentar a Górgona, cf. Boriaud (1997, p. 176). É lembrada, ainda, a versão de Pausânias (II. 16. 1-2), na qual se narra que Perseu participa dos jogos fúnebres não na ilha de Serifos, mas em Larissa, e mata Acrísio ao atingir com o disco o pé (e não a cabeça, como descreve Higino). Ainda segundo Pausânias, depois disso, vergonhoso de retornar a Argos, Perseu parte em direção a Tirinte, onde, em acordo com Megapentes, tornou-se rei, ao passo que este foi ser rei em Argos. Cf. Boriaud (2007, p. 55 nota 1); Hoyo e Ruiz (2009, p. 147 nota 332).

⁵²⁰ *Cassiope*: como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 149 nota 333), na fábula *Épafô* (CXLIX. *Epaphus*), o termo empregado para se referir à personagem é *Cassiopia*. Os referidos estudiosos sugerem que essa variação tenha sido influência do texto de Ovídio (*Met.* IV. 738), no qual também lemos *Cassiope*. Vemos uma ligeira diferença na versão de Apolodoro (*Bibl.* II. 4. 3): a personagem se vangloria da própria beleza (e não da beleza de sua filha Andrômeda), cf. Boriaud (2007, p. 55 nota 1).

⁵²¹ Agenor era filho de Neptuno e Líbia (Hig. *Fab.* CLVII. 1; Apol. *Bibl.* II. 1. 4). Cf. Smith (1867a, *Achilles, Agenor*). Na versão de Apolodoro, mais uma diferença: o prometido seria Fineu (irmão de Cefeu), cf. Boriaud (2007, p. 55 nota 2).

⁵²² *Polydectes*: Marshall adota em seu texto apenas a menção a *Polidectes*. No texto de Boriaud (2007, p. 55), lê-se *Polycdetes, siue Proetus* (“Policdetes ou Preto”) e seu aparato crítico assinala que tal nome que está grafado na margem da *editio princeps* (ed. pr. mg.), ao passo que o texto da *editio princeps* propriamente dito

<quando> viu que Perseu tinha tamanha força, teve dele muito medo e tentou assassiná-lo por meio de um ardil. Revelada essa situação, Perseu mostrou a ele a cabeça da Górgona, e ele foi convertido, mantendo a forma humana, em pedra.

LXV. ALCÍONE

Como Cêix, filho de Héspero (ou Lúcifer) e de Filônide, havia perecido em um naufrágio, sua esposa, Alcíone, filha de Éolo e de Egíale, atirou-se ao mar por amor. Dizem que, pela misericórdia dos deuses, eles foram transformados em aves alcíones. Essas aves fazem no mar um ninho, colocam os ovos e têm seus filhotes⁵²³ durante sete dias, no inverno. Nesses dias o mar é tranquilo, e por isso são chamados pelos navegantes de “dias alcíones”⁵²⁴.⁵²⁵

LXVI. LAIO

A Laio, filho de Lábdaco, havia um presságio de Apolo recomendando-lhe que se precavesse de ser morto pelas mãos de um filho seu. Assim, quando sua esposa Jocasta,

apresenta o nome de outro personagem mitológico *Proteus* (“Proteu”). Em Apolodoro (*Bibl.* II. 4. 1), Preto (irmão de Acrísio) de fato aparece na história, é ele quem seduz Dânae, mas, como destaca Boriaud (2007, p. 55 nota 3), não trama contra Perseu. No texto das *Metamorfoses* V. 236-241, que Perseu petrifica Preto, mas em outras circunstâncias (os grifos são nossos): *Victor Abantiades patrios cum conjuge muros/ Intrat, et inmeriti vindex ultorque parentis/ Aggreditur Prætum; nam fratre per arma fugato/ Acrisioaneas Prætus possederat arces./ Sed nec ope armorum nec, quam male ceperat, arce/ Torva colubriferi superavit lumina monstri* (utilizo o texto da edição crítica de Georges Lafaye. OVIDE: *Les Métamorphoses*. Paris: Les Belles Lettres, 1955, 3 v.) “Vencedor, o abantiade ao lar com a esposa/ retorna e, ultor e defensor do avô indigno,/ ataca a Preto; pois, expulsando o irmão,/ Preto se apoderou das muralhas de Acrísio./ Mas nem com armas, nem tomando vil os muros/ venceu os olhos torvos do vipéreo monstro.” (Trad. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, 2010, p. 145). O estudioso faz referência, ainda, à versão do mito narrada por Apolodoro (II. 4, 3), em que Preto, irmão de Acrísio, seduz Dânae, motivo pelo qual surge uma desavença entre os irmãos. No entanto, a versão grega não narra o conflito entre Preto e Perseu. Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 148 nota 335) e, para outra tradução e estudo do episódio, Paula e Silva (2008).

⁵²³ *Nidum, oua, pullos septem diebus faciunt*: note-se o efeito de agilidade nesta passagem de Higino, lit. elas “fazem ninho, ovos, filhotes em sete dias”.

⁵²⁴ *Alcyonia*: “the ‘halcyon’ days, calm days in mid-winter when the halcyon was believed to brood” (segundo o *OLD*, que cita a passagem higiniana entre seus exemplos). No Torrinha: “dias durante os quais os alcíones chocam os ovos”.

⁵²⁵ O mito de Alcíone é narrado por Ovídio no livro XI das *Metamorfoses* (*Met.* XI. 410-591; 670-748) e por Luciano, *Halcyon* I. Cf. Boriaud (1997, p. 56 nota LXV.1); Hoyo e Ruiz (2009, p. 149 nota 336). Uma referência aos dias assim denominados aparece também em comédia de Plauto (*Casina*, 26), cf. Rocha (2010, p. 135 nota 216).

filha de Meneceu, deu à luz, ordenou que a criança fosse abandonada⁵²⁶. 2. Peribeia⁵²⁷, esposa do rei Pólibo,⁵²⁸ como lavava a roupa à margem do mar, resgatou o abandonado. Estando Pólibo ciente de tudo, como eles não tinham filhos, criaram-no como um filho seu, e, devido aos seus pés perfurados, nomearam-no “Édipo”.⁵²⁹

LXVII. ÉDIPPO

Quando Édipo⁵³⁰, filho de Laio e de Jocasta, atingiu a puberdade, era o mais forte dentre todos os outros, e esses, por inveja, ridicularizavam-no, lançando-lhe a acusação de que era um filho adotivo de Pólibo, uma vez que Pólibo era tão clemente, e ele sem pudor. Édipo percebeu, então, que não era falsa a acusação. 2. E assim partiu para Delfos a fim de se informar <sobre seus pais. Enquanto isso a Laio >⁵³¹ era mostrado, em prodígios, que se aproximava sua morte pelas mãos de um filho seu. 3. Quando Laio se dirigia a Delfos, encontra-o no caminho Édipo, que, embora os guardas ordenassem que desse caminho ao rei, desdenhou. O rei impeliu os cavalos contra ele, e uma roda pressionou seu pé. Irado, Édipo, sem o saber, puxou de cima do carro o próprio pai e o assassinou. 4. Com Laio morto, Creonte, filho de Meneceu, assumiu o reino. Nesse ínterim, Esfinge, filha de Tifeu, foi enviada à Beócia e atacava os campos dos tebanos.⁵³² Ela impôs uma condição ao rei

⁵²⁶ *Exponi*: literalmente, usa-se o verbo “expor” (cf. Houaiss, sentido 12 “(t.d.) deixar abandonada (uma criança)”), cf. ainda “to expose (children)”, segundo o *OLD* (sentido 2a ao verbete *expono*).

⁵²⁷ *Periboea*: em Apolodoro (*Bibl.* III. 5. 7), a personagem tem o mesmo nome, mas nas tragédias de Sófocles (*Édipo Rei*, 775) e de Sêneca (*Édipo*), ela recebe o nome de Mérope. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 150 nota 338); Boriaud (1997, p. 56 nota LXVI.1).

⁵²⁸ *Polybi*: em Apolodoro, e essa personagem que descobre Édipo. Boriaud (2007, p. 56 nota 2).

⁵²⁹ “O que tem pé inchado” é um dos significados do nome, que pode, entretanto, ser interpretado de diferentes maneiras, cf. C. Calame, *Le nom d'Edipe*, in: B. Gentili, R. Pretagostini (ed.), *Edipo. Il teatro greco e la cultura europea*, 1986, 395-407. A explicação mitológica encontrada em vários textos (Sófocles, *OT* 1032 sq.; Eurípides, *Phoen.* 26 sq.; Apol. *Bibl.* III. 5. 7) é de que os pés de Édipo teriam sido furados por ocasião de seu abandono, cf. A. Henrichs, “Oedipus”, *Brill's New Pauly*. Hoyo e Ruiz (2009, p. 150 nota 339) remetem ao ritual de se mutilar os pés dos mortos, comentado por Guidorizzi (*Miti*, 2000), em sua tradução italiana das *Fabulae*, (segundo o estudioso, o ritual de mutilar os pés tem um significado mágico, pois impediria que a sombra do morto perseguisse seus assassinos, estando impedida de caminhar).

⁵³⁰ A história de Édipo é narrada, entre outras fontes antigas, nas tragédias de Sófocles que levam seu nome e na *Biblioteca* de Apolodoro (ver nota abaixo).

⁵³¹ *Parentibus suis. interim Laio*: para fins de fluência na leitura, adotamos aqui, em lugar de uma lacuna no texto, indicada na edição de Marshall, a emenda de Rose (1963, p. 50), modificação já adotada por Boriaud (2007, p. 57) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 150).

⁵³² Sobre a Esfinge, cf. Fáb. LXXXV. Hoyo e Ruiz (2009, p. 151 nota 341).

Creonte: caso alguém interpretasse o enigma⁵³³ que propunha, partiria dali; porém, caso não solucionasse o enigma dado, ela disse que o devoraria e de nenhuma outra maneira deixaria o território. 5. Ao ouvir tais palavras, o rei anunciou por toda a Grécia: àquele que solucionasse o enigma da Esfinge, prometeu entregar o reino e, em matrimônio, sua irmã Jocasta. Embora muitos houvessem chegado, desejando o reino, e tivessem sido devorados pela Esfinge, Édipo, filho de Laio, chegou e interpretou o enigma. A Esfinge se atirou num precipício⁵³⁴. 6. Édipo aceitou o reino do pai e, como esposa, sem o saber,⁵³⁵ a própria a mãe, de quem nasceram Etéocles e Polinices, Antígona e Ismene. Nesse ínterim, incide sobre Tebas a esterilidade⁵³⁶ dos grãos e a penúria, devido aos crimes de Édipo. Tirésias, interrogado sobre o motivo pelo qual Tebas era assim assolada, respondeu que, caso houvesse algum sobrevivente da linhagem dos dragões e este morresse pela pátria, livrá-la-ia da epidemia.⁵³⁷ Então Meneceu, pai de Jocasta, atirou-se de cima de uma muralha.⁵³⁸ 7. Enquanto se davam tais acontecimentos em Tebas, Pólibo morre em Corinto. Ao ouvir sobre isso, Édipo começou a sentir pesar, acreditando que morrera seu pai. Peribeia revelou a ele a adoção.⁵³⁹ Do mesmo modo, o velho Menetes, que havia abandonado Édipo quando criança, observando as cicatrizes em seus pés e tornozelos, reconheceu que se tratava do filho de Laio. 8. Mediante o que ouviu, percebendo que cometera tantos crimes nefastos, Édipo arrancou as fivelas das vestes de sua mãe e tirou a própria visão, entregou aos seus filhos o reino,⁵⁴⁰ para governarem em anos alternados, e fugiu de Tebas tendo como guia sua filha Antígona.

⁵³³ *Carmen*: o enigma citado por Apolodoro (*Bibl.* III. 5. 8) é: “qual é o ser que com uma só voz tem quatro pés, dois pés e três pés?” . Cf. Ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 151 nota 342).

⁵³⁴ *Illa se praecipitavit*: “La Esfinge se despeño” Hoyo e Ruiz (2009, p. 151); “la Sphinge se jeta à la mer”, Boriaud (2007, p. 57).

⁵³⁵ *Inscius*: é interessante a observação de Hoyo e Ruiz (2009, p. 151 nota 343) ao notar que o texto de Higino traz duas vezes o mesmo epíteto atribuído a Édipo. Os estudiosos lembram que, segundo J-P. Vernant e P. Vidal-Naquet (1987, p. 115-116), o próprio nome de Édipo escondia a resposta para o enigma da esfinge: *oidi-pous* “pé inchado” poderia também se dividir em *oida-pous* “eu sei o enigma do pé” (com a ressalva de que essa não é origem etimológica do termo), interpretado assim por quem é *oi-dipous*, ou seja, “o que tem dois pés”, i. é, o homem. Desse modo, o termo *inscius* se destaca, pois embora Édipo fosse aquele que sabia o enigma, ao mesmo tempo não tinha conhecimento algum sobre quem eram seus verdadeiros pais.

⁵³⁶ Cf. Hyg. *Fab.* II. 1 e Sófocles, *Édipo Rei*, v. 25-26; Hoyo e Ruiz (2009, p. 151 nota 343).

⁵³⁷ A “linhagem dos dragões” se refere aos espartanos, que teriam nascido dos dentes do dragão, os quais Cadmo plantou, por conselho de Minerva, após vencê-lo. Cf. Hyg. *Fab.* 178, Ovídio, *Met.* III, 1-137.

⁵³⁸ Cf. Hyg. *Fab.* LXVIII, 4; *Fab.* CCXLII e discussão (quanto a esse tipo de suicídio na mitologia de Higino) em Boriaud (2007, p. 58) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 152 nota 346).

⁵³⁹ Na tragédia de Sófocles, é um mensageiro quem traz a notícia de que Édipo fora adotado.

⁵⁴⁰ Cf. a maldição de Édipo contra seus filhos em Sófocles, *Édipo em Colono* 437-444 e Ésquilo, *Sete contra Tebas* 423-446, Hoyo e Ruiz (2009, p. 153 nota 347).

LXVIII. POLINICES

Polinices, filho de Édipo, passado um ano completo reivindica o trono ao seu irmão, Etéocles. Este não quis entregar-lhe. Desse modo, contando com o auxílio do rei Adrasto, Polinices chegou para atacar Tebas, junto com sete comandantes.⁵⁴¹ 2. Ali Capaneu, por dizer que capturaria Tebas mesmo contra vontade de Júpiter, foi golpeado com um raio enquanto subia a muralha; Anfiarau foi engolido pela terra; Etéocles e Polinices, lutando entre si, mataram um ao outro. 3. Quando para eles era realizada a cerimônia fúnebre, em Tebas, ainda que o vento estivesse intenso, a fumaça nunca se convertia em uma apenas, mas se dividia em duas partes. 4. Enquanto os demais travavam batalha contra Tebas, e os tebanos desconfiavam de seus próprios reis, o áugure Tirésias, filho de Everes, teve a premonição de que, caso morresse alguém da estirpe dos dragões, a cidadela seria liberada da destruição. Meneceu, vendo que era o único que poderia alcançar a salvação dos cidadãos, atirou-se de cima de uma muralha. Os tebanos conseguiram a vitória.

A⁵⁴²

Polinices, filho de Édipo, passado um ano completo reivindica o trono ao seu irmão, Etéocles, e com a ajuda do rei Adrasto, filho de Tálao, e sete comandantes atacaram Tebas. Ali Adrasto fugiu graças a seu cavalo. Capaneu disse que capturaria Tebas contra a vontade de Júpiter, e enquanto subia a muralha foi golpeado por Júpiter com um raio; Anfiarau foi engolido pela terra junto com sua quadriga; Etéocles e Polinices, lutando entre si, mataram um ao outro. Enquanto em Tebas se realizavam uma cerimônia fúnebre em comum para ambos, a fumaça se dividia em duas, uma vez que um havia matado o outro. Os restantes pereceram.

⁵⁴¹ A expressão *cum septem ductoribus* parece sugerir que, no total, oito comandantes partiram em direção a Tebas. No entanto (como é narrado na fábula LXX. *Reges septem Thebas profecti*), contando com Polinices, sete seria o número total de comandantes. Cf. também Hoyo e Ruiz (2009, p. 153 nota 348).

⁵⁴² A edição de Marshall (2002) apresenta outra versão para a fábula LXVIII. *Polynices*, assim como para as três fábulas seguintes. Na edição de Boriaud (1997) tais versões são apresentadas em nota ou aparato crítico ao texto, a partir de uma reconstituição proposta por Rose.

Polinices, filho de Édipo, passado um ano completo <reivindicou> <o reino> paterno <ao seu ir>mão, <Etéocles>. Este <não> quis en<tregar-lhe>. <Polinices> chegou <para atacar Tebas>. Ali Capaneu, por dizer que capturaria <Tebas mesmo contra a vontade de Júpiter>, <f>oi <golpe>ado <por um raio enquanto subia> a muralha; Anfiarau <foi engolido pela terra; Etéocles e Polinices>, lutando, mata<ram> um ao outro. Quando <para eles> estava sendo realizada a cerimônia fúnebre, <em Tebas>, ainda que o vento estivesse intenso, <a fumaça nunca> se convertia em apenas uma, mas se dividia em duas <partes. Enquanto os demais travavam batalha contra> Tebas, e um tebano <...>

LXIX. ADRASTO

Para Adrasto, filho de Tálao e de Eurínome, havia um presságio de Apolo instruindo-o a dar em casamento suas filhas, Argia e Deípila, a um javali e a um leão. 2. Na mesma época Polinices, filho de Édipo, expulso por seu irmão Etéocles, dirigiu-se até Adrasto. Também naquela mesma época, quase ao mesmo tempo, chegou ali Tideu, filho de Eneu e da cativa Peribeia, expulso por seu pai porque matara seu irmão, Menalipo, em uma caçada.⁵⁴⁴ 3. Tendo alguns guardas anunciado a Adrasto que haviam chegado dois jovens com vestes estranhas (pois um estava coberto com a pele de um javali e o outro com a de um leão), no mesmo momento, lembrando-se de sua sorte, Adrasto ordenou que eles fossem conduzidos a sua presença e, assim, interrogou-os sobre o que os teria levado ao seu reino trajando tais vestimentas. 4. Polinices declara a ele que vinha de Tebas, e que se cobrira com a pele de leão porque Hércules pertencia à linhagem tebana; assim, ele portava consigo uma insígnia de seu povo. Tideu, por sua vez, diz que era filho de Eneu e pertencia à linhagem de Cálidon, e por esta razão se cobrira com a pele de javali, representando o javali de Cálidon. 5. Então o rei, lembrando-se do presságio, entrega a Polinices sua filha mais velha, Argia,

⁵⁴³ Em nossa tradução do texto proposto por Marshal, procuramos manter, ainda que de modo aproximado, a indicação das inserções < > no texto.

⁵⁴⁴ Segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 155 nota 352), a referência à morte de Menalipo é um erro cronológico de Higino, uma vez o parente que ele assassina seria seu tio (Apol. *Bibl.* I. 8, 5, Diod., IV. 65, 2) ou seu irmão (Ferecides, *FGrHist* Ia 122a-b Jacoby). Menalipo, segundo os estudiosos, não era um parente de Tideu, mas sim um tebano morto por este no assalto a Tebas (Apol. *Bibl.* III. 6. 8).

de quem nasce Tersandro. A Tideu, entrega Deípile, a filha mais nova, de quem nasceu Diomedes, que lutou em Tróia. 6. Então Polinices pede a Adrasto que lhe empreste um exército a fim de recuperar, do irmão, o reino paterno. Adrasto não apenas entregou o exército a ele, como também ele próprio partiu, com outros <seis> comandantes, uma vez que sete portas fechavam Tebas. 7. Isso porque Anfíon, que havia cercado Tebas com uma muralha, construiu sete portas com os nomes de suas filhas. Eram elas: Tera, Cleodóxe, Astínome, Asticrátia, Quias, Ogígia e Clóris.

A⁵⁴⁵

Adrasto, filho de Tálao, teve <como filhas Deípile e Argi>a. Para ele havia um presságio de Apolo instruindo-<o a dar suas filhas a um javali e a um leão>o. Pois Tideu, filho de Eneu, <enviado pelo pai ao exílio p>or ter <matado> o próprio irmão Menalipo em uma caçada, veio até Adrasto coberto <com uma pele de javali>. E, naquela mesma época, tendo sido ex<pulso> do reino pelo seu irmão Etéocles, chegou ali <Polinices, filho de Édipo>po, coberto <com uma pele de leão>. Quando os viu, lembrando-se do presságio, Adrasto deu Argia <em casa>mento a Polinices; e, <Deípile, a Tideu>.

LXX. OS SETE REIS QUE MARCHARAM CONTRA TEBAS⁵⁴⁶

Adrasto, filho de Tálao e de Eurínome (filha de Ífito), argivo. Polinices, filho de Édipo e de Jocasta (filha de Meneceu), tebano. Tideu, filho de Eneu e de Peribeia (cativa de Calidônio). Anfiarau, filho de Ecleu – ou como dizem outros autores, de Apolo – e de Hipermnestra (filha de Téstio), pílio. Capaneu, filho de Hipônnoo e de Astínome (filha de Tálao e irmã de Adrasto), argivo. Hipomedonte, filho de Mnesímaco e de Metídice (filha de Tálao e irmã de Adrasto), argivo. Partenopeu, filho de Meleagro e de Atalanta (filha de Iásio, do monte Partênio), arcádio. 2. Todos esses comandantes pereceram em Tebas, com exceção de Adrasto, filho de Tálao, pois ele escapou graças ao seu cavalo. Em seguida, ele

⁵⁴⁵ Em nossa tradução do texto proposto por Marshal, procuramos manter, ainda que de modo aproximado, a indicação das inserções < > no texto.

⁵⁴⁶ De acordo com Boriaud (1997, p. 61 nota LXX.1), esse catálogo de nomes segue o proposto por Apolodoro (III. 6, 3), Ésquilo (*Os sete contra Tebas*, 375 sqq.), Sófocles (*Édipo em Colono*, 1309 sq.); Eurípides (*As Fenícias*, 1090 sqq. e *Suplicantes*, 857 sqq.)

enviou os filhos daqueles, armados, para que lutassem contra Tebas a fim de que vingassem as injúrias de seus pais, uma vez que jaziam, insepultos, por ordem de Creonte, irmão de Jocasta, o qual assumira o trono de Tebas.

A⁵⁴⁷

Adrasto, filho de Tálao; Capaneu, filho de Hip<ônoo; Anfi>arau, filho de Ecleu; Polinices, <filho> de Édi<po; Tideu>, filho de <En>eu; Partenopeu, <filho> de Atalanta...

LXXI. OS SETE EPÍGONOS, ISTO É OS FILHOS

Egialeu, filho de Adrasto e de Demonassa, argivo. Apenas ele morreu, dentre os sete que haviam partido, porque, tendo seu pai sobrevivido, deu a vida em troca da do pai. Os seis restantes retornaram vitoriosos. 2. Tersandro, filho de Polinices e de Argia (filha de Adrasto), argivo. Polidoro, filho de Hipomedonte e de Evanipe (filha de Élato), argivo. Alcmeón, filho de Anfiarau e de Erifile (filha de Tálao), argivo. Tlesímanes, filho de Partenopeu e da ninfa Clímene, mísio.

A⁵⁴⁸

Egialeu, filho de Adrasto; Polidoro, <filho de> Hi<pomedonte; Esté>nelo, filho de Capaneu; Alcmeón, <filho de> Anf<iarau; Tersandro>, filho de Polinices; Bias, <filho> de Partenopeu; <Diomedes, filho de Tideu>.

LXXII. ANTÍGONA

⁵⁴⁷ Em nossa tradução do texto proposto por Marshal, procuramos manter, ainda que de modo aproximado, a indicação das inserções < > no texto.

⁵⁴⁸ Em nossa tradução do texto proposto por Marshal, procuramos manter, ainda que de modo aproximado, a indicação das inserções <> no texto.

Creonte, filho de Meneceu, proibiu por meio de édito que se sepultasse Polinices ou os que o acompanhassem, visto que eles teriam vindo para lutar contra a pátria. A irmã⁵⁴⁹ Antígona e a esposa Argia⁵⁵⁰ secretamente levaram o corpo de Polinices, à noite, e o depositaram na mesma pira em que Etéocles foi sepultado. 2. Tendo sendo sido surpreendidas pelos guardas, Argia fugiu, e Antígona foi conduzida ao rei. Ele a entregou, para ser morta, a seu filho Hemão, a quem estava prometida. Hemão, tomado de amor, desobedeceu à ordem do pai, confiou Antígona a uns pastores, e mentiu, dizendo tê-la assassinado. 3. Ela teve um filho que, quando atingiu a puberdade, veio a Tebas para os jogos. O rei Creonte o reconheceu, uma vez que todos da linhagem dos dragões tinham uma marca em seu corpo.⁵⁵¹ Embora Hércules tenha intercedido a favor de Hemão, para que se lhe perdoasse, não o conseguiu. Hemão matou a si próprio e a esposa Antígona.⁵⁵² 4. Já Creonte deu em casamento a Hércules sua filha Mégara, de quem nasceram Terímaco e Ofites.⁵⁵³

LXXIII. ANFIARAU, ERIFILE E ALCMÉON

⁵⁴⁹ Antígona era filha de Édipo e Jocasta, e era irmã de Polinices, Etéocles e Ismena. Cf. Hyg. *Fab.* LXVII; Apol. *Bibl.* II. 5. 8; Diod. IV. 64. 4. Cf. Smith (1867a *Antigone*).

⁵⁵⁰ Sobre a presença de Argia ajudando Antígona, Hoyo e Ruiz (2009, p. 159 nota 357) lembram que a cena não está presente na versão mais conhecida do mito, a tragédia *Antígona*, de Sófocles. Os estudiosos, bem como Boriaud (2007, p. 62 nota 1), sugerem que essa versão talvez se aproxime da tragédia homônima de Eurípedes, da qual nos foram legados apenas poucos fragmentos (*Tr. Gr. Fr.*, ed. Nauck, pp. 404-411). Tampouco encontramos a presença de Argia na consulta a diversos outros autores antigos em que mito é citado (cf. nota supra).

⁵⁵¹ Segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 159 nota 359), tratava-se de uma marca, “similar a uma tatuagem, em forma de lança, e que era transmitida de pai para filho”, cf. *Fab.* CLXXVIII (que escapa ao *corpus* de nossa dissertação).

⁵⁵² No mito presente em Apol. *Bibl.* II. 5. 8, Hemão é o último a ser devorado pela Esfinge que assolava Tebas, ao não conseguir decifrar seu enigma. Em seguida, o enigma é decifrado por Édipo. Cf. Smith (1867b, *Haemon*). Em Sófocles *Ant.* 1355-1384, Antígona, encarcerada, tira a própria vida; Hemão, ao se deparar com Antígona sem vida, suicida-se sobre seu corpo (para o texto de Sófocles, utilizamos a edição de Mário da Gama Kury, *A trilogia tebana*, editora Jorge Zahar). Cf. Smith (1867a, *Antigone*); Grimal (2008, *Antígona*). Interessante é notar que, como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 159 nota 358), na fábula CCXLIII.8 *Quae se ipsa interfecerunt* (“Aqueles que se suicidaram”), Higino narra que Antígona se teria suicidado perto da sepultura do irmão: *Antigona Oedipodis filia propter sepulturam Polynicis*.

⁵⁵³ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 160 nota 360), esse final na presente fábula trata-se, provavelmente, de uma adição posterior (talvez por parte de algum copista), uma vez que não está relacionada com a fábula em si, e tampouco está vinculada ao assunto da fábula seguinte, o que frequentemente ocorre no texto de Higino (sobre o assunto, cf. o capítulo III de nosso estudo introdutório) Fernaz (2007, p. 230 nota 149) acredita também se tratar de uma adição por algum copista que pretendesse apresentar Hércules como genro de Creonte.

Anfiarau, filho de Ecles e de Hipermnestra (filha de Téstio), áugure. Quando soube que, se fosse a Tebas para lutar, não voltaria de lá, ele se escondeu, tendo como cúmplice sua esposa Erifile, filha de Tálao. 2. Adrasto, por sua vez, a fim de investigá-lo, fez um colar de ouro com pedras preciosas e deu-o a sua irmã Erifile, que, cobiçando o presente, denunciou o esposo. Anfiarau instruiu seu filho Alcméon a aplicar, após sua morte, um castigo em sua mãe. 3. Depois que ele foi engolido pela terra, em Tebas, Alcméon, lembrando-se das instruções do pai, matou sua mãe Erifile. Tempos depois, as fúrias o perseguiram.

LXXIV. HIPSÍPILE⁵⁵⁴

Os sete comandantes que iam lutar em Tebas chegaram a Némea, onde Hipsípíle, filha de Toante, escravizada, era ama do menino Arquêmaco, ou Ofites, filho do rei Lico.⁵⁵⁵ Para este havia um presságio que instruíra a não se colocar a criança no chão antes que ela pudesse andar. 2. Então, os sete comandantes que se dirigiam a Tebas, ao procurar por água, chegaram até Hipsípíle e pediram a ela que indicasse um lugar onde houvesse água. Ela, temendo colocar a criança no solo,⁵⁵⁶ como havia um aipo altíssimo junto à fonte, colocou a criança sobre ele. 3. Enquanto ela lhes trazia água, uma serpente que guardava a fonte devorou a criança. Mas Adrasto e os demais mataram a serpente e intercederam por Hipsípíle junto a Lico, bem como instituíram jogos pela criança, que acontecem a cada quinto ano⁵⁵⁷, nos quais os vitoriosos recebem uma coroa de aipo.

LXXV. TIRÉSIAS

⁵⁵⁴ Os argumentos das tragédias de título *Hypsipylé* escritas, respectivamente, por Ésquilo (*Tr. Gr. Fr.*, ed. A. Nauck, p. 79) e por Sófocles (A. Nauck, p. 594-599), estão – a julgar pelo escólio de Clemente de Alexandria (p. 424, 19) –, ambas de acordo com o texto de Higino. Cf. Boriaud (2007, p. 177 nota 1 à fábula LXXIV). Aspectos do episódio narrado em Higino aparecem ainda em Apolodoro (III. 6. 4) e Baquilides, *Epin.* VIII. 14 (cf. Boriaud, 2007, p. 177 nota 2 a mesma fábula).

⁵⁵⁵ Na versão de Eurípides, o nome da criança era Ofeltes, mas muda para “Archemoros” (cf. Boriaud, 2007, p. 177 nota 2 à fábula LXXIV. 74; Hoyo e Ruiz, 2009, p. 161 nota 364). Hoyo e Ruiz sugerem que o nome *Ophites* é erro de Higino, que talvez tenha ocorrido por influência de uma fábula anterior (a de número LXXII), que termina com o termo *Ophites*. Lembram, ainda, que (segundo Apol. *Bibl.* I. 9. 14; III. 6. 4) o pai da criança seria Licurgo, e não Lico.

⁵⁵⁶ As edições de Boriaud (2009) e Rose (1963) sugerem que há uma lacuna nesse trecho da fábula. Rose propõe o seguinte complemento: *in gremio eum ferebat. sed ubi duxit illos ad aquam* (“ela o levava no colo. Mas, quando ela os conduziu até a água”) Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 161 nota 365).

⁵⁵⁷ Os jogos eram denominados Nemeus, e ocorriam a cada dois anos, como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 162 nota 368) e Sánchez (2009, p. 110 nota 2009).

Diz-se que no monte Cilene o pastor Tirésias, filho de Everes, golpeou com seu bastão duas cobras que copulavam⁵⁵⁸, outros dizem que ele pisou sobre elas. Por esse motivo foi transformado em mulher; em seguida, aconselhado por um oráculo, ele mesmo pisou sobre as serpentes e voltou ao aspecto anterior. 2. Naquela mesma época havia, entre Júpiter e Juno, uma disputa jocosa sobre quem conseguia obter mais prazer durante o ato sexual, se o homem ou se a mulher. Na questão, tomaram como juiz Tirésias, que era experiente em ambos os papéis. 3. Tendo ele julgado em favor de Júpiter, irada, Juno, com um revés, o cegou.⁵⁵⁹ Diante disso, Júpiter, por sua vez, fez com que ele vivesse por sete gerações e fosse adivinho frente aos demais mortais.

LXXVI. OS REIS DOS TEBANOS⁵⁶⁰

Cadmo, filho de Agenor; Anfíon, de Júpiter; Polidoro, de Cadmo; Laio, de Lábdaco; Penteu, de Equíon; Cretone, de Meneceu; Édipo, de Laio; Polínicos, de Laio; Lico, de Netuno; Etéocles, de Édipo; Zeto, de Júpiter; Lábdaco, de Polidoro.

LXXVII. LEDA

Júpiter, convertido em cisne, às margens do rio Eurotas violou Leda, filha de Téstio.

Dele, ela deu à luz Pólux e Helena e, de Tíndaro, por sua vez, Castor e Clitemnestra.⁵⁶¹

⁵⁵⁸ *Venerantes*: o quarto sentido atribuído ao verbete *ueneror* no *OLD*, indicando “to have sexual intercourse”, registra apenas esta passagem de Higino. Nesse caso, o verbo *uenerari*, mais comumente tomado como “solicitar a vontade dos deuses” (1), “homenagear” (2), “venerar”, é, no quarto sentido, “tratado como uma formação direta a partir de *Venus*, por analogia ao verbo grego *Aphrodisiátzo*” (tradução e transcrição nossa da introdução ao verbete 4).

⁵⁵⁹ *Manu reversa*: revés (“golpe aplicado com as costas da mão, cf. Aurélio, sentido 2). Cf. “d’un revers de main” (Boriaud, 2007, p. 64); “con el revés de su mano” (Hoyo e Ruiz, 2007, p. 162). Cf. Ainda Apolodoro (III. 6. 7) que remete a Hesíodo. Em Ovídio (*Met.* III. 316-338), Tirésias pisa de novo sobre as serpentes, mas inadvertidamente (cf. Boriaud, 2007, p. 64, nota LXXV,1). Em uma outra versão do mito (Calímaco, *Hino ao banho de Palas* 78-82), Tirésias é cegado por ver Atenas nua, banhando-se. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 162-163 nota 371).

⁵⁶⁰ Os nomes aqui apresentados, como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 163 nota 373), não seguem uma ordem cronológica. Rose (1963, p. 58), em sua edição, propõe a seguinte ordem: Cadmo, Polidoro, Penteu, Lábdaco, Lico, Anfíon, Zeto, Laio, Édipo, Polínicos, Etéocles e Creonte. Sobre esse tipo de intervenção, que pressupõe erro (de Higino ou interpolação) no texto transmitido, cf. o capítulo III de nosso estudo introdutório.

⁵⁶¹ Leda tinha sido possuída por Júpiter e Tíndaro em uma mesma noite. Nove meses depois, botaria dois ovos, cada qual com dois gêmeos. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 163-164 nota 375).

LXXVIII. TÍNDARO

Tíndaro, filho de Ébalo, teve com Leda, filha de Téstio, Clitemnestra e Helena.⁵⁶² Deu Clitemnestra em casamento a Agamêmnon, filho de Atreu. Devido a sua beleza, muitos pretendentes, vindos de várias cidades, solicitavam Helena em casamento. 2. Tíndaro, tendo receio de que sua filha Clitemnestra fosse repudiada por Agamêmnon e temendo que a partir disso surgisse uma discórdia, aconselhado por Ulisses, comprometeu-se por meio de um juramento e encarregou Helena de colocar uma coroa naquele com quem quisesse se casar. 3. Ela a colocou em Menelau⁵⁶³, a quem Tíndaro a deu como esposa. Ao morrer, ele entregou o reino a Menelau.

LXXIX. HELENA

Teseu, filho de Egeu e de Etra (filha de Piteu), junto com Pirítoo, filho de Íxion, raptaram do templo de Diana a jovem Helena, filha Tíndaro e de Leda, enquanto ela fazia sacrifícios, e a trouxeram até Atenas, para uma aldeia na região Ática. 2. Júpiter, quando viu que eles tinham tamanha audácia – a ponto de eles próprios se exporem ao perigo -, em um sonho⁵⁶⁴ ordenou que ambos pedissem em casamento a Plutão a mão de Prosérpina, para Pirítoo. Tendo eles descido às regiões inferiores pela ilha Tenária e informado a Plutão o motivo pelo qual tinham ido, foram atormentados pelas fúrias por diversos dias. 3. Quando Hércules chegou ali a fim de levar o cão de três cabeças, eles lhe imploraram ajuda. Ele intercedeu junto a Plutão, e os conduziu, ilesos.⁵⁶⁵ 4. Os irmãos Castor e Pólux guerrearam

⁵⁶² De maneira diferente à fábula anterior, nesta Helena e Clitemnestra são filhas de Leda com Tíndaro, o que poderia sugerir talvez que uma outra versão do mito tenha servido de fonte para a narrativa. Alguns estudiosos tendem a ver essa passagem como contraditória (cf. Hoyo e Ruiz, 2009, p. 164 nota 376) ou mesmo a consideram uma confusão de Higino (cf. Expósito, 2008, p. 96 nota 329).

⁵⁶³ De acordo com Hyg. *Fab.* XCVII, Agamêmnon e Menelau eram filha de Aérope e Atreu. Contudo, em Apol. *Bibl.* III. 2. 2 seus pais seriam Aérope e Plístenes.

⁵⁶⁴ Hoyo e Ruiz (2009, p. 165 nota 378) comentam que apenas no texto de Higino encontramos Júpiter como origem dessa ação por meio de um sonho (artifício semelhante ao que, na *Ilíada* II. 1-83, Zeus usa com Agamêmnon).

⁵⁶⁵ Na versão de Virgílio (*Eneida*, VI. 617ss.), Teseu e Pirítoo ficam no mundo dos mortos (Hoyo e Ruiz, 2009, p. 165 nota 380). Em outras versões (*Il.* I. 262 ss.; *Od.* XI. 631; Apol. *Bibl.* II. 5. 12; Plutarco, *Teseu* 30 ss.; cf. Boriaud, 1997, p. 66) Hércules salva apenas Teseu, ao passo que Pirítoo ficaria no mundo dos mortos.

por causa de Helena e capturaram Etra, mãe de Teseu, e Tisadia, irmã de Pirítoo,⁵⁶⁶ e as entregaram à sua irmã na condição de escravas.

LXXX. CASTOR

Idas e Linceu, filhos de Afareu, procedentes de Messana, tinham como prometidas Febe e Hilaíra, filhas de Leucipo. No entanto, como elas eram moças de extrema beleza – Febe era sacerdotisa de Minerva, e Hilaíra de Diana –, Castor e Pólux, ardentes de amor, raptaram-nas. 2. Uma vez perdidas as prometidas, Idas e Afareu pegaram em armas para que, assim, pudessem recuperá-las. Castor matou Linceu em combate; Idas, tendo perdido o irmão, abandonou a luta e a prometida, e começou a dar sepultura ao irmão. 3. Enquanto ele empilhava os ossos em uma coluna, Castor irrompe e lhe proíbe de começar a fazer o túmulo, pois, dizia, o vencera como a uma mulher. Idas, indignado, atravessou a virilha de Castor com a espada que tinha à cintura. Outros dizem, que enquanto erguia a coluna, esta caiu sobre Castor, que foi morto. 4. Quando anunciaram isso a Pólux, ele acorreu e venceu Idas em uma única luta. Recuperado o corpo do irmão, deu-lhe sepultura. No entanto, como ele próprio havia recebido de Júpiter uma estrela, que não tinha sido dada a seu irmão (pelo fato de que, segundo Júpiter, Castor e Clitemnestra eram nascidos do sangue de Tíndaro, ao passo que ele e Helena eram filhos de Júpiter), Pólux suplicou a Júpiter que lhe permitisse dividir seu presente com o irmão. Ele o permitiu. Por esse motivo, dizem: “um é resgatado pela morte do outro”⁵⁶⁷. A partir disso os romanos mantiveram um costume: quando enviam um dessultor⁵⁶⁸, este monta dois cavalos e traja um píleo⁵⁶⁹ na cabeça, salta <de> um cavalo para outro cavalo, pois desempenha a sua função e a do irmão.

Para essa e outras divergências em relação ao texto homérico no corpus das *Fabulae* por nós traduzido, cf. Cap. II.

⁵⁶⁶ *Thisadien*: “esta irmã de Pirítoo (que se encontra na fábula XCII.5) não parece ser conhecida em outros autores” (Boriaud, 2007, p. 66, nota LXXIX.4, tradução nossa).

⁵⁶⁷ Cf. Virgílio, *Eneida*, VI. 121: *Si fratrem Pollux alterna morte redemit* “Se, com alterna morte o irmão remindo” (Tradução de Manuel Odorico Mendes, 2010) Cf. Boriaud (1997, p. 67 nota LXXX.2).

⁵⁶⁸ *Desultorem*: a passagem é citada no verbete “desultor” (sentido único) do *OLD*: “a rider in the circus who jumped from one horse to another”. Houaiss (sentido 1 ao verbete “dessultor”): “diz-se de ou cavaleiro romano que conduzia dois cavalos e saltava de um para o outro”. Cf. ainda Varrão (*R.* II. 7.5); Tito Lívio (*III.* 29. 5; *XLIV.* 9. 4), Ovídio *Amores* I. 3. 15.

⁵⁶⁹ *Pileum*: “píleo”, em português, quando relacionado à Antiguidade, é entendido e modo específico: “barrete de feltro, perfeitamente ajustado à cabeça, que era usado pelos romanos nas saturnais e outras solenidades” (cf. Aurélio, verbete “píleo”, primeiro sentido). Cf. “a felt cap”, segundo o *OLD* (sentido 1a, verbete *pileus*),

LXXXI. OS PRETENDENTES DE HELENA

Antíloco, Ascálafo, Ájax⁵⁷⁰ filho de Oileu, Anfímaco, Anceu, Blaniro, Agapenor, Ájax Telamônio, Clítio Ciâneo, Menelau, Pátroclo, Diomedes, Peneleu, Fêmio, Nireu, Polípetes, Elefenor, Eumelo, Esténelo, Tlepólemo, Protesilau, Podalírio, Eurípilo, Idomeneu, Leonteu, Tálpio, Políxeno, Proto, Menesteu, Macáon, Toante, Ulisses, Fidipo, Meríones, Meges, Filoctetes. Os autores antigos indicam outros.⁵⁷¹

LXXXII. TÂNTALO

Tântalo, filho de Júpiter e de Plutão, teve com Dione a filha Pélope. 2. Júpiter era acostumado a confiar suas deliberações a Tântalo e a recebê-lo no banquete dos deuses, o que Tântalo anunciou aos homens. Diz-se que por esse motivo, permanece nas regiões inferiores, com o corpo imerso em água até a linha da cintura, sempre sedento, e que, quando deseja beber água, a água retrocede. 3. Do mesmo modo, frutas pendem sobre sua cabeça, cujos ramos, quando ele as deseja pegar, retrocedem movidos pelo vento. Do mesmo modo, uma imensa pedra pende sobre sua cabeça, e ele teme constantemente que ela caia sobre ele.⁵⁷²

LXXXIII. PÉLOPE

Tendo sido Pélope, filho de Tântalo e de Dione (filha de Atlas), esquartejado e servido por Tântalo no banquete dos deuses, Ceres comeu um de seus braços. Ele recuperou a vida por

“worn at the Saturnalia” (sentido 1c), cf. Marcial, XIV. 1. 2. Boriaud (1997, p. 67) traduz: “un bonnet phrygien”; Hoyo e Ruiz (2009, p. 166): “un gorro frigio”.

⁵⁷⁰ Ájax era filho de Télamon e Eribeia (Hyg. *Fab.* XCVII. 3; Diod. IV. 72. 7) ou Peribeia (Apol. *Bibl.* III. 12. 7; Paus. I. 42. 4).

⁵⁷¹ Outro catálogo de pretendentes de Helena é descrito em Apol. *Bibl.* III. 10. 8. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 167 nota 384) e discussão em Boriaud (2007, p. 176 nota à fábula 81).

⁵⁷² Note-se a ambiguidade gramatical (resolvida pelo contexto) em *ingens* (“imensa”) que poderia concordar com *saxum* (“pedra”) ou *caput* (“cabeça”). O castigo de Tântalo é referido por Ovídio em *Met.* IV. 458-460 e Apol. *Epit.* II, 1. Na fábula seguinte de Higino, Tântalo é castigado por esquartejar e servir seu filho Pélope em um banquete. Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 168 nota 386).

vontade dos deuses. Tendo sido reunidos seus demais membros assim como eram antes, no lugar do ombro mortal Ceres adapta um de marfim.

LXXXIV. ENÓMAO

Enómao, filho de Marte e de Estérope⁵⁷³ (filha de <Atlas>), casou-se com Evarete, filha de Acrísio, de quem teve Hipódame, moça de notável beleza. Ele não a concedia em casamento a ninguém, uma vez que havia um presságio precavendo-o de que ele seria morto por um genro. 2. E, assim, como muitos a solicitavam em casamento, estabeleceu uma prova: ele a daria àquele que disputasse contra ele em uma corrida de quadrigas e saísse vitorioso (é que ele tinha os cavalos mais velozes que o Aquilão); porém, aquele que fosse vencido seria morto. 3. Quando muitos já haviam sido mortos, Pélope, filho de Tântalo, acabava de chegar ali e, quando viu fixadas sobre as portas as cabeças dos que pretendiam ter Hipódame por esposa, passou a se arrepender, temendo a crueldade do rei. 4. Desse modo, persuadiu o cocheiro Mítilo, prometendo-lhe metade do reino caso o ajudasse. Dada sua palavra, Mítilo atrelou o carro e não juntou os pregos às rodas. Assim, quando os cavalos foram impelidos, os cavalos destruíram o carro sabotado de Enómao. 5. Ao retornar Pélope a casa, vitorioso, junto com Hipódame e Mítilo, refletiu que seria uma vergonha para si e não quis manter a palavra dada a Mítilo, e o lançou ao mar, o qual foi denominado “Mar de Mirto”.⁵⁷⁴ Conduziu Hipódame até sua pátria, que é chamada Peloponeso, onde teve com ela os filhos Hipalco, Atreu e Tiestes.⁵⁷⁵

LXXXV. CRISIPO⁵⁷⁶

Laio, filho de Lábdaco, raptou, durante os jogos de Némea, Crisipo (filho bastardo de Pélope), devido a sua notável beleza. Pélope o resgatou em uma guerra. Atreu e Tiestes

⁵⁷³ *Asteropes*: como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 168 nota 368), o nome da personagem Estérope é grafada como *Sterope* em duas outras fábulas, a saber: CLIX. *Martiis filii* e CXCII. *Hyas*.

⁵⁷⁴ Na versão de Apolodoro, Mítilo sabota a quadriga do rei por amor à Hipódame (*Ep.* II. 6), e Pélops o mata por que Mítilo a queria raptar (*Ep.* II. 8). Cf. Boriaud (2007, p. 69 nota LXXXIV.1 e 2).

⁵⁷⁵ Haveria seis filhos, cf. Píndaro *Ol.* I. 89, cf. Boriaud (2007, p. 69 nota LXXXIV.3).

⁵⁷⁶ Segundo Cícero (*Tusc.* IV. 33. 71), a tragédia *Chrysippos* de Eurípides (*Tr. Gr. Fr.*, ed. Nauck, pp. 632-635) trata do tema do amor de Laio pelo filho bastardo de Pélops. A tragédia *Oenomaos* ou *Hipódame* (*Tr. Gr. Fr.*, ed. Nauck, pp. 233-236) trata do episódio relativo a Crisipo; segundo Boriaud (2007, p. 69 nota LXXXV.1) seu tema provavelmente é retomado na *Fab.* LXXXIV.

mataram-no, por conselho da mãe Hipódame. Quando Pélope acusou Hipódame, esta tirou a própria vida.

LXXXVI. OS PELÓPIDAS

Tiestes, filho de Pélope e de Hipódame, uma vez que se havia deitado com Aérope, esposa de Atreu, foi expulso do reino por seu irmão Atreu. Mas ele deu a Plístenes (o filho de Atreu que criara como se fosse seu), a missão de matar Atreu. Acreditando que se tratava do filho de seu irmão, Atreu⁵⁷⁷, ignorante⁵⁷⁸, matou o próprio filho.⁵⁷⁹

LXXXVII. EGISTO

Para Tiestes, filho de Pélope e de Hipódame, havia um presságio, segundo o qual aquele que Pélope, sua filha, desse à luz seria o vingador de seu irmão. Quando ouviu isso <...>, nasceu uma criança, que Pélope abandonou e que, alguns pastores encontraram e colocaram sob uma cabra para que fosse alimentado. Foi chamado “Egisto”, uma vez que, em grego, cabra é denominada *aega*⁵⁸⁰.

LXXXVIII. ATREU

Atreu, filho de Pélope e de Hipódame, desejando vingar as injúrias cometidas por seu irmão Tiestes, reconciliou-se com ele, reconduziu-o ao seu reino, matou seus filhos, Tântalo e Plístenes, ainda crianças, e os serviu em um banquete a Tiestes. 2. Enquanto este se alimentava, Atreu ordenou que fossem trazidos os braços e as cabeças das crianças. Diante desse crime, até mesmo Sol desviou seu carro. 3. Tiestes, percebendo o crime abominável, fugiu em direção ao rei Tesproto, na região onde se diz que fica o lago Averno. A partir

⁵⁷⁷ *Atrei... Atreo... Atrei... Atreum... Atreus*: na tradução mantivemos no texto dessa curta fábula a notável repetição (cinco vezes) do nome do personagem.

⁵⁷⁸ *Imprudens*: lit. “sem prudência”. O termo recorre em diversas fábulas ao longo da obra de Higino (e.g. *Fab.* I. 2; XXVII. 3; CIX. 3; CXC. 6; CCXLI; CCLXXIII. 9;). Cf. Maria Chiabó et Luciana Roberti, *Hygini fabularum index verborum*, 2001, p. 93. Cf. ainda nota à fábula CIX.

⁵⁷⁹ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 170 nota 396), o argumento da presente fábula é baseado na tragédia *Plístenes*, de Eurípedes, da qual poucos fragmentos nos foram legados.

⁵⁸⁰ *Aega*: segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 171 nota 397), Higino cria um novo termo em latim a partir do termo grego *aíx*, *aigós* “cabra”.

dali, chegou a Sícion, onde estava, abandonada, Pelópia, filha de Tiestes. Por acaso, chegou nesse lugar durante a noite, enquanto se realizavam sacrifícios a Minerva; temendo contaminar as cerimônias, escondeu-se em um bosque. 4. Porém Pelópia, enquanto conduzia uma dança em coro, escorregou e manchou o vestido com a carne do animal sacrificado. Enquanto saía em direção ao rio para lavar o sangue, tirou a túnica manchada. Saindo do bosque, Tiestes avançou com a cabeça coberta. Durante a violação, Pelópia tirou-lhe a espada da bainha, e, retornando ao templo, escondeu-a debaixo de um pedestal. No dia seguinte, Tiestes solicita ao rei que o permita voltar à pátria, Lídia. 5. Nesse ínterim, inicia-se em Micenas uma escassez de alimentos e penúria devido ao crime de Atreu. Ali houve um presságio instruindo que se reconduzisse Tiestes ao reino. 6. Tendo-se dirigido ao rei Tesproto, pensando que ali se detinha Tiestes, voltou os olhos para Pelópia e solicitou a Tesproto que a desse em casamento para si, pois pensava que ela era filha de Tesproto. Tesproto, a fim de não provocar suspeitas, dá-lhe Pelópia, que, da relação com o próprio pai, já estava grávida de Egisto. 7. Quando ela chegou ao reino de Atreu, deu à luz Egisto e o abandonou. Mas alguns pastores o colocaram debaixo de uma cabra. Atreu ordenou que o procurassem, e o criassem como se fosse um filho seu. 8. Nesse ínterim, Atreu envia os filhos Agamêmnon e Menelau em busca de Tiestes, e eles se dirigiram a Delfos em busca de informações. Por casualidade, Tiestes chegara ali para consultar o oráculo acerca de sua vingança contra seu irmão. Capturado por eles, é conduzido a Atreu. Atreu⁵⁸¹ ordenou que ele fosse lançado na prisão, chama Egisto, acreditando que fosse seu filho, e o envia a Tiestes para que aquele o matasse. 9. Quando Tiestes viu Egisto e a espada que Egisto portava, reconheceu que se tratava daquela que havia perdido durante a violação. Pergunta a Egisto onde ele a havia conseguido. Ele respondeu que havia sido dada por sua mãe, Pelópia, e ordenou que ela fosse chamada. 10. Ela lhe contou que, durante uma violação à noite, tirou-a de um desconhecido e que dessa violação deu à luz Egisto. Pelópia, então, arrebatou a espada, simulando querer reconhecê-la, e a cravou violentamente no próprio peito. 11. Egisto, segurando a espada ensanguentada que tirara do peito de sua mãe, levou-a até Atreu. Este se alegra, acreditando que Tiestes estava morto.

⁵⁸¹ *Ad Atreum ... Atreus...*: esse é um exemplo de ocorrência em que, nesta fábula, procuramos manter a repetição presente no texto original. No caso, esta, em latim, tem efeito de poliptoto.

Egisto o matou enquanto ele fazia sacrifícios na praia, e retornou ao reino de seu avô com seu pai Tiestes.

LXXXIX. LAOMEDONTE

Dizem que Netuno e Apolo cercaram Tróia com uma muralha. O rei Laomedonte fez um voto de que sacrificaria a eles, naquele ano, o gado que nascesse em seu reino. Faltou com a promessa por avareza. Outros dizem que havia prometido ouro⁵⁸². 2. Diante dessa falta, Netuno enviou um monstro marinho para que atacasse Tróia. Diante disso, o rei enviou um consultor até Apolo. Apolo, irado, assim respondeu: que se moças de Tróia, amarradas, fossem oferecidas ao monstro marinho, a pestilência chegaria ao fim. 3. Tendo muitas sido devoradas, a sorte escolheu Hesíone, que foi amarrada a uma pedra. Hércules e Télamon, enquanto iam a Cólquida como Argonautas, chegaram ali e mataram o monstro marinho. Devolveram Hesíone ao pai, após fazerem um pacto: quando voltassem, levá-la-iam consigo à pátria, e também os cavalos que caminhavam sobre as águas e espigas.⁵⁸³ 4. Também quanto a isso, Laomedonte faltou com a promessa, e não quis entregar Hesíone. E assim Hércules, com navios equipados a fim de combater Tróia, foi até eles, matou Laomedonte e entregou o reino ao filho dele, ainda infante, Podarces, que em seguida foi chamado Príamo, a partir de *príasthai*⁵⁸⁴. 5. Hesíone, recuperada, foi entregue em casamento a Télamon, de quem nasceu Teucro.

XC. OS FILHOS DE PRÍAMO, EM NÚMERO DE 54⁵⁸⁵

⁵⁸² *Aurum*: tanto a *editio princeps*, quanto as edições de Rose (1963) e de Boriaud (1997) trazem o termo *parum*, com o que teríamos a tradução da oração: “outros dizem que ele teria prometido *pouco*” (grifo nosso). Para autores antigos que narram sobre a promessa de Laomedonte, cf. Virg. *Geor.* I. 502; Ov. *Met.* 205-206; Hor. *Carm.* III. 3. 21-22 e Hoyo e Ruiz (2009, p. 174).

⁵⁸³ Segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 174 nota 402), a informação sobre os cavalos andarem sobre as águas se encontra apenas no texto de Higino.

⁵⁸⁴ ὑπὸ τοῦ πρίασθαι: lit. “de comprar”. O nome próprio *Priamus*, segundo o texto, teria como etimologia o verbo *príamai* (“comprar”). Cf. Apolodoro (II. 6. 4), cf. Boriaud (1997, p. 72 nota LXXXIX.3). Seguimos aqui a transliteração proposta por Hoyo e Ruiz (2009, p. 174).

Seguimos aqui a transliteração proposta por Hoyo e Ruiz (2009, p. 174).

⁵⁸⁵ O total de nomes aqui apresentado é de cinquenta e cinco, número idêntico ao que se encontra no texto de Apol. *Bibl.* III. 12. 5. Já no canto VI e XXIV da *Ilíada* (VI. 244-246 e XXIV. 495), elencam-se cinquenta filhos homens. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 175 nota 404).

Hector, Deífobo, Cebríones, Polidoro, Heleno, Alexandre, Hipósido, Antínoo, Ágato, Díon. 2. Mestor, Líside, Polímena⁵⁸⁶, Ascânio, Quirodamante, Evágoras, Dríops, Astínomo, Polimeto, Laódice. 3. Etiônimo, Fegeia, Heniceia, Demnosia, Cassandra, Filomela, Polites, Troilo, Palémon, Bríson. 4. Gorgítion, Protôdamas, Areto, Dólon, Crômio, Éreso, Crisolau, Demóstea, Dóriclo, Hípaso. 5. Hipérocó, Lisianassa, Ilíona, Nereide, Evandro, Proneu, Arquêmaco, Hilageu, Axíon, Bias, 6. Hipótroco, Deiopites, Medusa, Hero, Creúsa.

XCI. ALEXANDRE PÁRIS⁵⁸⁷

Tendo Príamo, filho de Laomedonte, muito filhos de sua relação com Hécuba (filha de Cisseu ou Dimas), sua esposa, grávida, viu em um sonho que dava à luz uma tocha ardente, da qual saíam muitas serpentes⁵⁸⁸. 2. Tendo narrado essa visão a muitos intérpretes de sonhos, eles ordenam que matasse o que quer que dela nascesse, para evitar a destruição de sua pátria. 3. Depois que Hécuba deu à luz Alexandre, ele foi entregue para ser morto, mas os guardas, por misericórdia, abandonaram-no. Alguns pastores o encontraram, abandonado, criaram-no como se fosse o próprio filho e lhe deram o nome de Páris. 4. Quando ele chegou à puberdade, tinha afeição por um touro. Alguns guardas ali chegaram, enviados por Príamo, para levar o touro, que seria colocado como prêmio em jogos⁵⁸⁹ fúnebres realizados em honra do próprio Alexandre. E, assim, começaram a levar embora o touro⁵⁹⁰ de Páris. 5. Este os perseguiu, questionando para onde o conduziam. Eles o informaram que o conduziam a Príamo, <para aquele> que vencesse os jogos fúnebres em honra de Alexandre. Este, inflamado de amor por seu touro, participou da disputa e venceu todas as provas, de modo a superar mesmo a seus próprios irmãos. 6. Indignado, Deífobo

⁵⁸⁶ *Polymena*: as edições de Rose (1963) e Hoyo e Ruiz (2009) trazem o termo *Polymedon*.

⁵⁸⁷ Segundo Boriaud (1997, p. 73 nota XCI.1), esta fábula reproduz o argumento de tragédia de Eurípedes *Alexandre* (Tr. Gr. Frg., ed. Nauck, pp. 373-379).

⁵⁸⁸ *Serpentes*: segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 175 nota 408) e Sánchez (2009, p. 126 nota 247), dentre os textos transmitidos, a informação sobre as serpentes é narrada apenas no texto de Higino.

⁵⁸⁹ *Athlo*: emprestado do grego, o termo *athlum* em latim normalmente significa “labour, task” (*OLD* 1, cf. por exemplo Higino *Fab.* XXX, Petrônio, 57.11); podendo designar também um fenômeno astrológico (*OLD* 2). Em latim, a passagem em apreço parece ser a única em que o termo significa “competição” (Hoyo e Ruiz 2009, p. 176 nota 409, lembram, ainda, que no parágrafo seguinte o termo grafado para se referir aos jogos é *certamen*, “disputa”, “competição”).

⁵⁹⁰ Hoyo e Ruiz (2009, p. 176 nota 410) comentam que o detalhe sobre o touro de Páris é encontrado apenas no texto de Higino.

empunhou a espada contra ele. Mas ele saltou para cima do altar de Júpiter Herceu. Quando Cassandra advertiu que ele era seu irmão, Príamo o reconheceu e o recebeu em seu palácio.

XCII. O JULGAMENTO DE PÁRIS

Diz-se que, quando Tétis se casou com Peleu, Júpiter convocou todos os deuses a um banquete, com exceção de Éris, isto é a Discórdia, que, tendo chegado mais tarde e não sendo admitida no banquete, da porta, enviou uma maçã ao centro da sala, e disse que a pegaria quem fosse a mais bela. 2. Juno, Vênus e Minerva começaram a reivindicar a beleza para si mesmas, e entre elas nasceu uma enorme discórdia. Júpiter ordena Mercúrio a conduzi-las até Alexandre Páris, no monte Ida, e que o ordenasse a dar uma sentença. 3. Juno prometeu a ele que, caso julgasse a favor dela, ele reinaria na terra sobre todos e teria, frente aos demais, riqueza a sua disposição. Minerva prometeu que, caso ela saísse vencedora dali, ele seria o mais forte entre os mortais, e conhecedor de todos os artifícios. Vênus, por sua vez, prometeu dar a ele em casamento a mais bela de todas as mulheres, Helena, filha de Tíndaro. 4. Páris preferiu o último presente aos primeiros, e julgou que Vênus era a mais bela. Por esse motivo, Juno e Minerva foram hostis aos troianos. 5. Alexandre, hóspede de Menelau, por incitação de Vênus levou Helena da casa de Menelau, na Lacedemônia, até Tróia, e a tomou por esposa. E junto com ela levou também duas criadas, Etra⁵⁹¹ e Tisiade, outrora rainhas, as quais Castor e Pólux haviam doado a ele como escravas.

XCIII. CASSANDRA

Diz-se que Cassandra, filha de Príamo e de Hécuba, brincando no templo de Apolo, adormeceu, fatigada. Quando Apolo desejou possuí-la, ela não consentiu que ele tocasse seu corpo. Por esse motivo, Apolo fez com que ela, quando profetizasse coisas verdadeiras, não tivesse credibilidade.

⁵⁹¹ Etra era mãe de Teseu, segundo a fábula LXXIX, e Tisiade, mãe de Pirítoo (cf. Boriaud, 1997, p. 74 nota XCIII.1).

XCIV. ANQUISES

Diz-se que Vênus amava Anquises, filho de Assáraco e que com ele se deitou, de quem teve Enéias, e o instruiu a não divulgar isso entre os homens. Anquises, movido pelo vinho, revelou o fato entre seus companheiros. Por esse motivo, foi abatido por Júpiter com um raio. Alguns dizem que morreu de morte natural.

XCV. ULISSES⁵⁹²

Quando Agamêmnon e Menelau, filhos de Atreu, conduziam alguns comandantes aliados para atacar Tróia, chegaram à ilha de Ítaca, até Ulisses, filho de Laertes, a quem havia um presságio que previa que, caso fosse a Tróia, retornaria a casa após vinte anos, sozinho, com os companheiros perdidos, e na condição de mendigo. 2. E assim, quando soube que chegariam alguns embaixadores, simulando loucura colocou um píleo⁵⁹³ na cabeça e atrelou um cavalo e um boi ao arado. Quando Palamedes o viu, percebeu que simulava, levantou seu filho Telêmaco de um berço, lançou-o debaixo do arado e disse: “deixe de simulação e junte-se aos aliados”. Então Ulisses deu sua palavra de que se juntaria a eles. A partir disso, tornou-se inimigo de Palamedes.

XCVI. AQUILES

Como a nereida Tétis sabia que seu próprio filho, que ela teve com Peleu, morreria caso fosse lutar em Tróia, confiou-o ao rei Licomedes, na ilha Ciro. Ele o mantinha entre suas filhas moças, em trajes femininos e com o nome alterado, já que as moças o nomearam Pirra, porque tinha os cabelos loiros, e em grego ruivo se diz *pyrrhon*. 2. Porém, quando os

⁵⁹² O argumento presente na fábula a seguir se refere, de acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 179 nota 420), a uma versão estendida do mito de Odisseu, presente em Licofron *Alexandra* 815-819 e Luciano *De domo* 30. Em Apolodoro (*Ep.* III. 7), narra-se que se Palamedes desembainha a espada, ameaçando matar Telêmaco. Cf. ainda Tzetzes *ad Lycophronem* 818 e Smith (1867c, *Odyseus*). No texto homérico, por sua vez, apenas encontramos menção à visita de Agamêmnon: “Não lembras quando me acolheste com seu mano,/ igual-a-um-deus, quando exortamos Odisseu a ir conosco a Ílion em navios simétricos?” (*Od.* XXIV. 115-117, tradução de Trajano Vieira, 2011). Cf. ainda o capítulo II de nosso estudo introdutório.

⁵⁹³ *Pileum*: a passagem é citada no verbete *pilleus* (sentido 1d) no *OLD* em que se indica que tal barrete poderia ser usado para fins médicos (“worn for medical purposes”). Segundo Hoyo e Ruiz (2007, p. 179 nota 419), “se trata de un gorro cónico, en principio de lana, con el que se representa habitualmente a Ulisses”.

aqueus descobriram que ele estava escondido ali, enviaram ao encontro do rei Licomedes alguns embaixadores, que a ele pediram que o enviasse, como forma de ajuda aos dânaos. O rei negou que ele estivesse em sua casa, mas deu permissão para que o procurassem no palácio. 3. Como eles não podiam discerni-lo dentre os que estavam lá, Ulisses colocou na entrada no palácio alguns presentes femininos, entre eles um escudo e uma lança. Ordenou que subitamente se tocasse a trombeta e que se fizesse um som de armas e gritos. 4. Aquiles, pensando que o inimigo avançava, rasgou as vestes de mulher e tomou o escudo e a lança. Por esse motivo foi reconhecido, e prometeu aos argivos sua ajuda e seus soldados mirmídones.⁵⁹⁴

CXVII. QUEM FOI A TRÓIA PARA ATACÁ-LA E EM QUAIS NAUS⁵⁹⁵

Agamêmnon, filho de Atreu e de Aérope, proveniente de Micenas: com cem naus. Menelau, seu irmão, de Micenas: com sessenta naus. 2. Fenice, filho de Amintor, argivo: com cinquenta naus. Aquiles, filho de Peleu e de Tétis, da ilha de Ciro: com sessenta naus. Automedonte, cocheiro de Aquiles, de Ciro: com dez naus. Pátroclo, filho de Menécio e de Filomela, da Ftia: com dez naus.⁵⁹⁶ 3. Ájax, filho de Telamônio e de Eribeia, de Salamina: com doze naus. O irmão Teucro, filho de Hesíone (filha de Laomedonte): com doze naus. 4. Ulisses, filho de Laertes e de Anticleia, de Ítaca: com doze naus. Diomedes, filho de Tideu e de Deípila (filha de Adrasto), de Argos: com trinta naus. Esténelo, filho de Capaneu e de Evadne, de Argos: com vinte e cinco naus. 5. Ájax, filho de Oileu e da ninfa Rena, de Locros: com vinte naus. Nestor, filho de Neleu e de Clóris (filha de <Anfíon>), de

⁵⁹⁴ O argumento dessa fábula também não é encontrado nas obras homéricas, mas em obras de autores posteriores a Homero, como Apolodoro *Bibl.* III. 14. 8, Ovídio *Met.* XIII.162-170 e Estácio *Aquilleis* I. 207-885. Cf. Moreno (2004, p. 179 nota 162), que cita também duas tragédias escritas por Eurípedes e Sófocles, hoje perdidas, que teriam como argumento a estada de Aquiles em Esciros e sua descoberta por Ulisses. Cf. ainda Smith (1867a, *Achilles*). Em nota à tradução das *Metamorfoses* de Ovídio, Álvarez e Iglesias (2007, p. 669 nota 1520) sugerem que a descoberta de Aquiles disfarçado de mulher e o ardil de Ulisses teriam sido narrados pela primeira vez por Ovídio e Higino, e reafirmam que a importância da presença de Aquiles para a tomada de Troia está ausente no texto da *Iliada*. Sobre a astúcia de Ulisses, cf. o capítulo II de nosso estudo introdutório.

⁵⁹⁵ Listas parecidas se encontram em *Il.* II. 494-759 (o célebre “Catálogo das Naus”, da qual a lista de Higino parece ser um resumo, cf. Hoyo e Ruiz, 2009, p. 181 nota 422); Eurípedes, *Ifigênia em Áulide* 164-302) Apolodoro *Epit.* III. 11-14, entre outras (cf. Boriaud, 2007, p. 76).

⁵⁹⁶ Pátroclo era filho de Menécio e Filomela também segundo outra fábula (Hyg. *Fab.* 97. 2), ao passo que, em Apol. *Bibl.* III. 14. 8, aparece como filho de Menécio e Esténele. Para diferenças do catálogo apresentado na presente fábula e outras versões antigas, cf. Hoyo e Ruiz (2007, *ad loc.*).

Pilos: com noventa naus. O irmão Trasimedes, filho de Eurídice, de Pilos: com quinze naus. Antíloco, filho de Nestor, de Pilos: com vinte naus. 6. Eurípilo, filho de Evêmon e de Ops, de Orcômeno: com quarenta naus. Macáon, filho de Asclépio e de Corônís, da Trica: com vinte naus. Podalírio, irmão dele: com nove naus. 7. Tlepólemo, filho de Hércules e de Astíoque, de Micenas: com nove naus. Idomeneu, filho de Deucalião, de Creta: com quarenta naus. Meríones, filho de Molo e de Mélfide, de Creta: com quarenta naus. 8. Eumelo, filho de Admeto e de Alcestis (filha de Pélias), de Perrébia: com oito naus. Filoctetes, filho de Peante e de Demonassa, de Melibeia: com sete naus. Peneleu, filho de Hipalco e de Astérope, da Beócia: com doze naus. 9. Leito, filho de Lácrito e de Cleobula, da Beócia: com doze naus. Clônio, o irmão dele, da Beócia: com nove naus. Arcesilau, filho de Areílico e de Teobula, da Beócia: com dez naus. Protenor, o irmão <dele>, de Téspias: com oito naus. 10. Iálmeno, filho de Lico e de Pernide, de Argos: com trinta naus. Ascálafo, o irmão dele, de Argos: com trinta naus. Esquédio, filho de Ífito e de Hipólita, de Argos: com trinta naus. Epístrofo, o irmão dele, do mesmo lugar: com dez naus. Elefenor, filho de Calcodonte e de Imenarete; de Argos: com trinta naus. 11. Menesteu, filho de †Ea; de Atenas: com cinquenta naus. Agapenor, filho de Anceu e de †Io, da Arcádia: com sessenta naus. Anfímaco, filho de Ctéato, de Élea: com dez naus. Êurito, filho de Palas e de Diomede, de Argos: com quinze naus. Amarinceu, filho de Onesímaco, de Micenas: com dezenove naus. Políxeno, filho de Agástenes e de Pelóriade, da Etólia: com quarenta naus. 12. Meges, filho de Fileu e de Eustíoque, vindo de Dulíquio: com quarenta naus. Toante, filho de Andrémon e de Gorge, de Tito: com quinze naus <...> Podarces, o irmão dele, do mesmo lugar: com dez naus. 13. Prótoo, filho de Tentrédon, de Magnésia: com quarenta naus. Cicno, filho de Ócito e de Aurofite, de Argos: com doze naus. Nireu, filho de Cárops e da ninfa <Aglaiá>, de Argos: com dezesseis naus. 14. Ântifo, filho de Téssalo e de Calcíope, de Nisiros: com vinte naus. Polipetes, filho de Pirítoo e de Hipódame, de Argos: com vinte naus. Leonteu, filho de Corono, vindo de Sícion: com dezenove naus. 15. Calcas, filho de Testor, de Micenas, áugure. Foco, filho de Dânao, arquiteto. Euríbates e Taltíbio, mensageiros. Diáforo, juiz. Neoptólemo, filho de Aquiles e de Deidamia, vindo da ilha de Ciro. Este mesmo foi chamado de Pirro devido ao pai, Pirra. Em suma, duzentas e quarenta e cinco naus.

XCVIII. IFIGÊNIA

Quando Agamêmnon, junto com o irmão Menelau e alguns comandantes selecionados na Acaia⁵⁹⁷, iam a Tróia para reclamar Helena, esposa de Menelau, que havia sido levada por Alexandre Páris, reteve-os na Áulide uma tempestade⁵⁹⁸ provocada pela ira de Diana, pois Agamêmnon havia profanado uma cerva desta durante uma caçada, e também falado com muita soberba contra Diana. 2. Tendo ele convocado alguns adivinhos, Calcas teria respondido que ele não poderia se reparar a não ser sacrificando Ifigênia, filha de Agamêmnon. Ao ouvir tais palavras, Agamêmnon a princípio recusou a cumpri-las. 3. Então Ulisses, por meio de conselhos, persuadiu-o a uma excelente solução: o próprio Ulisses foi enviado junto com Diomedes para buscarem Ifigênia. Quando eles chegaram até a mãe desta, Clitemnestra, Ulisses mentiu dizendo que a moça seria dada em casamento a Aquiles. 4. Quando a levaram em direção à Áulide, e seu pai intentava sacrificá-la, Diana se compadeceu da moça, lançou uma caligem sobre eles e colocou uma cerva em seu lugar. Levou Ifigênia através das nuvens até a terra táurica e ali a fez sacerdotisa de seu templo.

XCIX. AUGE

Quando chegou o momento do parto de Auge, filha de Aleu (e violada por Hércules), ela deu à luz a seu filho no monte Partênio e ali o abandonou. No mesmo instante, Atalanta, filha de Iásio, abandonou o filho que teve com Meleagro. 2. Mas uma cerva alimentava o filho de Hércules. Alguns pastores os encontraram, os levaram consigo e alimentaram. Deram o nome de Télefo ao filho de Hércules, porque uma cerva o alimentava⁵⁹⁹, e Partenopeu ao de Atalanta, que o abandonara para simular que ainda era uma virgem. 3. A própria Auge, por sua vez, temendo seu pai, se refugiou em Mísia, junto do rei Teutras, que, não tendo filhos, recebeu-a como uma filha.

⁵⁹⁷ Rose e Boriaud adotam o termo *Asia*, presente no texto da edição *princeps*, mas a referência é, segundo eles mesmos, difícil de se compreender. *Achaia*, correspondente, na época de Augusto, a uma grande parte do Peloponeso, é conjectura adotada por Marshall, cf. discussão em Hoyo e Ruiz (2007, p. 186 nota 450).

⁵⁹⁸ A falta de ventos (e não uma tempestade) seria o obstáculo para o prosseguimento da frota grega, conforme Eurípedes, *Ifigênia na Táurida* 13-14; Apolodoro *Epít.* III. 21; Ovídio *Met.* XXVII e em Higino *Fab.* CCLXI, entre outros. Sobre isso e outras diferenças entre a versão de Higino e as demais, cf. Hoyo e Ruiz, p. 186-187 notas 451 a 456.

⁵⁹⁹ De *théle* [úbere, teta] e *élafos* [cerva], cf. Apolodoro (*Bibl.* II. 7. 4); Boriaud (1997, p. 80 nota XCIX.3); Hoyo e Ruiz (2009, p. 187 nota 457).

C. TEUTRAS

Idas, filho de Afareu, quis tomar o trono de Teutras, rei na Mísia. Ali chegou, junto com o companheiro Partenopeu, Télefo (filho de Hércules) seguindo um oráculo, em busca do paradeiro de sua mãe. A Télefo, Teutras prometeu dar o reino e sua filha, Auge, em casamento, caso ele o protegesse do inimigo. 2. Télefo não dispensou a proposta do rei, e junto com Partenopeu venceu Idas em um único combate. O rei cumpriu sua promessa, e deu a ele o reino, bem como Auge em casamento, esta sem saber que era sua mãe. Como ela não queria que nenhum mortal violasse seu corpo, intentou matar Télefo, ignorando que era seu filho. 3. Assim, tendo eles chegado a Tálamo, Auge empunhou uma espada para matar Télefo. Diz-se que então, por vontade dos deuses, uma serpente de imenso tamanho surgiu entre eles. Quando a viu, Auge largou a espada e revelou seu plano a Télefo. 4. Ao ouvir tais palavras, Télefo, inconsciente, quis matar sua mãe. Ela implorou a Hércules, que a violara, e a partir disso Télefo reconheceu a mãe e a reconduziu à sua pátria.

CI. TÉLEFO

Diz-se que Télefo, filho de Hércules e de Auge, foi golpeado por Aquiles com a lança de Quíron em um combate. Como, devido a essa ferida, era atormentado dia após dia, com um sofrimento terrível, perguntou ao oráculo de Apolo qual seria a cura. A resposta para ele foi a de que pessoa alguma poderia curá-lo, apenas a própria lança com a qual havia sido ferido. 2. Quando Télefo ouviu isso, veio ao encontro do rei Agamêmnon e, por conselho de Clitemnestra, raptou a criança Orestes, retirando-o do berço, ameaçando que o mataria caso os aqueus não o curassem. 3. Ora, como para os aqueus havia um presságio de que, sem o comando de Télefo, Tróia não poderia ser capturada, facilmente se reconciliaram com ele e solicitaram a Aquiles que o curasse. Aquiles respondeu a eles que não conhecia a arte médica. 4. Então Ulisses disse: “Apolo não fala sobre você, mas se refere ao que causou a ferida, à lança”. Como eles a raspavam, ele foi curado. 5. Quando solicitado que os acompanhasse para lutar contra Tróia, não o conseguiram, uma vez que ele estava casado

com Laódice, filha de Príamo. Mas, pelo benefício de o terem curado, conduziu-os e indicou os lugares e caminhos. Dali, partiu para Mísia.

CII. FILOCTETES

Quando Filoctetes, filho de Peante e de Demonassa, estava na ilha Lemnos, uma cobra mordeu seu pé. Quanto a essa serpente, Juno lhe havia enviado, irada com ele por ter sido o único dentre os demais que ousara construir uma pira para Hércules, quando este abandonou o corpo humano e foi conduzido à imortalidade. 2. Por esse benefício, Hércules o presenteou com suas flechas divinas. Mas, como os aqueus não podiam suportar o cheiro terrível que vinha da ferida, por ordem do rei Agamêmnon o abandonaram em Lemnos, junto com suas flechas divinas. Um pastor do rei Actor, de nome Ifímaco, filho de Dolópio, alimentou o abandonado.⁶⁰⁰ 3. Mais tarde, houve para a eles um presságio prevendo que Tróia não poderia ser capturada sem as flechas de Hércules. Então, como expedidores⁶⁰¹, Agamêmnon enviou Ulisses e Diomedes até ele, a quem persuadiram a se reconciliar e ajudar a lutar contra Tróia, e o levaram consigo.

CIII. PROTESILAU

Para os aqueus havia um presságio segundo o qual aquele que primeiro tocasse o solo troiano morreria. Tendo as frotas dos aqueus se aportado, e estando todos os demais hesitantes, Iolau, filho de Íficlo e de Diomedes, saltou primeiro da nau e imediatamente foi morto por Hector. Todos o chamaram Protesilau⁶⁰², porque ele foi o primeiro a morrer dentre todos.⁶⁰³ 2. Quando sua esposa Laodamia, filha de Acasto, ouviu que ele tinha morrido, chorando pediu aos deuses que a ela permitissem conversar com ele por três horas.

⁶⁰⁰ Guidorizzi (*apud* Hoyo e Ruiz, 2009, p. 190 nota 464) destaca a singularidade dessa passagem em que Filoctetes é abandonado, sugerindo que talvez seja o argumento proveniente de uma tragédia de Eurípedes, hoje perdida.

⁶⁰¹ *Exploratores*: a passagem é citada na entrada ao verbete *explorator* (sentido 1a), no *OLD*: “one who searches out, an investigator”.

⁶⁰² De *protos* (“primeiro”) e *laós* (“povo”), cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 191 nota 467).

⁶⁰³ Para a história de Protesilau, cf. ainda *Ilíada* II. 698-702 e Pausânias (IV. 2. 5), os quais, como lembram Boriaud (2007, p. 82 nota CIII.1) e Hoyo e Ruiz (2009, p. 191 nota 467), não tratam da mudança de nome do personagem.

Realizado seu desejo, ele foi conduzido por Mercúrio e ela conversou com ele por três horas. Tendo Protesilau morrido pela segunda vez, Laodamia não pode suportar a dor.

CIV. LAODAMIA⁶⁰⁴

Tendo perdido seu marido, Laodamia, filha de Acasto, após terem se esgotado as três horas que solicitara aos deuses, não pode suportar o pranto e a dor. E assim, fez uma estátua de seu esposo Protesilau, em bronze, colocou-a em seu leito, sob o pretexto de realizar cerimônias sagradas, e passou a venerá-lo. 2. Em uma manhã, quando um criado levou-lhe frutas para o sacrifício, olhou por uma fenda e a viu, em um abraço, segurando e beijando a estátua de Protesilau. Pensando que ela tinha um amante, ele revelou isso ao pai dela, Acasto. 3. Quando ele veio e irrompeu no quarto nupcial, viu a estátua de Protesilau. Para que ela não se torturasse por mais tempo, ordenou que se queimasse a estátua e os objetos sagrados. Estando a pira preparada, e não suportando a dor, Laodamia se lançou e também foi queimada.

CV. PALAMEDES⁶⁰⁵

Como Ulisses havia sido apanhado em um arдил de Palamedes, filho de Náuplio, maquinava dia após dia o modo como o mataria. Finalmente, tendo elaborado um plano, mandou que um soldado seu dissesse a Agamêmnon que tinha visto, em sonho, que deveriam levantar acampamento no prazo de um só dia. 2. Agamêmnon, acreditando que isso fosse verdade, ordenou que se levantasse acampamento no prazo de um só dia. Mas Ulisses, secretamente à noite escondeu, sozinho, uma grande quantidade de ouro no lugar onde havia sido montada a tenda de Palamedes. No mesmo sentido entrega uma carta escrita a um cativo frígio, para que ela fosse entregue a Príamo, e enviou, antes, um soldado seu para que matasse o cativo não longe do acampamento. 3. No dia seguinte, quando o exército voltava para o acampamento, um soldado levou a Agamêmnon a carta escrita por Ulisses, colocada

⁶⁰⁴ Cf. ainda Luciano, *Diálogo dos mortos* 23; Propércio (I. 19. 7-10); Ovídio *Heróides* 13; Servius *ad Aen.* VI. 447; cf. Boriaud (2007, p. 82 nota CIV.1); . Hoyo e Ruiz (2009, p. 192 nota 469).

⁶⁰⁵ A história de Palamedes consta ainda em Apolodoro (*Ep.* III. 8) e em um escólio à peça *Orestes*, de Eurípedes cf. Boriaud (1997, p. 83 nota CV.1).

sobre o cadáver do frígio, na qual estava escrito: “A Palamedes, enviada por Príamo”, prometendo a ele tanto ouro quanto o que Ulisses escondera na tenda, caso Palamedes entregasse a Príamo o acampamento de Agamêmnon, do modo como lhe fosse conveniente. 4. E assim, como Palamedes, conduzido até o rei, negava o ato, foram até sua tenda e desenterraram o ouro. Quando Agamêmnon o viu, acreditou que aquilo houvesse ocorrido de verdade. Por esse ato, Palamedes, inocente e apanhado pelo ardil de Ulisses, foi morto por todo exército.

CVI. O REGASTE DE HECTOR⁶⁰⁶

Agamêmnon tomou de Aquiles a cativa Briseida, filha do sacerdote Briseu (de Mísia), que Aquiles havia capturado devido a sua notável beleza. Ao mesmo tempo devolveu Criseida a Crises, sacerdote de Apolo Esminteu. Por conta de sua ira, Aquiles não se apresentava para a batalha, e sim permanecia em sua tenda tocando a cítara. 2. Como os aqueus foram afugentados por Hector, Aquiles, censurado por Pátroclo, entregou a este suas armas. Com elas, este pôs em fuga os troianos, que acreditavam se tratar de Aquiles, e matou Sarpédon, filho de Júpiter e de Europa. Em seguida, o próprio Pátroclo foi morto por Hector, e suas armas foram tiradas de Pátroclo, morto. 3. Aquiles se reconciliou com Agamêmnon, que lhe devolveu Briseida. Quando, então, ele partiu sem armas ao encontro de Hector, sua mãe Tétis conseguiu para ele as armas de Vulcano, as quais as Nereidas trouxeram pelo mar. 4. Com essas armas, ele matou Hector e o arrastou em volta das muralhas troianas, amarrado a um carro. Como ele não queria entregar o corpo ao pai, para que fosse sepultado, Príamo, por ordem de Júpiter e guiado por Mercúrio, foi ao acampamento dos dânaos e aceitou trocar o corpo do filho pelo seu peso em ouro, e lhe deu sepultura.

CVII. O JULGAMENTO DAS ARMAS

Estando Hector sepultado, Aquiles vagava próximo aos muros de Tróia e dizia que, sozinho, havia tomado Tróia. Apolo, irado, simulando ser Alexandre Páris, atingiu com

⁶⁰⁶ “De três tragédias de Ésquilo (*Os mirmídonas*, *As filhas de Nereu*, *O resgate de Heitor*), Ênio compusera uma única, de título *O resgate de Heitor*. Higino segue aqui o mesmo procedimento e apresenta, muito provavelmente, a trama da peça latina” (Boriaud, 19977, p. 84 nota CVI.1).

uma flecha o calcanhar de Aquiles – que, conforme se diz, era sua parte mortal -, e o matou.⁶⁰⁷ 2. Morto e sepultado Aquiles, Ájax Telamônio, que era seu primo-irmão, solicitou aos dânaos que lhe dessem as armas de Aquiles. Devido à ira de Minerva, elas lhe foram negadas por Agamêmnon e Menelau, e dadas a Ulisses. 3. Ájax, tomado de furor, matou seu rebanho em seu delírio e tirou a própria vida com a espada que recebeu de Hector, como presente, enquanto lutava contra ele em uma batalha.

CVIII. O CAVALO DE TRÓIA

Como os aqueus, ao longo de dez anos, não conseguiam capturar Tróia, Epeu, por conselho de Minerva, fez um cavalo de madeira, de magnífica dimensão, dentro do qual se colocaram Menelau, Ulisses, Diomedes, Tersandro, Esténelo, Acamas, Toante, Macáon e Neoptólemo. E, no cavalo, escreveram: “Os dânaos entregam como presente para Minerva”, e mudaram o acampamento para Tênedos. 2. Quando os troianos viram isso, pensaram que os inimigos haviam partido. Príamo ordenou que o cavalo fosse conduzido à cidadela de Minerva, e proclamou que se realizasse uma grande festa. A profetisa Cassandra gritava, dizendo haver inimigos dentro dele, mas não lhe foi dada confiança. 3. Depois de colocá-lo na cidadela, chegada a noite eles mesmos adormeceram, fatigados, devido ao jogo e ao vinho. Os aqueus saíram do cavalo, aberto por Sínon, mataram os guardas dos portões, e, dado o sinal, receberam os companheiros e tomaram Tróia.

CIX. ILÍONA⁶⁰⁸

Tendo nascido de Príamo e de Hécuba seu filho Polidoro,⁶⁰⁹ entregaram-no para sua filha Ilíona, que era casada com Polimnestor, rei da Trácia, para ser por ambos criado. Ela o

⁶⁰⁷ Das diferentes versões que existem hoje sobre a morte de Aquiles, esta que narra que Apolo simulava ser Páris é exclusiva de Higino, de acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 194 nota 475). Os estudiosos citam, ainda, outras versões do episódio que nos foram legadas: no texto de Ovídio (*Met.* XII. 605-606 e XIII. 501) e Virgílio (*En.* VI. 56-58), Páris dispara a flecha e Apolo a direciona. Nas tragédias de Ésquilo (frag. 350 Nauck), Sófocles (*Filoct.* 334-335), Eurípedes (*Andr.* 1108) e nas obras de Horácio (*Carm.* IV. 6) e Esmirna (III. 55-95), narra-se que Apolo age sozinho, sem a presença de Páris. E, por fim, há a ação de Páris sem a presença de Apolo (Eurípedes *Hec.* 387-388). Cf. ainda *Il.* XXII. 359-360.

⁶⁰⁸ Conforme lembra Boriaud (1997, p. 85 nota CIX.1), o episódio não é tratado com detalhes por Homero (*Od.* IV. 271-284), mas é desenvolvido em Virgílio (*En.* II. 13-267), entre outras fontes antigas.

criou como um filho seu. A Deípilo, entretanto, que ela tinha concebido de Polimnestor, Ilíona criou como seu irmão, a fim de que, se acontecesse algo a um deles, entregaria <ou outro> aos seus pais.⁶¹⁰ 2. Mas, como os aqueus, estando Tróia capturada, desejavam extinguir a linhagem de Príamo, lançaram da muralha Astíanax,⁶¹¹ filho de Hector e de Andrômaca,⁶¹² e enviaram embaixadores até Polimnestor, que a ele prometeram em casamento a filha de Agamêmnon, de nome Electra,⁶¹³ e imensa quantidade de ouro, se assassinasse Polidoro, filho de Príamo. 3. Polimnestor não rejeitou a proposta dos embaixadores, e sem o saber,⁶¹⁴ matou seu próprio filho Deípilo, acreditando ter assassinado Polidoro, o filho de Príamo. 4. Mas Polidoro tinha ido consultar o oráculo de Apolo a fim de se inteirar sobre seus pais,⁶¹⁵ e a ele foi informado que a pátria estava incendiada, o pai assassinado, a mãe mantida cativa.⁶¹⁶ 5. Quando ele voltou de lá e viu que

⁶⁰⁹ Há algumas variações sobre essa informação: a tradição homérica (*Il.* XXII. 46) narra que Polidoro era filho de Príamo e Laótoe. Já em Higino, assim como em Apol. *Bibl.* III. 12. 5 e Ov. *Met.* XIII. 53, sua mãe é Hécuba (o que Grimal considera estar presente nos poetas trágicos, alexandrinos e romanos). Cf. Smith (1867c, *Polydorus*); Grimal (2008, *Polidoro*).

⁶¹⁰ *Parentibus praeestaret*: Boriaud (1997, p. 86 nota 2) utiliza *Alter parentibus restaret*, e informa que se trata de uma adição de Bernhard Bunte, um dos editores das *Fabulae*, de 1846. O estudioso comenta, ainda, que a adição parece mais verossímil uma vez que, se mantido o verbo *praeestaret*, presente na *editio princeps* e utilizado aqui por Marshall, o sentido do enunciado seria ainda mais misterioso. Mantivemos a ideia de *alter* em nossa tradução. Ainda segundo Boriaud, Mauricius Schmidt, também editor das *Fabulae*, de 1872, supõe a presença do termo *fidem* antes de *praeestaret*.

⁶¹¹ Como lembrado por Álvarez e Iglesias (2007, p. 679 nota 1559), a previsão da queda de Astíanax é feita por sua mãe, Andrômaca, em *Il.* XXIV. 734-735 (“Tens, meu Astíanax, de acompanhar-me./ Sob um cruel senhor escravo indigno;/ Ou ser de horrível torre despenhado” (tradução de Odorico Mendes, 2000)).

⁶¹² Costuma-se dizer que Hector era filho de Príamo e Hécuba, e, portanto, irmão de Ilíona. Com Andrômaca, filha de Eetion, teve Astíanax como filho. Cf. Apol. *Bibl.* III. 12. 5; *Il.* 6. 390; Grimal (2008, *Hector*); Smith (1867b, *Hector*).

⁶¹³ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 197 nota 483), o oferecimento de Electra em matrimônio é a principal singularidade dessa fábula de Higino, baseada, provavelmente, na *Ilíona* de Pacúvio, da qual restaram poucos fragmentos.

⁶¹⁴ *Imprudens*: o termo aqui é entendido no sentido de alguém que não tem *prudencia*, que não tem um certo conhecimento prático, inexperiente, inábil, desconhecedor das artimanhas (femininas). Uma provável referência que indica que Ilíona, sem o conhecimento de ninguém, teria trocado as crianças, criando Polidoro como seu filho e Deípilo como seu irmão. Sobre a troca, Grimal comenta que Ilíona a teria feito para que fosse assegurado o direito ao trono caso um dos dois viesse a morrer. Cf. Grimal (2008, *Deípilo*). Estranhamos a repetição constante do aposto “filho de Príamo”.

⁶¹⁵ Notaremos a mesma construção na fábula de Aletes (*infra*): *At Electra de fratris nece Delphos sciscitatum est profecta*.

⁶¹⁶ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, 197 nota 483), a saída de Polidoro de Tróia é outra singularidade de Higino, uma vez que a tradição homérica (*Il.* XX. 407) narra que ele é morto por Aquiles. Já em Ov. *Met.* XIII. 432-438 e Virg. *En.* II. 49-56, Polimnestor o assassina: na primeira obra, pela recompensa que lhe é oferecida; já na segunda, para apoderar-se de suas riquezas após a queda de Tróia. Já na obra do mitógrafo grego Dictis de Creta *Met.* II. 20-27, narra-se que Polidoro, após ser entregue aos gregos por Polimnestor, que se negava a entregar também Helena, é apedrejado até a morte. Cf. Smith (1867c, *Polydorus*); Grimal (2008, *Polidoro*).

acontecia algo diverso do que lhe fora informado, <persuadido>⁶¹⁷ de que era o filho de Polimnestor, perguntou a sua irmã Ilíona por que lhe teriam dito sortes tão distintas; a irmã lhe revelou qual era a verdade, e, por conselho dele,⁶¹⁸ privou Polimnestor da visão e o matou.⁶¹⁹

CX. POLÍXENA⁶²⁰

Quando os Dânaos, vitoriosos, ao partir de Ílio, embarcaram seu exército, e desejavam retornar a sua pátria, levando cada um seu butim, diz-se que de seu túmulo a voz de Aquiles reclamou sua parte no butim. E assim, os Dânaos sacrificaram no túmulo de Aquiles Políxena, filha de Príamo, que era uma jovem belíssima, por causa de quem ele, quando a buscava e ia conversar com ela, fora morto por Alexandre e Deífobo.⁶²¹

CXI. HÉCUBA

Quando Ulisses levou como escrava Hécuba, filha de Cisseu (ou, como outros autores dizem, de Dimas), esposa de Príamo e mãe de Hector, ela se lançou ao mar, em Helesponto,

⁶¹⁷ *Ratus*: Boriaud (1997, p. 86) utiliza *Aestimans*, e informa se tratar de uma adição de Bernhard Bunte. Marshall informa que o termo *ratus* se trata de uma adição de Perizonius.

⁶¹⁸ *Eius consilio*: assim como apontam Hoyo e Ruiz (2009, p. 198 nota 485), o pronome *eius* (que não se refere ao sujeito da oração) é ambíguo, uma vez que não se sabe se o sujeito é Polidoro ou Ilíona. Por isso é possível associar o conselho a Polidoro (e a ação verbal a Ilíona) ou vice-versa. Entretanto, como os próprios estudiosos indicam, na fábula CCXL. *Quae coniuges suos occiderunt* “Aqueles que mataram a seus esposos”, o nome de Ilíona aparece como sendo a assassina de Polimnestor: *Iliona Priami filia Polymnestorem regem Thracum* (“Ilíona, filha de Príamo, Polymnestor, o rei da Trácia”). Isso poderia sugerir, então, que é Polidoro quem aconselha e Ilíona quem o mata. Entretanto, por se tratar de uma obra compilatória, não vemos nesse raciocínio (que procura unificar as histórias das fábulas) um argumento decisivo.

⁶¹⁹ Segundo nos informam Hoyo e Ruiz (2009, p. 198 nota 486), Álvarez e Iglesias (2007, p. 685 nota 1572) e Smith (1867b, *Hecabe*), na tragédia de Eurípedes *Hec.* 1035-1055, Hécuba é quem tira os olhos de Polimnestor após ver o corpo de Polidoro no mar, versão presente também em Ov. *Met.* XIII. 549-564 e *Ib.* 268-269.

⁶²⁰ Cf. Eurípides *Hécuba*; Sêneca *As troianas*; Ovídio *Met.* XIII. 439-480, entre outros textos que narram a história. Cf. Boriaud (1997, p. 86 nota CX.1).

⁶²¹ Como lembram Hoyo e Ruiz (2009, p. 198 nota 487), a versão sobre a morte de Aquiles aqui apresentada é diferente da versão que encontramos na fábula CVII, na qual ele é morto por Apolo sob aparência de Alexandre Páris. A versão da fábula em apreço aparece também em Filostrato *Heróico* XX. 16, Sérvio *ad Aen.* VI. 57; III. 222, entre outros.

e diz-se que foi transformada em cachorra. Por esse motivo, o lugar foi denominado “Cineu”.⁶²²

CXII. AQUELES QUE SE DESAFIARAM E CONTRA QUEM COMBATERAM

Menelau contra Alexandre, Vênus arrebatou dali Alexandre.⁶²³ Diomedes contra Enéias, Vênus salvou Enéias.⁶²⁴ O mesmo contra Glauco: tendo reconhecido vínculos de hospitalidade, apartaram-se.⁶²⁵ O mesmo contra Pândaro e outro Glauco: Pândaro e Glauco são mortos.⁶²⁶ 2. Ájax com Hector, apartaram-se e trocaram presentes; Ájax presenteou com um boldrié Hector, pelo qual foi arrastado; Hector, com uma espada Ájax, com a qual este se suicidou.⁶²⁷ Pátroclo contra Sarpédon, Sarpédon é morto. 3. Menelau contra Euforbo, é morto Euforbo, que em seguida se converteu em Pitágoras e recordava que sua alma havia transmigrado entre os corpos.⁶²⁸ Aquiles contra Asteropeu, Asteropeu é morto.

⁶²² Do adjetivo *kyneos* “relativo a cachorro”, i.e. “canino”, etimologia popular, cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 199 nota 488). A metamorfose de Hécuba é narrada por Ovídio (*Met.* XIII. 565-571), e mencionada novamente por Higino em *Fab.* CCXLIII. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 199 nota 490).

⁶²³ I. e. Vênus salvou Alexandre. Segundo a tradição homérica, o motivo do combate seria o rapto de Helena, esposa de Menelau, realizado por Alexandre (*Il.* 46 ss.). Cf. Smith (1867c, *Paris*).

⁶²⁴ Diomedes era filho de Tideu e Deípila (Hyg. *Fab.* LXIX. 5; Apol. *Bibl.* I. 8. 5); Enéias era filho de Vênus e Anquises (Hyg. *Fab.* XCIV; Hes. *Th.* 1007). Smith (1867a, *Aeneas e Diomedes*).

⁶²⁵ Glauco era filho de Hipóloto (*Il.* VI. 206). Sobre o vínculo de hospitalidade, Glauco era neto de Belerofonte, que havia recebido em seu palácio Eneu, avô de Diomedes (*Il.* VI. 215-218): “De fato considero que és – e desde muito – um hóspede paterno. O divo Eneu, por vinte dias, a Belerofonte imáculo acolheu, certa vez, no palácio” (tradução de Haroldo de Campos, 2004). Cf. Smith (1867b, *Glauco*); Grimal (2008, *Glauco*).

⁶²⁶ Pândaro era filho de Licáon (*Il.* II. 828), e, segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 200 nota 492), foi o guerreiro que disparou a flecha contra Menelau, rompendo a trégua estabelecida entre aqueus e troianos. Sobre esse outro Glauco que Higino insere na fábula, comentam que poderia se referir ao filho de Antenor (Paus. X. 27. 3 e Dic. Cret. IV. 7). Contudo, como eles mesmos ponderam, esse Glauco não teria sido morto, mas sim salvo por Ulisses e Menelau (Apol. *Ep.* V. 21), o que os fazem sugerir que se trata de uma confusão por parte de Higino, devido à presença de dois Glaucos que combateram ao lado dos troianos. Sobre as fontes antigas, cf. Smith (1867b, *Glauco*).

⁶²⁷ De acordo com a tradição homérica, ambos apartaram-se pela intervenção de dois arautos de Zeus, Ideu e Taltíbio (*Il.* VII. 277-306): “Basta, caros filhos, de combate e luta. O ajuntador-de-nuvens, Zeus, ama a vós ambos” (tradução de Haroldo de Campos, 2004). Sobre a passagem em que Hector é arrastado, cf. *Il.* XXII. 460-463; sobre o suicídio de Ájax, Ov. *Met.* XIII. 390-392 e, de maneira desenvolvida, a própria tragédia de Sófocles, *Ájax*, mais precisamente, os versos 815 a 865 (sobre esta, indicamos a tradução brasileira realizada por Trajano Vieira, editora Perspectiva). Cf. Álvarez e Iglesias (2007, p. 678 nota 1551). Sobre as fontes antigas, cf. Smith (1867a, *Ájax* e 1867b, *Hector*).

⁶²⁸ Euforbo era filho de Pântoo (Ov. *Met.* XV. 161). Hoyo e Ruiz (2009, p. 200 nota 493) observam que Higino mescla mitos e histórias nessa passagem, uma vez que, em Homero, Pântoo é morto por Menelau (*Il.* XVII. 1-60); o historiador grego Diógenes Laércio, em sua obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* VIII. 1. 4-5, narra sobre a transição da alma de Pitágoras: “[...] Heraclides do Pontos assinala que Pitágoras dizia de si mesmo que em outra encarnação fora Aitalides, e que se considerava filho de Hermes, e que Hermes lhe

4. O mesmo contra Hector, Hector é morto. O mesmo contra Enéias, Enéias foi posto em fuga. O mesmo contra Agenor, Apolo protegeu Agenor.⁶²⁹ O mesmo contra a amazona Pentesileia, filha de Marte e de Otrere, Pentesileia é morta.⁶³⁰ Antíloco contra Mêmnon, Antíloco é morto.⁶³¹ Filoctetes contra Alexandre, Alexandre é morto.⁶³² Neoptólemo com Eurípilo, Eurípilo é morto.⁶³³

CXIII. QUEM MATOU QUAL NOBRE

Apolo matou Aquiles, sob a aparência de Alexandre. Hector matou Protesilau; o mesmo matou Antíloco. Agenor matou Elefenor; o mesmo matou Clônio; Deífobo matou Ascálafo; o mesmo matou Autônoo.⁶³⁴ 2. Ájax matou Hipodamo; o mesmo matou Crômio. Agamêmnon matou Ifídamas; o mesmo matou Glauco. Ájax Locro matou Gárgaso; o mesmo matou †Gávio. Diomedes matou Dólon; o mesmo matou Reso.3. Eurípilo matou Nireu; o mesmo matou Macáon. Sarpédon matou Tlepólemo; o mesmo matou Ântifo.

concedera a graça de escolher o que quisesse, à exceção da imortalidade. Ele pediu para poder, seja enquanto vivo, seja depois de morto, guardar a recordação de tudo que acontecesse. [...] recordava-se novamente de tudo – de ter sido primeiro Aitalides, depois Euforbo, depois Hermôtimos, depois Pirro. Morto Pirro, tornou-se Pitágoras e recordava-se de todas as mutações precedentes” (tradução de Mario da Gama Kury). Cf. Álvarez e Iglesias (2007, p. 760 nota 1823), que apresentam uma lista pormenorizada das variações deste mito. Cf. também Smith (1867b, *Euphorbus*).

⁶²⁹ Asteropeu era filho de Pélagon (*Il.* XXI. 140-141; *Apol. Ep.* IV. 7). Cf. Smith (1867a *Asteropaeus*).

⁶³⁰ Sobre esse combate, na obra *A Guerra de Tróia* IV. 3, atribuída a Dictis de Creta, o episódio da morte de Pentesileia é narrada mais detalhadamente, assim como em *Biblioteca Histórica* XI. 46, atribuída ao historiador grego Diodoro Sículo (I a.C.). Cf. *Apol. Ep.* V. 1; Smith (1867c, *Penthesileia*); Grimal (2008, *Pentesílea*).

⁶³¹ Antíloco era filho de Nestor e Anaxíbia (*Hyg. Fab.* XCVII. 5; *Apol. Bibl.* I. 9. 9); Mêmnon era filho de Titono e Eos. (*Hes. Th.* 984; *Apol. Bibl.* XII. 4. 5). Interessante é notar que na fábula seguinte, *Nobilem quem quis occidit* (“Quem matou qual nobre”), Higino narra que Antíloco foi morto por Hector. A primeira versão está presente em *Od.* IV. 150 e *Apol. Ep.* V. 3; já a segunda, em *Ov. Ep.* I. 15. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 201 nota 494); Smith (1867a, *Antilochus* e 1867b, *Memnon*); Grimal (2008, *Antíloco* e *Memnón*). Mais uma passagem que ilustra também o caráter compilatório da obra de Higino, por apresentar diferentes versões de mitos.

⁶³² Filoctetes era filho de Peante e Demonassa (*Hyg. Fab.* CII. 1; *Apol. Bibl.* II. 1. 1 e *Ep.* III. 14). Sobre a morte de Alexandre, em *Apol. Bibl.* III. 12. 6, narra-se que foi devido às flechadas de Filoctetes, durante a Guerra de Tróia – da mesma forma como é sugerido na fala de Hércules ao personagem, na tragédia *Filoctetes* 1024, de Sófocles: “com meu arco tirarás a vida de Páris, causa destes males, e devastarás Tróia” (tradução de Josiane Teixeira Martinez). Smith (1867c, *Philoctetes*); Grimal (2008, *Filoctetes*).

⁶³³ Neoptólemo era filho de Aquiles e Deidamia, e também conhecido como Pirro (*Hyg. Fab.* CXXIII. 1; *Apol. Bibl.* III. 13. 8); Eurípilo era filho de Télefo e Astíoque (*Dic. Cret.* II. 5; *Paus.* III. 26. 9). Cf. Smith (1867a, *Astyoche* e 1867b, *Neoptolemus*).

⁶³⁴ Na versão homérica do mito (*Il.* XI. 301), narra-se que Antíloco é morto por Hector. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 201 nota 495).

Aquiles matou Troilo. Menelau matou Deífobo. 4. Aquiles matou Astínomo; o mesmo matou Pilêmenes. Neoptólemo matou Príamo.

CXIV. QUE AQUEUS MATARAM E QUANTOS

Aquiles matou setenta e dois. Antíloco matou dois. Protesilau matou quatro. Peneleu matou dois. Eurípilo matou um. Ájax Oileu matou vinte e quatro. Toante matou dois. Leito matou vinte. Trasimedes matou dois. Agamêmnon matou dezesseis. Diomedes matou dezoito. Menelau matou oito. Filoctetes matou três. Meríones matou sete. Ulisses matou doze. Idomeneu matou treze. Leonteu matou cinco. Ájax Telamônio matou vinte e oito. Pátroclo matou cinquenta e três⁶³⁵. Polipetes matou um. Teucro matou trinta. Neoptólemo matou seis. O número total prefaz: trezentos e sessenta e dois.⁶³⁶

CXV. QUE TROIANOS MATARAM E QUANTOS

Hector matou trinta e um. Alexandre matou três. Sarpédon matou dois. Pântoo matou quatro. Gárgaso matou dois. Glauco matou quatro. Polídamas matou três. Enéias matou vinte e oito. Deífobo matou quatro. Clítio matou três. Acamas matou um. Agenor matou dois. O número total perfaz: oitenta e oito.

CXVI. NÁUPLIO

Capturada Ílio, e dividido o butim, os dânaos, como retornavam para casa sob a ira dos deuses – pois haviam despojado os templos, e Ájax Locro havia arrebatado, da estátua de Palas, Cassandra -, naufragaram nos rochedos Carafeu, devido à tempestade e ventos contrários. 2. Nesta tempestade, Ájax Locro foi abatido por Minerva com um raio, e as

⁶³⁵ LIII: a edição de Boriaud (1997, p. 88) apresenta o número LIV.

⁶³⁶ Sobre a informação acerca desse número, Hoyo e Ruiz (2009, p. 202 nota 499) comentam: “Como en las *fab.* XCVII y CXV de esta obra, las cuentas no le salen a Higino, ya que la suma de los muertos asciende sólo a trescientos veintinueve.”. Em nota à fábula XCVII. “*Quem foi a Tróia para atacá-la e em quais naus*”, os estudiosos ponderam que tal divergência pode ser devido à indicação em números romanos, que poderia não estar muito clara nos manuscritos. Ademais, comentam ainda que consideram suspeitos alguns números que são indicados em forma subtrativa (relativos à época medieval), a saber: LXXX para indicar XC, XXXX para XL, por exemplo.

ondas o lançaram contra os rochedos, que foram chamados “pedras de Ájax”. Quando os demais imploravam, à noite, pela ajuda dos deuses, Náuplio ouviu e percebeu ter chegado o momento de se vingar das injúrias contra seu filho Palamedes. 3. E assim, como se fosse para prestar ajuda a eles, apontou com uma tocha em chamas em direção a um lugar onde havia uns rochedos pontiagudos, e era muito perigoso. Aqueles, acreditando que isso era feito como forma de ajuda, conduziram as naus até ali, onde muitas delas se fizeram em pedaços, muitos soldados junto com seus comandantes foram mortos pela tempestade, e seus membros com suas vísceras foram lançados contra os rochedos. E, no caso de alguns que conseguiram nadar até terra firme, eram mortos por Náuplio. 4. Mas o vento levou Ulisses até Máron, e Menelau até o Egito. Agamêmnon chegou à pátria, junto com Cassandra.

CXVII. CLITEMNESTRA

Clitemnestra, filha de Tíndaro e esposa de Agamêmnon, ouviu de Éace, irmão de Palamedes, que Cassandra era trazida até sua casa como amante, o que era mentira de Éace para vingar as injúrias contra seu irmão. Então Clitemnestra, junto com Egisto, filho de Tiestes, elaborou um plano para matar Agamêmnon e Cassandra. Eles o mataram com um machado durante um sacrifício, junto com Cassandra.⁶³⁷ 2. Mas Electra, filha de Agamêmnon, levou seu irmão Orestes, ainda menino, e, na região da Fócide, o confiou a Estófilo, com o qual era casada Astíoque⁶³⁸, irmã de Agamêmnon.

CXVIII. PROTEU

Diz-se que, no Egito, o velho Proteu era uma divindade marinha acostumada a se transformar em todas as figuras. Menelau, por conselho de Idótea, filha daquele, amarrou-o com uma corrente para que lhe dissesse quando retornariam para casa. 2. Proteu o informou sobre a ira dos deuses, por Tróia ter sido vencida, e que, por esse motivo, se deveria realizar

⁶³⁷ A morte de Agamêmnon e Cassandra é narrada também em *Od.* XI. 421-423; Píndaro *Pít.* XI. 19-21 e Apolodoro *Ep.* VI. 23. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 204 nota 504).

⁶³⁸ *Astyochea*: segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. nota 505), a personagem Astíoque é uma singularidade do texto higiniano, uma vez que as demais fontes citam Anaxíbia.

o que em grego se diz “hecatombe”, um massacre de um rebanho de cem bois. E assim, Menelau realizou a hecatombe. Então, oito anos depois de deixar Ílio, finalmente retornou com Helena à pátria.

CXIX. ORESTES⁶³⁹

Orestes, filho de Agamêmnon e de Clitemnestra, depois que atingiu a puberdade, desejava vingar a morte de seu pai. E assim, elaborou um plano junto com Pílates, e veio a Micenas, até sua mãe Clitemnestra, dizendo ser um hóspede eólio e informou que Orestes estava morto, pois Egisto recomendara ao povo que o matasse. 2. Não muito depois, Pílates, filho de Estrófilo, veio até Clitemnestra e trouxe uma urna consigo, dizendo que os ossos de Orestes estavam ali guardados. Egisto, alegrando-se, recebeu-os como hóspedes. 3. Em uma ocasião oportuna, à noite, Orestes junto com Pílates mataram a mãe daquele, Clitemnestra, e Egisto. Como Tíndaro o acusava, a Orestes foi proporcionada a fuga por parte dos micenenses, em consideração ao seu pai. Depois, as Fúrias de sua mãe o perseguiram.

CXX. IFIGÊNIA TÁURICA⁶⁴⁰

Quando as fúrias perseguiram Orestes, ele partiu para Delfos a fim de se informar sobre um modo se livrar, finalmente, dos seus sofrimentos. A resposta foi que ele se dirigisse à terra táurica, até o rei Toante, pai de Hipsípila, e que dali levasse a Argos a imagem do templo de Diana. Então, seria o fim de seus males. 2. Ao ouvir a predição, embarcou na nau com seu companheiro Pílates, filho de Estrófilo, e rapidamente chegaram ao território táurico, onde havia o costume de se sacrificar no templo de Diana o hóspede que entrasse em suas terras. 3. Enquanto Orestes e Pílates se protegiam em uma caverna e esperavam uma oportunidade, foram surpreendidos por alguns pastores e levados até o rei Toante. De acordo com o costume, Toante ordenou que fossem conduzidos, amarrados, ao templo de

⁶³⁹ De acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 205 nota 507), o argumento da presente fábula é baseado na tragédia *Electra*, de Sófocles, embora o duplo assassinato seja uma informação presente na obra *Coéforas*, de Ésquilo, e a disputa com Tíndaro na tragédia *Orestes*, de Eurípedes.

⁶⁴⁰ Hoyo e Ruiz (2009, p. 206 nota 508) comentam que a fábula a seguir segue “fielmente” a tragédia *Ifigênia entre os Tauros*, de Eurípedes, distanciando-se do texto original apenas em sua parte final.

Diana para que fossem sacrificados. Lá Ifigênia, irmã de Orestes, era sacerdotisa. Depois de descobrir, por meio de alguns sinais e indícios, quem eles eram e porque tinham vindo, dispensando os ajudantes, começou ela mesma a deslocar a imagem de Diana. 4. Quando o rei irrompeu e perguntou por que ela o fazia, mentiu e disse que os criminosos haviam contaminado a imagem. Uma vez que homens ímpios e criminosos haviam sido trazidos ao templo, era necessário levar a imagem ao mar, para purificá-la, e ordenou ao rei que proibisse os cidadãos a saírem da cidade. 5. O rei acatou as palavras da sacerdotisa. Surgida a oportunidade e com a imagem escondida, Ifigênia subiu na nau junto com seu irmão Orestes e Pílates, e foram conduzidos pelo vento favorável até a ilha de Esminteu, para junto de Crises, sacerdote de Apolo.

CXXI. CRISES

Quando Agamêmnon ia para a região de Tróia⁶⁴¹, Aquiles chegou à de Mésia⁶⁴² e, trazendo consigo Criseida⁶⁴³, filha do sacerdote⁶⁴⁴ de Apolo, deu-a em matrimônio a Agamêmnon. Crises, embora tivesse ido até Agamêmnon a fim de a ele suplicar que lhe devolvesse a filha, não o conseguiu. 2. Diante disso, Apolo destruiu quase todo seu⁶⁴⁵ exército, em parte pela fome, <em parte pela peste>^{646 647}. Assim, Agamêmnon enviou de volta ao sacerdote

⁶⁴¹ *Ad Troiam*: aqui marcamos um fenômeno também constante nas fábulas anteriores. Na prosa clássica não seria de esperar o uso de preposição antes de nome de cidade, mas sim quando referente às cercanias da cidade. Cf. Grimal, *Gramática Latina*, 1986, p. 111, IV.

⁶⁴² *Moesiam*: localizada entre o Danúbio e a Trácia. Atualmente corresponde, *grosso modo*, à Bulgária e à Sérvia. Cf. Saraiva e *OLD* (em ambos, entrada para o verbete *Moesia*). Smith (1932, *Moesia*) indica que os gregos a denominavam “Mísia”. Novamente, vemos que no texto de Higino há a presença de preposição diante de nome de cidade, provavelmente (i.e. se respeitado o uso clássico da língua) indicando tratar-se dos seus arredores.

⁶⁴³ *Chryseidam*: em *Belli Troianum Ephemeridos* II. 17 (obra em seis livros que narra a Guerra de Tróia, atribuída a Dictis de Creta), assim como em *Antehomerica* 349, obra atribuída ao gramático de Constantinopla Johannes Tzetzes, a referência à personagem aqui chamada de Criseida se faz pelo nome “Astínome”. Cf. Smith (1867a, *Astynome* e *Dictys Cretensis*; 1867c, *Tzetzes*) e Grimal (2008, *Criseida*), que, inclusive, sugere ser Astínome o “nome verdadeiro” da personagem.

⁶⁴⁴ *Apollinis sacerdotis*: trata-se de Crises, proveniente da cidade de Crisa, em Trôade (que corresponde à região noroeste da Anatólia, atual território da Turquia). Cf. Grimal (2008, *Briseida* e *Criseida*); Smith (1867a, *Chryses*; 1932, *Crysa*).

⁶⁴⁵ *Eius*: pela lógica do texto, é de Agamêmnon o exército a que o pronome se refere.

⁶⁴⁶ *Partim peste*: Trata-se de uma *emendatio* a partir da edição de Micyllus, que anota: *uidetur deesse partim peste* (“vê-se que falta <dizer> ‘em parte pela peste’”). Cf. Boriaud (1997, p. 92), a referida adição segue a narrativa homérica. Nomeadamente, a passagem *Il.* I. 10: “a peste então lavrou o exército: ruína cai sobre o povo” (Tradução de Haroldo de Campos, 2004, p. 31).

Criseida, grávida, que, embora se dissesse ainda casta, chegado o momento deu à luz o mais novo Crises, e disse tê-lo concebido de Apolo. 3. Em seguida, quando Crises⁶⁴⁸ quis devolvê-los a Toante⁶⁴⁹, o velho Crises ouviu que Ifigênia e Orestes eram filhos de Agamêmnon, e ele revelou a verdade para o seu filho⁶⁵⁰: que eram eles irmãos e, Crises, filho de Agamêmnon.⁶⁵¹ Revelada a situação, Crises, então, junto a seu irmão Orestes matou Toante e, com a estátua de Diana, salvos, chegaram a Micenas.⁶⁵²

CXXII. ALETES

Um falso mensageiro veio até Electra⁶⁵³, filha de Agamêmnon e de Clitemnestra e irmã de Orestes, e informou⁶⁵⁴ que seu irmão, juntamente com Pílates⁶⁵⁵, havia sido sacrificado em

⁶⁴⁷ A história equivalente a esta passagem da fábula é narrada como episódio primeiro do canto I da *Ilíada*, em que Agamêmnon, após a pestilência enviada por Apolo, devolve Criseida ao sacerdote Crises e solicita a Aquiles que lhe devolva Briseida, em ressarcimento, uma vez que esta havia sido entregue a Aquiles como butim. A situação reflete no rompimento das relações entre Aquiles e Agamêmnon. Cf. *Il.* I. 9-24; 182-187 e T. Vieira (em introdução para tradução portuguesa feita por Haroldo de Campos), que sugere ser essa passagem a mais importante da *Ilíada*, uma vez que “prenuncia seu caráter dramático e trágico” (2004, p. 9). Constatamos que a passagem de Higino, ainda, sugere a intervenção direta de Apolo, diferentemente da presente na *Ilíada*, em que o deus envia a pestilência por solicitação de Crises (a quem fora negada a devolução de Criseida).

⁶⁴⁸ *Chryses*: o texto não nos permite decidir se o primeiro Crises é o mesmo especificado a seguir com o epíteto *senior* (“mais velho”), i.e. o pai de Criseida, ou se quem desejava devolver Ifigênia e Orestes seria já o neto homônimo de Crises. Acreditamos que o nome possa se referir efetivamente ao Crises mais velho, sacerdote de Apolo, se considerarmos questões como a autoridade política do personagem. De todo modo, esta leitura está presente nas traduções consultadas: todas omitem o primeiro termo utilizando-se de um pronome, fazendo referência, então, a *Chryses senior*. Entretanto, Grimal (2008, *Ifigénia*), descreve que na tragédia *Crises*, de Sófocles, hoje perdida, era o neto, que havia sucedido o avô no sacerdócio, quem pretendia entregá-los a Toante.

⁶⁴⁹ Em *Metamorfosis* 27, obra atribuída ao mitógrafo grego Antonino Liberal (II d.C.?), Toante era filho de Borístenes. Cf. Smith (1867c, *Thoas*).

⁶⁵⁰ *Filio*: entendemos, aqui, *filius* no sentido 2 do *OLD*: “daughters and other descendants”. Guidorizzi (apud Urbán 2004, p. 111-112), em sua tradução italiana das *Fábulas*, sugere que Higino teria compreendido mal sua fonte grega, em que no lugar de υἱοῦς (neto), teria lido υἱός (filho). Note-se que o estudioso não considera a hipótese de que o termo υἱός pudesse já estar presente na fonte utilizada por Higino. De qualquer forma, acreditamos que antes de cogitar um possível erro – seja por parte de Higino, seja por parte da fonte grega –, torna-se relevante para o prosseguimento de nosso estudo perguntar pelo efeito da presença do termo *filio* no texto latino: talvez o de acentuar o paradoxo, a surpresa na revelação de que o “filho” o é de outrem. Tal paradoxo, ainda, poderia, ser reforçado se observarmos, na passagem, a presença do termo *Chryses* em políptoto: *Chryses... Chrysi... Chrysen*, que remete, por sua vez, aos dois personagens homônimos.

⁶⁵¹ Não está claro como Crises descobre que seu neto era filho de Agamêmnon. Grimal afirma, sem especificar fontes, que Criseida é quem lhe revela a verdade. Cf. Grimal (2008, *Crises*).

⁶⁵² Para algumas outras informações sobre o episódio mitológico, assim como outras fontes antigas referentes a passagens da fábula aqui apresentada, cf. Ruiz de Elvira (1982, p. 423); López (1995, p. 378-381).

⁶⁵³ Electra e Ifigênia são os nomes presentes na maioria das versões dos mitos que envolvem tais filhas de Agamêmnon e Clitemnestra. Contudo, em *Il.* IX.142 encontramos os nomes Laódice e Ifianassa. Cf. Moreno (2004, p. 202 nota 28); Smith (1867b, *Electra*). Algumas versões narram que Electra foge com Orestes, ainda

homenagem a Diana, na Táurica. Tendo Aletes, filho de Egisto, entendido que ninguém da estirpe dos Atridas⁶⁵⁶ sobrevivera, empenhou-se em ocupar o trono de Micenas.⁶⁵⁷ 2. Mas Electra partiu para Delfos a fim de inteirar-se sobre a morte de seu irmão. Tendo ali chegado, no mesmo dia chega Ifigênia com Orestes. O mesmo mensageiro que havia relatado sobre Orestes, disse ter sido Ifigênia a assassina do irmão.⁶⁵⁸ 3. Quando ouviu isso, Electra retirou do altar um tronco de árvore em chamas e quis arrancar os olhos de Ifigênia, sem saber que esta era sua irmã; o que teria feito, se Orestes não tivesse intervindo. E assim, conhecidos os fatos, chegaram a Micenas⁶⁵⁹, e Orestes matou Aletes, filho de Egisto, e quis matar Erígone, filha de Clitemnestra e de Egisto; mas Diana a raptou e a fez sacerdotisa em terras Áticas^{660 661}. 4. No entanto, tendo sido morto Neoptólemo⁶⁶², Orestes tomou por esposa Hermíone, a filha de Menelau e Helena;⁶⁶³ Pílates, por sua vez, casou-se com Electra,⁶⁶⁴ filha de Agamêmnon e de Clitemnestra.⁶⁶⁵

criança (quando seu pai Agamêmnon é assassinado), entregando, então, seu irmão para ser criado por Estrófilo e Astíoque (ou Anaxíbia), irmã de Agamêmnon. Cf. Hyg. *Fab.* CXVII; Apol. *Bibl. Epit.* VI. 23-34; Sófocles *Electra*. Grimal (2008, *Electra*).

⁶⁵⁴ Aqui o discurso indireto se introduz após o substantivo; o recurso (registrado em latim clássico) traz concisão ao texto de Higino pela omissão do verbo *dicendi*.

⁶⁵⁵ O personagem Pílates é filho de Estrófilo com a irmã de Agamêmnon, chamada Astíoque (Hyg. *Fab.* CVII) ou Anaxíbia (Paus. II. 29. 4). Sendo assim, era primo de Orestes. Cf. ainda Grimal (2008, *Pílates*); Smith (1867c, *Pylades*).

⁶⁵⁶ *Atrida*: patronímico dos Atreus que, quando utilizado no plural, refere-se a Agamêmnon e Menelau. Cf. Saraiva e *OLD* (em ambos, entrada para o termo *Atrida*).

⁶⁵⁷ Tendo Agamêmnon partido para Tróia, Egisto seduz Clitemnestra e tem com ela uma filha, Erígone. Ambos, então, planejam a morte de Agamêmnon após seu retorno. Cf. Hyg. *Fab.* CXVII. Menelau, no fim de sua vida, teria sido transportado aos Campos Elíseos, ou sacrificado na Táurida. Cf. Grimal (2008, *Clitemnestra* e *Menelau*). Sendo assim, Orestes seria o último da estirpe dos Atridas.

⁶⁵⁸ Optamos por manter a repetição do verbo *uenire* e *dicere*, presentes no texto de Higino.

⁶⁵⁹ *Mycenae*: cidade antiga da Grécia, localizada na Argólia. Cf. Saraiva (verbete *Mycenae*); Smith (1932, *Mycenae*).

⁶⁶⁰ A Ática se localizava na região da Grécia central, que tinha por capital Atenas. Cf. *OLD* (entrada para o termo *Attica*); Smith (1932, *Attica*).

⁶⁶¹ Tentamos manter o polissíndeto do texto latino.

⁶⁶² *Neoptolemo*: filho de Aquiles e de Deidamia, também conhecido como Pirro. Apesar das diversas variações acerca de seu mito, muitas versões coincidem ao narrar que, ao regressar de Tróia, desposa Hermíone, a quem era prometido. Porém, ela havia sido dada em matrimônio a Orestes. Higino (*Fab.* CXXIII), como veremos adiante, narra que Menelau entregou a filha, mesmo estando ela casada, a Neoptólemo. Já nas obras de Apol. *Epit.* VI e Paus. IV. 17. 4 e X. 16. 4, Orestes, louco, rouba Hermíone de Neoptólemo. Este, ao se dirigir ao oráculo de Delfos para solicitar a Apolo reparação por tal ato, é morto por Orestes. Para algumas outras variações dessa passagem, cf. *Od.* IV; *Ov. Ep.* VIII; *Virg. En.* III. 325-334; Grimal (2008, *Neoptólemo*); Smith (1867b, *Hermione*).

⁶⁶³ Tisâmeno aparece como filho da união entre Orestes e Hermíone. Cf. Apol. *Bibl.* II. 8. 2 e *Epit.* VI. 28. Paus. II. 18. 6; Grimal (2008, quadro 15); Smith (1867b, *Hermione*).

⁶⁶⁴ Dessa união, os filhos Medonte e Estrófilo, mesmo nome do pai de Pílates. Cf. Paus. II. 16. 7; Grimal (2008, quadro 29); Smith (1867b, *Electra*).

CXXIII. NEOPTÓLEMO⁶⁶⁶

Neoptólemo, filho de Aquiles e de Deidamia, teve o filho Anfíalo com sua cativa Andrômaca, filha de Eécion. No entanto, quando ouviu mais tarde que sua prometida Hermione havia sido dada em casamento a Orestes, veio à Lacedemônia e solicitou sua noiva a Menelau. 2. Este não quis descumprir sua palavra com ele, tirou Hermione de Orestes e a entregou a Neoptólemo. Orestes, ao receber tal injúria, matou Neoptólemo enquanto ele realizava sacrifícios em Delfos, e recuperou Hermione. Os ossos daquele foram espalhados pelo território da Ambrácia, que fica na região do Epiro.

CXXIV. OS REIS DOS AQUEUS

Foroneu, filho de Ínaco. Argo, filho de Júpiter. Peranto, filho de Argo. Tríope, filho de Peranto. Pelasgo, filho de Agenor. Dânao, filho de Belo. Tântalo, filho de Júpiter. Pélops, filho de Tântalo. Atreu, filho de Pélops. Têmeno, filho de Aristômaco. Tiestes, filho de Pélopa. Agamêmnon, filho de Atreu. Egisto, de Tiestes. Orestes, de Agamêmnon. Tisâmeno, de Orestes. Alexandre, de Euristeu.

CXXV. ODISSÉIA⁶⁶⁷

Ulisses, quando voltava de Ílio para sua pátria, Ítaca, foi desviado por uma tempestade até os cícones,⁶⁶⁸ cuja cidade, Ísmaro, atacou e distribuiu os despojos aos companheiros. 2.

⁶⁶⁵ Aqui, notamos a repetição, em curto intervalo, do verbo *ducere* no texto latino. Tal repetição, como também as dos verbos *uenire* e *dicere*, acima destacados seriam sinal de escrita pouco cuidada, ou marca de estilo de Higino? Observe-se ainda a constante repetição do apostro indicando as filiações: Electra, *filha de Agamêmnon e Clitemnestra*; Aletes, *filho de Egisto*. Para algumas outras informações sobre a lenda, assim como outras fontes antigas referentes a passagens da fábula aqui apresentada, cf. Ruiz de Elvira (1982, p. 436-437); López (1995, p. 379-382).

⁶⁶⁶ Esta fábula, de acordo com Hoyo e Ruiz (2009, p. 209 nota 520), segue o argumento da tragédia *Andrômaca*, de Eurípedes, salvo a introdução do personagem Anfíalo, que, segundo os estudiosos, apenas aparecem na obra higiniana.

⁶⁶⁷ Rose (1963, p. 89) acredita que a fábula CXXV seja baseada na narrativa de Homero, mas também com informações de alguns escólios (*hoc caput uix ab Homero discedit; sane unum et alterum a scholiasta aliquo habet* “este capítulo dificilmente deriva de Homero; sem dúvida ele mantém vários aspectos de algum escoliasta”).

Dali foi em direção aos lotófagos, homens em nada maliciosos, que comiam lótus, uma flor que nascia das folhas⁶⁶⁹; e este tipo de alimento⁶⁷⁰ proporcionava tanta doçura que os que o provavam eram tomados por um esquecimento quanto à sua volta para casa. Enviados por Ulisses até os lotófagos, dois companheiros, ao provarem das ervas a eles oferecidas, esqueceram-se de retornar às naus, e ele próprio os reconduziu, atados. 3. Dali foi em direção ao ciclope Polifemo, filho de Netuno. Para este, havia um presságio do augúrio Têlemo, filho de Êurimo: que cuidasse para não ser cegado por Ulisses⁶⁷¹. O ciclope tinha apenas um olho no meio da testa e se alimentava de carne humana. Após reconduzir o rebanho para a caverna, ele colocava diante da entrada uma imensa rocha. 4. Ele confinou Ulisses com seus companheiros, e começou a devorar os companheiros dele.⁶⁷² Ulisses, vendo que não era possível deter a crueldade e ferocidade do ciclope, embriagou-o com o vinho que recebera de Máron⁶⁷³, e disse que se chamava “Ninguém”.⁶⁷⁴ Assim, enquanto ele queimava com um tronco ardente o olho do outro, este chamou os demais ciclopes aos gritos, e lhes disse, da gruta obstruída: “Ninguém me cegou”. Aqueles, acreditando que ele dizia aquilo por zombaria, ignoraram-no. Ulisses, então, prendeu seus companheiros a ovelhas, e a si próprio a um carneiro, e desse modo escaparam. 6. em direção a Éolo, filho de Helen⁶⁷⁵, a quem havia sido dado por Júpiter o poder sobre os ventos. Ele recebeu

⁶⁶⁸ *Ciconas*: os cícones eram um povo da Trácia. Sobre o episódio, cf. *Od.* IX. 39-66, Hoyo e Ruiz (2009, p. 211 nota 524).

⁶⁶⁹ *Loton*: Homero (*Od.* IX. 82-104) menciona a flor de lótus. Segundo Hoyo e Ruiz (2009, p. 211 nota 525), a descrição da flor de lótus feita nesta fábula confundiria aquela planta imaginária referida na Odisseia com uma flor que é comum no Egito (e que parece nascer das próprias folhas).

⁶⁷⁰ *Idque cibi genus*: seguimos, como Marshall, a correção de Caspar von Barth à *editio princeps* (em que se lê *idque ciuibus* “e isso aos cidadãos”). A edição de Boriaud (1997, p. 94, cf. também nota 1) traz a expressão *isque cibus*, que segue a *emendatio* sugerida por Rose (1963) à *editio princeps*.

⁶⁷¹ *Huic responsum erat*: sobre a profecia de Têlemo, cf. Homero (*Od.* IX. 506-512) e Ovídio (*Met.* XIII. 770-775; *Ibis* 270), Hoyo e Ruiz (2009, p. 211 nota 526).

⁶⁷² *Qui Vlysem cum sociis inclusit sociosque eius consumere coepit*: sobre a repetição do termo *socius* (*sociis... socios*), cf. discussão no cap. III de nosso estudo introdutório.

⁶⁷³ *A Marone*: sacerdote de Apolo que vivia em Ísmaro. O vinho foi recompensa a Ulisses por tê-lo poupado quando do saque da cidade (cf. *Od.* IX. 193-211; *fab.* CXVI. 4).

⁶⁷⁴ *Vtin*: a passagem é citada no *OLD* (sentido único para o verbete *utis*) “a transliteration of Gk. Οὐτις ‘Nobody’, the name by which Ulysses passed himself off in the cave of Cyclops”. Em Homero, o episódio é narrado em *Od.* IX. 105-542. Hoyo e Ruiz (2009, p. 211 nota 527) o consideram “proprio del cuento popular” e que Higino o teria tomado diretamente de Homero. Cf. ainda Apolodoro (*Epít.* VII. 4-9).

⁶⁷⁵ *Hellenis filium*: para Hoyo e Ruiz (2009, p. 212, nota 528), Higino confunde “Éolo, filho dos ventos, que é filho de Arne e Poseidão, com seu avô homônimo, Éolo, filho de Helen.” Aqui se trataria do bisneto de Helen, segundo os estudiosos, que remetem a A. Ruiz de Elvira, *Mitologia clássica*, p. 310 e “*Varia Mythographa*”, *Emérita* 38, 1970, p. 301-303. No entanto, vale ressaltar que uma das acepções do termo *filius* se refere à descendência: “daughters and other descendants (no sentido 2 no *OLD*). Cf. nota à fábula CXXI. *Crises*.

Ulisses em generosa hospitalidade, e deu-lhe de presente foles cheios de ventos⁶⁷⁶. Porém, os companheiros, quando receberam os foles, acreditando que continham ouro e prata, e os querendo repartir entre si, desataram-nos secretamente, e os ventos escaparam. Foi novamente conduzido até Éolo, por quem foi expulso, pois parecia que Ulisses tinha contra si a vontade dos deuses. 7. Foi até os lestrigões⁶⁷⁷, cujo rei era Antífates <...>⁶⁷⁸, devorou e destruiu onze de seus navios, exceto aquele com o qual escapou, tendo seus sócios sido devorados. 8. Chegou à ilha de Enária⁶⁷⁹, até Circe, filha do Sol, a qual costumava transformar homens em animais selvagens dando-lhes uma poção. Enviou até ela Euríloco, na companhia de vinte e dois companheiros, cuja aparência humana ela modificou.⁶⁸⁰ Euríloco, que, temendo,⁶⁸¹ não havia entrado, fugiu de lá e o comunicou a Ulisses, que sozinho se dirigiu até ela⁶⁸². Mas, no caminho, Mercúrio deu-lhe um antídoto⁶⁸³ e mostrou

⁶⁷⁶ *Follesque*: observamos que, diferentemente da narrativa homérica, em que se menciona apenas um odre (“o couro do odre que me deu era de um boi/ novigenário”, *Od.* X. 19-20, tradução de Trajano Vieira, 2011, p. 285), o texto de Higino apresenta o termo no plural. Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 212 nota 529). O episódio é narrado ainda em Apolodoro (*Epít.* VII. 10-11) e Ovídio (*Met.* XIV. 223-232).

⁶⁷⁷ *Ad Laestrygonas*: lestrigões, gigantes que devoravam estrangeiros, são referidos na *Odisseia* (X 80-132), em Apolodoro (*Epít.* VII.12-13), nas *Metamorfoses* de Ovídio (XIV. 223-232) e por Horácio (C. III, 16, 34).

⁶⁷⁸ Neste ponto, Micyllus indica uma lacuna. Também a adota Boriaud (1997, p. 95 nota 2), que comenta *ad loc.* uma omissão em relação ao texto homérico: “Ont disparu ici les circonstances dans lesquelles Antiphatès, roi des Lestrygons, dévore un des deux marins qu’Ulysse a envoyés en éclaireurs (*Od.* 10, 100-120)”. Uma vez que o texto latino aqui não é mais obscuro que em outras partes das *Fábulas*, infere-se que a indicação da lacuna é, como em outras passagens, derivada do pressuposto de sua necessária adequação ao texto homérico. Cf. discussão no Cap. 2.

⁶⁷⁹ *Aenariam*: segundo o *OLD*: “an island off the coast of Campania”, ao passo que Eeia, situada no sul do Lácio, é a ilha de Circe na versão de Homero (“Fomos dar na ilha Eeia, lar de Circe”, *Od.* X. 135, tradução de Trajano Vieira, 2011, p. 293). Cf. ainda Virgílio *En.* III. 386, e comentários de Hoyo e Ruiz (2009, p. 212 nota 531). Os estudiosos lembram ainda que, também em outra fábula higiniana (CXXVII.2 *Telêgono*), a ilha de Circe é apresentada como Eeia. Na fábula *Odisseia*, em CXXV. 16, o texto de Higino narra que Calipso vivia em Eeia (ao passo que, na narrativa homérica, essa ninfa viveria em Ogígia: “os eternos me levaram à Ogígia,/ à ilha de Calipso”, *Od.* XII. 447-448, tradução de Trajano Vieira, 2011, p. 383).

⁶⁸⁰ A versão homérica (*Od.* X. 237-238) explicita que os companheiros de Ulisses são transformados em porcos: “Depois de lhes servir e eles beberem, súbito tocou-os com a vara que os faz suínos” (tradução de Trajano Vieira, 2011, p. 299). Sobre o episódio de Circe, cf. também Apolodoro (*Epít.* VII. 14-17).

⁶⁸¹ Interessante observar que Higino apresenta em seu texto o motivo pelo qual, segundo Homero, Euríloco não entrou na casa de Circe: “Então convida-os/ a entrar, e todos seguem-na sem ponderar,/ exceto um, Euríloco, temendo o ardil” (*Od.* X. 230-232, tradução de Trajano Vieira, p. 297). Embora exista no texto de Higino a tendência a apagar alguns elementos relacionados aos sentimentos dos personagens, como as manifestações patéticas, o participio presente do verbo *timeo* é reiterado em algumas fábulas, a saber: XXXIII. 4; XXXIII. 5; LXIII. 1; LXXIV. 2; LXXXIV. 3; LXXXVIII. 3; XCIX. 3; CXXXIV. 3; CLXXXVI. 4; CLXXXIX. 9. Cf. Chiabó et Roberti (2001, p. 174). Sobre esse tipo de repetição, cf. o capítulo III de nosso estudo introdutório.

⁶⁸² *Ad quam...ad eam*: procuramos manter a redundância da construção repetindo a expressão “até ela”.

⁶⁸³ Na narrativa homérica há a descrição do antídoto: “E o Argicida, assim falando, deu-me o fármaco,/ que puxou do terreno, indigitando a forma:/ negra a raiz, a flor tão branca quanto o leite./ Eternos a nomeiam *moly*, um homem só/ não consegue arrancá-la, só um deus, que tudo/ pode” (*Od.* X. 302-307, tradução de

de que modo enganar Circe. 9. Depois de chegar à presença de Circe e aceitar dela um copo, ministrou o antídoto seguindo a instrução de Mercúrio, empunhou a espada e ameaçou matá-la caso ela não restituísse a si seus companheiros. 10. Circe, então, percebeu que não fora sem a vontade dos deuses que isso havia acontecido. Desse modo, dada a sua palavra de que nunca mais cometeria tal ato⁶⁸⁴, restituiu a forma anterior dos companheiros dele, deitou-se ela própria com ele, de quem teve dois filhos, Nausítoo⁶⁸⁵ e Telégono. 11. Dali ele⁶⁸⁶ partiu ao lago Averno, desceu às regiões inferiores, onde encontrou seu companheiro Elpenor, que ele havia deixado junto a Circe, e interrogou-o acerca do modo como ele havia chegado até ali. Elpenor lhe respondeu que, bêbado, havia caído de uma escada e quebrado o pescoço, e suplicou a ele que, quando voltasse às regiões superiores, sepultasse-o e colocasse em seu túmulo um timão⁶⁸⁷. 12. Nesse lugar, Ulisses⁶⁸⁸ falou com sua mãe Anticleia acerca do fim de sua errância. Em seguida, tendo retornado às regiões superiores, deu sepultura a Elpenor, e, assim como este havia pedido, fincou em seu túmulo um timão. 13. Então chegou até as Sereias⁶⁸⁹, filhas de Aquelô e da Musa Melpômene, as quais tinham a parte superior em forma de mulher, porém a inferior em forma de ave. Seu destino era viver por tanto tempo quanto nenhum mortal, ao ouvir seus cantos, passasse por elas. Ulisses, instruído por Circe (filha do Sol), tapou com cera os ouvidos dos companheiros e ordenou que eles o amarrassem ao mastro e, desse modo, passou por elas. 14. Dali chegou até Cila, filha de Tífon, cuja <parte> superior do corpo era em forma de mulher, e a inferior (desde o ventre), em forma de peixe. Ela mantinha seis cães, dela

Trajano Vieira, p. 301-302). Sobre a planta, cf. ainda Teofrasto, *História das plantas* IX, 15, 7; Hoyo e Ruiz (2009, p. 213 nota 532).

⁶⁸⁴ *Fide data nihil se tale commissuram*: lit. “dada a palavra de que não cometeria nada de tal feito”.

⁶⁸⁵ *Nausithoum*: na versão de Hesíodo (*Teogonia* 1017), Nausitoo era filho de Ulisses com a ninfa Calipso. Cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 213, nota 533).

⁶⁸⁶ Possivelmente contando com o conhecimento prévio do leitor acerca das linhas gerais da história, ou mesmo com a resolução a ser dada pelo prosseguimento da leitura, o texto latino apresenta o verbo *proficiscitur* sem explicitar o sujeito (ele ou ela?), resultando numa leitura inicialmente mais ambígua ou lacunar, que preferimos deixar mais clara, acrescentando a referência a Ulisses em “ele”.

⁶⁸⁷ Cf. *Od.* X. 552-560; XI. 51-83.

⁶⁸⁸ Novamente, preferimos deixar mais clara do que no texto latino, acrescentando o nome de “Ulisses” (para evitar a confusão com Elpenor, recentemente referido), a referência ao sujeito do verbo *est locutus*.

⁶⁸⁹ *Sirenas*: além desta descrição das sereias como semi-aves (frequente na Antiguidade, contrastando com a imagem da parte inferior em forma de peixe, mais popularizada modernamente), há referências aos mesmos seres mitológicos no *Prefácio* 30, nas *Fab.* XIV. 27 e *Fab.* CXLI. Cf. ainda Hoyo e Ruiz (2009, p. 214 nota 535).

nascidos, e devorou seis companheiros de Ulisses, arrancados da nau.⁶⁹⁰ 15. Ele tinha chegado à ilha da Sicília, onde estava o gado sagrado do Sol. Quando os companheiros cozinhavam em um caldeirão de bronze o gado, este começou a mugir, tendo sido Ulisses instruído por Tirésias e instruído por Circe a não o tocar. Assim, por esse motivo perdeu nesse lugar muitos companheiros e foi conduzido até Caríbdis, <que> por três vezes ao dia sorvia água, e três vezes a vomitava; por instrução de Tirésias, passou por ela.⁶⁹¹ Mas, devido à ira do Sol, pois o gado dele havia sido profanado (tendo chegado à ilha, por instrução de Tirésias Ulisses proibiu seus companheiros de violar o gado; apesar disso, quando dormiu profundamente, eles o roubaram; assim, enquanto cozinhavam, as carnes dentro do caldeirão de bronze davam berros), Júpiter incendiou a nau dele com um raio.⁶⁹² 16. Partindo desse lugar, perdidos seus companheiros devido ao naufrágio, errante, nadou até a ilha Eeia. <Ali> a ninfa Calipso, filha de Atlante, tomada pela aparência de Ulisses, reteve-o por um ano inteiro⁶⁹³ e não quis libertá-lo até que Mercúrio, sob ordem de Júpiter, advertiu a ninfa que o libertasse. 17. E ali, tendo construído uma embarcação, Calipso o libertou, equipado com diversos tipos de provisões. Netuno destruiu com suas ondas tal embarcação, pois aquele havia privado da visão o ciclope, seu filho. Ali, sendo ele arrojado pelas ondas, Leucótea, a quem nós chamamos “Mãe Manhã”,⁶⁹⁴ que vive no mar, deu-lhe um cinturão para que ele prendesse a seu peito, a fim de que não afundasse. Tendo feito

⁶⁹⁰ Cf. Homero, *Od.* XII. 73-126, 222-259; 429-450; Apolodoro (*Epít.* XII. 20-21). Para uma explicação racionalista dos mitos, cf. Palébatto e Heráclito, referidos por Hoyo e Ruiz (2009, p. 214 nota 536).

⁶⁹¹ *Charybdin*: Caríbdis, uma formação rochosa em forma de penhasco, com redemoinho perigoso, situado defronte a Cila, formando originalmente um portal rochoso. A menção a que Caribdis “por três vezes ao dia sorvia água”, evoca o jogo de palavras presente em *Od.* XII. 104 (“etymological pun *Χάρυβδις ἀναρρῦβδεῖ*, *C. anarrhybdeî*, yet etymologically unexplained”, cf. P. Dräger “Charybdis” in *Brill’s New Pauly*. Como observam Hoyo e Ruiz (2009, p. 214 nota 537), na narrativa homérica Ulisses passa primeiramente por Cila e Caribdis (*Od.* XII. 101-114), para então chegar à Sicília (*Od.* XII. 127).

⁶⁹² *Sed ira Solis... incendit*: mantivemos na tradução a estrutura intercalada do texto higiniano. Boriaud, que numera a passagem como 15a, comenta seu caráter redundante (pois ela retoma aspecto já apontado no começo da seção 15). Micyllus afirma: “parece haver aqui algumas corrupções, algumas interpolações”: (*videtur hic corrupta quaedam, quaedam etiam transposita esse* (*apud* Rose, 1963, p. 91). Também Rose acredita tratar-se de uma passagem corrompida por contaminação (mescla de dois excertos).

⁶⁹³ *Anno toto*: sobre o período em que Ulisses permanece com Calipso, a versão homérica fala de sete anos: “Por um setênio ali fiquei” (*Od.* VII. 259, tradução de Trajano Vieira, 2011, p. 209). Apolodoro menciona cinco anos (*Epít.* VII. 24), cf. Hoyo e Ruiz (2009, p. 215 nota 540). Na *Odisseia*, a menção ao período de um ano é feita no canto X. 467, durante a estada de Odisseu junto a Circe: “Permanecemos na ínsula de Circe um ano” (tradução de Trajano Vieira, 2009). Sobre uma discussão acerca da concepção temporal no texto de Higino, cf. o capítulo II de nosso estudo.

⁶⁹⁴ *Quam nos Matrem Matutam dicimus*: interessante observar que a mesma construção também aparece na fábula II (de título *Ino*), assim como n’*Os Fastos* de Ovídio. Para uma análise das relações entre o texto de Higino e Ovídio, cf. o capítulo I de nosso estudo introdutório. A referência a Leucótea se encontra já em Homero, *Od.* V. 333 e nas *Metamorfoses* (IV. 539 *et. seq.*) de Ovídio, cf. Boriaud (1997, p. 97, nota 5).

isso, salvou-se a nado. 18. Dali chegou à ilha dos feácios e, nu, cobriu-se com folhas das árvores, no local em que Nausícaa, filha do rei Alcínoo, levava uma veste para ser lavada no rio. Ele arrastou-se por entre as folhagens e pediu a ela que lhe prestasse auxílio. Ela, movida pela piedade, cobriu-o com um manto e o conduziu até seu pai. 19. Alcínoo o recebeu com generosa hospitalidade⁶⁹⁵ e o enviou, tendo recebido presentes e tendo-se ornamentado, à pátria Ítaca. A ira de Mercúrio provocou, novamente, um naufrágio. Após o vigésimo ano, tendo perdido os companheiros, retorna sozinho à pátria, e, não tendo sido reconhecido pelos homens, ao chegar a sua casa viu os pretendentes que, assentados em seu palácio, solicitavam Penélope em casamento e fingiu ser um estrangeiro. 20. E sua própria nutriz, Euricleia, enquanto lava-lhe os pés percebe, por meio de uma cicatriz, tratar-se de Ulisses. Depois disso, mediante a ajuda de Minerva, com seu filho Telêmaco e dois servos matou os pretendentes a flechadas.

[Dejoneu gerou a Céfalos; Céfalos, a Arcésio; Arcésio, a Laertes; Laertes, a Ulisses; Ulisses (de Circe), a Telêgono; (de Penélope), a Telêmaco; Telêgono (de Penélope, esposa de Ulisses), a Ítalo, que designou a Itália a partir de seu nome; de Telêmaco nasceu Latino, que a partir de seu nome denominou a língua latina].⁶⁹⁶

⁶⁹⁵ Cf. Homero *Od.* XII. 1-124; Apolodoro, *Epít.* VII, 25; Hoyo e Ruiz, 2009, p. 215 nota 540.

⁶⁹⁶ Sobre essa genealogia ao fim da fábula, Micyllus (1535) comenta que se trata de uma informação anotada à margem de um exemplar que utilizou: *haec in ueteri exemplari in margine annotata erant*. Cf. ainda Marshall (2002, p. 112); Boriaud (1999, p. 98); Hoyo e Ruiz (2009, p. 216 nota 542); Sánchez (2009, p. 164 nota 324).

BIBLIOGRAFIA

Textos latinos, traduções e comentários das *Fábulas*

- HIGINO. *Fábulas. Astronomía*. Edición de Guadalupe Morcillo Expósito. Madrid: Ed. Akal, 2008.
- _____. *Fábulas*. Edición de Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz. Madrid: Gredos, 2009.
- _____. *Fábulas*. Edición de Francisco Miguel del Rincón Sánchez. Madrid: Alianza, 2009.
- _____. *Fábulas*. Traducción de Santiago Rubio Fernaz. Madrid: Ediciones Clásicas, 1997.
- HYGIN. *Fables*. Texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 1997.
- HYGINUS, C. J. *Fabulae*. Edidit Peter K. Marshall. Monachii; Lipsiae: In aedibus K. G. Saur, 2002.
- _____. *Fabularum liber* (& alia opera). Ed. Jacobus Micyllus. Basel: Johannes Herwagen, 1535.

Autores Antigos

- ANTONINUS LIBERALIS. *Les Métamorphoses*. Texte établi, traduit et commenté par Manolis Papathomopoulos. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- APOLODORO. *Biblioteca Mitológica*. Introducción, traducción y notas de Julia García Moreno. Madrid: Alianza, 2004.
- APOLLONIUS RHODIUS. *The argonautica*. With an English translation by R. C. Seaton. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press & W. Heinemann, 1912.
- CICERO. *Tusculan disputation*. With an English translation by Harry Caplan. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press & W. Heinemann, 1966.
- [_____]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução de Adriana Seabra e Ana Paula Celestino Faria. São Paulo: Hedra, 2005, p. 64-65.
- COLUMELLA. *De Re Rustica*. With a recension of the text and an English translation by E. S. Foster and Edward H. Heffner. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press, 1954.

- DICTYS. *Dictys Cretensis Ephemeridos Belli Troiani Libri Sex*. Charleston: BiblioLife, 2009.
- DIODORUS SICULUS. *Library of History (Books III - VIII)*. Translated by Oldfather, C. H. Cambridge, Mass. & London: Harvard University Press & W. Heinemann, 1935.
- GELLIUS. *Noctes Atticae*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit P. K. Marshall. New York: Oxford University, 1991.
- HESIOD. *Homeric Hymns, Epic Cycle, Homerica*. Translated by Evelyn-White. London: Loeb Classical Library, William Heinemann, 1914.
- HESÍODO. *Teogonía; Trabajos y días; Escudo; Certamen*. Introducción, traducción y notas Adelaida y María Ángeles Martín Sánchez. Madrid: Alianza, 2001.
- HOMERO. *Ilíada de Homero*. Trad. Haroldo de Campos; introdução e organização Trajano Viera, 4. ed., 2 v. (bilíngue). São Paulo: Arx, 2004.
- _____. *A Odisseia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes; edição de Antonio Medina Rodrigues; ilustrações de Enio Squeff. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- _____. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Ítalo Calvino. 1ª Ed. (bilíngue). São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *Odisséia / Homero*; tradução Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- _____. *Odyssey / Homer*. With an english translation by A. T. Murray; revised by George E. Dimock, 2 v. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1998.
- LAÉRCIO DIÓGENES. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução do grego, introdução e notas Mario da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988.
- OVID. *Ovid's fasti*. With an english translation by James George Frazer. London, New York: William Heinemann & G. P. Putnam's Sons, 1931.
- _____. *Times and reasons: a new translation of Fasti*. Translated by Peter Wiseman, Anne Wiseman. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- _____. *Metamorphoses IX-XII*. Edited with translation and notes by D. E. Hill. Warminster/Whiltshires: Aris and Phillips, 1999.
- OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1987.
- _____. *Les Métamorphoses*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. 3 v. Paris: Les Belles Lettres, 1955.
- OVIDIO. *Fastos*. Edición de M. A. Marcos Casquero. León: Universidad de León, 1990.

- _____. *Metamorfosis*. Edición y traducción de Consuelo Álvarez y Rosa M^a Iglesias. Madrid: Cátedra, 2005.
- _____. *Metamorfoses em Tradução*. Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho. Disponível em: <http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfoses/ovidio-raimundocarvalho.pdf>. Acessado em: 9 nov. 2012.
- _____. *Os Fastos*. HORÁCIO. *Sátiras*. Tradução de Antônio Luís Seabra e Antônio Feliciano de Castilho. Prefácio de João Batista Melo e Souza. São Paulo: W. M. Jackson INC., 1960.
- _____. *Metamorfosi. Volume II, Libri III-IV. Translation by Ludovica Koch*. Alessandro Barchiesi, Gianpiero Rosati (orgs.). Milan: Arnoldo Mondadori Editore, 2009.
- _____. *Tristes, Cartas del Ponto*. Introducción, traducción y notas de Rafael Herrera Montero. Madrid: Alianza, 2002.
- _____. *Tristezze*. Introduzione, traduzione e note di Francesca Lechi. Milano: Rizzoli, 1993.
- PAUSANIAS. *Description of Greece*. With an English translation by W. H. S. Jones and R. E. Wycherley. Cambridge, MA.; London: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1978.
- PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle*. Texte établi par J. Andre; traduit par R. Bloch; commenté par A. Rouveret. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008.
- SÓFOCLES. *As Traquínias*. Apresentação, tradução e comentário filológico: Flávio Ribeiro de Oliveira. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.
- _____. *Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ajax*. Guilherme de Almeida, Trajano Vieira, com a participação especial de Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____. *A trilogia tebana*. Tradução do grego, introdução e notas de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- SUETONE. *Grammairiens et rheteurs*. Texte établi et traduit par Marie-Claude Vacher. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

VIRGÍLIO. *Eneida brasileira*: tradução poética da epopéia de Publio Virgílio Maro / por Manuel Odorico Mendes. Organização: Paulo Sérgio de Vasconcellos [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

Obras de referência

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1940

ALBRECHT, M. A von. *History of Roman literature: from Livius Andronicus to Boethius*. New York: E.J. Brill, 1997.

CHIABÒ, M. et ROBERTI, L. *Hygini fabularum index verborum*, Hildesheim; Zurich; New York: Olms-Weidmann, 2001.

CONTE, G. B. *Latin Literature – a history*. Cambridge: The Johns Hopkins University Press, 1994.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1974.

_____.; THOMAS, F. *Sintaxe Latine*. Paris: Klincksieck, 1972.

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 14. reimpr. (7. reprint with corrections). New York: Oxford University Press, 2005 (Combined Edition first published in 1982).

GRIMAL, P. *Diccionario de la mitología griega y romana*. Barcelona: Paidós, 2008.

_____. *Gramática Latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

HARD, R. *The Library of Greek Mythology*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (Ed.). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LIDDELL, H. G. & SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

LIPPARINI, G. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 1961.

- NAUCK, A. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1889.
- NÜNNING, A. (Hg.). *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie. Ansätze – Personen – Grundbegriffe*. Stuttgart: Metzler, 2004.
- PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PREMINGER, A.; BROGAN, T. V. F.; WARNKE, F. J. *The New Princeton Encyclopedia of Poetry and Poetics*. 3ª ed. New Jersey: Princeton University Press, 1993.
- SARAIVA, F. R. S. *Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Garnier, 1993.
- SMITH, W. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, 3 v. London: J. Murray, 1867. Disponível em: <http://www.ancientlibrary.com/smith-bio/>. Acessado em: 01 jul. 2013.
- _____. *A Classical dictionary of greek and roman biography mythology and geography*. London: J. Murray, 1932.
- THESAURUS LINGVAE LATINAE (1900-). Leipzig/München (até agora vol. 1-10 - via universidade de Heidelberg).
- TORRINHA, F. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Porto Editora, 1942.
- TRZASKOMA, S.; SMITH, R. S.; BRUNET, S. *Anthology of classical myth: primary sources in translation*. Indianapolis: Hackett Publishing, 2004.
- UREÑA PRIETO, M. H. T. C.; UREÑA PRIETO, J. M. T. C.; NASCIMENTO PENA, A. *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Lisboa: FCG - JNICT, 1995.

Manuais de Mitologia

- ELVIRA, A. R. *Mitología clásica*. Madrid: Gredos, 2000.
- LÓPEZ, M. D. G. *Manual de mitología clásica*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.
- ROSE, H. J. *A handbook of Greek mythology: including its extension to Rome*. London; New York: Routledge, 1964.

Bibliografia sobre Higino:

- ALVES, D. “O mito de Crises na fábula 121 de Higino: um argumento singular”. *Língua, Literatura e Ensino*, 2010, vol. V, p. 113-122.

- _____. “Singularidades e estilo imanente nas Fabulae de Higino”. In: *XXV Semana de Estudos Clássicos / V Forum Acadêmico de Estudos Clássicos, 2010, Araraquara. Dioniso: travessias e transmutações: 25 anos! Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos e V Fórum Acadêmico em Estudos Clássicos*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL - UNESP, 2010, v. 25, p. 15-22.
- BUNTE, C. B. *De C. Iulii Hygini, Augusti Liberti, Vita et Scriptis*. LLC: BiblioLife, 2009.
- ROSE, H. J. “Second Thoughts on Hyginus”. *Mnemosyne*, vol. 11, 1958, p. 42-48.
- _____. “An Unrecognized Fragment of Hyginus, Fabulae”. *The Classical Quarterly*, 1929, vol. 23, nº. 2, p. 9-99.
- CAMERON, A. “The greek sources of Hyginus and Narrator”, *Greek Mythography in the Roman World*, 2004.
- EXPÓSITO, G. M. “Caius Iulius Hyginus, mitógrafo”. *Anuario de Estudios Filológicos*, vol. XXVI, 2003, p. 267-277.
- GONZÁLEZ, A. M. “Fábulas CIX y CXXIII de Higino: variantes respecto a la tradición clásica”. *Epos: Revista de filología*, 1996, nº 12, p. 31-52.
- HOLZWORTH, J. “Light from a Medieval Commentary on the Text of the *Fabulae* and *Astronomica* of Hyginus”. *Classical Philology*, 1943, vol. 38, nº 2, p. 126-131.
- KELLOGG, G. D. “New Readings from the Freising Fragments of the Fables of Hyginus”. *The American Journal of Philology*, 1899, vol. 20, nº 4, p. 406-411.
- MARSHALL, P. K. “The Budé Hyginus”. *The Classical Review, New Series*, 1999, vol. 49, nº 2, p. 410-412.
- REEVE, M. “Hyginus” in Reynolds (ed.), *Texts and transmission: a survey of the Latin classics*. Oxford: Clarendon Pr., 1983, p. 187-190.
- SCHMIDT, P. L.; SCHNEIDER, H. “Hyginus, C. Iulius”. *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2009. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: http://www.brillonline.nl.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/subscriber/entry?entry=bnp_e519090. Acessado em: 15 mai. 2010.
- URBÁN, A. “Tres observaciones filológicas a Higino mitógrafo (Hyg. fab. 31, 121 y 152)”. *Exemplaria classica: journal of classical philology*, nº 8, 2004, p. 103-121.

WOESTYNE, P. van de. “Un ami d’Ovide, C. Iulius Hyginus”. *Le Musée Belge*, 1929, p. 33-45.

Bibliografia complementar:

ADAMS, J. N. *The Latin sexual vocabulary*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1990.

BÄBLER, B. “Sirens II. Iconography”. *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2013. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/sirens-e1114170>. Acessado em: 18 jul. 2013.

BARTHES, R. “O Efeito de Real”. In: *O Rumor da Língua*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARCHIESI, A. “Otto punti su una mappa dei naufragi”. In: *Materiali e discussioni per l’analisi dei testi classici*, 39, 1997, p. 209-226.

BERNABÉ, A. *Dioses, héroes y orígenes del mundo: lecturas de mitología*. Madrid: Abada, 2008.

BÖCK, B.; LUZZATTO, M. J.; “Fable”. *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2009. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: http://www.brillonline.nl.ubproxy.ub.uniheidelberg.de/subscriber/entry?entry=np_e408170. Acessado em: 25 nov. 2010.

BORGES, J. L. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 2004.

BREMMER, J. *Interpretations of Greek Mythology*. London: Routledge, 1994.

BUFFON, G.-L. de L. *Discurso sobre o estilo*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2011.

- CAIRNS, F. "The Antiquity and Development of the Genres". In: *Idem, Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Edinburg: Edinburg University Press, 1972, p. 34-69.
- _____. "The Categories of Genres". In: *Idem, Generic Composition in Greek and Roman Poetry*. Edinburg: Edinburg University Press, 1972, p. 70-97.
- CALAME, C. "Le nom d'Édipe". In: B. Gentili, R. Pretagostini (ed.), *Edipo. Il teatro greco e la cultura europea*. Roma: Ateneo, 1986, p. 395-407.
- CARDOSO, I. T. *Trompe-l'oeil: Philologie und Illusion*. 1 ed., Göttingen: Vienna University Press bei V&R Unipress, 2011.
- _____. *Ars Plautina*. Tese de doutoramento inédita. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.
- _____. "Theatrum mundi: Philologie und Nachahmung". In: Schwindt, J. H. (ed.), *Was ist eine philologische Frage?* Frankfurt: Ed. Suhrkamp, 2009, p. 82-111.
- _____. "Ilusão e engano em Plauto", in: Cardoso, Z. A.; Duarte, A. S. (orgs). *Estudos sobre o teatro antigo*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 95-126.
- CERQUIGLINI, B. *Éloge de la variante: histoire critique de la philology*. Paris: Éd. du Seuil, 1989.
- CONTE, G. B. *Genres and readers: Lucretius, love elegy, Pliny's Encyclopedia*. Transl. by G. W. Most with a foreword by C. Segal. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1994.
- COSTA, L. N. "Muito prazer, Anfritrão!". *Nuntius Antiquus*, 2011, v. VII, p. 23-33.
- DAVIS, G. *Polyhymnia: the rhetoric of Horatian lyric discourse*. Berkeley: Univ. of California, 1991.
- DIGGLE, J.; GOODYEAR, F. R.D. (eds.) *The Classical Papers of A. E. Housman*. (3 vols.). Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- DRÄGER, P. "Charybdis". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2013. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/charybdis-e232110>. Acessado em: 11 mai. 2013.
- DRÜLL, D. *Heidelberger Gelehrtenlexikon*. Berlin: Springer, 2002, p. 389-390.

- ELEUTERI, P. "Tzetzes." *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2012. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/tzetzes-e1223880>. Acessado em: 07 ago. 2012.
- FÖGEN, T. *Wissen, Kommunikation und Selbstdarstellung: zur Struktur und Charakteristik römischer Fachtexte der frühen Kaiserzeit. Zetemata 134*. München: C. H. Beck, 2009.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens/Vega, 1992.
- FOWLER, D. P. "On the shoulders of giants: intertextuality and classical studies". In: *Roman constructions. Readings in postmodern Latin*. Oxford: Oxford University, 2000.
- _____. "Narrate and Describe: The Problem of Ekphrasis". In: *The Journal of Roman Studies*. 1991, vol. 81, p. 25-35.
- GATTI, P. "Dositheus". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2010. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/der-neue-pauly/dositheus-e323890>. Acessado em: 14 nov. 2010.
- GENETTE, G. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.
- GRAF, F. "Myth in Ovid". In: HARDIE, P. (ed.) *The Cambridge companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge U.P., 2002. p. 108-21.
- _____.; ZGOLL, A. "Myth". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2009. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: http://www.brillonline.nl.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/subscriber/entry?entry=bnp_e815160. Acessado em: 18 ago. 2010.
- GRATZ, F. "Katabasis". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2013. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/katabasis-e1223880>.

- heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/katabasis-e610380. Acessado em: 15 jul. 2013.
- HAVELOCK, E. A. *Preface to Plato*. Oxford: Blackwell, 1963.
- HAY, L. “O texto não existe - reflexões sobre a crítica genética”. In: *Criação em processo- ensaios de crítica genética*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda., 2002.
- HEINZE, T. “Maenads.” *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2012. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/maenads-e716260>. Acessado em: 17 set. 2012.
- _____.; FORNARO, S. “Mythography”. *Brill’s New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2009. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. http://www.brillonline.nl.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/subscriber/entry?entry=bnp_e815110. Acessado em: 25 ago. 2010.
- HERNÁNDEZ, P. N. “Algunas reflexiones sobre mitología griega”. *Estudios Clásicos*, 114, 1998.
- HEUBECK, A.; HOEKSTRA A. *A commentary on Homer's Odyssey*, vol. II: Books IX–XVI. Oxford: Claredon, 1989.
- _____. RUSSO, J.; FERNANDEZ-GALIANO, M.; *A commentary on Homer's Odyssey*, vol. III: Books XVII-XXIV. Oxford: Claredon, 1992.
- HINDS, S. *Allusion and intertext. Dynamics of appropriation in Roman Poetry*. Cambridge: University Press, 1998.
- JOLIVET, J. C. “Le monde des cyclopes, figure d’un monde archaïque. Exégèse homérique et *retractatio* de la Cyclopie dans l’*Énéide*”, in: Schwindt, J. P (ed.), *La représentation du temps dans la poésie augustéenne / Zur Poetik der Zeit in augusteischer Dichtung*. Heidelberg: Universitätsverlag, 2005, p. 43-70.
- _____. “Nec quicquam antiquum Pico nisi nomina restat. Picus, ses statues et ses temples dans l’*Énéide* et les *Métamorphoses*”, dans *Aere perennius. Hommage à Hubert Zehnacker*. Paris, 2006, p. 489-502.

- _____. “Penelope polutropos? La philologie homérique et la première Héroïde”, dans H. Casanova-Robin (éd.), *Amor Scribendi. Lectures des Héroïdes d’Ovide*, Grenoble, 2007, p. 121-139.
- _____. “Questions d’onomastique homérique dans la poésie augustéenne”. Dans Fr. Biville et D. Vallat (éd.), *Onomastique et intertextualité dans la littérature latine. Actes de la journée d’étude tenue à la Maison de l’Orient et de la Méditerranée – Jean Pouilloux le 14 mars 2005, Collection de la Maison de l’Orient et de la Méditerranée 41. Série linguistique et philologique 5*. Lyon, 2009, p. 79-93.
- _____. “Quand les poètes latins se faisaient philologues”, LHT, *Poétiques de la philologie*. Publié le 01 octobre 2008. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/5/index.php?id=76>. Acessado em: 01 jul. 2013.
- JONG, I. *A Narratological Commentary on the Odyssey*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. “Homer”. In: *Narrators, Narratees and Narratives in Ancient Greek Literature*. De Jong, I.; Nünlist, R.; Bowie (eds.). Leiden-Boston: Brill, 2004.
- JULIANI, T. J. “Sobre as mulheres famosas (1361-1362) de Giovanni Boccaccio”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- LITTLEWOOD, R. J. *A commentary on Ovid: Fasti book VI*. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, 2006.
- MARCOS, J. J. *Fuentes para paleografias Latina*. Disponível em: http://guindo.pntic.mec.es/~jmag0042/manual_paleograf.pdf. Acessado em: 15 março 2011.
- MAROTTA, M. H. *O Estatuto da Arte Etrusca: Um estudo das representações do 'Ulisses e as Sereias' nas urnas cinerárias etruscas do período helenístico no contexto da antiga Etrúria Setentrional*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia). Universidade de São Paulo, 2003.
- MARTINEZ, J. “Filoctetes, de Sófocles: introdução, tradução e notas”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- MARROU, H. I. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

- MASSAUD, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- MERGUET, H. *Lexicon zu den Philosophischen Schriften Ciceros*. Olms: Verlag, 1892.
- MURGATROYD, P. *Mythical and Legendary Narrative in Ovid's Fasti*. *Mnemosyne*, Suppl. 263. Leiden: Brill, 2005.
- NÜNLIST, R. "Sirens". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2013. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/sirens-e1114170>. Acessado em: 18 jul. 2013.
- PICCOLO, A. *O Homero de Horácio: Intertexto épico no livro I das Epístolas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- SILVA, M. M. P. *Arsque locumque: espaço da narrativa no livro V das Metamorfoses de Ovídio*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- OROSCO, G. S. *Metamorfoses de Vênus na poesia de Ovídio*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- PASQUALI, G. "Arte allusiva". In: *Pagine stravaganti*. Firenze: Sansoni, 1968, v. II.
- PLATH, R. "Style, stylistic figures." *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2012. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/style-stylistic-figures-e1123170>. Acessado em: 06 nov. 2012.
- PRATA, P. "O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos". Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- PUTNAM, M. C. J. *Virgil's Epic Designs: Ekphrasis in the Aeneid*. New Haven: Yale University Press, 1998.
- REITZ, C. "Catalogue". *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. *Brill Online*, 2010. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em:

- http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e610560. Acessado em: 19 nov. 2010.
- RENGER, J.; MEISTER, K.; RÜPKE, J. "Genealogy." *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2010. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em: http://www.brillonline.nl/subscriber/entry?entry=bnp_e421360. Acessado em: 14 nov. 2010.
- TREVIZAM, M. *Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- _____. "O estilo subjetivo virgiliano e a tradução portuguesa do mito de Orfeu nas "Geórgicas" de Antônio Feliciano de Castilho". *Revista do Centro de Estudos Portugueses* (UFMG), 2009, v. 29, p. 69-88.
- VASCONCELLOS, P. S. de. *Efeitos intertextuais na "Eneida" de Virgílio*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2001.
- _____. "Reflexões sobre a noção de arte alusiva e intertextualidade na poesia latina". *Clássica* (São Paulo), 2011, v. 20, p. 239-260.
- VERNANT, J. P. - VIDAL-NAQUET, P. *Mito y tragedia en la Grecia antigua*. Madrid: Taurus, 1987.
- WAGNER-HASEL, B. "Hospitality." *Brill's New Pauly*. Antiquity volumes edited by: Hubert Cancik and Helmuth Schneider. Brill Online, 2013. Reference. Universitaetsbibliothek Heidelberg. Disponível em 12: <http://referenceworks.brillonline.com.ubproxy.ub.uni-heidelberg.de/entries/brill-s-new-pauly/hospitality-e419230>. Acessado em: 12 de maio de 2013.
- WEST, M. L. *Crítica textual e técnica editorial: aplicável a textos gregos e latinos*. Tradução de Antonio Manuel Ribeiro Rebelo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- WILLS, J. *Repetition in Latin poetry: figures of allusion*. Oxford: Clarendon, 1996.

ANEXO I - TEXTO LATINO E TRADUÇÃO DE PASSAGENS DE OVÍDIO

1- *Fastos* III. 853-876

Texto latino e tradução (de António Feliciano de Castilho)

2 - *Fastos* VI. 473-562

Texto latino e tradução (de António Feliciano de Castilho)

3- *Metamorfoses* IV. 512-542; 563-603

Texto latino e tradução (de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho)

Transcrevemos a seguir passagens de obras de Ovídio utilizadas na análise do primeiro ciclo mitológico das *Fábulas* de Higino (no Capítulo I do presente estudo). O intuito é que tais textos facilitem a apreciação da leitura lá apresentada.

Para *Os Fastos*, o texto latino aqui transcrito segue a edição de Robert Schilling, (publicada pela editora *Les Belles Lettres*, de 2003) e é acompanhado da tradução de António Feliciano de Castilho (seguindo edição publicada em 1970)⁶⁹⁷.

Para a edição das *Metamorfoses*, utilizamos o texto que acompanha o comentário de Alessandro Barchiesi e Gianpiero Rosati (2009). Em relação à versão portuguesa do texto, valemo-nos da tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho, disponível online⁶⁹⁸.

⁶⁹⁷ Na mesma edição, consta também a tradução d'*As Sátiras*, de Horácio, realizada por António Luiz Seabra.

⁶⁹⁸ Disponível em:

<http://www.usp.br/verve/coordenadores/raimundocarvalho/rascunhos/metamorfosesovidio-raimundocarvalho.pdf>. Acessado em: 09 nov. 2012.

1- *Fasti* III. 853-876

Seminibus tostis sceleratae fraude nouercae
sustulerat nullas, ut solet, herba comas.
Mittitur ad tripodas, certa qui sorte reportet 855
Quam sterili terrae Delphicus edat opem.
Hic quoque corruptus cum semine nuntiat Helles
Et iuuenis Phrixi funera sorte peti.
Vsque recusantem ciues et tempus et Ino
Compulerunt regem iussa nefanda pati. 860
Et soror et Phrixus, uelati tempora uittis,
Stant simul ante aras iunctaque fata gemunt.
Aspicit hos, ut forte pependerat aethere, mater
Et ferit attonita pectora nuda manu;
Inque draconigenam nimbis comitantibus urbem 865
Desilit, et natos eripit inde suos.
Vtque fugam capiant, aries nitidissimus auro
Traditur; ille uehit per freta longa duos.
Dicitur infirma cornu tenuisse sinistra
Femina, cum de se nomina fecit aquae. 870
Paene simul periit, dum uolt succurrere lapsae,
Frater et extentas porrigit usque manus.
Flebat, ut amissa gemini consorte pericli,
Caeruleo iunctam nescius esse deo.
Litoribus tactis aries fit sidus; at huius 875
Peruenit in Colchas aurea lana domos.

(*Fast.* III. 851-876)

Tradução de António Feliciano de Castilho

Os grãos de Ceres,
Tostados por traição da ímpia madrasta,
Sem proveito nos sulcos se espargiam;
Nem felpa de verdura à luz brotava,
Dos negrejantes chãos; tremenda a fome
A Tebas ameaça.

Núncio mandam
A consultar a Trípode de Delfos;
Desse infalível deus conselho aguardam,
Que refecunde o solo. Mas o núncio,
Vai já da mesma pérfida peitado.

Volve, e diz ser do oráculo resposta,
Que, se querem colheita, o sangue vertam
Da princesa e do príncipe; o teu, Heles;
Viçoso Frixo o teu. Resiste à ordem
No régio peito o coração paterno.

Mas o povo, a penúria, Ino madrasta,
Constrangem-no a ceder à lei nefanda.

Ei-los perante as aras retoucados
De frôndeos ramos, vítimas consócias,
Irmãos no afecto, irmãos, na desventura,
E ambos carpindo o seu comum desastre.

A mãe, que neste lance anda pairando
Lá nos altos do ar, os vê, delira;
Fere o peito; de chofre, envolta em nuvens,
Descende à draconígena cidade,

Rouba-lhe os filhos seus; para que fujam
Lhes entrega aurifúlgido carneiro;
Leva-os ele através das vastas ondas.

De Heles a esquerda mão mal firme às pontas
Desfalece, despega-se; precipite
Cai a mísera, afunda-se no pego,
Desde então Helesponto apelidado.
O irmão, que inda lidou para acudir-lhe,
Ia tendo igual sorte. As mãos estende,
Chora, crendo afogada a companheira
Dos infortúnios seus; inda não sabe
Que o deus do campo azul a quis por sua.

Já na praia aportou. Sobre às estrelas
O carneiro, astro novo; mas o velo
Grenha de ouro, é mandado à régia Colchos.

2- *Fasti* VI. 473-562

Iam, Phryx, a nupta quereris, Tithone, relinqui,
Et uigil Eois Lucifer exit aquis:
Ite, bonae matres (uestrum Matralia festum), 475
Flauaque Thebanae reddite liba deae!
Pontibus et magno iuncta est celeberrima Circo
Area, quae posito de boue nomen habet.
Hac ibi luce ferunt Matutae sacra parenti
Sceptriferas Serui templa dedisse manus. 480
Quae dea sit, quare famulas a limine templi
Arceat (arcet enim) libaque tosta petat,

Bacche racemiferos hedera redimite capillos,
 Si domus illa tua est, derige uatis opus!
 Arserat obsequio Semele Iouis: accipit Ino 485
 Te, puer, et summa sedula nutrit ope.
 Intumuit Iuno, raptum quod paelice natum
 Educat: at sanguis ille sororis erat.
 Hinc agitur furiis Athamas et imagine falsa
 Tuque cadis patria, parue Learchae, manu. 490
 Maesta Learchae mater tumulauerat umbras
 Et dederat miseris omnia iusta rogis.
 Haec quoque, funestos ut erat laniata capillos,
 Prosilit et cunis te, Melicerta, rapit.
 Est spatio contracta breui, freta bina repellit 495
 Vnaque pulsatur terra duabus aquis.
 Huc uenit insanis natum complexa lacertis,
 Et secum celso mittit in alta iugo.
 Excipit illaesos Panope centumque sorores
 Et placido lapsu per sua regna ferunt. 500
 Nondum Leucothea, nondum puer ille Palaemon
 Verticibus densi Thybridis ora tenent.
 Lucus erat, dubium Semelae Stimulaene uocetur;
 Maenadas Ausonias incoluisse ferunt.
 Quaerit ab his Ino quae gens foret. Arcadas esse 505
 audit et Euandrum sceptrum tenere loci.
 Dissimulata deam Latias Saturnia Bacchas
 Instimulat fictis insidiosa sonis:
 << O nimium faciles, o toto pectore captae,
 Non uenit haec nostris hospes amica choris; 510
 Fraude petit sacrique parat cognoscere ritum;
 Quo possit poenas pendere, pignus habet >>.
 Vix bene desierat, complent ululatibus auras

Thyiades, effusis per sua colla comis,
 Iniziuntque manus puerumque reuellere pugnant. 515
 Quos ignorat adhuc inuocat illa deos:
 << Dique uirique loci, miserae succurrite matri! >>.
 Clamor Auentini saxa propinqua ferit.
 Appulerat ripae uaccas Oetaeus Hiberas;
 Audit et ad uocem concitus urget iter: 520
 Herculis aduentu, quae uim modo ferre parabant,
 Turpia femineae terga dedere fugae.
 << Quid petis hinc, (cognorat enim) matertera Bacchi?
 An numen, quod me, te quoque uexat? >> ait.
 Illa docet partim, partim praesentia nati 525
 Continet et furiis in scelus isse pudet.
 Rumor, ut est uelox, agitatis peruolat alis
 Estque frequens, Ino, nomen in ore tuum.
 Hospita Carmentis fidos intrasse Penates
 Diceris et longam deposuisse famem. 530
 Liba sua properata manu Tegeaea sacerdos
 Traditur in subito cocta dedisse foco.
 Nunc quoque liba iuuant festis Matralibus illam.
 Rustica sedulitas gratior arte fuit.
 << Nunc >>, ait, << o uates, uenientia fata resigna, 535
 Qua licet; hospitibus hoc, precor, adde meis >>.
 Parua mora est, caelum uates ac numina sumit,
 Fitque sui toto pectore plena dei.
 Vix illam subito posses cognoscere, tanto
 Sanctior et tanto quam modo maior erat. 540
 << Laeta canam; gaude, defuncta laboribus Ino >>,
 Dixit, << et huic populo prospera semper ades!
 Numen eris pelagi; natum quoque pontus habebit.
 In uestris aliud sumite nomen aquis!

Leucothea Graia, Matuta uocabere nostris; 545
 In portus nato ius erit omne tuo:
 Quem nos Portunum, sua lingua Palaemona dicet.
 Ite, precor, nostris aequus uterque locis! >>
 Adnuerat, promissa fides; posuere labores,
 Nomina mutarunt: hic deus, illa dea est. 550
 Cur uetet ancillas accedere quaeritis: odit,
 Principiumque odii, si sinat illa, canam.
 Vna ministrarum solita est, Cadmei, tuarum
 Saepe sub amplexus coniugis ire tui.
 Improbis hanc Athamas furtim dilexit: ab illa 555
 Comperit agricolis semina tosta dari.
 Ipsa quidem fecisse negat, sed fama recepit:
 Hoc est, cur odio sit tibi serua manus.
 Non tamen hanc pro stirpe sua pia mater adoret:
 Ipsa parum felix uisa fuisse parens. 560
 Alterius prolem melius mandabit illi:
 Vtilior Baccho quam fuit illa suis.
 (*Fast.* VI. 473-562)

Tradução de António Feliciano de Castilho

Titão já outra vez se está queixando
 De que a rosada esposa o desampara;
 A lucífera estrela matutina
 Lá do mar do Oriente ascende ao pólo.

São agora as matrais, as vossas festas,
 Boas mães; concorrei a celebrá-las;

Dai à deusa tebana os flavos bolos.

Às pontes e ao grão circo está conjunta
A frequentada praça, a que dá nome
Do boi a estátua brônzea alçada nela.
Lá neste dia as régias mãos de Sérvio
Fundaram, diz-se, o templo à mãe Matuta.

Que deidade esta seja, e por que veda
(Pois o veda) que fâmulas lhe ponham
O pé no limiar, e o porque exige
Se lhe levem por dom libos tostados,
Interprendo contá-lo.

A ti recorro,
Ó gentil, a quem heras entretecem
Coa planta racemífera as madeixas;
Padre Baco, a se em vós há parentesco,
Governa agora ao meu baixel o rumo.

Cedera Jove às súplicas de Sémele;
Sémele se abrasara; Ino te acolhe,
Te nutre, te desvela a tenra infância.

Raiva Juno de a ver estar criando
Da rival sua o filho, e não desconta
Que este filho é da irmã; faz que Atamante
Às fúrias vague entregue, espavorido
De uma visão fantástica. Tu morres
Vítima às suas mãos, às mãos paternas,
Pequenino Learco. O vão cadáver

Dera-o a triste mãe à sepultura,
Pagas à pira infausta as justas honras.

Porém logo assim mesmo escabelada
Corre ao berço do filho que lhe resta
(Mísero Melicerta!) arranca-o, voa.

Térreo espaço não largo alça barreira
Que investem mares dois, que aos bois repulsa;
Lá chega; corre ao cume; leva o filho
Nos frenéticos braços apertado;
Salta com ele ao pélago; recebe-os
Na queda ilesos Pánope, entre o coro
Das irmãs cento de Nereu progénie,
E todas mansamente os vão levando
A flor de vítreo pego.

A que algum dia
Em lugar de Ino se dirá Leucotee
E o que em vez de menino Melicerta
Se há-de chamar Palemon, lá vão juntos
Parar do Tibre à foz vertigiosa.

Um luco havia ali; se apelidado
De Sémele ou de Estímula disputa-se;
Consta porém que as Ménades ausónias
Tinham nele vivenda. Ino as inquire
Que gente aquela seja.

“Arcádia gente” –
Lhe respondem, – “e Evandro o que a governa.”

A irosa filha de Saturno entanto,
Juno, ocultando o ser de divindade,
Concita contra a prófuga estrangeira
Falaz e astuta as laciais bacantes.

– “Ó crédulas, ó loucas” – lhes diz ela –
“Para ser sócia amiga em vosso coro
Não veio a vagabunda; essa traidora
Traz mira em devassar os vossos ritos;
Inda bem que o penhor que ao seio aperta
Nos depara onde assente o seu castigo.” –

Mal acabava, as Tíades, rebentam
Em ululante grita, sacudindo
Por sobre os ombros as revoltas grenhas;
Lidam coas bravas mãos roubar-lhe o infante;
A mísera aterrada invoca os deuses,
Os deuses do país que não conhece.

– “Deidades e homens” – diz – “destas paragens
A uma aflita mãe trouxe socorro!” –

Chega o clamor ao próximo Aventino
Hércules nessa hora à beira Tibre
Trazia o pasto o seu armento ibero;
Ouve os gritos, corre; as furiosas
Tão audazes pouco há, mal que o percebem
Toma-as fêmeo medo, arrancam fuga.

– “A que vieste aqui, Tia de Baco?” –

Diz o herói conhecendo a perseguida; –
“Vexa-te acaso o Nume que me vexa?” –

Ino dos males seus narra o que pode;
Cala o mais; a presença do seu filho
A contém; vê que as fúrias a cegaram,
E a monstruoso horror chegou a insânia.

Rápida como sempre a fama voa;
Vai ao longe espalhando a história de Ino.

Consta que então, penates de Carmenta,
Vós hospedage à prófuga prestáveis,
E a seu longo jejum puséreis termo;
Que de Tegeia a anciã sacerdotisa,
Segundo é tradição, deu logo traça
A acender lume onde cozer-lhe uns bolos;
Por isso os bolos nas matrais lhe agradam;
E a la fé que um festim de lauto apreste
Não lhe houvera sabido o que lhe soube
O rústico regalo armado à pressa.

“Agora” – diz a hóspeda – “se o podes,
Profetisa, o porvir me vaticina;
Seja ao bom gasalhado esse o remate.” –

Momento após, a intérprete dos fados
Já colheu n’alma o espírito celeste;
Arde afrontada no Apolíneo fogo.
Não é a mesma; na grandeza avulta;
Cresceu na majestade.

– “Oh! que alegrias!

Exulta, ó Ino, és salva dos trabalhos;
Vejo-te deusa; o povo meu protege!
Já tu e o filho teu no mar são nubes;
Ele e tu nesse esplêndido domínio
Vossos nomes largai; convêm-vos outros;
Sê aos gregos Leucotee, a nós Matuta;
O filho teu que impere sobre os portos;
Di-lo-emos nós Portuno, e os seus Palemon.
Ide, e sede ambos tutelares nossos.” –

Anuem; votam fé; trabalhos findam;
Mudam nome; ele e ela é deus, é deusa.

Por que rejeita as fâmulas – perguntas?
Odeia-as; e do ódio eis o motivo;
Com vénia sua descobri-lo quero.
Umas das suas fâmulas soía
Furtar-lhe a miúde afagos do consorte.
Foi por essa que o pérfido Atamante
Soube que a esposa aos filhos seus madrasta,
E perdê-los tramando, aos grãos Ceres
Destinados à terra, à messe, à vida,
Em brando fogo a ocultas os torrava:
Tu negas sempre, ó Ino, acção tão negra;
Mas a praguenta fama a dá por certa;
E eis donde às servas te nasceu o antojo.

Pias mães não lhe oreis por vossos filhos;
Já vistes que feliz não foi co’os próprios;

Recomendai-lhe embora a prole alheia,
Que a Baco, e à sua não, foi prestadia.

3- *Metamorfoses* IV. 512-542

Protinus Aeolides media furibundus in aula
clamat 'io, comites, his retia tendite siluis!
hic modo cum gemina uisa est mihi prole leaena'
utque ferae sequitur uestigia coniugis amens 515
deque sinu matris ridentem et parua Learchum
bracchia tendentem rapit et bis terque per auras
more rotat fundae rigidoque infantia saxo
discutit ora ferox; tum denique concita mater,
seu dolor hoc fecit seu sparsi causa ueneni, 520
exululat passisque fugit male sana capillis
teque ferens paruum nudis, Melicerta, lacertis
'euhoe Bacche' sonat: Bacchi sub nomine Iuno
risit et 'hos usus praestet tibi' dixit 'alumnus!'
inminet aequoribus scopulus: pars ima cauatur 525
fluctibus et tectas defendit ab imbribus undas,
summa riget frontemque in apertum porrigit aequor;
occupat hunc (uires insania fecerat) Ino
seque super pontum nullo tardata timore
mittit onusque suum; percussa recanduit unda. 530

At Venus, inmeritae neptis miserata labores,
sic patruo blandita suo est 'o numen aquarum,
proxima cui caelo cessit, Neptune, potestas,
magna quidem posco, sed tu miserere meorum,
iactari quos cernis in Ionio inmenso, 535
et dis adde tuis. aliqua et mihi gratia ponto est,

si tamen in medio quondam concreta profundo
 spuma fui Graiumque manet mihi nomen ab illa.'
 adnuít oranti Neptunus et abstulit illis,
 quod mortale fuit, maiestatemque uerendam 540
 inposuit nomenque simul faciemque nouauit
 Leucothoeque deum cum matre Palaemona dixit.
 (*Met.* IV 512-542)

Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Logo o Eólíde furioso no palácio
 Clama: “Estendei as redes nestas selvas, servos!
 Cá estou vendo uma leoa e dois filhotes.”
 E louco, qual fera, ao encalço vai da esposa, 515
 do seio da mãe tira Learco que ri
 e os braçinhos estende, e duas ou três vezes
 roda-o no ar como uma funda e, em rocha rígida,
 feroz lhe esmaga a face. Então, a mãe levada
 pelas dores, ou pelo veneno infundido, 520
 ululou e fugiu desgrenhada e demente,
 contigo, Melicerte, nos braços desnudos:
 “Evoé, Baco!” grita. E ao nome de Baco,
 Juno riu: “Teu pupilo a isso sirva!”, disse.
 Assoma os mares um rochedo, cavo embaixo, 525
 que defende da chuva as águas encobertas,
 e o cimo em riste alonga-se no mar aberto.
 Ino aí sobe – deu-lhe forças a loucura –
 e sem temor algum, se lança sobre o pélagos,
 com o seu filho; ao choque a onda encaneceu. 530
 Mas Vênus, comovida com a pena injusta,

dirige ao tio branda prece: “Ó deus dos mares,
 Netuno, a quem cabe o poder depois do céu,
 grande é o que te peço, apieda-te dos meus,
 a quem vês arrojados no Jônio imenso, 535
 e os soma aos teus deuses. Algum prestígio tenho
 sobre o mar, se é que outrora fui concreta espuma
 em sacro abismo e vem daí meu nome grego”
 Anui Netuno à prece e deles retirou
 o que era mortal e digna majestade 540
 lhes concedeu, além de nome e face nova:
 chamou o deus Palémon; Leocótoe, a mãe.

Metamorfoses IV. 563-603

Nescit Agenorides natam parvumque nepotem
 aequoris esse deos; luctu serieque malorum
 victus et ostentis, quae plurima viderat, exit 565
 conditor urbe sua, tamquam fortuna locorum,
 non sua se premeret, longisque erroribus actus
 contigit Illyricos profuga cum coniuge fines.
 iamque malis annisque graves dum prima retractant
 fata domus releguntque suos sermone labores, 570
 'num sacer ille mea traiectus cuspide serpens'
 Cadmus ait 'fuerat, tum cum Sidone profectus
 vipereos sparsi per humum, nova semina, dentes?
 quem si cura deum tam certa vindicat ira,
 ipse precor serpens in longam porrigar alvum.' 575
 dixit, et ut serpens in longam tenditur alvum
 durataeque cuti squamas increscere sentit
 nigraque caeruleis variari corpora guttis

in pectusque cadit pronus, commissaque in unum
 paulatim tereti tenuantur acumine crura. 580
 bracchia iam restant: quae restant bracchia tendit
 et lacrimis per adhuc humana fluentibus ora
 'accede, o coniunx, accede, miserrima' dixit,
 'dumque aliquid superest de me, me tange manumque
 accipe, dum manus est, dum non totum occupat anguis.' 585
 ille quidem vult plura loqui, sed lingua repente
 in partes est fissa duas, nec verba volenti
 sufficiunt, quotiensque aliquos parat edere questus,
 sibilat: hanc illi vocem natura reliquit.
 nuda manu feriens exclamat pectora coniunx: 590
 'Cadme, mane teque, infelix, his exue monstros!
 Cadme, quid hoc? ubi pes, ubi sunt umerique manusque
 et color et facies et, dum loquor, omnia? cur non
 me quoque, caelestes, in eandem vertitis anguem?'
 dixerat, ille suae lambebat coniugis ora 595
 inque sinus caros, veluti cognosceret, ibat
 et dabat amplexus adsuetaque colla petebat.
 quisquis adest (aderant comites), terretur; at illa
 lubrica permulcet cristati colla draconis,
 et subito duo sunt iunctoque volumine serpunt, 600
 donec in adpositi nemoris subiere latebras,
 nunc quoque nec fugiunt hominem nec vulnere laedunt
 quidque prius fuerint, placidi meminere dracones.

(*Met.* IV 563-603)

Tradução de Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho

Ignora o agenóride que a filha e o neto

deuses marinhos são. Vencido pela dor,
 pelas desgraças e prodígios que viu, sai 565
 da urbe o fundador, como se a sorte a ela
 e não a ele perseguisse; e após errâncias
 chega aos confins da Ilíria com prófuga esposa.
 Já males e anos pesam, pensam no destino
 da família e repassam juntos suas dores: 570
 “Era sacra a serpente em que acertei a lança”,
 diz Cadmo, “quando, ao vir de Sídon, semeei
 dentes de cobra em solo, insólitas sementes?
 Mas se o zelo divino em cólera a vinga,
 peço que eu, serpente, o longo ventre estenda”. 575
 Disse e, como serpente, o longo ventre estira,
 sentiu que lhe crescia escama em dura pele,
 e o corpo negro se manchava em tons azuis;
 cai de bruços e as pernas aos poucos se afinam
 numa só, com formato de cauda cilíndrica. 580
 Braços ainda restam. E os braços estende,
 fluindo pela face ainda humana, lágrimas,
 disse: “Achege-te, esposa, achege-te, infeliz,
 enquanto algo de mim resta, toca-me, e pega-me
 a mão, enquanto há mão e não sou todo cobra.” 585
 Quer falar mais, mas de repente a língua em duas
 partes reparte-se, palavras pra dizer
 não tem e quando tenta lançar um lamento,
 sibila; a natureza deixou-lhe esta voz.
 Ferindo o peito nu com punho a esposa exclama: 590
 “Calma, Cadmo infeliz! Despe-te deste monstro!
 Cadmo, o que é isto? teus pés, ombros, mãos, cadê?
 a tez, o rosto e tudo, enquanto falo? Enfim,
 por que não me verteis também em cobra, ó deuses?

Disse. Ele lambia a face de sua esposa 595
e os caros seios, como se os reconhecesse,
e, abraçando-a, o seu pescoço procurava.
Seus companheiros se horrorizam; porém, lúbrica,
acaricia ela a crista do dragão;
e súbito são dois, e serpeiam conjuntos, 600
até que se ocultaram em um bosque próximo.
Agora, entanto, nem fogem do homem, nem mordem,
e, mansos dragões, lembram-se do que antes foram.